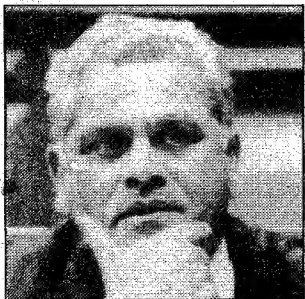
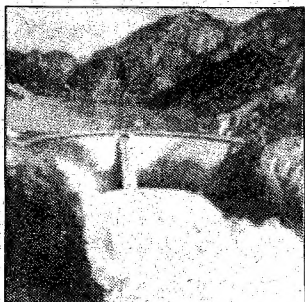


POLÍTICA**Próxima sessão legislativa como vai ser?**

«Calma, criativa e original» — responde Narana Coissoró a um inquérito que o «DL» inicia hoje

Págs. 2 e 3

INTERNACIONAL**África Austral na encruzilhada**

Os interesses em confronto naquela zona do mundo, num artigo de Carlos Adriaõ Rodrigues

Págs 14 e 15

CULTURA**Evocação das infâncias perdidas**

Em Sintra está patente uma das melhores colecções de brinquedos da Europa. O «DL» foi ver.

Págs 34 e 35



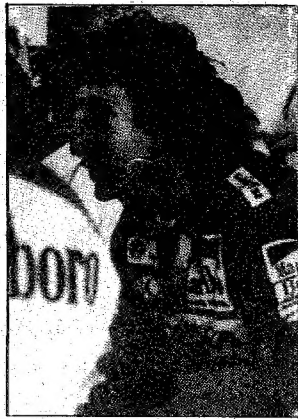
Três homens preocupados: o presidente do banco central oeste-alemão, Otto Poehl, e os seus homólogos japonês e norte-americano, Satoshi Sumita e Alan Green, este último eleito «o político do ano»

Confronto em Berlim na reunião anual do FMI e Banco Mundial

POBRES, RICOS ...E MUTTAS DÍVIDAS

O Banco Mundial e o Fundo Monetário Internacional continuam os trabalhos preparatórios da sua reunião anual em Berlim Ocidental. O «grupo dos ricos» — os sete países mais industrializados — não esconde a sua satisfação face às previsões do FMI para a evolução das suas economias em 1988 e 1989. Mas tão grande optimismo não é compartilhado pelos países do Terceiro Mundo, que se comportam como verdadeiros «desmancha-prazeres»: reclamando ajuda para reduzirem o peso das suas dívidas externas. É um diálogo de surdos que se perspectiva.

Pág. 13

DESPORTO

Alain Prost

Fórmula 1**Prof. Prost cancela título a Senna**

Págs 26 a 29



Albertina Machado

Olímpicos**Nossas mulheres brilham em Seul**

Pág. 23

**GARANTIMOS
RAPIDEZA
EFICIÊNCIA**

CLÍNICA DE TELEVISÃO A CORES
Págs 15 a 18
**SOS
CTC**
OS PROFISSIONAIS DO VÍDEO
E DA TELEVISÃO

**ESTACÃO DE SERVIÇO
PERMANENTE**
☎ 88 27 86
89 98 26

**A
MELHOR
ASSISTÊNCIA
TÉCNICA
AO SEU
TELEVISOR
E VÍDEO**

22 ANOS AO SERVIÇO DA ELECTRÓNICA • SONORIZAÇÕES PARA TODOS OS FINS
AV. S. JOÃO DE DEUS, 13-B • R. DE MACAU, 8-1.º - LISBOA

Próxima sessão legislativa: como vai ser?

"CALMA, CRIATIVA E ORIGINAL"

— deseja Narana Coissoró (CDS)

Paula Sa

Uma vida mais calma, mas ao mesmo tempo mais criativa e original é o que Narana Coissoró prevê no novo calendário político da Assembleia da República, que se inicia a 15 de Outubro. Por parte do CDS, a utilização da «estratégia da colagem» e o apertar na fiscalização aos actos do Governo «vão ser a sua maneira de lutar para que o PSD não desvalorize o papel da Oposição». Quanto à revisão constitucional, essa Narana Coissoró considera que até à Páscoa estará ultrapassada. Tudo isto porque lhe perguntámos (como faremos nos próximos dias aos restantes grupos parlamentares): o que espera da próxima sessão legislativa?

Narana Coissoró - Penso que será uma sessão normal na vida da Assembleia da República. Mas, tendo o Governo dito que estava interessado em fazer as grandes reformas estruturais - que o Governo julga serem estruturais, nós não entendemos assim, naturalmente - ela será mais calma do que a imediatamente anterior.

Isto não quer dizer que a sessão não tenha importância e grande. Estamos convencidos que o Regimento da Assembleia recentemente aprovado não vai contribuir para o normal funcionamento do Parlamento. Vai existir uma imposição do PSD e uma tentativa de desvalorizar o papel das Oposições, fazendo passar as leis sem grande publicidade e sem dar grande valor à Comunicação Social. Por isso é que o Governo, através deste novo Regimento, transfere muitas matérias importantes do Plenário pa-

ra as comissões e é muito difícil à Comunicação Social, mesmo que as comissões resolvam abrir as portas aos jornalistas, estar presente nas reuniões. Primeiro não há condições físicas para os deputados e os jornalistas estarem juntos dentro das mesmas salas, que muitas vezes não chegam para a totalidade dos membros de cada uma das comissões. Por outro lado, não existem dispositivos materiais capazes de darem a ideia do que se está a passar lá dentro.

O PSD tem uma «parte de leão» nas iniciativas legislativas, seja nas interpeleções seja em tudo o que é matéria de fiscalização, e era bom que desse a conhecer como vai aproveitar todo este arsenal com que se munuiu através da aprovação do novo Regimento. É uma experiência interessante ver o partido do Governo competir com a Oposição na fiscalização dos

actos da Administração e do próprio Executivo. Por este lado a sessão pode vir a revelar-se algo criativa e original.

Retorno do capital e «cheque do ensino»

«DL» - Quais são as principais iniciativas legislativas que o seu Partido conta apresentar?

N.C. - A nossa principal estratégia é colarmo-nos às estratégias do Governo e da Oposição, ou seja, logo que o Governo ou a Oposição apresentem uma iniciativa legislativa nós apresentaremos também a nossa para ir juntamente.

Neste momento temos três ou quatro processos pendentes, que contamos apresentar na próxima sessão. Por exemplo, o modo de fazer retornar os capitais que fugiram durante a revolução e que eram esperados voltarem com a Bolsa, mas como o Governo deu cabo dela continuaram fora de Portugal. As privatizações não corresponderam à expectativa dos detentores deste capital, pelo que precisam de ser retificadas.

Temos o problema do «cheque do ensino». É um projecto que o CDS tem há vários anos de pôr à disposição das famílias que mandam os seus filhos para o ensino privado o dinheiro que o Estado gastaria com eles se estivessem no ensi-

no público. Esta medida incentivaria não só o ensino privado como permitiria às famílias escolherem o tipo de educação queriam para os seus filhos. Naturalmente, os exames continuariam a ser públicos e as restantes regras terão que ser determinadas. Aliás, este sistema do «cheque do ensino» é uma instituição corrente em alguns países.

Temos ainda na especialidade a Lei da Família e a Lei da Regionalização. Mas como só temos uma iniciativa autónoma para apresentar, temos que aguardar a oportunidade para propor qualquer projecto de lei inteiramente novo conforme a necessidade do momento.

«À espera dos sapatos do vivo...»

«DL» - Prevê que a sessão se esgote na revisão constitucional e na discussão do Orçamento, ou admite que outros temas fortes possam ser debatidos?

N.C. - Como sempre tínhamos desconfiado, o Governo julga que pelo facto de ter obtido as autorizações legislativas para as ditas «reformas estruturais» e ter conseguido uma vantagem sobre o PS a revisão constitucional já não é muito importante. A célebre frase de «quem espera pelos sapatos do defunto anda sempre descalço» a-

plica-se bem a esta situação. Aqui não se trata de esperar pelos sapatos do defunto, mas pelos sapatos do vivo... O Governo anda descalço em relação a muitas matérias que sem a revisão constitucional não serão possíveis de levar para a frente. A discussão da Constituição vai mesmo dominar os trabalhos, porque ela envolve as outras matérias.

Vejamos o caso das privatizações: elas não são aquilo que o Governo diz à opinião pública. Os 49 por cento do capital nas mãos das entidades privadas e 51 por cento de capital público não dá controlo de gestão aos empresários. No caso da Lei de Delimitação de Sectores vamos ver como é que o Governo vai utilizar esta autorização legislativa na prática. O mesmo se aplica à Reforma Agrária, que terá uma segunda leitura do Tribunal Constitucional (TC) em face do pedido do PCP de fiscalização sucessiva. Embora haja a presunção de pensar que o TC vai manter a posição anterior, é preciso não esquecer que esta decisão foi tomada por parte dos juizes, com o voto de desempate do presidente do TC. Daí a incógnita se o Plenário do Tribunal manterá ou não a mesma orientação de considerar a Lei de Bases da

Reforma Agrária constitucional.

Poeira no ar

«DL» - A sessão anterior foi dominada por duras confrontações entre a Maioria e as Oposições, nomeadamente quanto a Lei Orgânica e ao Regimento da Assembleia, mas também sobre inquéritos parlamentares (realizados ou frustrados). Pensa haver no horizonte focos de atrito semelhantes?

N.C. - O que acabei de dizer mostra que ainda estão em discussão as leis principais. A poeira ainda não está assente, embora o Governo já tenha dito que tem as portas abertas para começar a aplicar as «reformas». Nós não entendemos assim.

O debate sobre a revisão constitucional está um bocado desvalorizado. Viu-se o que se passou no período de férias em que o PS desapareceu, não se sabendo se houve ou não reuniões. Agora parece que tudo está calmo, que a a revisão constitucional será uma negociação mais frouxa. Os debates, julgo eu, estarão encerrados o mais tardar até Março ou Abril do ano que vem. Até à Páscoa o problema da revisão do Texto Fundamental, bem ou mal, como se queria ou não, estará ultrapassado.

Não será um daqueles debates memoráveis e vivos exactamente porque os dois partidos parecem não estar interessados nisso. Temos muita pena que assim seja, porque fomos os primeiros a promovê-lo e a arrancar com o problema da revisão. Tanto na Comissão como cá fora pusemos sempre o «azeite» para manter a chama o mais alto possível e temos várias propostas na mesa. Conseguimos ser uma espécie de árbitros entre o PS e o PSD. É o que acontece com as leis para-constitucionais, as leis laborais, da reforma agrária, entre outras. Nós vamos fazer todo o possível para que este debate seja animado e profundo. Os



Basílio Horta, Narana Coissoró e Adriano Moreira na bancada do CDS. Para o pequeno mas aguerrido grupo centrista ficar completo só falta Nogueira de Brito



responsáveis pelo voto de dois terços é que parecem não estar muito interessados em gerar grande polémica.

Apertar na fiscalização

«DL» - As reformas estruturais foram aprovadas na sessão do ano passado, quase sempre só com os votos do PSD. Arrumados estes assuntos polémicos, espera um ano de trabalho mais pacífico, nomeadamente pela acalmia das relações Governo (Maioria)-Oposição (Minoria)?

N.C. - Como já disse, embora o Governo afirme que as reformas estruturais estão feitas, não é verdade. O que o Executivo tem são as autorizações legislativas e com base nessas autorizações precisa de legislar. Os decretos-lei, por certo, virão à Assembleia da República, pelo instituto da retificação, e a Oposição não vai ficar quieta, deixando publicar os diplomas tal como o Governo entende. Naturalmente, poderá chumbar alguns ou introduzir emendas noutros. Pelo menos fazer o debate e expor a sua opinião sobre cada um destes diplomas.

O que vamos é precisamente apertar mais a fiscalização aos actos do Governo e não vamos ficar como meros espectadores do Parlamento - posição a que o PSD quis reduzir os pequenos partidos. Vamos exigir o cumprimento total do estatuto da Oposição: aquilo que não podemos dizer ou fazer no Parlamento, vamos tenta-lo através deste estatuto, pedindo explicações e audiências ao Governo, na Assembleia ou fora dela, e esclarecimentos junto dos gabinetes ministeriais.

No fundo, esta será para o CDS uma sessão legislativa bastante movimentada!

Folhetim Pacheco Pereira: segundo episódio

HÁ UM POTENCIAL DE INDIGNAÇÃO QUE É NECESSÁRIO PARA A ACTIVIDADE POLÍTICA

Pacheco Pereira (PSD) - Antes de propriamente se entrar na substância da matéria, gostaria de dizer que tive conhecimento de que numa reunião da comissão (presumo que na de ontem), numa altura em que me encontrava ainda no estrangeiro em viagem de carácter político, foram feitas referências a um artigo que publiquei no «Semanário». Por conseguinte, gostaria de pedir, através do sr. Presidente, aos serviços que me fosse facultada o mais cedo possível a acta dessa reunião, para que me possa pronunciar, se o entender, sobre a substância das referências feitas ao artigo que escrevi.

Presidente - Pedia aos serviços que dessem prioridade à acta da última reunião para poder ser fornecida ao sr. Deputado Pacheco Pereira.

Pacheco Pereira (PSD) - Refiro-me ao que foi dito ontem, mas é evidente que posso pronunciar-me sobre o que vai ser dito hoje.

Presidente - A fogueira reacender-se-á certamente, mas não agora; só no momento em que o sr. Deputado tomar conhecimento das afirmações.

Pacheco Pereira - Corroboro essa posição, pois quero referir-me às declarações que foram feitas ontem.

José Magalhães (PCP) - Evidente que estou de acordo, nem poderia discordar, uma vez que se trata da vontade dos próprios e, de resto, é evidente que esse debate poderá ser tido a propósito do passado e poderá ser tido a propósito do futuro. Como se trata de um conjunto de opiniões emitidas em folhetim e como o folhetim terá provavelmente um terceiro episódio, na próxima semana estaremos em condições de discutir, já não apenas o primeiro e o segundo episódios, mas até já um terceiro, o que só enriquecerá a discussão.

Presidente - Aguardemos também o segundo folhetim.

No dia seguinte: não estou vacinado

Pacheco Pereira - Sr. Presidente: queria apenas dizer que tive ocasião de ler as actas respeitantes a uma intervenção do sr. Deputado Vera Jardim, bem como do sr. Deputado José Magalhães e outros, que foram feitas sobre um artigo que publiquei no jornal «Semanário». Não estive presente nessa reunião, mas tive ocasião de pedir ao sr. Presidente na altura em exercício - o sr. Deputado Almeida Santos - as respectivas actas e, como tive ocasião de as ler, gostaria de me pronunciar sobre essa matéria antes da entrada na ordem do dia, o que farei com toda a brevidade.

Devo dizer ainda que tive ocasião de ler a intervenção do sr. Deputado José Magalhães, que também me surpreendeu. De facto, ainda não perdi e ainda não estou vacinado contra a capacidade de me surpreender pelo tom insultuoso, insolente e arrogante que essas intervenções têm. É natural que a maioria dos meus colegas, que



Pacheco Pereira no epicentro da tempestade que abalou a Comissão de Revisão Constitucional

já cá estão há mais tempo, já estejam imunizados contra o tom geral dessas intervenções, mas confesso que eu não estou vacinado e que farei todo um esforço para o não estar, porque acho que há um potencial de indignação que é necessário para a actividade política.

E não me admiro que o sr. Deputado José Magalhães seja capaz de nos invadir a todos com palavras, porque há três coisas que, normalmente, costumam impedir as pessoas de falar com inteira liberdade: o bom gosto, a boa educação e o bom senso. Ora, como o sr. Deputado não tem nenhuma das três coisas, pode estar permanentemente a falar sem preocupação sobre o conteúdo e sobre

o alcance do seu discurso. Como já tive ocasião de dizer, não deixarei de me indignar e de me surpreender e, cada vez que leio a acta, depois das afirmações terem sido feitas, penso ser um mau serviço à revisão constitucional e que não dignifica o nosso trabalho a sucessão, nas mesmas actas, de pequenos truques demagógicos e retóricos - que, aliás, se repetem - de processos de intenção e de insultos às pessoas.

Não quero responder no mesmo tom

O sr. Deputado José Magalhães, aliás, tem o hábito, após lhe serem feitas este tipo de críticas, de apelar à Mesa, perguntando se as suas intervenções estão ou não dentro do âmbito daquilo que é normal. Devo dizer-lhe que escusa de fazer esse género de coisas porque, como é evidente, se eu estivesse na Mesa, também lhe responderia que a latitude da palavra lhe permite fazer esse tipo de afirmações. O sr. Deputado já tem sido repreendido algumas vezes em Plenário pelo seu tom insultuoso e não lhe quero admitir o mesmo tipo de coisas, até porque o principal risco desse tipo de intervenções é que as pessoas caiam no mesmo tom. Não pretendo fazê-lo, não o farei para sua pedagogia, porque não lhe quero responder no mesmo tom.

Assim, vou terminar a minha intervenção com uma pequena metáfora política que talvez lhe seja útil se for capaz de a compreender: há uma pequena história de Jorge Luís Borges que retrata como é que o filósofo calvinista Melanchthon foi mandado para o inferno. Foi enviado para um inferno muito especial, tendo sido colocado no meio do céu com uma mesa, uma caneta e um papel, e condenado a escrever eternamente as suas catilinárias enquanto os anjos ou os demónios lhe retiravam, progressivamente, a cadeira, a mesa, a caneta e o papel. O sr. Deputado, pelos vistos, acredita na história e penso que a melhor resposta que lhe posso dar é que, provavelmente, a história lhe está a fazer a mesma coisa que os demónios fizeram a Melanchthon, ou seja, tirar-lhe a cadeira, a mesa, a caneta e o papel e deixá-lo a escrever - neste caso, a falar - continuamente, com pequeno conteúdo, poucas ideias e pouca substância, mas muito insulto.

Devo dizer-lhe também que não lhe responderei a mais coisas que não digam respeito a matéria de facto, mas quero lavar o meu protesto contra um estilo que acho ser do pior na actividade parlamentar, ou seja, um permanente estilo de intervenção - e faço apelo aos srs. deputados para que leiam a acta a frio e o que lá está escrito - de insulto contra as pessoas e de permanente processo de intenções que desmerece dos nossos trabalhos e que introduz uma degradação na actividade parlamentar que eu, pelo menos - e por mim falo -, não admito e a que não pretendo responder no mesmo tom.

O impacto do futebol nas revisões constitucionais

Em contraste com o duro labor, meses a fio, dos membros (alguns...) da Comissão Eventual para a Revisão Constitucional, os trabalhos também sofreram um ou outro protelamento por motivos marginais como o futebol. Diga-se, aliás, que não raro um jogo importante, nomeadamente se transmitido pela televisão, tem bastado para fazer

parar o Parlamento inteiro e não só esta Comissão.

Veja-se o reflexo disso nas actas:

Raul Castro (ID) - Em jeito de interpelação à Mesa, pergunto até que horas tenciono levar os trabalhos, porquanto são já 18 horas e 30 minutos. Presumo que, naturalmente, será até cerca das 19 horas. Embora eu não seja um adepto do futebol, diria que, na realidade, já não seria a primeira vez que um desafio de futebol levaria o partido maioritário a ter uma certa moderação nos trabalhos, como aconteceu com

o jogo do Sporting. Hoje há um jogo importante...

Presidente - Sr. deputado Raúl Castro: um dia escreverei, provavelmente, um artigo sobre o impacto dos jogos de futebol nas revisões constitucionais. Mas enquanto isso não acontecer...

Raúl Castro - Penso que o PSD tem uma autoridade especial na matéria.

Presidente - Julgo que na última vez que isso aconteceu, houve uma diligência que, por acaso, não foi do partido maioritário - houve uma diligência tomada por mim, e eu nem sou adepto

fervoroso do futebol, mas foi sufragada por toda a Comissão. Embora o que estivesse previsto era acabar por volta das 20 horas, mas fá-lo-emos amanhã, regozijando-nos com a vitória do clube em que V. Ex^a está a pensar ou, eventualmente, carpindo mágoas.

Chutar a bola para fora das actas

Aparte ainda de Rui Ma-

chete, presidente da Comissão, com a bola por fundo e preocupação:

«Julgo que vai haver necessidade de fazer uma rápida correção destas actas, porque estão recheadas de comentários futebolísticos. Embora seja uma realidade da vida, é a realidade constitucional a reagir sobre o texto.

António Vitorino (PS) - Estou a ver que V. Ex^a já tem preparada uma tese sobre o impacto dos jogos de futebol na revisão constitucional.

Presidente - Exacto, vai começar por aqui.

"O PAÍS NÃO TEM POLÍTICA"

— afirmou Vítor Constâncio em Viseu

A crítica à política seguida pelo Governo foi mais uma vez a tónica das declarações do secretário-geral do Partido Socialista, Vítor Constâncio, que se reuniu ontem em Viseu com os coordenadores das federações nacionais do partido. «O País tem oportunidades mas, infelizmente, não tem política» afirmou aquele responsável.

A crítica à política seguida pelo Governo foi mais uma vez a tónica das declarações do secretário-geral do Partido Socialista, Vítor Constâncio, que se reuniu ontem em Viseu com os coordenadores das federações nacionais do partido. «O País tem oportunidades mas, infelizmente, não tem política» afirmou aquele responsável.

As principal censura de Vítor Constâncio ao Executivo de Cavaco Silva foi a da linha seguida no domínio económico e fiscal, tendo afirmado que «o total de valores cotados na Bolsa diminuiu, desde há um ano, 1500 milhões de contos».

O secretário-geral dos socialistas, que presidiu ao plenário do PS daquela cidade e efectuou diversos contactos com militantes e com membros da Associação Comercial e Industrial do Distrito, defendeu que «a conjuntura mundial continua favorável e os portugueses podiam estar a viver melhor».

O PS revelou este fim-de-semana as suas duas vertentes. O deputado socialista João Soares, em entrevista à «Radiogeste», afirmou ter «muito orgulho» em manter a sua oposição actual à direcção do PS e reiterou a ideia de que a sua candidatura à Câmara Municipal de Lisboa só seria viável depois de um aval político expresso dessa mesma direcção que contesta.

Pronunciando-se sobre a gestão da edilidade lisboeta, João

Soares disse que Nuno Abecassis está a voltar ao «seu velho estilo de arrogância» e considerou que para «alterar o estado das coisas na cidade implica correr com a actual equipa que gere a Câmara». Aquele socialista afirmou ainda que não acredita que o PSD deixe Carlos Pimenta candidatar-se à Câmara Municipal de Lisboa.

Depois numa abordagem mais pessoal e referindo-se à sua carreira política, João Soares disse: «Não gosto da expressão filho de Mário Soares e sinto que essa relação tem sido sempre um peso, embora nalguns momentos essa associação me tenha favorecido». Interrogado sobre a expressão com que muitos portugueses se referem ao Presidente da República, «o bochechas», João Soares disse que «não tenho nada contra as bochechas do meu pai e sinto por elas uma particular ternura».

JS crítica CNJ e Couto dos Santos

Numa crítica irónica, o secretário-geral da Juventude Socialista, José Apolinário, disse que «o ministro da Juventude tem revelado muito dinamismo em termos de política virada para a publicidade».

O responsável socialista frisou que, no entanto, «no que respeita às relações concretas sobre emprego, habitação e hu-



manização, não há perspectivas de melhoras para os jovens portugueses», acrescentando que há uma tendência para a diminuição do desemprego, mas 12 por cento são contratados a prazo. «Inexplicavelmente, o Governo português não retificou a convenção da OIT sobre a fixação de 16 anos como idade mínima para o trabalho».

O Conselho Nacional da Juventude também não escapou à censura de José Apolinário que considerou aquele organismo como um «objecto» do Governo. «O ministro da Juventude usa o CNJ como forma de mostrar diálogo com os jovens, o que não corresponde à verdade», afirmou o dirigente máxi-

mo dos jovens socialistas, concluindo que «sob a capa do diálogo, Couto dos Santos acaba por "domesticar" e tirar a irreverência da juventude».

Na reunião de sábado da Federação da JS de Setúbal, José Apolinário criticou ainda o serviço tutelar de menores, que considerou «deficiente e funcionando de forma escandalosa». Debruçando-se sobre o elevado número de jovens nas prisões portuguesas disse que «estes colocados junto de criminosos já experientes encontram nas prisões uma escola de crimes».

Segundo o dirigente socialista, o seu partido defende uma imediata reestruturação do servi-

Mário Soares regressa de uma visita "cheia" a Paris

«Uma visita muito cheia» foi como o Presidente da República, Mário Soares, classificou ontem, ao chegar ao aeroporto de Pedras Rubras, a sua deslocação de carácter privado de quatro dias a Paris, onde presidiu à inauguração no Centro Pompidou a uma exposição retrospectiva de Vieira da Silva.

A marcaram igualmente esta visita privada estiveram os contactos políticos com o presidente Mitterrand e o primeiro-ministro Michel Rocard, com os ministros da Educação, Cultura e Estrangeiros franceses, com a comunidade portuguesa em França e com o ministro dos estrangeiros israelita Shimon Peres.

Com uma recepção, na qual estiveram presentes representantes de todas as associações de portugueses sediados na capital francesa, o Chefe de Estado homenageou a pintora, que vive habitualmente em Paris. «Contactei com os nossos compatriotas e procurei não só transmitir-lhes a solidariedade natural do Chefe de Estado bem como inteirar-me dos seus principais problemas», disse Mário Soares.

A questão do ensino do português em França e o encerramento da Caixa Económica Faialense, que tem causado dificuldades a alguns emigrantes devido a dívida para com estes, foram os problemas que o presidente Mário Soares debateu com o ministro da Educação francês e com outras autoridades francesas, a pedido do Governo português.

Privilegiando a vertente cultural, o presidente português estabeleceu contactos com vários

directores de jornais e revistas franceses, entre estes Jean Daniel, do «Nouvel Observateur», Jean François Kahn, do «Evenement de Jeudi», Jacques Amalric, do «Monde» e Serge July, do «Liberation». É preciso não esquecer que Portugal neste momento passa por um processo de privatizações na área da Comunicação Social, facto que Mário Soares não quis deixar analisar com as entidades francesas envolvidas neste sector.

O Presidente da República foi ainda entrevistado para o canal de televisão FR3, gravação que irá ser passada no programa «Ensemble», a 9 de Outubro, nesse dia totalmente dedicado a Portugal.

«Exaustivamente» elucidado sobre a actual situação no Médio Oriente foi Mário Soares no encontro que manteve com Shimon Peres. Numa breve entrevista, o Chefe de Estado português informou o ministro israelita dos Negócios Estrangeiros que o Governo português vai enviar proximamente um embaixador para aquele país.

Shimon Peres, que também se encontrava em Paris em visita privada, reuniu-se com o seu homólogo francês, Roland Dumas, com quem comentou a recente visita do líder da Organização de Libertação da Palestina (OLP), Yasser Arafat, ao Parlamento europeu, considerando-a «um erro». Por seu turno, o ministro francês recordou ao seu homólogo que se tratou de um encontro normal que não implica qualquer mudança na posição francesa em relação ao problema palestino.



MINISTÉRIO DA INDÚSTRIA E ENERGIA
SECRETARIA DE ESTADO DA ENERGIA
DIRECÇÃO-GERAL DE ENERGIA

ÉDITOS

Faz-se público que, nos termos e para os efeitos do art.º 19.º do Regulamento de Licenças para Instalações Eléctricas, aprovado pelo Decreto-Lei n.º 26 852, de 30 de Julho de 1936, estará patente na Direcção de Serviços Regional de Coimbra, com sede na Av. Fernão de Magalhães, 222-3.º, e na SECRETARIA DA CÂMARA MUNICIPAL DO CONCELHO DE CASTELO BRANCO todos os dias úteis, durante as horas de expediente, pelo prazo de quinze dias, a contar da publicação destes éditos no «Diário da República», o projecto apresentado pela EDP - Direcção de Distribuição Tejo, pelo processo a seguir referenciado ED.05.02.012, para o estabelecimento da modificação da linha aérea, a 15 KV, para o PT n.º 235, em Lourçal do Campo, entre os apoios n.ºs 19 e 29, ficando a linha com o comprimento total de 9330 metros, sita a modificação junto à Albufeira da Barragem da Marateca, freguesia de Lourçal do Campo, concelho de Castelo Branco.

Todas as reclamações contra a aprovação deste projecto deverão ser presentes na referida Direcção de Serviços Regional de Coimbra ou na Secretaria daquela Câmara Municipal, dentro do citado prazo.

Direcção de Serviços Regional de Coimbra, em 19 de Setembro de 1988

Mário Marques Silva
Director



MINISTÉRIO DA INDÚSTRIA E ENERGIA
SECRETARIA DE ESTADO DA ENERGIA
DIRECÇÃO-GERAL DE ENERGIA

ÉDITOS

Faz-se público que, nos termos e para os efeitos do art.º 19.º do Regulamento de Licenças para Instalações Eléctricas, aprovado pelo Decreto-Lei n.º 26 852, de 30 de Julho de 1936, estará patente na DIRECÇÃO DE SERVIÇOS REGIONAL DE COIMBRA, com sede na Av. Fernão de Magalhães, 222-3.º, e na SECRETARIA DA CÂMARA MUNICIPAL DO CONCELHO DE CASTELO BRANCO todos os dias úteis, durante as horas de expediente, pelo prazo de quinze dias, a contar da publicação destes éditos no «Diário da República», o projecto apresentado pela EDP - Direcção Operacional de Distribuição Tejo a que se refere o proc.º ED.05.02.010, para o estabelecimento da linha aérea a 30 kv, com 3231 metros, do apoio n.º 35, da linha para o PT n.º 39 de Lardosa, ao PT da Barragem da Marateca, freguesia de Póvoa de Rio de Moinhos, concelho de Castelo Branco.

Todas as reclamações contra a aprovação deste projecto deverão ser presentes na referida DIRECÇÃO DE SERVIÇOS REGIONAL DE COIMBRA, dentro do citado prazo.

Direcção de Serviços Regional de Coimbra, em 15 de Setembro de 1988

Mário Marques Silva
Pelo Director



MINISTÉRIO DA INDÚSTRIA E ENERGIA
SECRETARIA DE ESTADO DA ENERGIA
DIRECÇÃO-GERAL DE ENERGIA

ÉDITOS

Faz-se público que, nos termos e para os efeitos do art.º 19.º do Regulamento de Licenças para Instalações Eléctricas, aprovado pelo Decreto-Lei n.º 26 852, de 30 de Julho de 1936, estará patente na DIRECÇÃO DE SERVIÇOS REGIONAL DE COIMBRA, com sede na Av. Fernão de Magalhães, 222-3.º, em todos os dias úteis, durante as horas de expediente, pelo prazo de quinze dias, a contar da publicação destes éditos no «Diário da República», o projecto apresentado pela EDP - Direcção Operacional de Distribuição Tejo a que se refere o proc.º ED.05.02.011, para o estabelecimento da linha aérea a 30 kv, com 247 metros, do apoio n.º 14, da linha para o PT n.º 3 da Escola Superior Agrária de Castelo Branco, ao apoio n.º 3 da linha para o PT n.º 2 da Escola Superior Agrária de Castelo Branco, concelho de Castelo Branco.

Todas as reclamações contra a aprovação deste projecto deverão ser presentes na referida DIRECÇÃO DE SERVIÇOS REGIONAL DE COIMBRA, dentro do citado prazo.

Direcção de Serviços Regional de Coimbra, em 15 de Setembro de 1988

Mário Marques Silva
Pelo Director

PROGRAMA NOVO OU REVISÃO NA CONTINUIDADE?

Alex Nemo

O projecto de novo Programa do PCP mereceu até agora escassíssima atenção pública. Creio mesmo que se arrisca a desempenhar um papel menor e ambíguo no debate em curso. Este surge claramente dominado pelo duplo choque que o Regulamento e o projecto de Estatutos provocaram nos milhares de militantes que aspiram à renovação partidária. Sobre a decepção monumental assim provocada e as justíssimas razões que assistem aos que não renunciam a lutar pela democratização do Partido escreveu, nesta mesma coluna, amargas reflexões o c. Bento Nemo. Pela minha parte, tenho como absolutamente certas as duas observações finais: 1.º será extremamente difícil persuadir o Partido (e o País) de que o Regulamento aprovado possibilita um Congresso democrático (algumas regras anunciadas motivam já escarninhas caricaturas em que a **rolha** é o objecto dominante); 2.º não há nenhuma possibilidade de reduzir ao silêncio e à inércia todos aqueles que têm dado provas de empenhamento num processo renovador que salve o Partido de um penoso e desluzante definhamento.

Creio ser de importância essencial não permitir que o debate do Programa se reduza a uma pura liturgia exaltadora de uma palavra de ordem que apela ao imaginário do séc. XXI. Se queremos um Programa capaz de durar até ao fim do primeiro trimestre de 1989, teremos de discutir intensamente e em marchas forçadas todas as questões em que temos debates em atraso.

Abordarei hoje 4 aspectos.

1. A viabilidade da revisão

O primeiro dilema respeito à vantagem e possibilidade da aprovação de um novo Programa num quadro em que, como assinalou o CC na sua reunião de 24 de Fevereiro, «a revisão de Constituição insere um factor de grande incerteza quanto às perspectivas de evolução económica social e política nos anos próximos» em que a situação mundial sofre grandes transformações. Ouvindo certos camaradas sustentar como seria «inconcebível» (!) não «atualizar» o Programa do nosso Partido, vêm-me à memória as totais certezas com que há um ano (ou até ao mês de Maio) consideravam «social-democratizantes» propostas nesse sentido apresentadas por diversos militantes. Era nessa altura herético falar de tal coisa. Em Março de 1988, na sua entrevista ao jornal EXPRESSO (de 5.III) ainda o c. Casanova difundia a tese da desnecessidade de revisão do Programa. Por essa altura «pensava-se» (a que nível?) manter intacto o Programa (que, na sua reunião de 5 de Maio, o CC viria a considerar «completamente desatualizado»), devendo o Congresso limitar-se a acrescentar-lhe um enunciado de políticas sectoriais, baptizado de «Plano a Médio Prazo». Uma comissão começou mesmo a trabalhar nesse texto, tendo sido adaptada, depois de 5 de Maio, ao objectivo de substituição global do Programa de 1965. Ainda hoje se ignora a sua exacta composição.

Tratar-se-á de uma tarefa viável? A leitura da cerca de 50 páginas do projecto elaborado ao longo dos últimos 4 meses revela os riscos do critério adoptado. A preocupação de **desconjunturalizar** propostas conduziu a que, em pontos-chave, surjam definidos **objectivos «no éter»** (casos da comunicação social ou do sector público económico), ou enunciadas políticas sectoriais sem conteúdo (transportes, comunicações, etc) em domínios em que a dimensão e velocidade das transformações exige, pelo menos, ideia do que se passa. A insuficiência (e incorrecto rumo) da avaliação dos processos de transformação em curso nos países socialistas conduziu a que o Projecto guarde silêncio sobre todas as mais palpitantes questões em debate nos partidos irmãos. Com vista a adiar debates imprescindíveis a Comissão de redacção utilizou uma técnica extremamente usual em programas eleitorais — omitiu «pontos-díficeis» (comparece-se a clareza de opções do Programa vigente em matéria de vias de transição para o socialismo com a sinuosidade da parte III do Projec-

to). Mais grave ainda, porém, é que são deixadas de lado todas as questões essenciais de **estratégia**, ficam sem resposta as perguntas sobre o **como**, as **vias**, os **protagonistas** em concreto das transformações projectadas, convertendo o texto numa enumeração de cenários de resultados desejados (e realmente desejáveis), sem que se configure como possam ser alcançados e suceder-se cada um dos esquemas traçados.

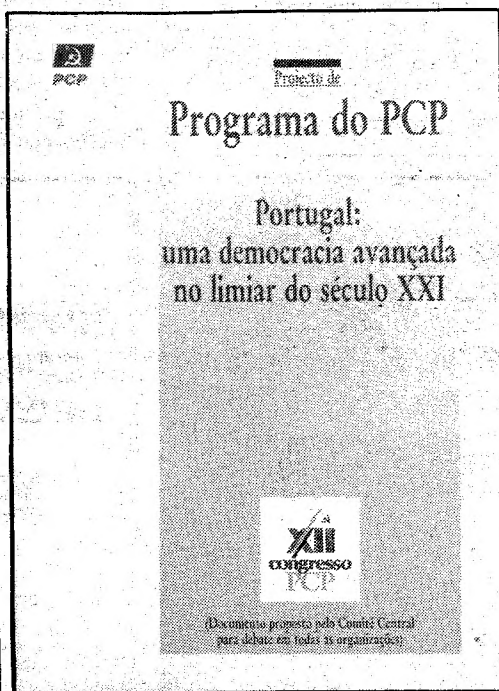
2. Um programa sem estratégia?

O segundo aspecto a salientar é, pelo que ficou enunciado, a necessidade de fazer conjunta e não separadamente a discussão deste Projecto de Programa e das TESES.

Seria absurdo desligar Programa e estratégia! A opção de só distribuir teses a partir de 15 de Outubro potencia os riscos de os militantes serem chamados até lá a meras apreciações sobre se os enunciados referentes aos seus sectores «estão bem», adiando o debate sobre temas como a resposta ao perigo cavaquista, as causas das dificuldades do Partido, o bloqueamento das alianças, os revezes eleitorais e suas razões profundas, etc.

3. Porquê só agora?

Quando um dia se fizer a tão necessária história do Partido, ela assinalará a brevidade da vigência dos documentos de orientação a que por vezes foi dado o nome de Programa. O Programa de 1957 viu suspensa a vigência, no quadro da rectificação do desvio de direita dos anos 56/59. Antes disso a orientação do Partido foi definida em relatórios e resoluções, havendo épocas em que se proclamavam plataformas de agitação não correspondentes à plataforma de acção imediata (v. Bento Gonçalves, Duas Palavras, ed. Cinquentenário do PCP, 1971, p. 44), ou consignas não elevadas à categoria formal de Programa (1943-Frente única da classe operária; 1946 — via do levantamento nacional). A revisão do Programa de 1957 operou-se de facto, a partir de 1960.



O Programa de 1965 (revisto em Outubro de 1974) nunca foi depois objecto de revisão formal. Com o fim do ciclo revolucionário e a crescente ofensiva de recuperação negando-se embora o carácter inacabado da revolução, passaram os esforços a concentrar-se na elaboração de plataformas de alternativa democrática à política de restauração (1976-VIII Congresso: Medidas para consolidação da democracia e da independência nacio-

nal: 1979-IX C: Plataforma para uma alternativa democrática; 1983: 5 pontos programáticos na Resolução Política).

Esta opção era consonante com a nossa orientação segundo a qual pode admitir-se que alguns dos objectivos da revolução democrática e nacional só numa etapa anterior venham a ser completamente realizados (isto é, na revolução socialista). Em 1964 o Projecto de Programa assinalava que a não realização de qualquer dos 8 objectivos da RDeN **comprometeria a realização dos restantes**, solução afastada por se ter considerado ser grande a aproximação entre as etapas **democrática e nacional e socialista** pelo que objectivos inacabados desta poderiam ser realizados no socialismo, coisa tanto mais de reter quanto «é de prever uma resistência de sectores antimonopolistas à completa realização dos objectivos indicados e que por isso eles só poderão ser totalmente realizados com a conquista do poder pelo proletariado» (Radicalismo pequeno-burguês de fachada socialista, 3.ª ed. p. 79).

Adiada a revisão do Programa em 1976 (apontando a resolução para uma **democracia rumo ao socialismo**) e em 1979 (**Avante com Abril**), salientando-se sempre ser a Constituição o «pressuposto central de qualquer plataforma para a resolução dos problemas nacionais» (IX Congresso ed. Avante, p.283), de novo se adiou a revisão, em 1983. A **democracia avançada** consagrada na Lei Fundamental corporizava (mesmo depois da revisão constitucional de 1982) todos os pontos programáticos do Programa de 1965 e outros adicionais. Historicamente o curso do processo secundarizou a questão do Programa.

Antes de 1976 considerou-se que a hipótese de consumir fulminantemente a entrada na etapa socialista desaconselhava cristalizar limites constitucionais, «matando» a possibilidade de ir mais longe;

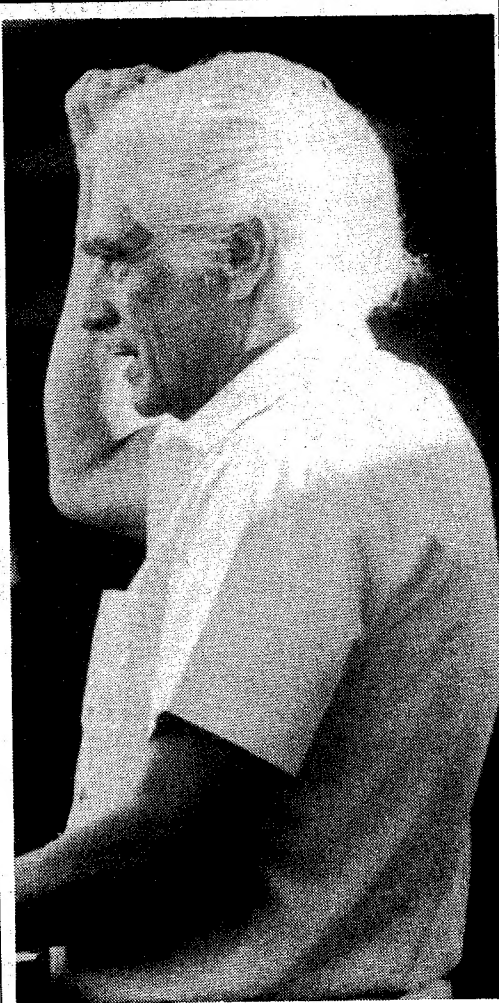
— Antes de 1982 projectar a Constituição no Programa partidário significaria fazer **linha do partido** pontos cujo enfoque partidário era distinto do da Constituição (valor intrínseco da democracia política, valor das eleições como fonte de legitimidade política, etc.);

— Depois de 1982, a operação implicava por acréscimo reconhecer a irreversibilidade do desaparecimento do esquema de organização do poder político aprovado em 1976 (Conselho da Revolução, papel das Forças Armadas, Povo/MFA) e do sistema económico de transição (bem distinto de uma mera economia mista) etc.

4. Uma revisão na continuidade

Há dias, escrevendo sob (aliás respeitável) pseudónimo de Vasco Pinto Morais, um conhecido c. do CC («o diário», 23 de Julho 88) assinalava a importância das **significativas transformações** que o projectado programa enuncia, dando como exemplos o **novo enfoque** na abordagem da questão da CEE, a justa valorização da democracia política, a definição clara do valor das eleições. Tudo para concluir que feitas estas definições «**agora irrecusável**» a exclusiva responsabilidade dos nossos adversários por tudo o que ocorra. «Agora»?! Poderá saudar-se como façanha digna dos descobrimentos chegar com 12 anos de atraso a pontos constitucionalmente obrigatórios (e postos até no falado artigo 290.º)?! E que tal descobrir 2 anos após a adesão à CEE que o novo quadro por ela criado **tem de ser tido em conta** (quanto poder de iniciativa se perdeu a discutir bizantinamente em Junho de 1988 se a saída da CEE estava no horizonte, ainda que remoto, por haver destacados dirigentes e deputados que consideravam ser verdadeira quadratura de círculo compatibilizar a adesão e a independência).

E quantas vezes foi inculcado que era preciso combater estas posições tidas por susceptíveis de **social-democratizar** o partido? A social-democracia de ontem é a posição revolucionária de amanhã?!



O que caracteriza o Projecto de Programa não é infelizmente a inovação mas **acontinuidade**. Não se trata de um novo programa mas de um texto abundante e prolifamente revisto do programa de 1965. A proliferação de enunciados sectoriais não basta para ocultar os dois aspectos-chave:

1.º A alteração da tese segundo a qual «nas condições existentes em Portugal a alternativa não é entre o regime democrático consagrado na Constituição e outro regime democrático. A alternativa é entre o regime democrático consagrado na Constituição e uma nova ditadura.» O programa (1-3.6.) passa a registar no preterito perfeito que a conquista da democracia política «foi» acompanhada de transformações económicas e sociais: **coíbe-se** porém de anunciar que o recuo da democracia económica (na letra das leis e na vida) acarretaria não uma democracia burguesa, mas uma ditadura. É uma sensata rectificação de um desvio.

2.º A não alteração da opção pela **ditadura do proletariado** como «via portuguesa para o socialismo». A expressão foi, como se sabe, formalmente suprimida do programa pelo Congresso Extraordinário de 1974. Mas o conceito ficou, a ideia não foi arrumada no sótão e cria permanentes curto-circuitos nos debates sobre a estratégia do partido e as vias pelas quais nos batemos para a transformação social e política. Em pleno ano de 1988 é preciso dizer que a manutenção desse conceito implica que o partido assuma que tem como objectivo uma **ruptura constitucional** aniquiladora da democracia política pluripartidária. A eventualidade de tal ruptura é impensável face à natureza e evolução do País profundo. A opção pela ditadura do proletariado é insusceptível de ser escondida — a maquiagem que a reveste no texto sinuoso da parte III do projecto desfaz-se à primeira leitura e constitui um factor fatal de bloqueio das possibilidades de relacionamento normal e fecundo entre as famílias políticas do campo democrático, entendimento sem o qual não poderá haver nem democracia avançada nem, seguramente, socialismo.

Há dias, perguntado sobre se no socialismo proposto pelo PCP haveria pluripartidarismo, o c. Alvaro Cunhal respondeu: «É uma questão a ver. Não há nada definido.» (Grande Juri TSF-17.IX) Diga-se com frontalidade: enquanto não respondermos de olhos nos olhos com um veemente **sim** a esta e similares perguntas, dificilmente nos poderemos reclamar de ter compreendido algumas das mais elementares conquistas inovadoras deste fim de século.

Vale a pena dedicar a este preciso e fulcral tema a nossa próxima reflexão.

P.S. O texto desta reflexão não teria sido elaborado sem a contribuição fraterna e estimulante de muitos camaradas. Há uma dolorosa diferença entre tal consulta e a que seria feita se o texto pudesse ser publicado no «Avante!» Essa diferença explica também o pseudónimo.

Lei de Autonomia publicada

UNIVERSIDADES TÊM SEIS MESES PARA APROVAR ESTATUTOS

Com o número 108/88, foi publicada hoje no Diário da República a Lei da Autonomia das Universidades que, de acordo com seu próprio texto, entra em vigor amanhã. O diploma diz apenas respeito às universidades públicas e nele se consagra a sua autonomia estatutária, científica, pedagógica, administrativa, financeira e disciplinar. As unidades orgânicas submetem-se aos estatutos da Universidade que integram, mas gozam também de autonomia científica, pedagógica, administrativa e financeira.

Entre os fins das universidades a Lei aponta a contribuição, no seu âmbito de actividade, para a cooperação internacional e para a aproximação entre os povos, «com especial destaque para os países de expressão oficial portuguesa e os países europeus».

Cada universidade tem o direito de elaborar os seus estatutos, os quais deverão ser aprovados nos 180 dias posteriores à entrada em vigor da Lei da Autonomia, por uma assembleia composta de: o reitor, os vice-reitores, o administrador ou funcionário administrativo de categoria mais elevada na universidade; o vice-presidente dos serviços sociais, dois representantes eleitos pelos funcionários da reitoria, dos serviços centrais e dos serviços sociais; um representante por cada associação de estudantes ou, nas universidades em que haja uma só associação estudantil, um estudante de cada unidade orgânica e representantes de cada unidade orgânica.

Os estatutos são homologados no prazo de 60 dias pelo ministro da Educação e publicados em Diário da República.

Através do Conselho de reitores (e não só) as universidades pronunciam-se sobre os projectos legislativos que lhes digam directamente respeito e são ouvidas na criação pelo Estado de novas universidades.

Medicina à parte

A autonomia científica confere às universidades a capacidade de «livremente definir, programar e executar a investigação e demais actividades científicas e culturais», enquanto a autonomia pedagógica lhes confere a possibilidade de criação, suspensão e extinção de cursos, de acordo com o planeamento das políticas nacionais de educação.

As universidades terão tam-

bém autonomia para elaborar planos de estudo e programas das disciplinas, definição dos métodos de ensino, escolha dos processos de avaliação, de conhecimentos e ensaio de novas experiências pedagógicas.

Neste domínio, a lei determina ainda que «devem as universidades assegurar a pluralidade de doutrinas e métodos que garanta a liberdade de ensinar e aprender».

Os problemas específicos do ensino médico e dos estabelecimentos que o ministram são objecto de legislação especial.

Autonomia disciplinar e financiamento

As universidades podem punir, nos termos da lei, as infracções disciplinares cometidas por docentes, investigadores e restantes funcionários e agentes.

O regime disciplinar a aplicar aos estudantes deve ser definido por lei elaborada sob proposta do conselho de reitores, depois de ouvidas as estruturas representativas dos estudantes.

Relativamente ao financiamento, diz a Lei que cabe ao mite das disponibilidades orçamentais e que às universidades é reconhecido o direito de serem ouvidas na definição dos critérios de fixação das dotações a conceder pelo Estado,

designadamente no tocante aos planos de investimento.

Órgãos de governo

Governam as universidades a assembleia da universidade, o reitor, o senado universitário e o conselho administrativo, mas os estatutos podem prever a criação de órgãos que repartam as funções do senado universitário e do conselho administrativo. Ao senado universitário e aos órgãos que repartam as suas competências podem ser agregadas, em condições a definir pelos estatutos, individualidades de sectores da sociedade relacionadas com a universidade.

Os membros da assembleia da universidade são eleitos e nela deverão estar representados os professores, restantes docentes, investigadores estudantes e funcionários. São seus membros por inerência de funções, o reitor, vice-reitores e pró-reitores; individualidades que presidam aos órgãos de gestão das unidades orgânicas definidas pelos estatutos; individualidades que presidam aos órgãos de governo e outros estabelecimentos integrados, o presidente de cada associação de estudantes, o administrador ou funcionário administrativo de categoria mais elevada e o vice-presidente dos serviços sociais.

Competências da assembleia e do reitor

São competências da assembleia da universidade discutir e aprovar os estatutos, bem como eventuais alterações e eleger o reitor, dar-lhe posse e decidir da sua destituição.

O reitor é eleito em escrutínio secreto de entre os professores catedráticos de nomeação definitiva, nos termos estabelecidos pelos estatutos de cada universidade, só podendo o ministro da Educação recusar a sua nomeação com base em vício de forma.

O seu mandato, bem como o dos vice-reitores, dura quatro anos, podendo ser renovado de acordo com os estatutos.

Compete ao reitor, entre outras funções, propor ao senado as linhas gerais de orientação da vida universitária, homologar e empossar os membros dos órgãos de gestão, superintender na gestão académica, administrativa e financeira da universidade e comunicar ao membro do governo com responsabilidade pelo sector da educação todos os dados indispensáveis ao exercício da tutela, designadamente os planos de desenvolvimento e relatórios de actividade.

Senado universitário

O senado universitário é formado de acordo com os estatutos

da universidade, devendo nele estar representados os diversos corpos da universidade. Pode ser integrado, se os estatutos o previrem, por representantes dos interesses culturais, sociais e económicos da comunidade, em número não superior a 15 por cento dos seus membros.

Compete ao senado universitário aprovar as linhas gerais de orientação da universidade, aprovar planos de desenvolvimento e o relatório anual das universidades, aprovar projectos orçamentais e aprovar contas; aprovar a criação, suspensão e extinção dos cursos; instituir prémios escolares, exercer o poder disciplinar e fixar as propinas dos alunos.

O conselho administrativo será obrigatoriamente participado, sem prejuízo do determinado estatutariamente, pelo reitor, um vice-reitor, administrador ou funcionário administrativo de categoria mais elevada e de um representante dos estudantes.

Órgão de gestão das faculdades

Independentemente do que for estabelecido pelos estatutos, são órgãos de gestão obrigatórios das faculdades ou das unidades orgânicas, a assembleia de representantes, o conselho directivo, o conselho pedagógico e o conselho científico ou o conselho pedagógico-científico.

INSTITUTO ESPAÑOL DE LISBOA

CURSOS DE ESPANHOL: 1988/89

- Adultos e jovens
- Vários níveis e turnos
- Certificado ou diploma

INFORMAÇÕES: Tel. 211 41 14-211 66 96
Rua Direita do Dafundo, 40
Das 9 às 13 e das 15.30 às 17.30 horas.
Matrícula: De 20/9 a 10/10

VENDEDORES PUBLICIDADE Precisam-se

Empresa editora, admite vendedores de publicidade, com ou sem experiência, para venda de espaço publicitário em jornal desportivo de grande expansão.

Exige-se:

- *Bom nível cultural.
- *Boa apresentação.
- *Facilidade de expressão.

Oferece-se:

- *Ordenado base.
- *Subsídio de transportes.
- *Comissões.

Resposta a este jornal ao n.º 23901



DIRECÇÃO-GERAL DE ENERGIA
DIRECÇÃO DE SERVIÇOS REGIONAL DE LISBOA

ÉDITOS

Arquivo 95-C Processo 1/132

Faz-se público que, nos termos e para os efeitos do § 1.º do art.º 19.º do Regulamento de Licenças para Instalações Eléctricas, aprovado pelo Decreto-Lei n.º 26 852, de 30 de Julho de 1936, e alterado pelo Decreto-Lei n.º 446/76, de 5 de Junho, e outros, estará patente na DIRECÇÃO DE SERVIÇOS REGIONAL DE LISBOA, sita em Lisboa, na Rua Pascoal de Melo, n.º 81-3.º andar, tel. 54 88 07, em todos os dias úteis, durante as horas de expediente, pelo prazo de quinze dias, a contar da publicação destes éditos no «Diário da República», o projecto apresentado pela EDP - Electricidade de Portugal-EP, Direcção de Distribuição Tejo, a que se refere o processo em epígrafe, para o estabelecimento da seguinte instalação eléctrica: Linha aérea a 30 KV, com origem no apoio n.º 7 da linha para o PT n.º 1693 (Herdade do Terruço) e término no PT n.º 1694 (Quinta da Formiga - Tapada de Vale Cardeiros), com 16 metros, freguesia de Seda, concelho de Alter do Chão.

Todas as reclamações contra a aprovação deste projecto deverão ser presentes nesta DIRECÇÃO DE SERVIÇOS REGIONAL, dentro do citado prazo.
Lisboa, 15 de Setembro de 1988

João Manuel F.C. Garcia
Director de Serviços

XXVIII Congresso não foi só desfile

Bombeiros querem regulamentação do seu estatuto social

O XXVIII Congresso Nacional dos Bombeiros Voluntários Portugueses encerrou ontem em Barcelos com um desfile de viaturas e uma das conclusões acordadas refere-se à necessidade de uma regulamentação do estatuto social do bombeiro. Ficou também aprovado um conjunto de propostas concretas a apresentar ao Governo, na esperança de que se traduzam em legislação, as quais abordam temas como o estatuto fiscal das corporações de bombeiros, a prevenção de incêndios, o transporte de doentes em ambulâncias e a comparticipação do Estado na construção de quartéis.

Neste capítulo os cerca de dois mil bombeiros presentes no Congresso em representação de 260 corporações consideraram «profundamente injusta» legislação recente que reduz pa-

ra 60 por cento a comparticipação do Estado. O Congresso ficou também assinalado pela eleição dos órgãos para o Conselho Administrativo e Técnico da Liga dos Bombeiros Portugueses, tendo-se apresentado duas listas a sufrágio e saindo vencedora a lista A, encabeçada por Lourenço Baptista, presidente da corporação de Mem Martins. António Pinto Ribeiro, dos Voluntários de Marco de Canaveses, foi eleito presidente do Conselho Fiscal, e o padre Vítor Melicas presidente da mesa do Congresso.

Em mensagem enviada aos bombeiros portugueses, o Presidente da República defendeu a necessidade de aprofundar o diálogo e a cooperação entre as diversas entidades responsáveis pela prevenção e protecção civil. Nesse mesmo documento, Mário Soares acrescenta que «é

chegada a hora de encarar com maior determinação situações de carência de meios com que continuam, em tantos casos, a defrontar-se» os bombeiros.

«O desenvolvimento e a modernização da sociedade portuguesa terá que ter consequências e reflexos na própria modernização das condições, meios e equipamentos de que os bombeiros necessitam», sublinhou o Presidente da República. Soares enalteceu os ideais de «dedicação ao próximo», «abnegação e sacrifício que caracterizam a intervenção dos bombeiros e lembrou que «ainda recentemente, durante o trágico incêndio do Chiado, como em muitas outras situações, os bombeiros portugueses demonstraram um comportamento bastante corajoso e de uma abnegação exemplar».

Partidos políticos ao lado do MRA

Todos querem Algarve Região "independente"

Todos os partidos políticos com expressão eleitoral no Algarve estão com o MRA (Movimento para o Progresso da Região): torná-la uma região autónoma, isto é, com os instrumentos que permitam o seu desenvolvimento pleno e um funcionamento justamente descentralizado.

Políticos do PS, PCP, PRD e CDS, em representação das suas estruturas no distrito de Faro, manifestaram-se disponíveis para participar em acções conjuntas que visem a rápida implementação da Região Administrativa do Algarve.

A decisão foi tomada durante uma reunião-cimeira promovida pelo Movimento para o Progresso da Região do Algarve (MRA), realizada na capital algarvia sobre «regio-

nalização» em que participaram, além do presidente do MRA, José Vitorino, destacados elementos daquelas forças políticas, tais como: José Castel-Branco (PS), Carlos Brito (PCP), António Feu (PRD) e Margarida Gouveia (CDS).

No comunicado final, distribuído pelo MRA, lê-se que os participantes no encontro consideraram a regionalização como um instrumento fundamental para garantir a participação e realização das populações, permitindo um integral aproveitamento das potencialidades do País.

Defendem que os planos regionais de ordenamento e desenvolvimento devem ser elaborados e definidos com base num papel determinante das regiões e que os órgãos representativos das mesmas sejam

reconhecidos junto do poder central, como a nível internacional «ao contrário do que hoje acontece» — refere o comunicado distribuído.

No encontro ficou expressa a ideia de que o processo de adesão à CEE pela sua complexidade e breve criação do Mercado Único, «exige uma rápida adaptação que apenas a regionalização pode garantir».

Os representantes do PS, PCP, PRD, CDS e do Movimento Regionalista MRA manifestaram-se esperançados que a revisão constitucional em curso venha determinar um «virar de página na história da regionalização em Portugal que permita desbloquear o caminho da criação das regiões em geral, e em particular para o Algarve».



O ENSINO É A PRIORIDADE DO GOVERNO

— afirmou Cavaco Silva na Beira Litoral

«A prioridade das prioridades do Governo é a generalização do ensino a todos os portugueses», afirmou o Primeiro-Ministro, Cavaco Silva, e disse que o objectivo é atingir os 100 por cento no ensino obrigatório e aumentar significativamente o acesso ao secundário superior.

«Agora que preparamos o Orçamento de Estado para 1989, a palavra de ordem é prosseguir com a expansão económica, mas aumentando a eficiência na gestão dos recursos de Portugal», realçou aquele responsável governamental, no decorrer da sua visita de ontem a sete concelhos da Beira Litoral.

Referindo-se à reforma educativa, Cavaco Silva frisou que está em marcha finalmente a reforma mais reprodutiva dos últimos anos e recordou os «grandes passos» que, na sua opinião, têm sido dados recentemente como os da Universidade Aberta. Neste sentido, o Primeiro-Ministro considerou vantajosa a cooperação entre o Estado e os municípios.

«Tendo dado resposta, na maior parte dos casos, à exigências básicas, impõe-se que nesta fase os municípios se associem ao Governo no esforço pelas prioridades do país», apelou o Chefe do Executivo. Aludiu à educação, Cavaco Silva

referia-se ao desenvolvimento do desporto, das vias de comunicação e à defesa do ambiente.

Convidando os autarcas a associarem-se ao Governo, o social-democrata afirmou em Vagos que «é desta forma que conseguiremos a igualdade de oportunidades para todos, uma frase que é fácil encontrar na boca dos políticos mas que é difícil de concretizar».

Depois alargou o leque de participação dizendo que neste esforço pelo acesso à educação devem estar empenhados os pais, as instituições privadas de solidariedade social e a Igreja católica.

Ainda em Vagos e na Murtosa, o Primeiro-Ministro apelou ao poder local para que se empenhe na defesa do ambiente, lembrando que as «galinhas dos ovos de ouro do turismo podem morrer». Frisou, a este respeito, que alguns estragos irreparáveis foram já cometidos em certas zonas do país.

Tendo sido agraciado com as medalhas de ouro dos concelhos de Ovar e Ilhavo por decisão unânime dos vereadores das respectivas Câmaras Municipais, Cavaco Silva neste último concelho que o distinguiu considerou que «os políticos não podem sentir-se instalados nas cadeiras do poder e que a população pode e deve interpelá-los, apresentando-lhes os

seus pontos de vista.

Neste concelho prometeu ainda que os acessos ao Porto de Aveiro serão construídos rapidamente e aludiu ao caso da rede de contrabando lembrando que na luta contra o «compadrio», ilegalidades e corrupção «não existem intocáveis».

A entrega de terras a três jovens agricultores, a inauguração de uma repartição de finanças e as visitas a uma cooperativa de habitação, a Plenicoop, e à Escola Secundária do Esmoriz foram os dominantes da visita de Cavaco Silva aos concelhos de Mira, Vagos e Ilhavo.

Em Ilhavo, o Chefe do Executivo assistiu ao lançamento da primeira pedra de uma fábrica de componentes para automóvel, associada a um grupo japonês. O responsável pela parte nipónica, depois de interrogado pelo Primeiro-Ministro, afirmou que a produtividade dos operários portugueses é igual à dos japoneses.

Na última etapa da jornada e onde teve a maior manifestação nesta deslocação à Beira Litoral, em Sever do Vouga, o responsável governamental assinou protocolos para a construção de pavilhões gimno-desportivos e anunciou que vai ser construída a estrada entre a Vila e o nó das Talhadas, uma velha aspiração local.

Reserve já o seu lugar.

Inscrições em todos os centros

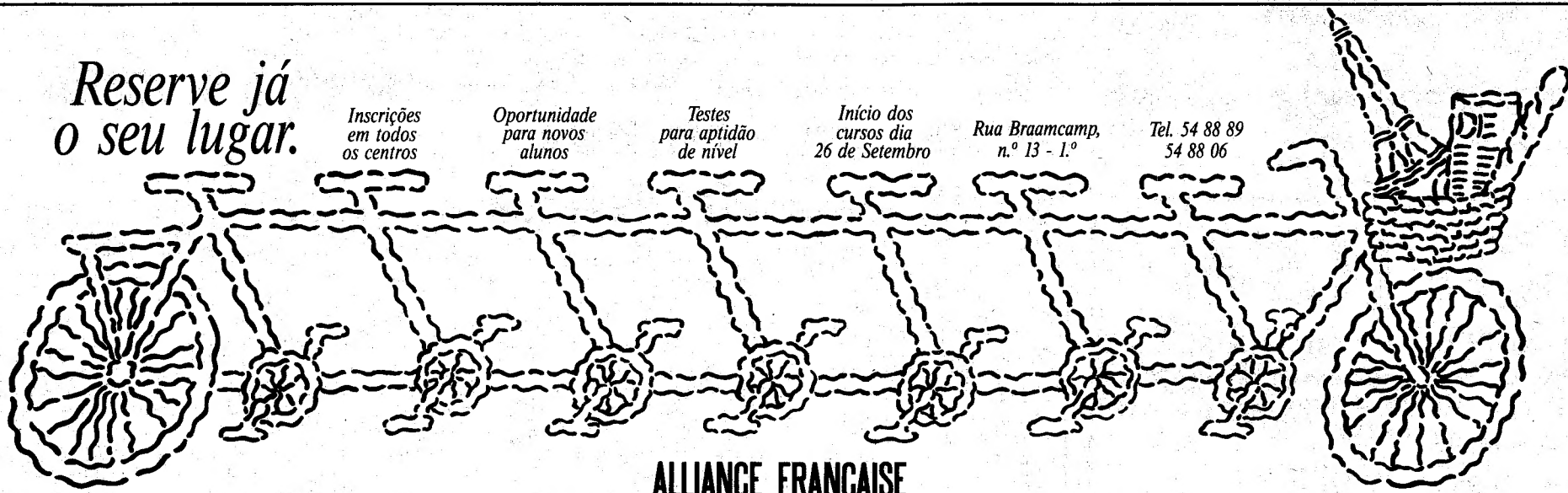
Oportunidade para novos alunos

Testes para aptidão de nível

Início dos cursos dia 26 de Setembro

Rua Braamcamp, n.º 13 - 1.º

Tel. 54 88 89
54 88 06



ALLIANCE FRANÇAISE

PELAS ESTRADAS DE PORTUGAL

A morte por atropelamento de uma adolescente de 16 anos, Cláudia Regina Moutinho, ocorrida no passado dia 14, na via rápida entre Lisboa e a Costa da Caparica, junto à Quinta do Serrado, esteve na origem de uma manifestação de dezenas de pessoas a exigir a imediata construção no local de uma passagem aérea para peões, alegando que a sua falta coloca em perigo a vida dos habitantes da zona, sobretudo dos alunos de uma Escola Secundária existente na zona.

O presidente da Junta de Freguesia da Caparica recordou que, apesar da existência na «passagem da morte» de paragens de autocarros de cada lado da via, devidamente sinalizadas, «muitos automobilistas passam ali a mais de 100 quilómetros por hora».

Bento Rações disse que a autarquia apoia a reivindicação da população, já tendo solicitado um encontro urgente com a Junta Autónoma de Estradas, de forma a concretizar a construção já prevista, e aprovada pela Câmara Municipal de Almada, de três passagens aéreas, uma junto ao Instituto Piaget, outra no Funchalinho e uma terceira, com prioridade, na área da Quinta do Serrado.

A mesma fonte referiu que a Quinta do Serrado é habitada por 1500 pessoas, com a Escola Secundária do Monte da Caparica frequentada por jovens, que arriscam a vida ao atravessar a via rápida

duas ou quatro vezes por dia, oriundos da Costa de Caparica, Charneca, Vila Nova, Sobreda, Vale de Cortiço, Areeiro, Lazarim, Foguetreiro, Cova da Piedade e Laranjeiro.

Os manifestantes empunhavam vários cartazes, tais como «Aqui mataram uma jovem de 16 anos. Quem são os culpados?», encontrando-se entre eles a mãe da vítima, Eugénia Magalhães, que afirmou que a sua filha foi apanhada um por automóvel, juntamente com uma amiga que ficou gravemente ferida, quando regressavam da praia.

Marinheiro vitimado numa motorizada

Nas proximidades de Fimalicão, no choque entre uma carrinha e uma motorizada, sucumbiu o condutor desta última viatura, Luís Ferreira Sampaio, de 23 anos, marinheiro.

Em Areosa, na Rua D. Afonso Henriques, o polido de móveis José Francisco Ferreira, de 22 anos, residente em Paços de Ferreira, encontrou a morte quando o automóvel em que seguia a alta velocidade se despiu indo embater num muro e depois num poste de iluminação eléctrica.

O jovem ainda foi transportado ao Hospital de S. João, no Porto, onde chegou já sem vida.

Caparica está contra "passagem da morte"



Gonçalves Gomes "versus" Amorim

JOGO DA PÓVOA ABRE CONFLITO ENTRE CANDIDÁTOS

O comendador Gonçalves Gomes, sócio maioritário de uma das empresas candidatas à exploração do jogo na Póvoa de Varzim, revelou no Porto que vai processar civil e criminalmente Arriscado Amorim, por afirmações «difamatórias e injuriosas».

As declarações de Arriscado Amorim, presidente do Conselho de Administração da «Sopete», foram tornadas públicas por um semanário e nelas considera que a candidatura da «Socigomes», de Gonçalves Gomes, en-

ferma de «várias irregularidades», nomeadamente ao nível das garantias bancárias.

Gonçalves Gomes referiu à Lusa ser «lamentável» este tipo de actuação e que ela «visa tentar beliscar a imagem estável,

quer financeira quer administrativa da Socigomes a propósito das garantias bancárias que são pedidas no concurso».

O comendador frisou ainda que já em 1975 a sua empresa tinha concorrido à concessão do jogo na Póvoa de Varzim e que, «embora tenha perdido, não ficou convencida de que a «Sopete» tivesse melhor capacidade de soluções».

«A Socigomes, cumpriu com todo o formalismo o actual con-

curso, deu todas as garantias bancárias exigíveis e solicitadas e aguarda agora, com tranquilidade, a decisão do Conselho Consultivo de Jogos e do Ministério da tutela sobre o assunto», frisou Gonçalves Gomes.

Na citada entrevista, Arriscado Amorim contestou as candidaturas da «Sonae» e da «Socigomes», os outros dois candidatos, por alegadas irregularidades de ambas ao nível das garantias bancárias.

Linha da Beira Baixa paralisada por fogo na zona de Balsemão

Um incêndio que deflagrou ontem de manhã próximo das localidades de Benespera e do Barracão, no concelho da Guarda, destruiu uma área de 15 hectares e colocou em perigo a freguesia de Balsemão.

Um informador dos Bombeiros Voluntários da Guarda disse que o sinistro foi dado

como extinto poucas horas depois, mas reacendeu ao entardecer, perto das localidades de João Antão e de Balsemão, apenas tendo sido dominado ao princípio desta madrugada.

No mesmo concelho, os bombeiros tiveram de combater um fogo de grandes pro-

porções, que deflagrou ontem à noite em S. João Bravo, e um outro, na Quinta de São Bartolomeu que atingiu as zonas de Manteigas e Pega.

O porta-voz dos Bombeiros da Guarda afirmou que para o combate às chamas estiveram mobilizadas oito corporações (Guarda, Gonçalo, Mantei-

gas, Soito, Pinhal, Trancoso, Belmonte e Covilhã), num total de 70 homens e 12 viaturas.

A circulação de comboios na Linha da Beira Baixa esteve interrompida devido ao incêndio registado em Balsemão, o qual destruiu cerca de mil travessas da via férrea.

Incêndio provocou novo alarme no Centro Comercial das Amoreiras

Um incêndio de pequenas proporções deflagrou ontem numa subcave da Torre N.º 2 do Centro Comercial das Amoreiras, em Lisboa, tendo originado grande quantidade de «fumo denso e negro», segundo informou um informador do Batalhão de Sapadores Bombeiros (BSB).

O sinistro, que teve ori-

gem num depósito de papéis, esteve a ser combatido pelo RSB e pelos Bombeiros Voluntários de Campo de Ourique.

Uma fonte dos Sapadores referiu que, como medida de precaução, «as pessoas que estavam no local foram evacuadas apenas devido ao fumo».

A estação de rádio TSF,

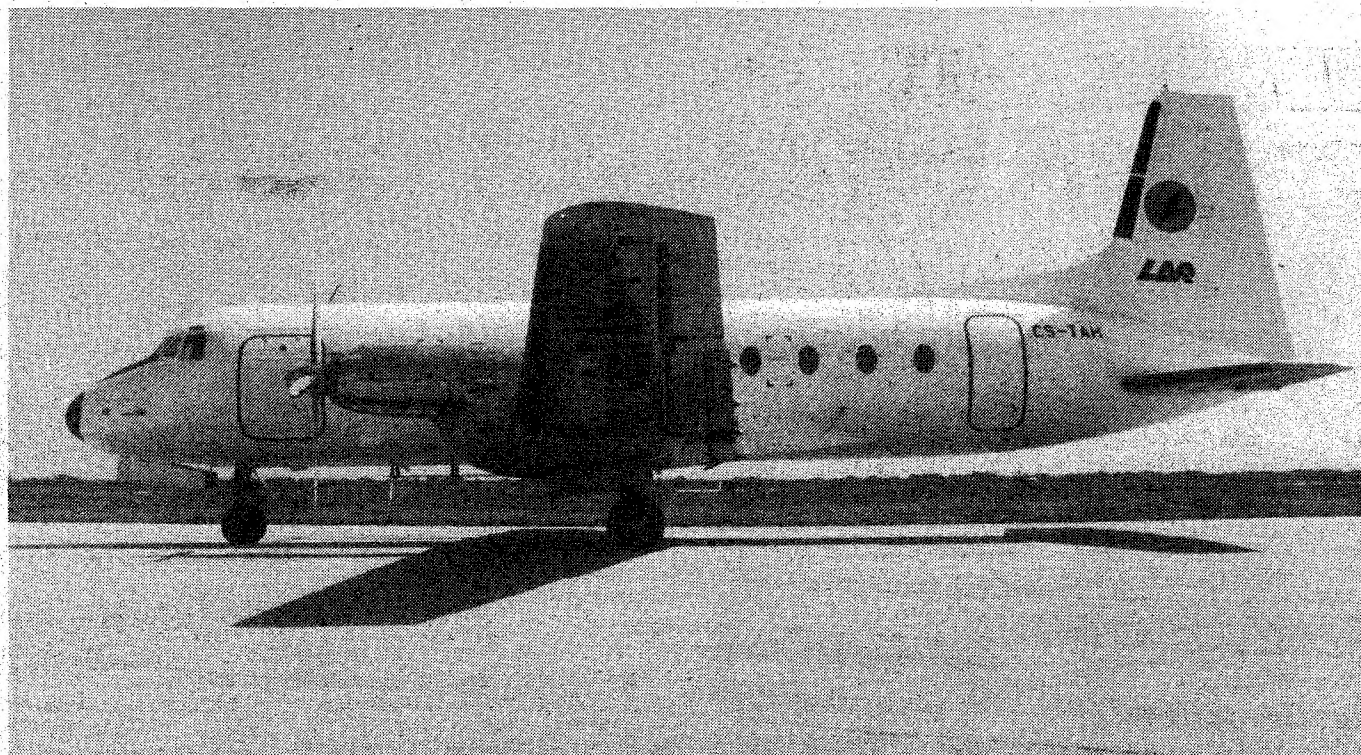
que funciona no sexto piso do imóvel, foi atingida pelo fumo e interrompeu a emissão «igualmente por uma questão de segurança», depois de ter lançado um apelo à intervenção dos bombeiros.

Registe-se que, na passada quinta-feira, uma pessoa sofreu intoxicação pelo fumo, devido ao fogo que

deflagrou no restaurante «Taverna Espanhola», também naquele centro comercial.

O incêndio foi provocado por um curto-circuito no forno eléctrico do estabelecimento, tendo-se depois propagado ao revestimento de madeira de uma conduta de ar.

GALP
DINAMIC
Gasóleo



Investimento inicial de 60 milhões

LAR QUER RENOVAR FROTA E VOAR PARA NORTE DE ÁFRICA

A LAR prepara-se para voar para o Norte de África (em consequência do estreitamento turístico entre Portugal e Marrocos, sobretudo) e aeroportos europeus de segunda categoria. A revelação foi feita por um dos administradores da empresa, Palma Rodrigues, em entrevista que concedeu a Carolina Morgado, da Lusa. Mais diz Palma Rodrigues: esses serviços, em voos não regulares, serão accionados a curto prazo.

Rogério da Palma Rodrigues afirmou que logo que a transportadora aérea regional portuguesa renova a sua frota — processo cujo investimento inicial se situa acima dos 60 milhões de dólares (cerca de 9 milhões de contos) — vai lançar-se em voos «charter» a partir de Lisboa, Porto, Faro e Funchal, estando já um gabinete de estudos a tratar da questão.

A companhia adquiriu três aviões «ATP» da British Aerospace, modernos e silenciosos, que actualmente operam em pequenos e médios cursos, e fez a opção para um quarto aparelho. Para os novos aviões, a LAR já está a formar pessoal em Inglaterra.

Os novos aviões, com capacidade para 64 lugares, chegam a Portugal em Outubro e Novembro

deste ano e Setembro de 1989, e vão permitir encurtar as ligações Lisboa - Porto de 55 para 45 minutos apenas, actualmente garantidas pelos «Avro», de 44 lugares.

Outras das novidades da companhia é o aumento de capital de 50 mil para 100 mil contos, operação que está a decorrer, devendo concretizar-se até ao final do ano. Prevê-se, entretanto, novo aumento de capital para 300 mil contos no prazo máximo de um ano.

A transportadora aérea regional conta actualmente com 48 pilotos, um dos quais mulher, admitidos segundo os padrões técnicos e psicotécnicos da TAP-Air Portugal, 23 pessoas que garantem a assistência a bordo e um grupo de apoio de terra. Para manutenção dos seus

aviões existe um contrato com as oficinas de Alverca, onde foi formado o pessoal ligado a esta área.

Na nova distribuição do capital social da companhia, misto, mas na maioria público, o empresário Baptista Lopes é o maior accionista, com 37,5 por cento, seguindo-se com 30 por cento, a TAP-Air Portugal.

Com 2,5 por cento cada, o capital social da LAR está dividido ainda por diversos outros accionistas, entre os quais a ANA — Aeroportos e Navegação Aérea, a Rodoviária Nacional, os CTT/TLP e as câmaras municipais das cidades que integram as rotas da transportadora aérea regional nesta nova fase da sua actividade, lançada a 22 de Abril de 1988.

A nova administração prevê contrapor aos crónicos e avultados prejuízos da empresa no passado (227 mil contos só em 1987), os lucros possíveis de uma receita bruta anual de 1554 mil contos, para uma despesa de 1213 mil contos, garantindo, pelo menos, uma conta de exploração equilibrada — disse o comandante Palma Rodrigues.

A acrescentou que do ponto de

vista empresarial, a LAR está a crescer, tendo mesmo realizado em cinco meses os objectivos programados para até final do ano.

«Há, de facto, mercado, principalmente nas zonas onde as vias rodoviárias não são as melhores», sublinhou o administrador da companhia, referindo-se, no entanto, à falta de operacionalidade de alguns aeroportos das pequenas cidades portuguesas.

Actualmente, as Linhas Aéreas Regionais fazem ligações Lisboa - Porto - Lisboa em regime de ponte aérea, com partidas em cada hora e meia a partir das 7 horas de segunda-feira, e servindo Covilhã, Viseu, Vila Real, Bragança, Chaves, Faro e Funchal - Porto Santo com voos diários, em aviões «Avro», de 44 lugares, e «Twin Otter» de 19 e 15 lugares.

Por outro lado, a companhia está a negociar com um construtor, que Palma Rodrigues se escusou especificar, a aquisição de dois novos aparelhos de 15 e 19 lugares, para substituir os «Twin Otter». Um dos «Avro» vai ficar de reserva e os outros dois passarão a transportar apenas carga.

«Avialgarve» também quer explorar o mercado «charter»

A Avialgarve, companhia de táxis aéreos, também quer explorar o mercado «charter». A médio prazo pretende lançar-se em voos não regulares, mas não abandonará a exploração de táxis aéreos que presentemente desenvolve com assinaláveis resultados, segundo os seus responsáveis.

A empresa apresentou, no último fim-de-semana, o seu novo avião a jacto, um «Falcon-20» de luxo, com capacidade para nove lugares e já está a estudar a possibilidade de entrar em força na exploração do mercado «charter» (voo não regular).

O director comercial da empresa disse no voo inaugural do seu novo aparelho que a Avialgarve não vai abandonar o tipo de exploração de táxis aéreos, mas pretende, a médio prazo, adquirir novos aviões para se lançar em voos não regulares, estando neste momento a fazer a prospecção do mercado.

A partir de agora, a Avialgarve propriedade da família Alambre dos Santos, do Algarve, que está a transferir a sua sede de Cascais para Lisboa pode efectuar uma deslocação rápida, fundamentalmente para os centros de decisão da Europa, superando os horários estabelecidos e o tempo perdido nos aeroportos com as ligações e cancelamentos — afirmou o comandante Manuel Campos de Almeida.

O novo avião executivo, adquirido em Leasing, no valor de

um milhão de contos, pode também, rapidamente, mudar a sua configuração interior e instalar um «kit» de ambulância com todo o equipamento necessário, desde os primeiros socorros ao acompanhamento de doentes em estado grave, disse o director comercial.

A companhia iniciou a sua actividade há cerca de três anos e dispõe, actualmente, de três aviões de passageiros, um helicóptero e um cargueiro a jacto que transporta correio diariamente para Bruxelas.

Campos de Almeida considerou que os vários tipos de aparelhos que a companhia possui permitem operações diversas aos diferentes objectivos e destinos que se pretendem atingir, já que «no País são limitadas as infra-estruturas aeroportuárias que condicionam a operação com aviões a jacto».

Em 1987, a Avialgarve voou 1673 horas e transportou 1455 passageiros. No primeiro semestre de 1988, voou 881 horas, transportando 603 passageiros, sendo 95 por cento considerado executivo e 5 por cento de emergência e transporte de feridos.

Cerca de 70 por cento dos passageiros que utilizam a Avialgarve são estrangeiros e 30 por cento portugueses ligados aos sectores financeiro e bancário, estando a maior clientela situada no Norte do País.

RANK XEROX

Imprimimos os seus outputs!

O seu centro informático tem picos de trabalho de impressão em que não consegue responder às suas necessidades? Tem problemas de qualidade ao nível do output? Traga a sua banda magnética de qualquer formato standard ao Centro de Edição Electrónica de Documentos da Rank Xerox! Num abrir e fechar de olhos, um sistema de impressão laser Xerox de alto volume transforma o seu trabalho num documento compacto (em formatos simplex, duplex ou quadriplex), atraente e de fácil manuseamento — graças ao formato A4 normalizado — que poderá incluir capas e separadores e encadernação final!

Venha experimentar! Consulte os nossos preços imbatíveis!

Confie em Rank Xerox. Somos especialistas!

Xerox o diálogo inteligente



**Centro de Edição
Electrónica de Documentos**

RANK XEROX

Rua Pedro Nunes, 16 Lisboa

TRIBUNAL CÍVEL DA COMARCA DE LISBOA

6.º JUÍZO ANÚNCIO

Faz saber que por esta 1.ª Secção e Juízo correm termos uns autos de Acção Ordinária, registados com o n.º 3731, nos quais são autor, União de Bancos Portugueses, SA, e réus Galea, no Augusto Ramos Esteves, ausente em parte incerta e com última residência conhecida na Av.ª Estados Unidos da América, n.º 92-5.º B - Lisboa, e Outro, correm editos de trinta dias, após a data da segunda e última publicação do anúncio, citando o réu acima indicado, para no prazo de vinte dias, após o dos editos, contestar, querendo, a referida acção sob pena de, não o fazendo, serem considerados confessados os factos articulados pelo autor, que em resumo consiste em o réu ser condenado a pagar ao autor a quantia de 2 808 295\$00, acrescida dos respectivos juros, como tudo melhor consta do duplicado da petição inicial que se encontra nesta Secretaria à disposição do citando.

Lisboa, 15 de Setembro de 1988

O JUIZ DE DIREITO,
a) Joaquim Manuel Cabral e Pereira da Silva
O Escrivão Adjunto,
a) José Maria Ramos

«DL» 26/9/88 — 1.º Pub.

ANÚNCIO

Proc. N.º 9348 — 2.ª Secção

O Doutor JOAQUIM MARIA FERREIRA PASCOAL, Juiz de Direito do 16.º Juízo Cível de Lisboa:

Faz saber que por este Juízo e segunda secção, nos autos de Execução Ordinária n.º 9348 em que são Exequentes UNIAO DE BANCOS PORTUGUESES, EP e executados IMOVEIS-SOCIEDADE IMOBILIÁRIA DO VEZ, LD.ª, e INSTRUMENTO-SOCIEDADE DE EQUIPAMENTOS MEDICO-CIRURGICOS, LD.ª, com última sede conhecida, respectivamente, na Rua João da Silva, 10-B-Esq.ª, em Lisboa e Rua D. Luís de Noronha, 31-A, Lisboa, e outros, actualmente em parte incerta, correm editos de TRINTA dias contados da segunda e última publicação do anúncio citando os executados acima identificados para, no prazo de DEZ DIAS, findo o dos editos, deduzirem oposição, pagarem ao exequente (a quantia de 13 774 352\$00 e juros) ou nomearem bens à penhora, sob pena de se considerar devolvido ao exequente esse direito, tudo conforme consta da P.L., cujo duplicado arquivado nesta secretaria, será entregue logo que solicitado.

Para constar se passou o presente e mais dois de igual teor que vão ser afixados.

Lisboa, 20 de Setembro de 1988

O Juiz,
(assinatura ilegível)
Pel'O Escrivão de Direito,
(assinatura ilegível)

«DL» 26/9/88 — 1.º Pub.

TRIBUNAL CÍVEL DA COMARCA DE LISBOA SEGUNDO JUÍZO

— ANÚNCIO —

O Doutor José Tavares de Paiva, Juiz de Direito da 1.ª secção do 2.º Juízo Cível de Lisboa:

FAZ SABER que pela 1.ª secção deste Juízo e nos Autos de Execução Ordinária n.º 3190 em que é exequente a UNIAO DE BANCOS PORTUGUESES, SA., e executada MADEPOL-EMPREENHIMENTOS MADEIREIROS DE PORTUGAL, LDA., ausente em parte incerta, com a última sede conhecida na Rua de Alcântara, n.º 41, 1.º Esq., 1300-Lisboa, correm editos de trinta dias a contar da data da segunda e última publicação do anúncio, citando a executada acima referida para no prazo de DEZ dias, findo o dos editos, deduzirem oposição, pagarem ao exequente a quantia de 1 843 197\$90 ou nomearem bens à penhora, sob pena de se considerar devolvido ao exequente o direito de nomeação de bens à penhora. O duplicado da petição inicial fica arquivado na Secretaria deste Tribunal à disposição do citando.

Lisboa, 21 de Setembro de 1988.

O Juiz de Direito,
(Assinatura ilegível)
A Escrivã adjunta,
(Assinatura ilegível)

«DL» 26/9/88 — 1.º Pub.

Mais de 8% dos portugueses já dorme em hotéis

TURISMO: MENOS ENTRADAS RENDERAM MAIS DINHEIRO

Menos entradas, mais dinheiro: eis a realidade do turismo português nos primeiros oito meses deste ano, tal como a apresentou o secretário de Estado do Turismo em Faro. Pormenor a ter em conta no documento apresentado por Licínio Cunha: mais de oito por cento dos portugueses dormiram em hotéis nacionais entre Janeiro e Agosto último, ao passo que a procura estrangeira diminuiu um por cento.

Apesar de, no referido período, as entradas terem sido de 10,985 milhões — menos 1 por cento que em 1987 —, registou-se um aumento das entradas por via aérea de 6,6 por cento, o que faz supor que a diminuição se deveu fundamentalmente às menores entradas de excursionistas espanhóis.

O documento, apresentado em primeira mão pelo secretário de Estado do Turismo, Licínio Cunha, em reunião realizada em Faro, adianta que a fronteira de Valença proporcionou mais de metade das entradas de espanhóis, registando contudo um decréscimo de 18,3 por cento.

Esta quebra é atribuída pela Secretaria de Estado às dificuldades de escoamento rápido de tráfego através da ponte que confina com o posto de fronteira.

Os mercados alternativos, visados para uma maior diversificação da procura, registaram taxas de crescimento bastante elevadas. De facto, pondo de parte a evolução dos mercados espanhol e britânico, ter-se-ia registado de Janeiro a Agosto um acréscimo global de 20,7 por cento.

No que diz respeito à hotelaria recensada, registou-se um aumento global de 1 por cento de dormidas de Janeiro a Julho, tendo os nacionais registado uma subida de 8 por cento.

Segundo o documento, a evolução menos favorável ficou praticamente restringida ao Algarve, tendo a Costa Verde registado um aumento de 12 por cento, a Costa de Prata de 10 por cento, a Costa de Lisboa de 4 por cento e a Madeira de 5 por cento.

Para a Secretaria de Estado do Turismo, a variação do mercado britânico deve-se, por um lado, à sua própria estruturação, e por outro a aspectos internos «resultantes da degradação da imagem turística do Algarve e a subida de preços na hotelaria».

Faro: mais 26,2% no aeroporto

«Os grandes operadores turísticos (britânicos) aumentaram a sua preponderância, impondo uma diversificação de destinos e uma política comercial mais rigorosa, o que levou a que até Agosto tivessem ficado por vender 500 mil 'packages' em relação ao ano anterior, o que afectou os destinos tradicionais da bacia do Mediterrâneo, ou seja, Espanha, Grécia e Portugal», refere o documento.

Um outro factor terá a ver com os aumentos dos preços nos hotéis do Algarve. Contudo, a diminuição verificada a nível dos índices de ocupação hoteleira foi «amplamente compensada pelos aumentos de preços, evidenciando as receitas hoteleiras

acréscimos significativos no Algarve».

Apesar de tudo, a evolução da procura britânica foi favorável para outras regiões, tendo as entradas de ingleses pelo Aeroporto de Lisboa registado um crescimento de 5,8 por cento, e por Pedras Rubras de 19,9 por cento.

No mesmo período, as entradas pelo Aeroporto de Faro registaram um aumento de 26,2 por cento para o conjunto dos mercados turísticos externos, exceptuando o do Reino Unido, o que leva a Secretaria de Estado a concluir que «nesta região não existem motivos para impedir a concretização do objectivo de maior diversificação da procura».

Estabelecendo um paralelo entre os objectivos de crescimento definidos no Plano Nacional de Turismo para 1982/88 e a evolução dos dados reais até final do corrente ano, a progressão média anual das entradas gerais de visitantes é de cerca de 14 por cento ao ano, ultrapassando os 9 por cento previstos no PNT.

Em relação às dormidas gerais de estrangeiros aumentaram 8,7 por cento (6,5 no PNT) e, no domínio das receitas turísticas, «tudo indica que o crescimento médio anual 1982/88 ronde os 11 por cento, o que também supera os 8,1 por cento fixados no PNT», diz o documento.

Citando dados do Banco de Portugal, o documento afirma que as receitas de turismo atingiram cerca de 109,3 milhões de contos de Janeiro a Maio de 1988, representando um aumento de 15,7 por cento em relação a igual período do ano anterior.

A Secretaria de Estado do Turismo admite que, no final do ano, «as receitas do turismo poderão alcançar os 340/350 milhões de contos, ou seja, mais 15 por cento do que no ano passado».

A concluir, o documento revela que, de acordo com elementos recolhidos pelas representações de Portugal no estrangeiro, «as previsões para o próximo ano permitem esperar um crescimento da ordem dos 6 a 8 por cento em termos de entradas gerais de estrangeiros».

Turismo «aquece» o Algarve

Empresários reivindicam estatuto de parceiro social

Os empresários algarvios reivindicam o estatuto de parceiro social. Alegando que não são ouvidos nem achados nas grandes decisões que estão a ser tomadas a nível do sector, reclamam essa condição por se sentirem «marginalizados».

Foi este fim-de-semana, em Montechoro, que tomaram aquela decisão: a de reivindicar o estatuto de parceiro social. Na segunda reunião constitutiva do Clube dos Empresários de Turismo do Algarve (CETAL), em que participaram membros da Comissão Instaladora da Organização, foi manifestado, ainda, que «o turismo algarvio está a passar por uma crise de que os empresários não se consideram culpados», registando-se uma quebra que se situa entre os 19 e 20 por cento na ocupação de camas hoteleiras legalizadas.

O CETAL, lançado por cerca de quatro dezenas de empresários do Algarve, pretende surgir «como uma resposta às necessidades dos operadores que sentiam uma certa frustração por não terem um parceiro social válido com quem dialogar», afirmou António Pereira da Vila Magna Hotéis.

António Pereira acrescentou que, na sequência da reunião de Montechoro, serão elaborados, durante os próximos quinze dias, os estatutos do CETAL, para serem apresentados a uma assembleia alargada de empresários com vista à aprovação.

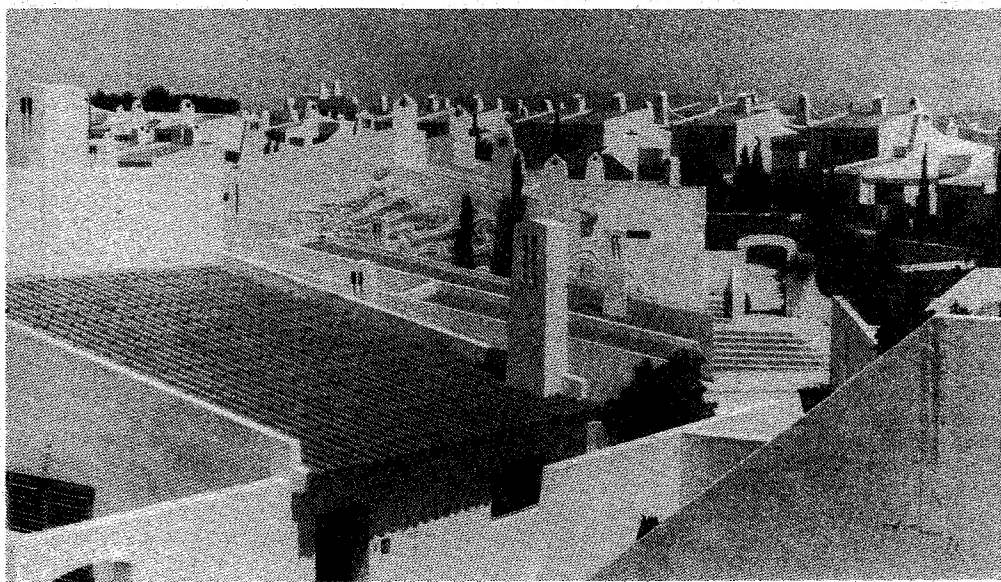
Para Fernando Barata (grupo FB), «é tempo de se modificarem as coisas no Algarve». «Ora, afigura-se-nos difícil falar ao mesmo tempo em nome dos empresários e do Governo, porque os interesses respectivos são distintos», disse o empresário, no final da reunião.

Os promotores do CETAL consideram, ainda, que a campanha «Algarve Qualidade» foi um fracasso «porque a região não possui ainda as infraestruturas necessárias e não está, por isso, em condições de exigir qualidade».

José Maria Duarte Júnior (grupo Montechoro), considerou que «isso iria afectar os turistas que nos visitam, é mentir às pessoas que nos conhecem e sabem que não temos a casa arrumada.»

Horácio Cavaco de «pedra e cal»

A permanência de Horácio



Cavaco à frente da Região de Turismo do Algarve (RTA) não foi contestada pelos empresários que sublinharam, no entanto, que «cada um deve estar no seu lugar», e recordam os reflexos negativos de declarações feitas em Novembro do ano passado, em Londres, por Cabrita Neto e Horácio Cavaco, sobre a qualidade do turismo britânico.

«Imediatamente, o nome do Algarve desapareceu dos programas turísticos britânicos. Tratou-se de uma afirmação proferida por pessoas responsáveis que, quando as fizeram, não se manifestaram de acordo com as suas responsabilidades», declarou Duarte Júnior.

Em relação à necessidade de diversificação de mercados, Fernando Barata considerou que 50 por cento do turismo que Portugal recebe tem

de ser inglês, «e quando não o quisermos, ficamos a apanhar bonés.»

Isto, porque «os operadores britânicos criaram uma estrutura turística através de voos «charter» (não regulares) que não têm concorrência na Europa».

Com o CETAL, e segundo afirmaram, os empresários algarvios pretendem uma organização representativa capaz de, por um lado, assumir as pretensões da iniciativa privada turística da região junto da Administração Central e, por outro, criar um parceiro suficientemente forte e capaz de se sentar às mesas das negociações com os grandes Tours-operadores internacionais.

A segunda reunião do CETAL, surgiu poucos dias depois de uma outra, realizada em Faro, e que contou com a

presença do ministro do Comércio e Turismo e do secretário de Estado do sector, além do governador civil do distrito, Cabrita Neto, de presidentes das autarquias algarvias e do presidente da RTA!

Fontes empresariais disseram à Lusa que Ferreira do Amaral se mostrou aberto às pretensões dos empresários presentes — alguns promotores do CETAL — mas denunciou «pouca capacidade de intervenção» em algumas áreas a que a iniciativa privada está sensível.

Nessa reunião, segundo as mesmas fontes, «houve optimismo em excesso para o exterior e poucas respostas aos problemas concretos que se estão a colocar ao turismo algarvio», considerando, no entanto, que «o encontro foi positivo».

CAP QUER SÓ PARA SI A FEIRA DA AGRICULTURA

«**A** CAP, o que é ou pode ser dos agricultores de Portugal: aos escalabitanos, aquilo que é de Santarém», eis como o presidente da Câmara Municipal, Teles Botas, nos caracterizou a situação que se vive na região, em particular na capital do Ribatejo, acerca do futuro (incerto) da Feira Nacional de Agricultura. Duas conclusões se podem desde já extrair do clima que ali fervilha: sobem de tom as críticas à CAP, particularmente ao seu secretário-geral, por um lado, e ganha corpo a determinação de levar o certame por diante, esteja ou não a CAP.

A Confederação dos Agricultores de Portugal desligou-se há pouco tempo, subitamente, do protocolo do CNE-MA (Centro Nacional de Exposições e Mercados Agrícolas), documento esse que havia assinado em 12 de Junho — já então em condições pouco claras, conturbadas — com a Câmara Municipal de Santarém e o Ministério da Agricultura.

Num ofício datado de 28 de Julho, com responsáveis de férias e repartições a funcionarem a menos de meiodia, a CAP manda ao secretário de Estado da Agricultura (Álvaro Amaro), com conhecimento ao ministro da Agricultura e aos presidentes da Câmara e da Assembleia municipais de Santarém, o rompimento desse acordo. A decisão foi tornada pública no dia 15 de Agosto, na sessão da Câmara Municipal — a primeira após a recepção do ofício da CAP.

Em questão estava — e está — o património da Feira Nacional de Agricultura, no Largo Infante Emílio da Câmara, que a CAP «namora» cominaudita cobiça. Foi esse aspecto, de resto, que pôs em dúvida o certame deste ano, à última hora salvo pelo próprio ministro da Agricultura que «pôs em ordem» os dirigentes da CAP. No discurso que proferiu em 12 de Julho — é bom que isto se lembre aqui e agora

—, por altura da assinatura do protocolo do CNE-MA, o secretário de Estado sublinhou, em nome de Álvaro Barreto, que «um protocolo não é um ponto de chegada, mas sim de partida», concretizando ser «necessário assumir o futuro não com palavras, mas com actos para ultrapassar as dificuldades que certamente irão surgir», adivinhava Álvaro Amaro.

Autarcas perguntam: «o que quer a CAP?»

A Assembleia Municipal de Santarém reuniu-se na passada sexta-feira com uma agenda carregada de onze pontos, um dos quais relacionado com a Feira Nacional de Agricultura.

Os cinco primeiros (de rotina) foram aprovados sem grandes dificuldades sendo necessário alterar a agenda para que aquele ponto fosse discutido na sessão, que se prolongou até de madrugada. Votada a sua antecipação, os autarcas presentes (em representação das forças políticas e das Juntas de Freguesia) aprovaram uma das duas propostas que sobre a matéria lhes foram apresentadas.

De fundamental, a proposta, em alternativa a uma que havia sido apresentada por Teles Botas (presidente da Câmara Municipal de Santarém), prevê a constituição de uma comissão formada pelos presidentes da Câmara e da Assembleia Municipal e um membro de cada par-

tido, ficando incumbida de averiguar a razão por que não se cumpre o protocolo e de, «uma vez por todas, saber o que quer a CAP», disse Teles Botas ao «DL».

A proposta aprovada determina ainda que as outras Confederações portuguesas (do Comércio e da Indústria), envolvidas no mesmo protocolo ou previstas para o assinarem, sejam consultadas para se apurar se estão, ou não, de acordo com o que se passa e, em particular, com a CAP.

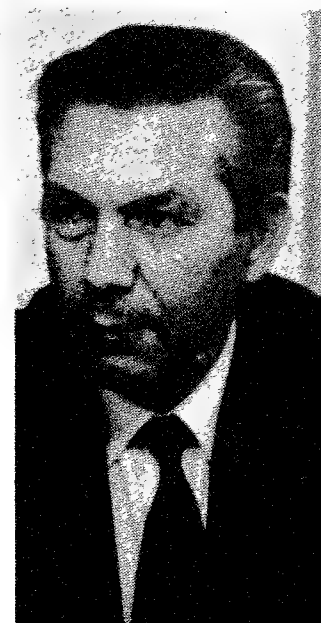
A mesma «equipa» foi concedida competência para contactar a CAP e o Ministério da Agricultura, Alimentação e Pescas, «para que todos saibam que não vamos em jogadas de grupos», venceu-nos ainda o presidente da Câmara Municipal de Santarém.

Note-se que dois dias antes da reunião da Assembleia Municipal de Santarém o PRD havia tomado posição sobre o CNE-MA. O PRD alertava os ribatejanos em geral e os agricultores em especial para o perigo que corre a Feira Nacional de Agricultura/Feira do Ribatejo, acusando os presidentes da Câmara de Santarém e da CAP de «manobras políticas».

A posição, contundente, da Comissão Directiva do PRD (cujo presidente conhece bem os cantos à casa, pois foi presidente da Comissão Executiva da FNA alguns anos) sublinhava ainda que «a situação de ruptura a que se chegou com a criação do CNE-MA (Centro Nacional de Exposições e Mercados Agrícolas), se deveu não só às condições políticas proporcionadas ao longo dos cinco anos que o presidente da Câmara já leva de presidência da feira, mas também à ânsia da CAP em querer controlar os destinos da FNA, arvorando-se sempre como a única representante dos agricultores, que de facto não é».

A CNE-MA não existe

A CNE-MA não existe, todos o sabem. Existe, isso sim, é um



Casqueiro, Teles Botas, Hermínio Martinho

protocolo com vista à sua criação. Protocolo com o qual a CAP rompeu subitamente não comparecendo, posteriormente, a uma reunião (em 29 de Julho) com a Câmara de Santarém e o secretário de Estado da Agricultura. Alegou, para a sua ausência, que a reunião não se justificava, uma vez que as posições assumidas pela CM escalabitana «violaram e inviabilizaram o

protocolo».

A direcção da CAP mentem, não obstante, a sua intenção de criar o CNE-MA, falando-se em Vila Franca de Xira ou Rio Maior como alternativas a Santarém.

Dos partidos políticos com assento na Assembleia Municipal de Santarém apenas o PSD vai a «reboque» de Casqueiro/Rosado Fernandes, isto é, de os equipa-

mentos da FNA passarem para o CNE-MA — um organismo que não existe ainda. Todos os outros estão agarrados ao património municipal, de que não abrem mão.

A CAP diz ainda ter já encetado «contactos com outros parceiros e espera, dentro em pouco, estar em condições de se encontrar com o ministro da Agricultura».

ARMAZÉNS DO MINHO

1954 De: J. A. Veloso, Lda. 1988

SEDE:

ALVALADE — R. José Duro, 25-A ☎ 89 34 76 - 89 35 64

FILIAIS:

B.º NOVO CHELAS — R. Actriz Palmira Bastos, Lt. 37/38/40-Lj. ☎ 859 06 79

PÓVOA ST.º ADRIÃO — Av. Gago Coutinho, 22 ☎ 987 20 12

CAMPO DE OURIQUE — R. Saraiva de Carvalho, 205 a 207 ☎ 66 07 40

I
Caminhe devagarinho,
Não seja conflituoso.
Vá já aos Armazéns do Minho,
Q'ê do J. A. Veloso.

II
Compre tapetes, carpetes,
Coisas lindas de encantar.
Também há todas as vestes,
E há de tudo pró lar.

Rana

Traseiras de prédio desabaram na Rua Luciano Cordeiro

As traseiras do prédio n.º 120 na Rua Luciano Cordeiro, em Lisboa, ruíram cerca das 21 e 40 de ontem, tendo afectado sobretudo a zona das cozinhas.

O sinistro, que não provocou vítimas, foi assistido por elementos do Regimento de Sapadores Bombeiros, os quais depois de terem procedido aos trabalhos de remoção dos escombros, descolhem, por enquanto, se a fachada do imóvel oferece condições de segurança para realojar os seus moradores.

Dois pilotos escandinavos assaltados em hotel do Estoril

A Polícia Judiciária procura identificar os autores do assalto com armas brancas de que foram vítimas, anteontem à noite, no ático de um hotel no Estoril, dois tripulantes da Scandinavian Airways Sistem (SAS).

Os dois aviadores, Andersen, de 27 anos e Nielson, de 32, tiveram de ser conduzidos ao Hospital de S. Francisco Xavier, no Restelo, onde o primeiro ficou internado.

As autoridades policiais não revelaram o montante do furto.

Abecasis na Rádio Renascença

"NINGUÉM ME PODE VENCER"

«Não há ninguém que seja capaz de me vencer», disse Nuno Krus Abecasis numa entrevista ontem emitida pela Rádio Renascença, afirmando a sua certeza de que será reeleito se se recandidatar à presidência da Câmara de Lisboa. «Enquanto eu for presidente, Lisboa terá até ao último minuto rei e roque», disse o autarca lisboeta. «Uma pessoa quando se candidata deve fazê-lo por um partido, com um programa claro. Se eu me candidatar ganho», insistiu Abecasis.

Na entrevista, o presidente do município de Lisboa justificou as críticas que dirigiu ao Presidente da República, quando do incêndio do Chiado: «Os homens, quando são amigos e estão sentidos, devem dizê-lo», afirmou, acrescentando só ter percebido «depois uma coisa importante»: «Muita gente queria atirar-me contra Mário Soares.» Por sua vez, quanto às críticas que lhe foram feitas relativamente à nomeação de Siza Vieira para a reconstrução do Chiado, alegou que se tivesse ouvido a vereação o assunto seria tornado público, facto que poderia condicionar a decisão do arquitecto.

Abecasis disse que não optou por Tomás Taveira porque este «não demonstrou ser especialista na Baixa pombalina e na recuperação de centros históricos». O presidente da Câmara confirmou também ter pondera-

do a hipótese da realização de um referendo sobre o futuro do Chiado, tendo chegado a pedir «um enquadramento jurídico constitucional». «Mas o referendo não pode servir para arranjar subterfúgios como um político do PS que clamou por um sem sequer viver em Lisboa», sublinhou.

Durante a entrevista, Nuno Abecasis elogiou o comportamento do PCP na Câmara, considerando que ele «tem sido exemplar desde o dia 25 de Agosto» e que os seus vereadores «têm feito tudo o que lhes tem pedido».

Abecasis em Cacheu

Nuno Abecasis deslocou-se ontem a Cacheu, no âmbito de uma visita que está a efectuar à Guiné-Bissau a convite do seu homólogo da capital guineense, Flávio Proença. Naquela pe-



quena cidade, primeiro entreposto comercial português da costa ocidental africana e que em Novembro próximo assinalará o quarto centenário da sua fundação, o presidente da Câmara Municipal de Lisboa visitou os locais históricos, nomeadamente o forte português e a capela de Nossa Senhora da Natividade.

Uma empresa portuguesa de construção civil conclui neste

momento a edificação de um hotel e de um centro polivalente a serem inaugurados durante as comemorações do quarto centenário, obras essas que tiveram a comparticipação financeira do Governo português e da Fundação Calouste Gulbenkian.

No sábado o presidente da edilidade lisboeta lançou a primeira pedra de uma escola primária oferecida pela Câmara da

capital portuguesa e visitou instalações municipais, concretamente o matadouro e a central dos serviços de limpeza. De registar que as Câmaras de Lisboa e de Bissau assinaram um protocolo que prevê a ajuda técnica da edilidade lisboeta no processo de recolha de lixo da capital guineense e a formação de quadros autárquicos.

Hoje, Nuno Krus Abecasis esteve numa reunião de trabalho com o seu homólogo guineense e foi recebido pelo ministro de Estado da Presidência, Tiago Aleluia Lopes, bem como pelos ministros do Comércio e dos Recursos Naturais e Indústria, respectivamente Manuel dos Santos (conhecido por Manecas) e Filinto Barros. O responsável máximo pela autarquia lisboeta avistou-se igualmente com os secretários de Estado das Pescas e da Presidência para os Assuntos Económicos e Cooperação Internacional, Abubacar Baldé e Bernardino Cardoso.

A visita de Abecasis à Guiné-Bissau insere-se no quadro da União das Cidades Capitais Lusófonas Afro-Asiático-Americanas, cuja dinamização se deve em grande parte ao presidente do município lisboeta.

PORTUGUÊS, LÍNGUA VIVA



Carmo Vaz

Receio muito que ainda estejamos na fase da personalidade importante laboriosamente rabiscar o seu texto à mão, passá-lo para as unhas pintadas da dactilógrafa, corrigi-lo pessoalmente com apuros de mãe carinhosa, mandá-lo à gráfica com a ordem expressa «não se imprime nada, sem eu ver», e finalmente, meses ou anos passados, o texto surgir à luz do dia. Por isso, somos um País atrasado.

A personalidade importante (político, milionário, escritor com massa, gestor de mão-cheia, vigarista de pé ligeiro, campeão ou estrela de cinema) do nosso tempo, começa por não escrever nada. Dita o que quer ao seu ditafone de bolso ou de secretária. A máquina transforma o seu arrazoado em texto escrito. O ghost-writer (escritor fantasma, i.e. os bons escritores, que escrevem mui bem pagos, para a personalidade importante — o Reagan tem meia dúzia, em Portugal nem os políticos nem os milionários são capazes de usar os serviços de ghost-writers, por sovínice e desconfiança — os resultados estão bem à vista) dá então a forma de escrito literário no estilo que lhe for encomendado. O autor concorda ou faz as alterações que entender e o texto passa então para as mãos do «fixador de texto», geralmente um grande ou pequeno mestre de linguística, gramática e código de escrita, que fará as alterações apenas de forma, limpando o texto de todo e qualquer erro de ortografia, gramática, semântica, propriedade de vocabulário. Agora sim, o texto segue para a gráfica onde os fotocompositores respondem pela absoluta fidelidade ao que lêem. Em Portugal, algumas grandes editoriais começam a usar os serviços de fixadores de textos, mas geralmente sem categoria e muito mal pagos. Os políticos, creio eu que não usam os serviços de fixadores de texto. Sabem tudo. Impressionante. Claro que há excepções. Não se produz um discurso tão exacto, brilhante e profundo como o do nosso Presidente Mário Soares na abertura da «Ciência e Cultura» sem o apoio de um ou mais assessores.

A nova Constituição brasileira, que será solenemente promulgada no dia 5 de Outubro, talvez em homenagem à implantação da República em Portugal, foi entregue ao excelente lin-

Fixação de textos importantes

guista Celso Cunha, mestre brilhante de língua portuguesa, que fixou o texto, apenas com 200 correcções de pontuação, ortografia, deslizos de gramática, propriedade de léxico, etc., o que é muito lisonjeiro para os deputados autores da Constituição, abstendo-se naturalmente de tocar no conteúdo, a bem dizer sagrado. A Comissão de Redacção final já pode agora apresentar obra impecável, para durar até nova revisão constitucional. Esperemos que a nossa Assembleia da República, que ainda não mandou traduzir a Carta das Nações Unidas, siga este nobre exemplo, contratando alguém que «fixe o texto» da próxima Constituição para ficarmos com obra francamente assada. O texto actual sofre de algumas pequenas mazelas, que bem poderiam ter sido corrigidas, mas não foram.

Fica de pé a questão da ortografia comum luso-brasileira, à margem de acordos, que nunca mais se farão enquanto ao cargo de académicos e catedráticos, vai limpando as arestas mais agudas, como por ex. a grafia do c mudo a pretexto de tornar a vogal seguinte aberta. Nesta brochura «portugal notícias — Edição do Centro de Turismo de Portugal no Brasil — Setembro 1988», já vem tudo grafado à brasileira, embora tenha eu dúvidas que os brasileiros grafem Portugal, Janeiro os nomes dos meses etc. tudo com minúscula. «Atuação, objetivo, atividades direta, etc.» sem o c mudo, não me fazem impressão. Acho que por economia (icônomia ou ecunomia, diga lá como quiser), pode-se eliminar. O que já me bole com os nervos é o «patrimônio» ou os «Jerônimos». Embora todos bem saibamos que muito do nosso património de pedra e cal são patri-monos, esta do património não calha. Jerônimos então, isso não. Portanto, que, deste e do outro lado do Atlântico com os PALOPs também, ponham o acento ou circunflexo, como pronunciaram. Ia jurar que nunca ouvi um brasileiro dizer Jerônimos.

Fixar um texto não é difícil. Basta saber e recorrer naturalmente aos bons livros de referência (dicionários, gramáticas, etc.) em casos de dúvida. Mas é preciso que o autor confie na nossa ciência, i.e. seja minimamente inteligente. Quando durante uns tempos em Lourenço Marques, trabalhei como

ghost-writer muito bem pago do governador geral, lembro-me que num manuscrito do excelente administrador da colónia, tive de cortar uma meia dúzia de acentos em outros tantos coelhos. Quando o senhor revia o texto já fixado, repontou: «olhe, se coelho não tem acento, já teve.» «Não tem, nunca teve e nunca terá!» — protestei agastado. E ele prontamente: «Tá bem, não precisa de zangar-se, faça sempre como entender.»

Lá que me censurem por omissão clara, acho bem e agradeço. Por isso, tive gosto em ler as cartas dos amigos leitores J. M. de Almeida Capelo, Lisboa e João da Cruz Novo, Estoril, apontando-me gramáticas onde a sintaxe de concordância vem suficientemente tratada (Cf. DL de 3/9/88 «Nem tudo é ruínas no Chiado»), como as de Pires de Castro, Martins Sequeira, Adriano A. Gomes e José Nunes de Figueiredo e do dr. José Pereira Tavares, «falecido em 1983 com 96 anos de idade». Concordo com o sr. Cruz Novo que o J. P. T. tenha sido o «seu querido e saudoso reitor e professor em Aveiro» e também concordo como o sr. Almeida Capelo que as gramáticas que cita dos outros autores sejam «três bons livros de gente responsável e portuguesa» etc. Cá por mim suponha que com os seus livros únicos, reitorias e outras conezias, eles eram apenas protegés submissos e fiéis ao Estado Novo, donde a minha falsa ideia que estariam mortos e bem esquecidos. Ora imaginem os caros leitores que fui ao meu depósito de livros mortos e lá encontrei os «Elementos de Gramática Portuguesa» de José Nunes de Figueiredo em 14.ª edição (isso é que era fazer massa, massacrando o bestunio das crianças) e até uma «Gramática Portuguesa Elementar» de Felisberto Martins e José Gomes Branco. Devo acrescentar que todas essas gramáticas não são fruto de investigação, nem têm qualquer mérito de originalidade, sendo apenas livros escolares de fiéis ao hediondo regime do famigerado Salazar, feitos para negócio privado e protegido dos seus autores. Bem me custa calar tudo o que sofri com toda essa gente, apenas por ser sempre democrata e antifascista, anti-racista e anticolonialista. Citá-los? Ou olvidá-los? Não sei.

Manifestantes protestam contra a exploração do Terceiro Mundo

DIÁLOGO DE SURDOS EM BERLIM ENTRE PAÍSES RICOS E POBRES

Em Berlim Ocidental, continuam as reuniões preparatórias da assembleia anual conjunta do Banco Mundial e do Fundo Monetário Internacional (FMI). O «grupo dos sete» países mais industrializados do mundo alardeia a sua grande satisfação pelas previsões avançadas pelo FMI para a evolução das suas economias em 1988 e 1989. Vão mais longe, as sete nações mais ricas do mundo: comprometem-se a manter estáveis as suas taxas de câmbio e chegam mesmo a acreditar que desta vez vai ser possível reduzir os desequilíbrios das suas balanças de pagamentos, nomeadamente o défice dos EUA e os excedentes do Japão e da RFA. Perante tão grande optimismo, os países do Terceiro Mundo comportam-se como «desmancha-prazeres»: o «grupo dos 24», que representa um número bem maior de economias em desenvolvimento, reclama «acções concretas» para reduzir o peso das suas dívidas externas, como «um aumento, pelo menos para o dobro, dos recursos do FMI». É um diálogo de surdos que se perspectiva. Mas não estão sozinhas, as nações mais pobres do mundo: dezenas de milhar de manifestantes protestaram nas ruas de Berlim contra a política do FMI e do Banco Mundial, que acusam de «explorar o Terceiro Mundo».

O Estado alemão federal tinha mobilizado um fortíssimo contingente policial para garantir a segurança dos milhares de participantes nas reuniões de Berlim, em representação de 151 países. Um recente atentado contra o secretário de Estado das Finanças da RFA, um dos principais organizadores das reuniões, aumentava os receios das autoridades. O perigo era identificado como vindo de vários grupos de esquerda. E na verdade, as organizações de esquerda tornaram público o seu repúdio face à política seguida pelo FMI e pelo Banco Mundial. Mas fizeram-no de forma pacífica, sem necessidade de intervenção das forças policiais.

Protestos da esquerda alemã

Cerca de 3.000 pessoas participaram no sábado num «Congresso Alternativa», na Universidade Técnica de Berlim, e exigiram o perdão imediato da totalidade da dívida do Terceiro Mundo, como primeira medida para reformar a ordem económica mundial. O «Congresso Alternativa» foi organizado por uma centena de organizações de esquerda e cristãs, que acusaram o FMI e o Banco Mundial de «explorarem o Terceiro Mundo». Ainda no sábado, agentes de segurança dispersaram uma pequena manifestação de várias dezenas de pessoas, que protestavam contra as duas maiores instituições financeiras mundiais.

Mas foi no domingo que os protestos de rua assumiram maior envergadura. Uma manifestação convocada por grupos de esquerda e apoiada pelo «Congresso Alternativa» reuniu várias dezenas de milhares de pessoas — a polícia tinha previsto, na véspera, a presença de cerca de 40 mil pessoas. A manifestação desenrolou-se pacificamente e finalizou a cerca de 700 metros do local onde decorrem as reuniões. Entre os participantes figuravam a quase totalidade do executivo do partido Os Verdes, representantes da lista alternativa de Berlim, grupos sindicais, membros de sindicatos, juventudes sociais democratas e organizações feministas, ecologistas e pacifistas, compreendendo um total de 150 grupos distintos.

Satisfação dos países ricos

Reunidos no sábado, os ministros das Finanças e governadores dos bancos centrais dos sete países mais industrializados (EUA, Canadá, França, Reino Unido, RFA, Itália e Japão) comprometeram-se, numa declaração comum, a «prosseguir as suas políticas visando manter a estabilidade das taxas de câmbio».

«A inflação está sob controlo» e a evolução actual da economia mundial vai no sentido de uma reabsorção dos desequilíbrios da balança de pagamentos», lê-se na declaração do «grupo dos sete». No mesmo documento, os representantes dos sete



notam «com satisfação» que os compromissos assumidos em comum e as políticas que têm sido seguidas, «produziram os resultados desejados».

O crescimento económico «prosseguiu a um ritmo mais forte do que se pensava no início do ano», acrescenta a declaração. O crescimento médio dos países industrializados em 1988 deverá ser de 3,9%, enquanto em Abril último se previa apenas 2,8%.

Falando aos jornalistas no final da reunião, o ministro das Finanças francês disse também que o «grupo dos sete» chegou a um acordo para aliviar o peso da dívida de 18 dos países mais pobres do mundo. Pierre Bérégovoy, referiu que os países credores membros do clube de Paris adoptaram já definitivamente as modalidades de redução da dívida, porpostas na última cimeira do «grupo dos sete», em Toronto. Aquele plano, dirigido aos 18 países mais pobres do mundo, nomeadamente da África sub-saariana, dá aos países devedores a possibilidade de escolherem entre um perdão parcial da dívida, a redução das taxas de juro ou a prorrogação dos prazos de reembolso. Estas medidas deveriam permitir aos estados mais pobres economizar reembolsos no valor total de 500 milhões de dólares por ano.

No entanto, no domingo, as posições adoptadas pelas principais nações industrializadas opuseram-se às propostas dos países em desenvolvimento em quase todos os pontos agendados para discussão.

O grupo dos onze mais industrializados (que além dos sete, reúne também a Bélgica, a Holanda, a Suécia e a Suíça), congratulou-se com a aceleração inesperada do crescimento económico em 1988 e manifestou a convicção de que essa aceleração contribuiu para a recente redução da diferença entre a dívida e as receitas da exportação dos países em desenvolvimento.

Pelo contrário, o presidente africano do Comité de Desenvolvimento do FMI e do Banco Mundial, Bernard Chidzero (do Zimbabwe) sublinhou num encontro com jornalistas que o mecanismo de transmissão do crescimento pelo comércio não parece funcionar como no passado. «Os países industrializados fazem mais comércio entre eles, os países em desenvolvimento perdem partes de mercado e a sua capacidade de importação já não é suficiente», disse Chidzero, deplorando o proteccionismo dos países ricos «cujo custo (para os países em desenvolvimento) representa duas vezes mais a ajuda recebida para o desenvolvimento».

Os países pobres mostram-se também preocupados com as «reações excessivas» aos receios de uma aceleração da inflação nos países ricos. Aqueles receios provocaram, no período Julho/Agosto, uma subida generalizada das taxas de juro, o que aumentou o custo dos reembolsos dos países endividados. Embora não façam previsões de uma subida das taxas de juro no imediato, os países ricos reafirmaram, no entanto, que o combate à inflação é uma prioridade, não excluindo a possibilidade de um encarecimento do crédito.

Os países do «grupo dos 24», que integra oito países da África, oito da Ásia e oito da América latina, pediu medidas «concretas e urgentes» para alterar os fluxos financeiros negativos, que fazem com que anualmente o Terceiro Mundo pague mais dinheiro aos países ricos do que deles recebe.

Entretanto, muito poucos bancos comerciais estão na disposição de aceder ao pedido do director-geral do FMI no sentido de decretar um perdão, ainda que parcial, sobre as dívidas do Terceiro Mundo. Os bancos já informaram mesmo o FMI de que não estão em condições de conceder aos países endividados o dinheiro fresco de que estes necessitam.

EMPRESAS

Cimentação cria infraestruturas

A empresa de cimentos Cimentação, dos Açores, iniciou esta semana a construção no porto da Praia da Vitória, na Ilha Terceira, de dois silos destinados a apoiar o abastecimento de cimento às ilhas dos grupos central e ocidental do arquipélago.

O novo entreposto da Cimentação está orçado em 700 mil contos, devendo ficar concluído no próximo ano. O projecto visa, em conjunto com a instalação em curso na ilha de S. Miguel de uma nova fábrica, garantir condições de abastecimento melhoradas em termos de «preço, regularidade e segurança», disse um responsável da empresa, que é participada pelas cimenteiras nacionais Cimpor e Secil e pelo Governo regional açoriano.

Companhia do Cobre teve resultado positivo

A Companhia Portuguesa do Cobre, SA registou no primeiro semestre deste ano resultados líquidos de 27 500 contos, recuperando de um prejuízo de 127 947 contos observado em período idêntico de 1987, anunciou a administração.

Para aquele resultado, «muito aquém do previsto», contribuíram vários factores, nomeadamente as grandes oscilações nas cotações dos metais e a estagnação que se vive no mercado de capitais, situação que não permitiu à empresa realizar resultados extraordinários como acontecera no primeiro semestre de 1987, referiu a administração da CPC.

O volume de negócios da empresa atingiu na primeira metade do ano 6,8 milhões de contos para um volume de 18 352 toneladas, o que significa um aumento relativamente a igual período de 1987 de 38 e 40 por cento, respectivamente.

Finagra: resultados recuam 66%

A Finagra, Sociedade Industrial e Agrícola, obteve resultados líquidos de 943 contos no primeiro semestre deste ano, contra 2801 contos em período homólogo do ano passado.

O volume de vendas cifrou-se em 14 127 contos nos primeiros seis meses, mais 76 por cento do verificado em período homólogo de 1987 (8039 contos).

Os investimentos ascenderam a 134 195 contos em 30 de Junho do ano em curso, sendo mais do dobro do registado em igual período de 1987. Deste montante, foram canalizados 71 por cento para instalações e 19 por cento para máquinas e equipamentos.

Durante este período, o capital social da Finagra passou de 675 mil contos para um milhão de contos, por incorporação de reservas de 225 mil contos e subscrição pública de 100 mil contos.

COTAÇÕES DE NOTAS E MOEDAS



CRÉDITO PREDIAL PORTUGUÊS

(Por Unidade)		
COTAÇÕES DE NOTAS	COMPRA	VENDA
ÁFRICA DO SUL (rand)	51\$30	57\$30
ALEMANHA FED. (marco)	81\$40	82\$60
AÚSTRIA (xelim)	11\$55	11\$75
BÉLGICA (franco)	3\$691	3\$941
BRASIL (cruzado)	\$259	\$459
CANADÁ (dólar — notas de 1 e 2)	125\$25	127\$75
(notas de 5 a 1000)	125\$75	128\$25
DINAMARCA (coroa)	21\$20	21\$60
ESPAÑA (peseta)	1\$194	1\$314
EUA (dólar — notas de 1 e 2)	152\$95	156\$45
(notas de 5 a 1000)	153\$45	156\$95
FINLÂNDIA (marka)	34\$40	35\$00
FRANÇA (franco)	23\$95	24\$65
HOLANDA (florim)	72\$20	73\$30
IRLÂNDIA (libra)	219\$30	223\$30
ITÁLIA (lira)	1\$098	1\$153
JAPÃO (iene)	1\$097	1\$152
NORUEGA (coroa)	22\$00	22\$50
REINO UNIDO (libra)	256\$30	260\$80
SUÉCIA (coroa)	23\$70	24\$20
SUÍÇA (franco)	96\$30	97\$80
VENEZUELA (bolívar)	3\$736	4\$536

OBSERVAÇÕES:

- 1 — No respeitante a moedas, estas cotações devem ser consideradas a título meramente informativo.
- 2 — Todas as operações de venda estão sujeitas ao imposto de 6 por mil.

Sou um português já um tanto antigo, portador de um bilhete de identidade com um número de ordem vergonhosamente baixo. Mas, a despeito de tudo e de todos, cá me vou aguentando (conforme me deixam).

Politicamente, fui «do contra» na era ante-74. O 25 de Abril foi, para mim, uma radiosa madrugada a que abri todas as janelas da alma, do corpo, da casa, e de tudo, afinal, ao mesmo tempo que andei pelas ruas a cantar, com o meu cravo vermelho ao peito, abraçando, numa alegria infinita, quem encontrarei pela frente. Eu sabia, no entanto — e bem! — que os portugueses de 24 eram os mesmos de 26 de Abril, com as suas deficiências de educação cívica e de mentalidade, de que não eram, aliás, culpados. De maneira que, pouco tempo depois, era outra vez «do contra». E com um pequeno intervalo na aurora de Sá Carneiro, ainda não consegui deixar de ser «do contra», agora já um pouco zangado, confesso, porque me vai faltando tempo de vida terrena (pela ordem natural das coisas) para ver este nosso amado Portugal como um País progressivo e feliz — que bem merece! — na Europa e no Mundo.

Entrámos na CEE, julgo que, outra vez, com a mira da «árvore das patacas». O auxílio já recebido é enorme, mas dele não tem resultado o que só poderia esperar quem não conhecesse as nossas carências de pessoas, de mentalidade e de estruturas. Aliás, não compreendo uma união económica como aquela que a Europa pretende realizar, sem que seja, simultânea e claramente, também política. Por outro lado, não acredito nos blocos económicos, «guerreando-se» mutuamente (Europa, EUA e Japão), mas sim no livre comércio entre os países livres do mundo.

Por tudo isto e porque me estão a ir valentemente à algibeira com os «amados» impostos, sem que eu lhes consiga encontrar uma taxa de rentabilidade razoável (e eu não sou nada mau em contas) para nós todos e porque não, para mim, tive uma ideia. Há até quem diga, por esta e por outra, que não sou idiota, mas sim ideiota.

Pensei eu: alguém tem que nos proteger, a nós os que vivemos, mais ou menos apertados, do nosso trabalho de cada dia. Os políticos (e aparentados) continuam mais interessados nos seus «poleiros», nos seus interesses pessoais, nas suas questões e nos seus partidos, do que no nosso bem colectivo, porque foi para isto que os elegemos (não foi?). É claro que há excepções (felizmente algumas, embora poucas), mas são só para confirmar a regra.

Tudo ponderado, resolvi propor aos meus concidadãos, por este meio, a fundação do novel SINPOC — SINDICATO NACIONAL DOS PORTUGUESES E OFÍCIOS CORRELATIVOS, em que, espero, muitos se filiem. E poderão filiar-se, acentuo, sem qualquer discriminação de raça, credo ou filiação política.

O SINPOC, como não pode deixar de ser, será livre e democrático e não fará parte de qualquer central sindical (nada de confusões!)

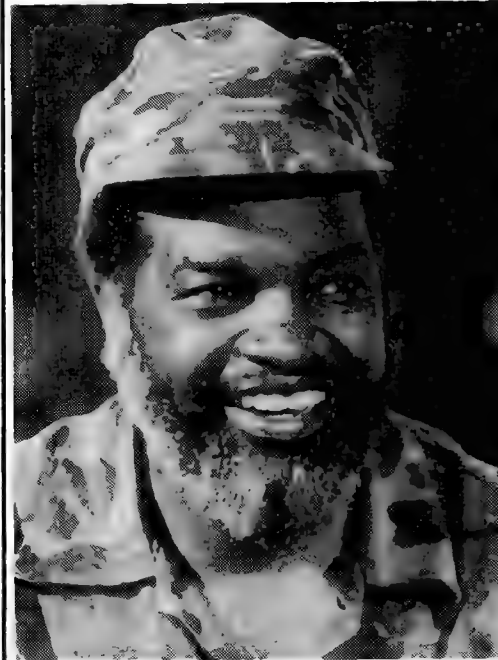
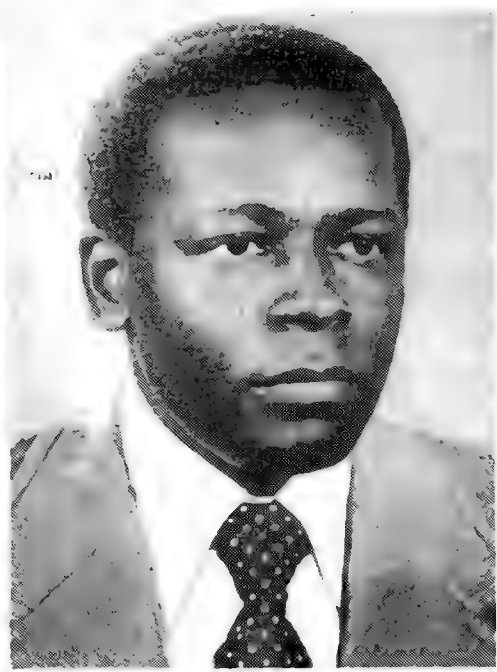
Com a filiação no SINPOC, e como primeira regalia básica, serão fornecidos aos novos membros, sem qualquer encargo, fechos de correr para aplicarem em todas as algibeiras (de dentro e de fora) dos respectivos fatinhos. Assim, ninguém nos poderá meter a mão nas nossas algibeiras sem a nossa licença.

Mais: o SINPOC solicitará imediatamente fazer parte do Conselho de Concertação Social e apresentará, nesta sede, um duro Caderno Reivindicativo dos portugueses e ofícios correlativos.

Enfim, vai ser uma alegria para a família, para as criancinhas e para os adultos e afinal, para todos nós.

Ah!, já me esquecia: uma vez por ano, no 25 de Abril, O SINPOC oferecerá aos seus membros uma monumental sardinhada, com vinho à descrição, tudo acompanhado a fadinho do mais selecto. E a festa começará, como não pode deixar de ser, com a Portuguesa, cantada em coro, seguida da «Grândola, Terra Morena». E as quotas, dirão? Bem, o SINPOC não é esquisito, nem rouba ninguém, não senhor, pelo que cada um dá o que quiser e achar que o Sindicato merece, pelas suas acções a favor do bem comum. Eis tudo, irmãos. Inscrevam-se no SINPOC através do nosso «Diário de Lisboa» — uma das poucas vozes independentes na nossa pobre Comunicação Social — pelo telefone, escrito, a pé, de automóvel, de gatas, ou como quiserem.

E fazem o favor de serem felizes, 'tá bem?!



Em primeiro plano: Pieter Botha, Jonas Savimbi, José Eduardo dos Santos, Sam N'Joma, Joaquim Chissano, Nelson Mandela

ÁFRICA AUSTRAL NA ENCRUZILHADA

Carlos Adriano Rodrigues

Pouco a pouco a velha dicotomia ideológica Ocidente-Leste, ou Capitalismo/Comunismo, tem-se vindo a esbater e uma outra realidade, a cinco ou talvez a seis, se tem vindo a afirmar: Estados Unidos, Europa, União Soviética, China e Japão. Por debaixo da oposição ideológica clássica — cruzam-se interesses díspares já que nem sempre alinham no mesmo bloco potências que pela ideologia parecem unidas. Assim o acordo União Soviética / Estados Unidos para o desmantelamento de mísseis, pôs um pouco em causa a filosofia da segurança europeia, totalmente garantida pelos Estados Unidos. O Japão e os Estados Unidos, a Europa e os Estados Unidos, o Japão e a Europa, envolvem-se em guerras comerciais com muita frequência, que podem levar a um exacerbar do proteccionismo.

A União Soviética e os Estados Unidos aperceberam-se que tinham assumido compromissos excessivos que punham em causa a sua capacidade, levando-os a afectar à «defesa» verbas que a pouco e pouco se vão tornando insustentáveis. Entretanto países como o Japão e a Alemanha Ocidental ganham em competitividade e assumem-se como países credores, enquanto o seu orçamento de defesa é proporcionalmente muito reduzido. Daí que os Estados Unidos os pressionem no sentido de assumirem as suas responsabilidades a nível de defesa. Só que

eles não aceitam de bom grado tal papel, porque ele poderia suscitar velhos fantasmas como o expansionismo germânico e o expansionismo nipónico, o que complicaria as suas relações com países da sua área de interesses económicos.

Por sua vez a União Soviética vê-se perante problemas graves devido sobretudo à estagnação e corrupção do tempo de Brejnev e ainda às distorções da sua economia, que assentava numa política de desperdício de energia. Possuidora de grandes reservas de petróleo, inicialmente extraído a baixos custos, estes não entraram em conta como significativos na produção industrial. O choque petrolífero de 1973 só afectou a URSS pelo lado positivo, na medida em que aumentou os seus rendimentos nas vendas de petróleo, mas a energia empregue para gerar a mesma quantidade de PNB era muito superior na União Soviética em relação aos países ocidentais e Japão. Agora que a produção de petróleo na União Soviética sai mais cara, por os poucos em exploração exigirem maiores investimentos, e os rendimentos do petróleo serem cada vez menores, dada a baixa de preços no mercado mundial, o desperdício de energia enquanto factor de produção interna, começa a ter significado. Com o carvão passa-se fenómeno semelhante e mesmo a energia nuclear passou a ser mais cara, dado que Chernobyl obrigou a maiores despesas de investimento para obter

maior segurança nas centrais em funcionamento, ao mesmo tempo que origina uma quebra de produção, pela paralisação da própria central de Chernobyl. Só no gás conseguiu a União Soviética uma alternativa para alimentar os seus hábitos de energia barata, mas é natural que os seus dirigentes não queiram repetir os erros cometidos com o petróleo e o carvão, e pretendam rentabilizar o emprego da sua produção.

Assim, temos os Estados Unidos com um défice do comércio externo e um défice orçamental impressionante, que ainda por cima são financiados com o aumento da dívida pública e a importação de capitais e a União Soviética com graves problemas de reestruturação da sua indústria e da sua agricultura, com necessidade de importação de novas tecnologias e com necessidade de, para esse efeito, fazer investimentos para os quais não dispõe de meios.

Tudo isto leva os Estados Unidos e a União Soviética a procurarem descomprometer-se dos conflitos regionais em que se encontram envolvidos. Tanto mais que o apaziguar dos conflitos regionais faz diminuir os riscos de uma guerra nuclear desencadeada por terceiros. O Paquistão, Israel e a África do Sul são países que hoje ou já produzem ou têm capacidade de vir a produzir bombas atómicas e os conflitos regionais em que estão envolvidos dão-lhes boas desculpas para insistirem nessa orientação. Só que a

disseminação de armas nucleares aumenta enormemente os riscos de um conflito generalizado, risco que as superpotências não querem correr.

Assistimos assim a os Estados Unidos abandonarem os «contras» da Nicarágua e Savimbi e a deixarem bem claro que não apoiam a Renamo, ao mesmo tempo que facilitaram a retirada soviética do Afeganistão, enquanto a União Soviética impulsiona a saída dos cubanos de Angola, dá garantia indirecta à África do Sul (não esquecer a missão de Strauss junto de Botha), apoia a saída dos vietnamitas do Camboja, e recua sensivelmente na sua teoria da soberania limitada, cara a Brejnev, no que respeita aos países do Leste europeu. Não há dúvida que existe uma política concertada no descompromisso militar das duas superpotências em áreas sensíveis da sua influência e uma dessas áreas é a África do Sul.

A África Austral

A República da África do Sul tem-se comportado como uma potência regional africana, ligada embora aos Estados Unidos. Com efeito não impediu, para além das manobras razoáveis para ganhar tempo, o acesso de nenhum país africano à independência. Não se opôs à independência de Moçambique, apesar de alguns colonos brancos terem jogado na sua intervenção (caso do 7 de Setembro de 1974). Não se opôs frontalmente à independência do Zimbábue. A sua primeira intervenção em Angola foi apadrinhada pelos Estados Unidos e destinava-se a colocar no poder outra força política que não o MPLA. Claro que apoiou a Renamo e ainda apoia, embora discretamente, Savimbi. Mas nestes apoios já não se nota sequer a intenção de fazer substituir o poder de Luanda ou Maputo, mas antes a preocupação de ter um meio de pressão sobre países vizinhos, para lhes fazer compreender que é mais compensador o entendimento com a República da África do Sul do que a guerra aberta.

Nem sempre os cálculos das autoridades sul-africanas saem certos e alguns reveses explicam a boa vontade e a boa-fé com que parecem querer negociar agora o problema da Namíbia. É muito importante não esquecer que o Sudoeste Africano (Namíbia) era uma colónia alemã, que as Forças Armadas sul-africanas ocuparam durante a Guerra de 1914-18, tendo mais tarde a Sociedade das Nações conferido um mandato à então União da África do Sul. Na cláusula 22.^a dos Estatutos da Sociedade das Nações a função do país mandatado era «a sagrada garantia da civilização». Foi no sentido de desenvolver este princípio, que as Forças Armadas sul-africanas mantiveram sempre, na Namíbia, um perfil discreto, não se imiscuindo na política interna nem aparecendo como um braço armado do governo.

As Forças Armadas sul-africanas, se bem que tivessem lutado contra revoltas de negros e mulatos que ocorreram no território entre 1926 e 1932, estiveram quase sempre do bom lado da história no desempenho do seu papel na Namíbia: contra os alemães em 1914/18 e novamente na Guerra de 1939/45.

Todavia na sua queixa perante o Tribunal Internacional de Justiça, contra a África do Sul pela forma como se desempenhava do mandato, a Libéria e a Etiópia acusavam a República Sul-Africana de violar a cláusula militar do mandato, queixa que não foi aceite pelo Tribunal.

Depois da decisão do Tribunal da Haia, seguiu-se o desencadear da guerrilha pela SWAPO, alegando não ser possível resolver a questão pacificamente. Em 27 de Outubro de 1966 a ONU revogou o mandato e a partir daí, e a pouco e pouco, as Forças Armadas sul-africanas foram-se afastando dos princípios que nortearam o mandato, aperfeiçoaram-se na contra-guerrilha, organizaram forças de combate à base de populações locais.

A independência de Angola veio agravar a situação e permitir o desenvolvimento da acção da SWAPO. Em consequência, Pretória arranja um aliado na região (SAVIMBI), ocupa zonas do Sul de Angola e desenvolve operações mais ou menos demoradas, que já nem sequer se podem justificar com o direito de perseguição.

Apesar de tudo existe um sentimento no exército sul-africano de que a Namíbia não é território da República e que portanto não há que sacrificar vidas sul-africanas por ela, para além dum certo limite. Em todo o caso a África do Sul ainda julgou que poderia, com Savimbi, abalar o poder do MPLA em Luanda.

Um Du Toit em Cabinda

Um técnico soviético, viajando em Cabinda,

descobriu certo dia o rasto deixado por uma unidade sul-africana. Avisadas as tropas angolanas, emboscaram a unidade e prenderam o capitão Wynaud du Toit, mataram dois outros comandados, tendo escapado os restantes. Segundo as próprias afirmações de Du Toit, a sua missão era fazer explodir uma refinaria, fazendo atribuir tal acção às forças de Savimbi. Se Du Toit não tivesse sido apanhado, a economia de Angola ficaria de rastros, e provavelmente a manutenção das forças cubanas em Angola, financiadas pelo petróleo, seria posta em causa. Mas a verdade é que a operação, ambiciosa nos seus objectivos, falhou rotundamente.

Mais tarde a operação Askari — que a África do Sul definiu como uma limitada operação destinada a anular bolsas de forças da SWAPO nas suas tradicionais rotas de infiltração na Namíbia, veio a revelar-se como muito mais ambiciosa do que isso, porquanto tinha por principal objectivo a cidade de Lubango e provavelmente seria o início da arrancada para Luanda. Os próprios sul-africanos, depois de terem resolvido limitar as operações e mesmo diminuir a sua importância, chamaram jornalistas para lhes mostrar, com a exibição do material apreendido, de documentos confiscados, que era evidente que do lado angolano a operação tinha sido dirigida por conselheiros soviéticos e cubanos. A verdade é que na operação Askari à África do Sul teve grandes surpresas e chegou à conclusão que não dominava já os céus. Os seus aviões eram vulneráveis aos mísseis SAM e o tipo de material empregue por cubanos e angolanos fazia prever que as baixas sul-africanas iriam aumentar.

Em 1983 os sul-africanos dispõem-se a abandonar Angola, contra o compromisso dos angolanos de controlar a SWAPO e de a impedir de atacar a Namíbia. Chegou-se mesmo a um acordo em Lusaca e foi estabelecida uma Comissão Mixta do Controlo, para avaliar da execução do acordo. Mas a retirada dos sul-africanos foi muito mais lenta do que se previa e entrecortada de operações que, embora anunciadas como para anular infiltrações da SWAPO, se destinavam a impedir a aniquilação de Savimbi.

Nestas operações uma vez mais se confirmou que as forças angolano-cubanas dispunham de

armamento sofisticado fornecido pela URSS capaz de criar problemas sérios aos sul-africanos. Mas a União Soviética, na fase da «perestroika», não tem grande interesse em prolongar uma guerra que custa caro e em que, ou o material que fornece não é pago, e isso causa-lhe prejuízos que não está disposta a suportar, ou é pago e a guerra atingirá tais dimensões que a economia angolana não poderá aguentar, transformando Angola em mais um país de miséria e de fome. Por isso é bem possível que se a SWAPO se dispuser a disputar eleições na Namíbia como um partido político e se for obtida uma solução para o problema que representa Savimbi e se os cubanos começarem a retirar de Angola — a paz na região seja um facto.

Cabora-Bassa, do outro lado...

Pela primeira vez o presidente Botha, e o seu ministro dos Estrangeiros Pik Botha, vê alguma possibilidade de travarem o avanço da extrema-direita que, embora pareça estranho, os acusa de querer entregar o país à maioria negra e reclama um «apartheid» puro, com os brancos a mandar sem ambiguidades. A Paz é um grande trunfo eleitoral — e aproximam-se eleições na África do Sul.

Por isso o presidente Botha foi ao Songo encontrar-se com o presidente Chissano de Moçambique. Reafirma o espírito de N'Komati, dá os toques finais ao acordo para reconstruir a linha de transporte de energia e dá garantias de protecção das barragens e da linha.

E desta vez é provável que tudo isto seja realizado, já que a África do Sul pretende, fundamentalmente, desencorajar a aplicação das sanções, que têm criado algumas dificuldades.

A libertação de Nelson Mandela

Se as políticas de apaziguamento em Angola e de aceitação da independência da Namíbia, bem como a de boa vizinhança com Moçambique, forem bem sucedidas, é indubitável que o próximo passo será a libertação de Nelson Mandela, o qual, condenado a prisão perpétua no julgamento de Rivónia, juntamente com mais 8 co-

acusados, entre os quais Walter Sisulu e Govon Mbeki, tem desde então sido um solitário habitante das prisões de alta segurança da África do Sul, entre as quais a de Robben Island.

A condenação de Mandela é talvez o erro mais duradouro da política sul-africana. Mandela, um advogado natural do Transkei e membro do ANC, admitiu durante o julgamento ser o fundador da organização «Umkonto we Sizwe» (a lança da Nação) que se destinava a promover a luta violenta contra o «apartheid» e reconheceu ter preparado um plano de sabotagem. Mas explicava a sua adesão à violência, quando até aí a sua luta fora unicamente por meios pacíficos, porque «fora da violência nenhum outro caminho se abria ao povo africano para lutar contra o 'apartheid'». Todos os modos de oposição legal a este sistema tinham sido interditos. «Nós estávamos numa situação em que era imposto ou aceitar um estado permanente de inferioridade ou aceitar o desafio do governo». Mandela explicou então ao tribunal que tendo decidido passar à acção violenta, dada a impossibilidade de ter uma acção pacífica, mesmo assim a acção violenta escolhida, a sabotagem, o fora porque «não implica perda de vidas humanas e é preferível para salvaguardar o futuro das relações inter-raciais».

Negando ser comunista, Mandela explicou ao tribunal qual a razão por que trabalhava com os comunistas sul-africanos: «As divergências teóricas, na nossa luta contra a opressão, são um luxo que não podemos permitir-nos. Por outro lado os comunistas foram, durante décadas, o único grupo político na África do Sul que tratou os africanos como seres humanos iguais».

Enquanto na prisão, Nelson Mandela, pelo seu comportamento, pela sua resistência e pela sua coragem, deixou de ser um simples «leader» e passou a ser um mito. Ninguém hoje se lembra do Dr. Percy Yutor, então o terrível procurador da República que para ele pediu a pena de morte, nem do juiz Quartus de Wet que, usando da única benevolência que se podia permitir, lhe deu prisão perpétua. Mandela esse é um símbolo. E o governo da África do Sul, mais cedo ou mais tarde, vai ter que o devolver ao seu povo. E esse passo será importante para a diminuição da tensão na África Austral.



Cabora Bassa: um dos fulcros da questão

Hirohito: situação estacionária

O imperador do Japão, Hirohito, sofreu durante a madrugada de hoje mais uma hemorragia interna, mas o seu estado mantém-se sem alterações, informou o Palácio Imperial. O imperador deverá ser submetido esta tarde a mais uma transfusão sanguínea. Desde que adoeceu há sete dias, o paciente recebeu um total de 2600 centímetros cúbicos de sangue. O dia mais crítico foi sábado quando teve várias hemorragias e a sua febre atingiu os 39,2 graus. Entretanto, mais de 300 000 pessoas continuam concentradas frente ao palácio, orando pelas melhoras do imperador, apesar da chuva intensa que se tem feito sentir. Funcionários da Casa Imperial disseram que o imperador sofreu hemorragias na parte superior do aparelho digestivo e mostra sintomas de icterícia, doença produzida pela acumulação de biliar no sangue.

Síria rejeita Governo libanês

A Síria rejeitou o Governo militar cristão libanês, empossado há três dias pelo presidente cessante, Amin Gemayel, manifestando-se a favor do Executivo declarado pelos líderes muçulmanos e agravando assim a divisão político-religiosa do país. Na sua edição de ontem o jornal pró-governamental sírio «Al-Thawra» descreve o Executivo cristão libanês chefiado pelo comandante do Exército, general Michel Aoun, como «um golpe de Estado militar contra a legitimidade». Reproduzindo a posição do Governo chefiado pelo presidente sírio, Hafez Assad, o editorial acrescenta: «Este Governo não só constituiu um golpe de Estado contra as instituições estatais e legislativas, como é também um golpe contra a transformação histórica destinada a eleger um novo presidente e a abrir caminho à reconciliação e salvação nacional».

Chuvvas matam na Índia

Chuvvas torrenciais atingiram vastas áreas da Índia provocando a morte de trinta e seis pessoas e arrastando para o mar de Bombaim cento e trinta pescadores, revelou a agência noticiosa indiana (UNI). A televisão indiana anunciou que os pescadores desapareceram nos últimos três dias. Referiu ainda que a maior parte das vítimas foram arrastadas com as casas destruídas, sobretudo, das zonas de Himachal, no Estado de Pradesh.

Situação no Haiti

A Conferência Episcopal do Haiti pediu o desarmamento dos «tonton-macoute» e o afastamento de outros colaboradores dos regimes Duvalier do Governo, na sua primeira reacção do golpe de Estado do dia 17.

A conferência, de dez membros, disse num comunicado transmitido ontem pela rádio que o novo governo haitiano — liderado pelo general Prosper Avril, um colaborador dos Duvalier por grande parte do seu regime de 29 anos — poderá conduzir a uma verdadeira libertação do povo caso actue devidamente.

«O povo não quis uma mudança de caras mas uma mudança do sistema político» quando obrigou o presidente vitalício Jean-Claude «Baby Doc» Duvalier a fugir do país em Fevereiro de 1986, disseram os bispos.

Execuções na China

Vinte pessoas condenadas por delito comum foram executadas em Pequim e Cantão, no espaço de uma semana — revelou um jornal chinês. O «Diário de Pequim» informou que Zhou Yunhong, de 24 anos, operário do Jardim Zoológico da capital chinesa foi condenado por violar uma mulher e que Zhang Jun foi executado por homicídio. Dois camponeses de Pequim foram executados por violação de uma jovem e despojo dos seus bens. As restantes pessoas foram executadas por delitos vários, tendo ainda sido condenadas 75 a prisão perpétua.

Craxi defende Governo palestino

O dirigente socialista italiano, Bettino Craxi, manifestou-se em Argel partidário de um governo palestino provisório e de uma futura confederação jordano-palestina. Bettino Craxi falava no final de uma sessão de trabalho com o ministro argelino dos Negócios Estrangeiros, Taleb Ibrahim. O dirigente socialista visitou anteriormente Rabat e tencionava deslocar-se a Tunes e Trípoli. Referiu que pretende conhecer melhor a posição actual dos seus interlocutores sobre os problemas do Médio Oriente, Norte de África e Mediterrâneo.

Neofacistas processados

Cento e quarenta e nove neofascistas italianos começam a ser julgados hoje nos tribunais de Roma acusados de terem praticado vários atentados terroristas entre 1978 e 1983. O chamado «julgamento máximo contra o terrorismo negro» efectuar-se-á «sala bunker», assim denominada devido às extraordinárias medidas de segurança que a enquadram, do primeiro tribunal criminal romano. Os processados são acusados de numerosos delitos, em que se incluem sequestros, agressões e atentados, todos assumidos publicamente por grupos neofascistas.

Os conflitos étnicos na URSS

ARMÉNIOS EM GREVE DE FOME PARA APRESSAR SOLUÇÃO

Quinze pessoas encontram-se em greve de fome na capital da Arménia, como forma de sensibilizar o governo central soviético para a solução da disputa do território Nagorni-Karabakh. Segundo Ter-Petrosian, membro do Comité Karabakh, cerca de 300 mil pessoas voltaram ontem à Praça da Ópera, em Erevan, para exigirem a mesma reivindicação.

Quarenta deputados do Soviète Supremo da Arménia assistiram à concentração pacífica da população, que se faz desde há vários dias na capital Arménia, Erevan, exigindo que o Parlamento da República Soviética tome alguma decisão que permita a reincorporação na Arménia do território de Nagorni-Karabakh, dependente do Azerbaijão desde 1923.

O líder soviético Mikhail Gorbachev afirmou sábado em Moscovo que «não serão toleradas desordens».

«A ordem deve prevalecer e as leis devem cumprir-se» — disse o líder soviético.

Ter-Petrosian referiu que a

intenção da população concentrada na praça é continuar a greve geral e esclareceu que as tropas e os blindados, que rodeiam a Praça da Ópera, não impediram a reunião das pessoas.

A televisão soviética mostrou ontem imagens de camponeses arménios trabalhando e informou que a actividade no campo prossegue com normalidade.

Manifestação na Jugoslávia

Cerca de 150 mil jugoslavos manifestaram-se na cidade industrial sérvia de Nis na maior demonstração antialbanesa dos últimos dois meses a propósito do conflito étnico e social de Kosovo.

A agência oficial jugoslava Tanjug referiu todavia que os manifestantes seriam 300 mil e, citando fontes policiais, adiantou que a acção foi o maior protesto colectivo surgido no país desde a Segunda Guerra Mundial.

A Tanjug assinalou que os manifestantes gritavam «slogans» tais como: «Dêem-nos armas», «Deixem-nos caminhar sobre Kosovo», «Morte aos nacionalistas albaneses» e «Kosovo é da Sérvia».

A manifestação foi a mais participada e a última de uma série coordenada de acções organizadas pelo líder do partido comunista da Sérvia, Slobodan Milosevic.

Detenções na Checoslováquia

A Polícia checoslovaca prendeu quarenta pessoas, depois de ter disperso um grupo de centenas, concentradas na Praça Wenceslau, em Praga, que a cantar, exigiam liberdade política e a retirada das tropas soviéticas.

Dezenas de polícias fardados exigiram a identidade das pessoas e afastaram a maioria dos jovens que circundavam a estátua do rei Wenceslau no topo da praça.

A intervenção das autoridades policiais checas ocorreu vinte minutos depois do início da concentração e quarenta minutos depois a praça vazia, era patrulhada pelas forças policiais.

A Polícia ameaçou de expulsão vários jornalistas estrangeiros que ali se encontravam, caso não se retirassem de imediato.

Entre as pessoas detidas, Tomas Dvorak, de 23 anos, membro fundador da Associação para a Paz, gritou os nove pontos de uma petição apresentada na manifestação de Agosto.

O fim da censura, eleições livres e retirada dos soviéticos, são exigências que foram subscritas por mais de cinco mil pessoas.

Dvorak foi acusado de desordeiro, na sequência das manifestações do mês passado e poderá vir a enfrentar doze anos de prisão.

Cantonais francesas

Quase metade do eleitorado absteve-se

O índice de abstenção na primeira volta das eleições cantonais francesas ronda os 50 por cento, revelam as primeiras estimativas oficiais. Nestas eleições, 19 milhões de franceses foram às urnas para eleger os 2000 membros dos conselhos regionais das províncias, organismos responsáveis por funções administrativas, económicas e sociais.

Os primeiros dados sobre as eleições divulgados pelo Ministério francês do Interior revelam que a abstenção atingiu 46,34 por cento do eleitorado, a taxa de abstenção mais elevada dos últimos 40 anos.

De acordo com os mesmos dados, o Partido Socialista francês obteve 25 por cento dos votos, os comunistas 16,66 por cento, o movimento dos radicais de esquerda 1,85 por cento, outros agrupamentos políticos de esquerda 3,57 por cento e a extrema esquerda 0,21 por cento.

Os ecologistas obtiveram 1,64 por cento dos votos, enquanto a coligação de direita RPR-UDF alcançou 31 por cento e a Frente Nacional, de extrema direita, conseguiu 3,31 por cento e outros grupos de direita, 16,6 por cento.

Nestas eleições, registam-se as votações nos departamentos com movimentos nacionalistas como o basco e o corso, onde o nível de participação foi dos mais altos, 60 por cento.

Presidenciais norte-americanas

Debate entre Bush e Dukakis termina sem vencedores

O primeiro debate entre os candidatos às presidenciais norte-americanas George Bush e Michael Dukakis terminou hoje sem «vencedores» apesar das primeiras sondagens darem ligeira vantagem ao aspirante democrata à Casa Branca.

Uma sondagem efectuada pela cadeia de Televisão ABC deu a Dukakis uma vantagem de 44-36 por cento em relação a Bush no final do frente-a-frente entre os dois rivais na corrida para a Casa Branca.

No meio de uma grande expectativa e com 100 milhões de norte-americanos como audiência, Bush e Dukakis defenderam os seus programas eleitorais sem cair em grandes erros mas sem expressar ideias inovadoras ou novas estratégias.

Bush manteve a sua tática de rotular Dukakis como um liberal progressista e atacou-o sobretudo pela sua falta de experiência em matéria de relações externas.

O candidato democrata foi mais agressivo, castigando o vice-presidente Bush nos seus pontos mais fracos: o escândalo Irão-contras, o general Noriega, do Panamá, e o candidato à vice-presidência, Dan Quayle, cuja escolha, disse, foi um grande «equivoco».

O debate, que durou mais de 90 minutos, teve alguns momentos de grande cordialidade mas também incluiu algumas respostas duras por parte dos candidatos, em especial quando Bush atacou o patriotismo de Dukakis referindo-se à sua oposição ao projecto de lei que obrigaria a rezar a oração de graças nas escolas e ao envio de tropas para o Vietname.

A Dukakis couberam as melhores observações sobre política externa e a respeito do aborto. Criticou reiteradamente Bush por ter negociado com o «homem forte» do Panamá, general Manuel Antonio Noriega e por não se ter oposto à troca de armas por reféns com o Irão.

O vice-presidente respondeu que estava disposto a assumir toda a responsabilidade se lhe fosse concedido metade do crédito pelos progressos para a paz mundial obtidos pela administração Reagan.

A respeito do Panamá, Bush disse que, como país, não tinha nada contra essa nação e salientou que sete governos norte-americanos anteriores à administração Reagan-Bush mantiveram contactos com Noriega.

O candidato democrata defendeu-se como pode dos ataques de Bush no sentido de que era dema-

siado inexperiente para negociar com o líder soviético Mikhail Gorbachev.



Os candidatos pelos democratas e republicanos às presidenciais dos EUA, respectivamente Michael Dukakis e George Bush, cumprimentam-se antes de iniciarem o seu debate televisivo.



Aspecto de uma multidão de haitianos celebrando o reaparecimento em público do padre Jean Bertrand Aristides, que havia desaparecido na sequência do golpe de Estado do general Prosper Avril.

Um rapaz de 19 anos, que diz ser vampiro, foi considerado culpado por crime de homicídio primário, por ter morto um homem através da sucção do seu sangue. Timothy Erickson contou ao tribunal de Minneapolis, Minnesota, nos Estados Unidos, que antes do assassinio, e ele e dois companheiros pensaram em encontrar uma vítima, abrir-lhe os pulsos e sugar-lhe o sangue. Os dois companheiros, de 13 e 17 anos, aguardam ainda julgamento. No momento da prisão, os três jovens disseram cultivar o vampirismo depois de terem visto o filme "Os rapazes perdidos" sobre um "gang de jovens vampiros". O julgamento de Timothy prossegue hoje, devendo ser averiguado o seu estado mental no momento do crime.



Aspecto de uma multidão concentrada junto ao cemitério de Vostryakovo, para comemorarem o 47º aniversário das vítimas das execuções em massa perpetradas pelos nazis na II Guerra Mundial, na zona de Kiev, na Ucrânia.

Turquia: emenda constitucional rejeitada mas Ozal continua

O primeiro-ministro turco, Turgut Ozal, disse que o Partido da Pátria continuará no Governo, apesar do resultado do referendo de ontem sobre a emenda constitucional que adiantaria para Novembro eleições locais marcadas para Março. Ozal, que na semana passada declarou que deixaria a política caso o partido no governo não recebesse suficiente no referendo a favor da alteração das datas eleitorais, declarou hoje firmemente que não se afastará da governação. «Manter-nos-emos no poder por mais quatro anos. O resultado é bastante satisfatório para nós», disse o Primeiro-Ministro, conservador e pró-occidental, numa alocução pela televisão. «Contra o ANAP (Partido da Pátria) nenhum dos outros partidos foi capaz de se tornar uma alternativa, nem mesmo nas piores condições para nós». Quase dois terços dos votos de domingo foram contra a emenda constitucional, que adiantaria as eleições locais de Março do próximo ano para Novembro. Segundo dados provisórios, votaram a favor da emenda 35,1 por cento dos eleitores, por comparação com os 36,3 por cento do eleitorado de 26,6 milhões de turcos que elegeu Ozal nas eleições gerais de Novembro passado. O partido de Ozal tem 292 dos 450 lugares do Parlamento. Os partidos da oposição consideraram o referendo um voto de desconfiança em Ozal, cuja política económica liberalizante levou a inflação para 78 por cento.

Manifestação contra regime de Pinochet

Dezenas de milhares de pessoas deram ontem as mãos, formando um gigantesco «cordão pela paz», em várias zonas de Santiago do Chile, a cerca de 10 dias do plebiscito presidencial. «Os chilenos querem a paz», cantavam os manifestantes, que pacificamente transformaram a capital chilena num festival de cor, oferecendo flores e fazendo o sinal da vitória perante as autoridades policiais. Os manifestantes, entre 90 a 100 mil pessoas, formaram um cordão humano de cerca de 58 quilómetros que passava pela Praça de Itália e pelas principais ruas da capital. A manifestação foi promovida por uma organização ligada à Igreja Católica, designada Cruzada Cívica, e que tem feito uma campanha de educação cívica em zonas pobres sobre o plebiscito de 5 de Outubro, no qual os chilenos vão dizer «sim» ou «não» ao candidato único presidencial. Entretanto, o advogado de defesa do bispo chileno Carlos Camus, que tem sido vítima de ameaças de morte pelo facto de ter anunciado publicamente que votaria «não» a Pinochet, anunciou que interpus um recurso de protecção judicial para o seu constituinte.

Irão limpa o Golfo

Draga-minas, mergulhadores e helicópteros iranianos que procedem à detecção de minas percorreram já cerca de 130 quilómetros quadrados nas zonas norte e central do golfo pérsico-arábico — disse uma fonte naval. Numa entrevista concedida à Rádio Teerão, captada em Nicósia, um comandante da Marinha iraniana manifestou-se optimista quanto à possibilidade de terminar a operação de limpeza do golfo até ao fim desta semana. A mesma fonte acrescentou que as autoridades iranianas procederam já à limpeza das águas territoriais iranianas — sem precisar, contudo, quantas minas foram encontradas — e investigam agora em águas internacionais. As operações começaram quinta-feira da semana passada, data do oitavo aniversário da invasão iraquiana, facto que o Irão e fontes militares consideram que desencadeou a guerra do golfo.

Quadripartidas em Brazzaville

OFENSIVA CONTRA UNITA ABRE NOVA RONDA DE NEGOCIAÇÕES

Antonio Mateus

Lusa

A recente ofensiva de Luanda contra posições da UNITA constitui o tema de abertura da sétima ronda quadrilateral sobre a paz no Sudoeste Africano, que se inicia hoje em Brazzaville.

Fontes da delegação de Pretória disseram à agência Lusa que esta sessão iniciará-se a cerca das nove horas locais, com a África do Sul e os Estados Unidos a abrirem uma série de encontros bilaterais.

No centro das operações, que decorrem no Hotel M'Bamou, onde se encontram hospedadas todas as delegações, estão os mesmos líderes da ronda anterior, assessorados pelos respectivos chefes de Estado-Maior das Forças Armadas.

O sul-africano, Neil Van Heerden, vai pedir explicações ao angolano António França (Ndalu) e ao cubano Carlos Aldana, sobre aquela que é considerada uma nova ofensiva, comandada por Moscovo, destinada a supri-

mir a UNITA, ou, pelo menos, a garantir uma posição mais forte na mesa de negociações.

O informador da Lusa acrescentou que só após a clarificação deste ponto será abordado o calendário de retirada das tropas cubanas, à semelhança do sucedido na ronda anterior.

Recorda-se que há duas semanas, em Brazzaville, o reforço do contingente cubano, desmentido por Luanda e Havana, mas confirmado por fontes norte-americanas, trouxe a desconfiança de volta à mesa das negociações, fazendo recuar novo adiamento do processo de independência da Namíbia.

O secretário-geral das Nações Unidas, Perez de Cuel-

lar, manifestou-se optimista na manutenção do calendário para implementação da resolução 435/78 da ONU, após os contactos que manteve em Pretória e Luanda, mas a questão de fundo, a retirada cubana, continua por acertar.

A digressão de Cuellar produziu avanços significativos, em questões delicadas como o financiamento do processo, orçado em cerca de 700 milhões de dólares, e a garantia da ONU num tratamento isento para os 48 partidos namibianos, durante o processo eleitoral.

Esta posição, exigida por Pretória, representa uma aparente cedência das Nações Unidas, que ainda recentemente consideravam a Swapo como «único interlocutor válido» do povo namibiano.

O «fantasma» comunista, que a África do Sul pretende «exorcizar» a todo o custo da Namíbia, defronta, mais uma vez, o ministro da Defesa, Ma-

gnus Malan, que em declarações citadas pela Imprensa do seu país avisou que «a bandeira vermelha jamais (ali) será içada».

A ausência de jornalistas sul-africanos em Brazzaville e a manutenção de um director-geral (Van Heerden) no comando das operações, traduzem as reservas de Pretória quanto aos resultados possíveis de conseguir até quarta-feira, data prevista para o termo desta ronda.

Entre os 12 e os 36 meses exigidos respectivamente por Pretória e por Havana, para retirada completa das tropas cubanas, mantém-se um fosso, cuja redução drástica se impõe em Brazzaville.

Fontes oficiais referiram à Lusa que o fracasso de um acordo no Congo comprometerá seriamente o calendário proposto em Genebra, ou seja, o início do processo a 1 de Novembro e eleições na Namíbia em Junho de 1989.

China convida Gorbachev para uma cimeira

A China vai convidar o líder soviético, Mikhail Gorbachev, para uma cimeira de alto nível em Pequim dentro dos próximos seis meses — revela um matutino de Hong-Kong.

Segundo o «South China Morning Post», que cita o «Guardian», a decisão foi tomada durante o encontro do Comité Central do Partido Comunista Chinês que decorre em Pequim até quinta-feira.

«Deng Xiaoping está muito velho para viajar, pelo que o secretário-geral do partido, Zhao Ziyang, vai convidar

Gorbachev para visitar Pequim este ano ou no início de 1989», refere a mesma fonte.

A notícia do «Guardian» segue-se ao discurso proferido pelo dirigente soviético em 16 de Setembro na Sibéria, em que afirmou que o seu país está preparado para iniciar contactos com vista a uma cimeira a realizar no mais curto espaço de tempo.

A cimeira Gorbachev-Deng poderá ser um dos principais temas a abordar, em Nova Iorque, na próxima semana,

quando os ministros dos Negócios Estrangeiros da União Soviética e da China se reunirem nas Nações Unidas, escreve ainda o «South China Morning Post».

Na semana passada, o primeiro-ministro chinês, Li Peng, anunciou que a China e a União Soviética haviam concordado numa solução para o problema do Camboja, apesar de subsistirem algumas divergências a superar.

O Afeganistão, o Camboja e a presença de tropas soviéticas na fronteira com a China

são as três grandes questões levantadas por Pequim para a não existência de relações mais estreitas com Moscovo.

Segundo diplomatas em Pequim, citados pelo «Guardian», a recente proposta feita por Gorbachev em relação à segurança e cooperação na região da Ásia/Pacífico, nomeadamente a desactivação das bases norte-americanas nas Filipinas e soviéticas no Vietname poderá ser um dos temas principais da cimeira com Deng Xiaoping.



Aspecto de uma das manifestações realizadas na capital da Arménia, pela integração de Nagorno-Karabakh.



O ressurgir dos nacionalismos nos países de Leste

ARMÉNIOS EM "PÉ-DE-GUERRA" ENFRENTAM "EMERGÊNCIA"

Jorge Ferreira

A reiterada recusa do Soviete Supremo da URSS em satisfazer a exigência arménia de anexação de Nagorno-Karabakh teve como resposta um recrudescimento da agitação naquele território autónomo. A situação atingiu proporções tais que, no passado dia 17, as autoridades soviéticas viram-se na necessidade de adoptar "medidas de emergência" (proibição das manifestações, recolher obrigatório e um reforço de tropas) para restabelecer a calma. Não obstante este panorama, os arménios (do enclave de Karabakh e da República da Arménia) não se desmobilizaram, iniciando uma greve geral portempo indeterminado, cujas consequências estão ainda por apurar. Um outro país de Leste que ultimamente está a ser palco de conflitos étnicos é a Jugoslávia, onde o ressurgimento dos nacionalismos sérvio e albanês assume particular gravidade num país com uma economia extremamente debilitada.

Os confrontos entre arménios e azerbaijanis em Nagorno-Karabakh, e na localidade vizinha de Akdam, atingiram o "rubro" no domingo, dia 17. Embora oficialmente não haja notícias de vítimas (a região esteve isolada durante alguns dias), um residente contactado pela agência France-Press disse que teriam ficado feridas 70 pessoas, algumas com gravidade, admitindo-se ainda a existência de quatro mortes, em consequência dos distúrbios.

A agência oficial Tass afirmou que nesse fatídico dia foram incendiados alguns edifícios e numerosos automóveis.

O ministro soviético dos Negócios Estrangeiros, Edward Shevardnadze, justificando as medidas de excepção, declarou que elas estão contempladas na Constituição da URSS e que visam apenas pôr fim aos confrontos étnicos naquela região.

O diário espanhol "El País", citando fontes do Comité Karabakh, revelou por seu turno que a revolta nacionalista, no dia 17, incluiu tiroteio nas ruas: um autêntico pandemónio, com habitações a arder e muitas pessoas (arménios e azerbaijanis) numa peleja incontrolável. Estes acontecimentos, que segundo a mesma fonte assumiram características de uma "miniguerra civil", alastraram à vizinha Susha, onde foi incendiada uma igreja e várias escolas arménias.

A estrada que liga Nagorno-Karabakh à Arménia foi cortada por piquetes azerbaijanis e assim se manteve por alguns dias; esta situação fez crescer a tensão em Erevan, capital da Arménia, onde as notícias sobre os incidentes eram escassas, sobretudo devido à interrupção das ligações telefónicas e ao encerramento da zona aos jornalistas, nacionais e estrangeiros.

Em Erevan, as ruas estavam cheias de manifestantes (perante o olhar impassível dos soldados que patrulhavam quarteirão por quarteirão), vendo-se dezenas de bandeiras da Arménia independente.

Essa multidão exigiu que o Soviete Supremo (Parlamento) da Arménia reiterasse o pedido de separação de Nagorno-Karabakh, já feito, mas repetidas vezes recusado por Moscovo.

Os confrontos do dia 17 foram os mais graves em sete meses de conflito por causa de Nagorno-Karabakh.

Os arménios constituem 76 por cento dos seus 162 mil habitantes e têm forte ligação histórica com o enclave, que foi integrado no Azerbaijão em 1923.

Os arménios são sobretudo cristãos e os azerbaijanis muçulmanos xiitas. Os dois povos têm ainda diferenças linguísticas e culturais.

De referir que as tropas de reforço enviadas por Moscovo têm-se mantido à margem dos

incidentes étnicos, limitando-se a patrulhar as ruas e a proteger os edifícios públicos.

Movimentos nacionalistas

Com o ressurgimento do sentimento nacionalista arménio, multiplicaram-se os grupos empenhados na luta que, como dissemos, tem revestido as formas de greves, manifestações e comícios.

No dia 29 de Maio foi criado o novo Comité Karabakh (a partir de um anterior com o mesmo nome). Nas suas fileiras militam 11 intelectuais, entre os quais Ashot Manucharian, Levon Ter Petrossian e Valeri Enguibarjan.

Este grupo nasceu na sequência da exigência do Soviete Supremo de Nagorno-Karabakh (em 20 de Fevereiro último) da reunificação com a Arménia.

Mas o mais próximo das posições de Gorbachev é o Conselho Social de Ajuda à Perestroika, em que participa a poetisa Silva Kaputikian. Este movimento tenta manter uma posição moderada, enquanto que no outro extremo estão os independentistas da União Nacional de Autodeterminação. Este último foi criado no ano passado, por P. Aikrikian, expulso da URSS. Actualmente é dirigido por Varach Arakelian, Movces Gorchician e Mejak Grabilian. O seu programa, de quatro pontos, visa: "a

prevenção do genocídio ecológico; a reunificação de todos os territórios arménios; o renascimento da cultura arménia; e a reunião de todos os arménios na sua pátria".

Todos estes movimentos reivindicam o seu carácter de "frente popular" e os respectivos dirigentes admitem a possibilidade de colaborarem entre si para unificar a luta.

As autoridades moscovitas, ao rejeitarem mais uma vez, em Julho último, as reivindicações territoriais dos arménios, aprovaram em contrapartida um plano de abordagem de exigências (do enclave) relacionadas com a habitação, hospitais, escolas e instalações culturais arménias.

Mas o evoluir dos acontecimentos vem demonstrar que o conflito de Nagorno-Karabakh, pela firmeza e união dos arménios, irá provavelmente exigir a curto prazo um novo tipo de abordagem pelas autoridades de Moscovo.

Recusar a concretização dos anseios populares, pura e simplesmente, nada resolve, antes pelo contrário. Mas aqui colocase um dilema aos dirigentes da URSS (que não querem fazer uso da força para resolver o problema): ou endurecem a sua posição e são acusados de retrocesso em relação aos objectivos da "perestroika"; ou cedem. Mas esta cedência, é quase certo, abrirá um precedente que poderá levar

ao aparecimento de uma série de reivindicações do mesmo tipo, de outras repúblicas. Tal situação poderia assumir uma amplitude difícil de controlar, conduzindo a sucessivas cedências. E no final, a uma alteração substancial da divisão geográfica da URSS, não se podendo pôr de parte outro tipo de exigências "impossíveis" de satisfazer.

Por isso Moscovo se mantém firme e ao mesmo tempo na expectativa. Talvez na esperança de que um melhoramento das condições de vida locais possa esbater (ou mesmo acabar com) as actuais exigências arménias.

Jugoslávia: a estabilidade ameaçada

Por outro lado, na Jugoslávia, as tensões já existentes nas seis repúblicas federadas, são agravadas pela agudização dos conflitos entre os sérvios-montenegrinos e os albaneses da província de Kosovo. Mas é sobretudo o acerbado sentimento nacionalista sérvio que está na origem dos problemas.

A minoria sérvia e montenegrina (10 por cento aproximadamente), diz-se vítima de uma perseguição contínua por parte dos albaneses. E afirma que nos últimos 20 anos essa perseguição obrigou muitos sérvios-montenegrinos a abandonarem a região.

Os ânimos estão de tal modo exaltados em Kosovo, que a presidência colegial jugoslava enviou para a zona reforços policiais para assegurar a paz e proteger os sérvios e os montenegrinos.

Ao mínimo incidente entre elementos das etnias em confronto, surgem gigantescas manifestações de protesto que, não raro, dão origem a novos conflitos.

O chefe do partido sérvio, Slobodan Milosevic (muitas vezes acusado de ser ambicioso, megalómano e demagógico), afirma que a solução do problema de Kosovo passa pela revisão radical da Constituição jugoslava de 1974, que concedeu ampla autonomia não só àquela província, como também a Vojvodine, ambas consideradas parte autónoma da Sérvia.

Milosevic pretende que esses territórios sejam restituídos aos sérvios, o que, a seu ver, poria fim às ambições albanesas, que desde 1981 reivindicam o estatuto de república para Kosovo.

Mas os habitantes de Vojvodine opõem-se encarnadamente a qualquer uma destas pretensões.

A Croácia e a Eslovénia são duas regiões que reclamam uma descentralização e, consequentemente menos directrizes de Belgrado, na convicção de que só desse modo poderão escapar ao marasmo económico em que o país globalmente está mergulhado.

O representante da Croácia na presidência colegial, Josip Vrhovec, considera que toda a agitação naqueles territórios "é intolerável numa sociedade civilizada".

Também os mais altos responsáveis da presidência da Liga dos Comunistas em Belgrado condenam os distúrbios dos últimos meses.

Contudo, as autoridades centrais, na Jugoslávia, dispõem de um poder muito limitado em relação às várias repúblicas e não está portanto totalmente nas suas mãos uma decisão que ponha cobro aos conflitos. Neste país, só uma solução consensual poderá resolver o problema que, actualmente, põe em perigo a já frágil estabilidade das repúblicas federadas, que constituem a pátria consolidada pelo marechal Tito.

Tudo estava preparado para a grande consagração do brasileiro Ayrton Senna, mas a festa teve que ficar adiada, eventualmente para Jerez de la Frontera ou para a Austrália. Um Prost em excelente forma, igual a si próprio, apoderou-se do comando logo no início da corrida, ganhou algum avanço e depois limitou-se a gerir essa vantagem. Senna, com problemas de chassis, foi-se atrasando cada vez mais. Depois, uma mudança de pneus, precipitou-o do terceiro para o sexto lugar. Surpreendente foi a prova do italiano Ivan Capelli, que terminou na segunda posição e chegou mesmo a constituir uma ameaça para Alain Prost. Obteve a sua melhor classificação de sempre e de*monstrou ser um dos mais talentosos pilotos da nova geração.

Grande Prémio de Portugal

O REGRESSO DE PROST



Estoril: o pódio e a festa



págs. 26 a 29



No jogo maior da rodada, o Sporting conseguiu (apesar da noite negra do guarda-rodas Rodriguez, que fez empalidecer a sua estrela em proveito de Vítor Damas, um homem da casa que tem sido obliterado por Pedro Rocha) levar de vencida um Vitória de Setúbal cheio de personalidade. Aqui temos o tento três dos setubalenses (obra de Aparício) e o desempate leonino, por graça e obra de Oceano.



Nacional de futebol

ÁÍ ESTÁ O LEÃO DE BIGODAÇA EM RISTE

Neves de Sousa

Áí está, com as unhas em riste, o leão prometido por Jorge Gonçalves aos sportinguistas na hora em que, sem necessitar de ajudas de lugar-tenentes de ocasião, atirou com o farfalhado bigode como emblema para boas conquistas e rapidamente ganhou uma popularidade verdadeiramente invejável, aqui e além aproveitada (em boleia) por amigos que, por certo, só estarão a seu lado na hora das conquistas: e este momento marca (real e inofensivamente) o possível e belo início de um ciclo de ouro do «homem da bigodaça», o grande autor da quebra de marasmo em que viajava, a caminho de um túnel de fundo negro, o Sporting que autênticos leões muito amam. No instante em que Alvalade atinge o topo da tabela pontual do nacional futebolístico da mais fina água, saúde-se o «team» de Pedro Rocha sem esquecer que a aposta de Jorge Gonçalves está pegando ouro na roleta.

Mas foi muito discutido (e bem esforçado) o sucesso leonino sobre um Vitória de Setúbal em que um rapazito, intempestivamente jogado fo-

ra do naipe em que cintilava, ganhou novo direito a regressar à selecção de todos os portugueses: chama-se Rui Jordão, tem 36 anos e será pura injustiça se o técnico Juca o deixar de fora no próximo compromisso da turma rubro-verde. Uma equipa em que, este Sporting imponente e um Vitória de Setúbal igualmente arrogante, vão ter contributo de valia e alto peso.

Ainda no sábado, um pequeno escândalo: em casa própria, o Boavista foi duplamente baleado por um Nacional que dispõe de Dino, das melhores coisinhas que têm surgido por estas bandas.

Toque de florete no coração axadrezado: se chegar o impacto do sabre, o Boavistão fica a meio da viagem que vinha implantando para uma conhecida Europa.

Espremido o limão belenense ou esperada sacudida de juba por parte do Farense rei da selva? O certo é que Mortimore travou o passo, a ausência de José Mário bem explorada nos últimos exames a que esteve sujeito o «onze» da Cruz de Cristo. Não é impunemente que, antes de cada teste, se observam à lupa as potencialidades do novo parceiro de calendário: e, nisso, José Augusto não mora nas covas.

Depois do brilhante do Nacional, todas as palmas para o Marítimo: depois de ter suportado, durante largo lapso do relógio, a supremacia benfiquista apontada em golo por Vata, não baixou os braços e foi por aí fora, até que (a um escasso minuto do último silvo arbitral) o tento de Paulo Ricardo reconduziu o grupo que mora no coração de António Henriques e Manuel Fernandes à paridade na balança.

Precisamente o mesmo equilíbrio que presidiu a dois outros duelos: em mau jogo, no Fontelo, com os «dragões» parecendo divorciados do tom atacante que caracterizava os seus impulsos mais recentes, em estádio onde as mais elementares condições de trabalho para a Comunicação Social persistem como solicitação deitada às urtigas por quem deveria dar uma olhadela no assunto, o Académico logrou um ponto, mas o espectáculo foi tão fraco que até a plateia entendeu que o próprio árbitro (Alder Dante) também se tinha quedado pelo mediocre. Na Amadora, cumprindo um ciclo pouco de acordo com a potencialidade de um punhado de «craques» recrutados a peso de ouro, o Estrela não conseguiu fugir do colete de forças que lhe foi implantado

pelo Fafe: o zero absoluto é prémio para o bloco de dirigentes da estirpe de Fernando Barros, ficando como pequena mágoa no coração de José Gomes e seus parceiros amadores, talvez perturbados pela fraca colheita até agora recolhida na corrida para onde arrancaram com esperança de todo o tamanho.

Por desfecho idêntico (1-0) os penafidenses ultrapassaram flavienses e, em Guimarães, baixou estandarte o Beira Mar. Normalidade absoluta: boa réplica de quem batia à porta, leve (mas suficiente) vantagem de quem colocava os talheres na mesa.

Finalmente, por três golos de vantagem, o Portimonense encostou ao paredão o Leixões, tal como (em Espinho) os «tigres da Costa Verde» travaram o impulso bracarense. Não fora este triunfo alguma cabeça poderia bailar em terra algarvia, não sucedesse este sucesso e Espinho moraria no rés-do-chão do esguio edifício que está sendo construído sobre aquele tremendo erro de juntar vinte emblemas na mesma panóplia: para os do costume, renunciando a quebra de qualquer pedaço da história antiga, lá estarem no alto do pódio. Quem foi que disse que a antiguidade não é um posto?



Portugueses no 9.º dia

Álvaro Silva e Diogo Madeira estabelecem novos "máximos"

Álvaro Silva bateu o recorde nacional dos 800 metros, mas ficou a oito centésimos de segundo da final dos Jogos Olímpicos.

Este foi o resultado mais significativo dos portugueses no nono dia dos jogos, no qual foi estabelecido um máximo nacional na natação por Diogo Madeira nos 200 estilos.

Álvaro Silva gastou o tempo de 1.45,12 minutos nos 800 metros e Diogo Madeira nadou a distância em 2.10,21 minutos.

O judo português estreou-se em Seul, por intermédio de Re-

nato Santos, que venceu o espanhol Carlos Sotillo, mas perdeu com o chinês Zang Guojun.

José Leitão, no comprimento (6,99 metros) e João Lima, nos 110 barreiras (14,73 segundos), desiludiram, tal como a nadadora Sandra Neves, nos 200 estilos (2.18,29 minutos). Os três portugueses obtiveram marcas inferiores ao seu normal.

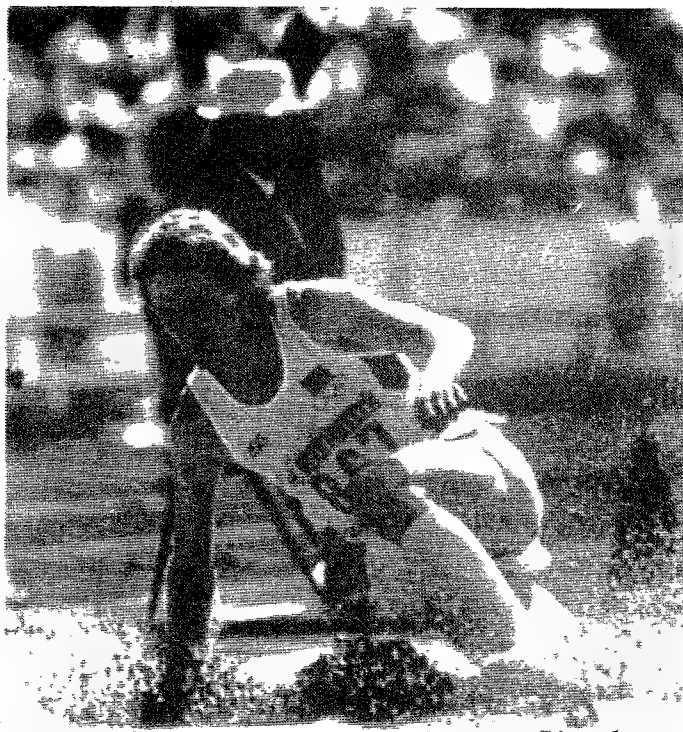
Em Pusan realizou-se a quinta regata da classe «star» adiada de sábado, e os portugueses Monteiro de Barros e Henrique

Anjos classificaram-se em 14.º lugar, depois de revista a tabela, ocupando o 15.º posto da classificação geral.

Luís Calíço classificou-se em 9.º lugar na regata de prancha à vela.

Foi até ao momento a melhor classificação conseguida pelo representante português que nas anteriores provas ficou em 23.º, 26.º, 14.º e 15.º respectivamente.

Na classificação geral, Calíço encontra-se na 20.ª posição com 117 pontos.



José Leitão no salto em comprimento



Naim Suleymanoglu: seis reco

O acender e apagar das estrelas



Daniela Silivas (Roménia): ouro nas paralelas assimétricas

O barreirista Edwin Moses e a tenista Chris Evert, dois «velhos» mitos do desporto norte-americano e mundial, caíram do seu pedestal nos Jogos Olímpicos de Seul, ao serem derrotados pela nova geração de campeões.

Moses e Evert, que por coincidência têm a mesma idade (33 anos), tiveram, contudo, comportamentos diferentes, pois o atleta norte-americano conseguiu, apesar de tudo, a medalha de bronze dos 400 metros barreiras, enquanto Evert foi afastada sem compensações na terceira ronda do ténis pela italiana Raffaella Reggi, pelos parciais de 2-6, 6-4 e 6-1.

Moses, que correu com um «colar da sorte», oferecido por sua mulher, algo supersticiosa, viu terminar o seu reinado de 12 anos quando o seu compatriota Andre Phillips cortou a meta em primeiro, com o tempo de 47,19.

Mais humilhante para Moses, campeão e recordista mundial (47,02), foi ainda o facto de a medalha de prata ter ficado na posse do «desconhecido» senegalês Dia Ba, cronometrado em 47,23.

«Há 12 anos que admiro Moses. É uma grande honra poder suceder-lhe como campeão olímpico. Para mim Moses foi a motivação, o incentivo, o meu ídolo» — referiu o novo campeão olímpico dos 400 barreiras.

Mas se Moses foi deposto, Florence Griffith Joyner foi coroada «rainha» dos 100 metros femininos, com 10,54, novo máximo olímpico que fica a escassos centésimos do recorde mundial que também lhe pertence.

Na ginástica, a romena Daniela Silivas fez recordar Nadia Comaneci nos Jogos de Montreal-76, ao recolher três das quatro medalhas de ouro nas

finais dos concursos individuais por aparelhos, eclipsando as suas rivais soviéticas.

Silivas foi ouro nas paralelas assimétricas, trave olímpica, e exercícios no solo, deixando escapar apenas o ouro no salto de cavalo, onde a eleita foi Svetlana Boginskaya (URSS).

Sete notas máximas (10) fizeram Silivas igualar o recorde olímpico de Comaneci, dando à ginástica uma perfeição e uma beleza raras de conseguir.

A nadadora Kristin Otto, da RDA, sempre insaciável no que toca a medalhas de ouro, nadou a caminho da sexta, ao ficar em 3.º lugar nas eliminatórias de 50 metros livres.

A chinesa Gao Min, campeã do mundo de saltos para a água, colecionou medalha de ouro olímpica nesta modalidade, ao somar 580,23 pontos, contribuindo para que a China se tornasse, até ao momento, o país asiático com mais ouro na Olimpíada.

No hóquei em campo feminino, Estados Unidos e Canadá, duas das equipas favoritas, deraparam na prova e falharam o apuramento para as meias-finais, com os «carrascos» a serem a Grã-Bretanha e RFA, respectivamente.

Socos poderosos, ao estilo «Rocky», deram aos pugilistas norte-americanos Michael Carbajal (48 quilos) e Romallis Ellis (60), vitórias «relâmpago» sobre um vietnamita e um «boxeur» do Mali, que ficaram algo desmotivados com a eliminação e com a dura sova que apanharam.

A ribalta olímpica vê nascer em Seul novas estrelas, enquanto outras se apagam e algumas, poucas, resistem aos anos e ao ataque dos novos.

Kristin Otto, 22 anos, nadadora da RDA, é a primeira mulher a conquistar seis medalhas de ouro numa competição olímpica e nem o norte-americano Mats Biondi, seu companheiro de modalidade, lhe pode fazer sombra, pois dos sete galardões que conquistou só cinco foram de ouro, falhando a reedição da proeza de Mark Spitz.

No último dia na piscina

olímpica, o quarteto norte-americano bateu uma vez mais o recorde mundial dos 4x100 estilos, com 3.36,93, no único ouro do dia para a decepção da delegação dos Estados Unidos.

Se novas «estrelas» emergem das águas olímpicas, outras mergulham nelas, como a norte-americana Mary Meagher, que teve três ouros em Los Angeles, mas chorou ao perder os 200 metros mariposa para Kathleen Nord, da RDA.

Quem resiste é o soviético Vladimir Salnikov, 28 anos, o «cruzador» que 12 anos depois voltou a ganhar os 1500 metros livres olímpicos.

Na ginástica feminina, a «vingança» romena sobre as soviéticas campeãs colectivas teve como arma Daniela Silivas, prata no torneio por equipas mas ouro em três dos quatro aparelhos individuais — paralelas assimétricas, trave e solo — deixando apenas o salto para uma soviética, Svetlana Boguinskaiia com a grande derrotada a ser Elena Chuchonova, da URSS.

No atletismo, o norte-americano Andre Phillips sucedeu ao campeão Erwin Moses, 33 anos, que perdeu os 400 metros barreiras onde durante longos anos foi invencível. Moses foi terceiro, batido ainda pelo senegalês Dia Ba, o primeiro atleta africano a ganhar uma medalha nos Jogos de Seul.

Com sonhos a nascer e outros a chegar ao fim, o nono dos 16 dias olímpicos de Seul viu a delegação soviética a aumentar para 68 medalhas, 30 das quais de ouro, contra 38 dos Estados Unidos, 12 das quais de ouro. URSS e República Democrática Alemã «açambarcam» 130, 55 das quais de ouro.

Nas modalidades colectivas, entretanto, alguns torceiros chegaram à fase decisiva.

No futebol, a surpresa Zâmbia não passou às meias finais, batida pela RFA por 4-0. A RFA vai defrontar o Brasil, vencedor da Argentina (1-0) para discutir um lugar na final. O outro sairá do confronto entre URSS e Itália. Ou seja, no futebol estão nas meias finais os favoritos.

Casos e figuras dos Jogos

EDWIN MOSES

O norte-americano Andre Phillips, estudante da Universidade de UCLA, em Los Angeles, entrou na história dos Jogos Olímpicos e do atletismo mundial, não só por ter ganho a medalha de ouro nos 400 metros barreiras em Seul mas por ter destronado Edwin Moses.

Phillips, de 28 anos, tornou-se o 3.º atleta em dez anos a conseguir derrotar o seu compatriota Edwin Moses, campeão dos 400 metros barreiras que vencera antes 122 provas em que participara.

Os dois atletas que antes haviam derrotado Moses foram Harald Smidt, da Alemanha Federal, em Agosto de 1977, e Danny Harris em Junho de 1987, respectivamente em Berlim e em Madrid.

Moses foi ainda batido em Seul pelo senegalês El Hadj Dia Ba, que ganhou a medalha de prata.

Mary Meagher: bronze e lágrimas

Mary Meagher, uma das melhores nadadoras de mariposa de sempre, terminou a sua carreira desportiva com uma medalha de bronze e lágrimas de frustração pelo 3.º lugar na final dos 200 metros mariposa, nos Jogos de Seul.

«Talvez tenha passado a minha época», disse tristemente Meagher, tricampeã olímpica em Los Angeles e actual recordista mundial dos 100 e 200 metros mariposa.

Retorno com vergonha

Os nadadores norte-americanos Troy Dalbey e Doug Gjertsen, medalhas de ouro dos Jogos de Seul, vão regressar mais cedo a casa — informou a representação dos Estados Unidos às Olimpíadas.

Dalbey e Gjertsen, membros da equipa que quarta-feira estabeleceu um novo máximo mundial dos 4x200 metros livres, não poderão sair dos seus aposentos na aldeia olímpica até deixarem Seul, logo que as au-

toridades sul-coreanas o permitam.

Os dois atletas e um outro norte-americano, Ernest Mangwi Jr., foram detidos pela Polícia sul-coreana e interrogados durante sete horas, por alegado roubo de uma cabeça de leão em mármore de um hotel de Seul.

Chris Evert foi eliminada

A norte-americana Chris Evert viu desfazer-se o seu sonho de conquistar uma medalha no ténis nos Jogos Olímpicos de Seul, ao ser afastada na terceira ronda pela italiana Raffaella Reggi.

Evert (33 anos), segunda cabeça de série da competição olímpica, foi derrotada pela tenista transalpina pelos parciais de 2-6, 6-4, 6-1, numa partida que teve a duração de uma hora e 54 minutos.

Israelitas mandados para casa

Os dirigentes da delegação israelita ordenaram a dois velejadores que regressem ao seu país por terem violado a proibição de competir no dia do «Yom Kippur», o dia mais sagrado do ano judeu.

Os irmãos Dan e Ran Torten vão ser retirados das competições de vela na classe 470 a decorrer em Pusan, a Sul de Seul, acrescentou o presidente da delegação de Israel, Uri Afek.

Afek explicou que a decisão de afastar os velejadores foi ponderada durante vários dias, após o que os dirigentes concluíram que os irmãos Ram não respeitaram o apelo para que participassem na prova sem intuídos competitivos.

Os outros 17 atletas da delegação israelita aos Jogos de Seul abstiveram-se de competir no dia do «Yom Kippur» que, pela primeira vez, coincidiu este ano com as olimpíadas.

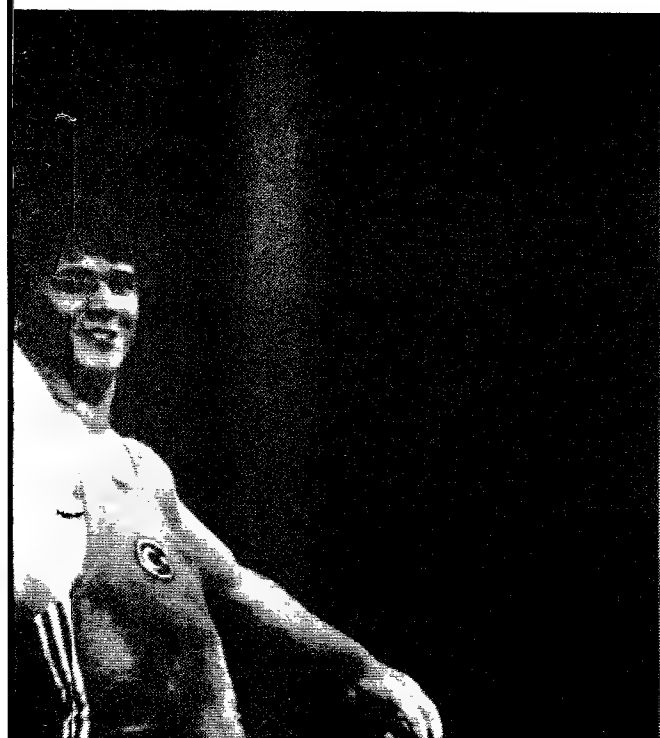
Alguns atletas apurados para os jogos, não se deslocaram Coreia do Sul por saberem partida que as provas cruciais das suas provas coincidiam com o



AS MEDALHAS

Quadro de medalhas dos jogos após dezasseis dias de provas:

	OURO	PRATA	BRONZE	TOTAL
União Soviética	31	16	25	72
Rep. Dem. Alemã	26	20	18	64
Estados Unidos	12	15	12	39
Hungria	8	4	2	14
Bulgária	7	7	6	20
Alemanha Federal	7	6	5	18
Roménia	5	9	6	20
Itália	4	2	3	9
China	3	8	9	20
Grã-Bretanha	3	4	6	13
Coreia do Sul	2	3	5	10
Checoslováquia	2	2	-	4
Noruega	2	1	-	3
Jugoslávia	2	-	2	4
Holanda	2	2	-	4
Austrália	1	4	3	8
Polónia	1	3	3	7
Japão	1	2	3	6
França	1	2	2	5
Finlândia	1	1	2	4
Canadá	1	1	2	4
Dinamarca	1	1	-	2
Nova Zelândia	1	-	6	7
PORTUGAL	1	-	-	1
Quênia	1	-	-	1
Suriname	1	-	-	1
Turquia	1	-	-	1
Suécia	-	2	3	5
Suíça	-	2	1	3
Costa Rica	-	1	-	1
Chile	-	1	-	1
Senegal	-	1	-	1
Espanha	-	-	2	2
Bélgica	-	-	1	1
Grécia	-	-	1	1
Marrocos	-	-	1	1



lu: ses recordes mundiais



Pugilismo: nos Jogos: Henry Maske (RDA) candidato a ouro

SES: A QUEDA DO ÍDOLO

dia mais respeitado pelo judaísmo.

Confusão aumenta

O pugilista norte-americano Todd Foster terá que repetir o combate que realizou com o sul-coreano Chun Jin-Chul.

Decorria o 1.º assalto quando o pugilista coreano parou e desguarneceu a sua guarda julgando ter ouvido o «gong», mas que de facto era do ringue ao lado e nessa altura foi atingido por dois golpes de Todd Foster que o fizeram cair no tapete.

Após alguns minutos de confusão e de vaias dos adeptos locais, o árbitro Sandor Pajar, da Hungria, declarou nulo o combate, que será repetido.

Vários pugilistas têm declarado ter sido confundidos por sons devidos à realização simultânea de vários combates no mesmo pavilhão.

O vencedor do combate entre Foster e Chun Jin-Chul passará aos quartos-de-final.

Mais «doping»

O Comité Olímpico Internacional anunciou a desclassificação de mais dois halterofilistas nos Jogos Olímpicos de Seul por análise positiva no controlo «antidoping».

Tratam-se do húngaro Kalman Csengeri, categoria de médios (75 quilos) e do espanhol Fernando Mariaca, categoria meios-médios (67,5 quilos).

Os testes mostraram que o halterofilista húngaro usou Stanozolol, esteróide anabolizante para fortalecer os músculos, enquanto o espanhol ingeriu pemoline, anfetamina estimulante proibida pelos regulamentos.

Acabou-se o embelezamento das pernas

A afluência ao salão de beleza da Aldeia Olímpica aumentou consideravelmente depois de o nadador zimbabueano Graham Tompson ter decidido entrar ali para depilar as pernas. Os seus adversários, claro está não quiseram ficar-lhe atrás. E foi a avalanche. Os funcionários do salão é que não estiveram com «meias me-

didas», e acabaram por cancelar esta «nova forma de atendimento».

Cidadão que é são não cospe no chão

Agora, durante os Jogos Olímpicos, as ruas de Seul estão mais limpas do que nunca, sobretudo devido a uma série de medidas preventivas tomadas pelas autoridades sul-coreanas. Quem for apanhado a cuspir no chão, já sabe: é multa pela certa. E as infracções mais graves à higiene da capital olímpica estão sujeitas a prisão preventiva que pode ir até 29 dias.

Muda de roupa é «cena chocante»

Alguns dos nadadores começaram a mudar de roupa logo após a saída da piscina. Mas a organização é que não esteve «pelo ajustes», considerando tal uma «cena chocante», pelo que mandou colocar um aviso pedindo-lhes para utilizarem as cabinas especialmente concebidas para o efeito. Há já quem compare, de certo modo, esta situação à vida na Grécia Antiga: os homens competiam nus, mas as mulheres não podiam nem ver, quanto mais participar.

Hoje Na RTP

1.º Canal

18.00 — 19.20 — Sumário A
22.30 — 00.50 — Atletismo e Sumário B.

2.º Canal

19.30 — 21.55 — Judo (65 kg) e halterofilismo (100 kg).

Amanhã

1.º Canal

08.00 — 10.00 — Ciclismo (homens final-estrada).

18.00 — 19.20 — Sumário A.
22.30 — 00.50 — Saltos de alto voo (homens-final), judo (71 kg), halterofilismo (110 kg) e Sumário B.

2.º Canal

19.30 — 21.55 — Hipismo (final-dressage ind.) e esgrima (homens florete-final)

Completo a prova de ginástica com a perna partida

A ginasta canadiana Lori Strong, de 16 anos, concluiu os exercícios no solo da competição de ginástica dos Jogos Olímpicos com a perna direita partida.

No final da prova, Strong foi ao centro médico queixar-se de uma dor na perna direita e ficou surpreendida com o diagnóstico: a perna está partida e precisa

de cerca de seis semanas para recuperar.

«Não percebi que a perna estava partida. Senti uma dor durante os exercícios no solo, mas consegui concluir a prova», disse a ginasta.

Agora, Lori Strong limita-se a passear na aldeia olímpica numa cadeira de rodas empurrada por colegas de equipa.

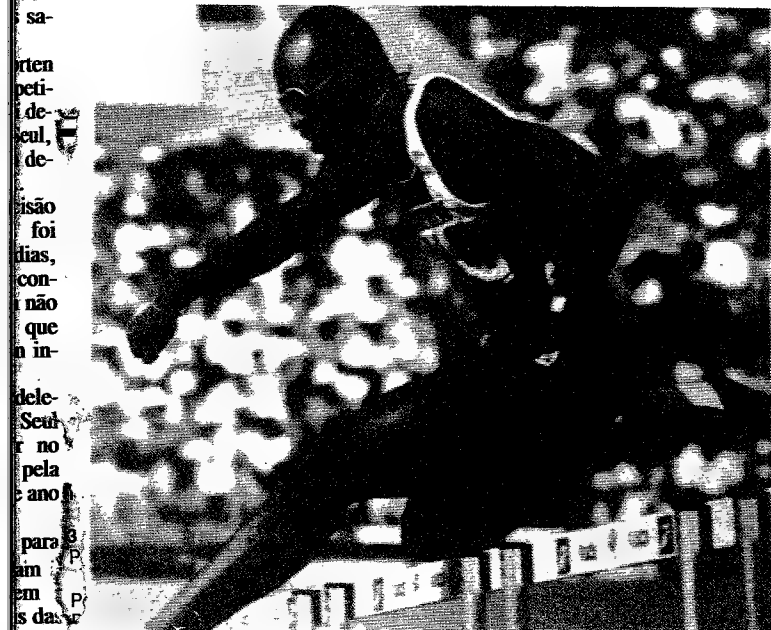


Kristin Otto (RDA)

Os que mais subiram ao «pedestal»

Entre as grandes vedetas que mais se tem distinguido em Seul o destaque principal vai para a nadadora da RDA, Kristin Otto que fez izar a bandeira por 6 vezes. Vejamos os que mais treparam ao mais cobiçado pedestal:

	Ouro	Prata	Bronze
Kristin Otto (RDA-natação)	6	0	0
V. Artemov (URSS-ginástica)	4	1	0
Mat. Biondi (EUA-natação)	3	1	1
Janet Evans (EUA-natação)	3	0	0
D. Bilezertchev (URSS-ginástica)	3	0	1
V. Lioukine (URSS-ginástica)	2	2	0
S. Kharikov (URSS-ginástica)	2	0	0
Silke Hoerner (RFA-natação)	2	0	1
Daniela Hungor (RFA-natação)	2	0	1
G. Umaras (URSS-ciclismo)	2	0	0
E. Shuchunova (URSS-ginástica)	2	0	0
J. Martinek (Hungria-pent. moderno)	2	0	0
Troy Dalbey (EUA-natação)	2	0	0
Katrin Meissner (EUA-natação)	2	0	0



Edwin Moses: um estudante bateu o mestre



Os Olímpicos -8 (Amesterdão 1928)

Mulheres conquistam

o direito de correr

Os Jogos de Amesterdão assistiram a uma inovação com a qual os criadores dos Jogos Olímpicos, não teriam nem sequer sonhado: as mulheres eram autorizadas a participar nas modalidades de pista e campo. Nas primeiras Olimpíadas as mulheres não eram autorizadas nem sequer a assistir.

Esta atlélica emancipação feminina não foi muito bem recebida. As senhoras podiam participar em cinco modalidades: nos 100 metros, 4x100 metros estafeta, salto em altura, lançamento do disco e, surpreendentemente, nos 800 metros. O cenário desta última modalidade pouco fez para ajudar a causa das atletas femininas dado que muitas das concorrentes desfaleciam no fim.

O motivo era que como nunca tinham corrido competitivamente e a distância, não estavam adequadamente preparadas para o fazer. Iriam passar-se mais 32 anos até que as mulheres fossem autorizadas a correr de novo esta distância nas Olimpíadas.

Desde 1900 que a Irlanda via os seus filhos ganhar as medalhas de ouro no lançamento do martelo, mas em proveito do seu novo país: os Estados Unidos. Em Amesterdão, Patrick O'Callaghan venceu a modalidade para o seu país, o recentemente independente estado do Eire.

O'Callaghan, que era médico, tinha tomado parte na sua primeira competição de lançamento do martelo apenas 12 meses antes. Nesse espaço de tempo ele tinha melhorado o seu lançamento em cerca de 30 pés.

Mais tarde ele bateu o recorde mundial por seis pés, mas não contou porque o martelo foi considerado demasiado pesado. Isto apenas pode acontecer a um irlandês.

O Japão ganhou a sua primeira medalha através do triplo salto de Mikiō Oda enquanto o único representante do Haiti, Silvio Cator, se classificou em segundo lugar no salto em comprimento.

O canadiano Percy Williams obteve um duplo triunfo nos 100 e 200 metros, uma boa recompensa para o estudante de 20 anos que tinha ido à boleia desde Vancouver até Toronto para participar nas provas de selecção da equipa olímpica canadiana.

Para se sustentar ele tinha trabalho como empregado de mesa.

O britânico vencedor dos 400 metros barreiras não teve que se sujeitar a tais privações. David Brownlow Cecil, mais conhecido como lord Burghley, filho e herdeiro do marquês de Exeter, acrescentou uma coroa olímpica aos seus títulos.

A sua vitória foi extremamente popular; pelo facto de ser um lorde ele tornou-se um herói não apenas para os seus compatriotas mas também aos olhos de outras nações que ficaram enfeitiçadas pelo destemido aristocrata.

Lord Burghley venceu em estilo coríntico. Na final ele partiu a uma velocidade quase de «sprint», que muitos acharam insensata, ganhou um grande avanço e desafiou os esforços dos seus rivais para o apanharem.

Depois de se ter retirado do atletismo de competição, lord Burghley continuaria a servir o desporto durante muitos anos como presidente do Comité Olímpico Internacional e como presidente da Federação Internacional de Atletismo Amador.

Os britânicos também tiveram motivo para se alegrar quando Douglas Lowe venceu os 800 metros pela segunda vez em duas olimpíadas sucessivas.

Os finlandeses mantiveram o seu poderoso desafio. Paavo Nurmi acrescentou mais uma medalha de ouro e duas de prata à sua colecção. Ele travou excitantes batalhas com o seu compatriota Ville Ritola. Nos 10 000 metros Ritola acompanhou Nurmi passo a passo até ao «sprint» final.

Dennis Hart

O 10.º dia em síntese

CARL LEWIS: O SALTO MAIS LONGO

O queniano Paul Ereng e o marroquino Moulay Boutaib restauraram hoje o «poder africano» nas provas de meio-fundo e fundo, ao serem os vencedores inesperados dos 800 e 10 mil metros nas finais de atletismo.

A proeza de Ereng e Boutaib tem um significado especial numa altura em que a União Soviética, RDA e Estados Unidos capitalizaram já a esmagadora maioria das medalhas olímpicas.

Filho de agricultores e nascido num país em que o sector primário é ainda a base da economia, Boutaib, de 21 anos, chegou a ameaçar o recorde mundial dos 10 mil metros do português Fernando Mamede, mas acabou por se contentar com a melhor marca olímpica, ou seja 27 minutos e 21,46 segundos.

Aquela corrida de fundo viria ainda a dar a medalha de bronze a outro atleta africano, o queniano Kipkemboi Kimeli, que foi terceiro, com 27.25,16, logo atrás do «calor» dos últimos metros.

Mas se Boutaib, amigo íntimo de Said Aquita, teve a força de esmagar os rivais europeus nos 10 mil metros, o mesmo se poderá dizer de Ereng, um estudante queniano de 20 anos, que lançou um impressionante «sprint» na recta final dos 800 metros.

Africa voltou ao «podium» com Ereng, que deixou no seu resto a dupla de favoritos — o brasileiro Joaquim Cruz (prata) e Aquita (bronze), com este último a ser o grande vencido do dia.

Nos 800 metros femininos a história dos mundiais de Roma repetiu-se com a vitória da alemã-democrática Sigrun Wodars, que levou a melhor no despique com a sua compatriota Christine Wachtel (prata) e com a norte-americana Kim Gallagher (bronze).

Nos 110 barreiras não houve «obstáculos» para a vitória natural de Roger Kingdom (EUA), de 26 anos, que se tornou no segundo homem a baixar a barreira.



GRUPOFOTO
FOTOS EM 30 MIN
AV. DE ROMA
106-A LOJA 1

ra dos 13 segundos, enquanto Carlos Lewis, recomposto dos 100 metros, triunfava no salto em comprimento.

O «salto» de 8,72 metros de Lewis valeu ouro, mas ficou ainda a 18 centímetros do recorde «mágico» (Mundial) de Bob Beamon na Olimpíada do México-68.

No ténis, o sueco Stefan Edberg, campeão de Wimbledon, garantiu a sua presença nas meias-finais, ao derrotar o italiano Paolo Cane por 6-1, 7-5, 6-4. «Vim aos Jogos de Seul não para ganhar a medalha de bronze, mas sim a de ouro» — advertiu Edberg, que se mostra mais forte do que nunca, enquanto Miloslav Mecir (Checoslováquia) entrava também na corrida, ao bater o holandês Michiel Schaprs (3-6, 7-6, 6-2, 6-4) nos quartos-de-final.

No andebol não houve surpresas, com a RDA, Jugoslávia, Suécia e Hungria a averbarem vitórias, muito embora o triunfo dos magiares frente à Espanha (26-16) não deixe de espantar dado o valor da turma ibérica.

No boxe, as atenções gerais estiveram centradas nos combates de pesados, onde Ray Mercer (EUA), Harold Obunga (Quênia) e Gyula Alvincs (Hungria) alcançaram vitórias-relâmpagos, que deixam adivinhar fortes ambições na corrida às medalhas.



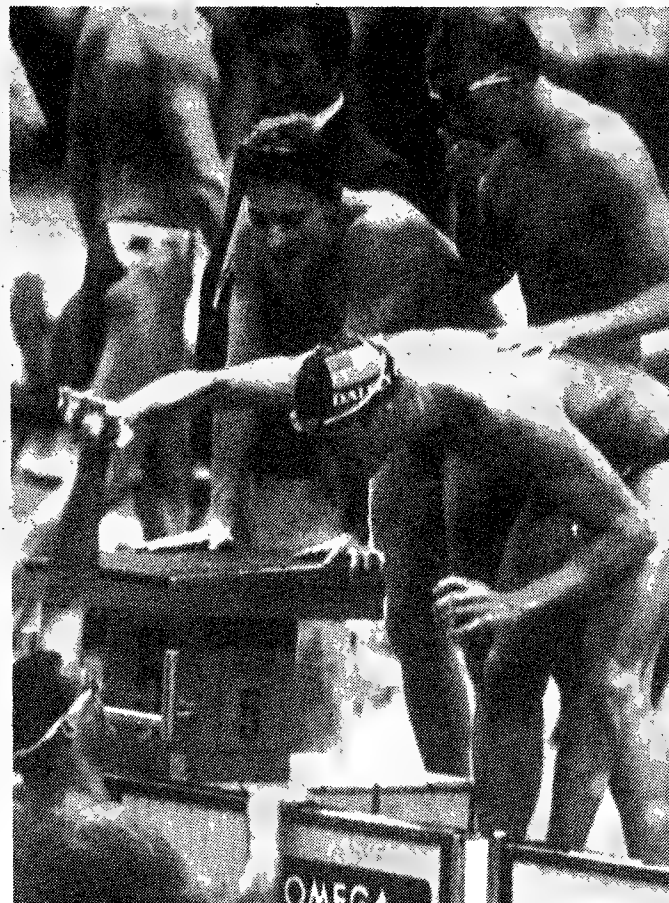
GRUPOFOTO
FOTOS EM 30 MIN
AV. DE ROMA
106-A LOJA 1

Portugueses: começou a debandada

A partir de hoje o edifício 240 da aldeia olímpica fica com muitos quartos vagos já que um primeiro grupo de portugueses regressa a Lisboa.

Quem já competiu volta para casa e assim os atletas, técnicos e dirigentes do tiro, da esgrima, do pentatlo moderno e da halterofilia deixam Seul ao fim do dia, chegando a Lisboa na tarde de quarta-feira.

Hoje mesmo o técnico da ginástica Sotoaki Miyake abandonou Seul, na companhia da mulher, Esbela da Fonseca, que se deslocou à Coreia para integrar o grupo de juizes da ginástica artística.



Júbilo compreendido na estafeta 4X200 livres: ouro para os EUA

As ameaças estão «decretadas»

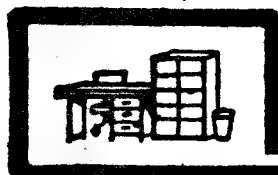
Mamede e Lopes ainda são os melhores do mundo na corrida dos 10 000 metros

Fernando Mamede e Carlos Lopes ainda são os dois melhores corredores do mundo dos 10 000 metros, mas as suas marcas estão ameaçadas e a corrida de ontem em Seul confirmou-o alterando o «ranking» mundial.

Na final dos 10 000 metros, três novos resultados entraram para a lista das 10 melhores marcas mundiais de sempre. Foi o caso do marroquino Brahim Boutaib, do italiano Salvatore Antibo e do queniano Kimeli Kipkemboi.

Onze corredores baixaram a barreira dos 28 minutos e os três primeiros gastaram menos de 27 minutos e 30 segundos.

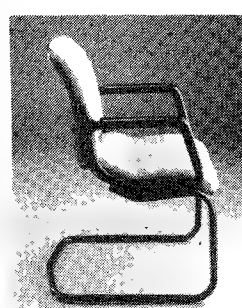
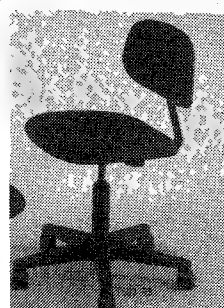
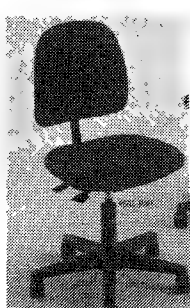
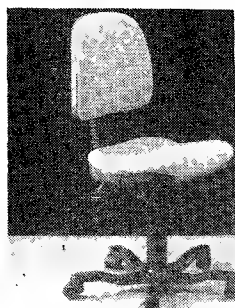
Após a prova de ontem a lista dos 10 melhores de sempre é a seguinte: 1.º Fernando Mamede, Portugal, 27.13,81 (1984); 2.º Carlos Lopes, Portugal, 27.17,48 (84); 3.º Mark Nenow, EUA, 27.20,56 (86); 4.º Brahim Boutaib, Marrocos, 27.21,46 (88); 5.º Henry Rono, Quênia, 27.22,4 (78); 6.º Eamonn Martin, Inglaterra, 27.23,06 (88); 7.º Salvatore Antibo, Itália, 27.23,55 (88); 8.º Werner Schilhauer, RDA, 27.24,95 (83); 9.º Arturo Barrios, México, 27.25,07 (88) e 10.º Kimeli Kipkemboi, Quênia, 27.25,16 (88).



maquiereima

Sociedade Importadora e Revendedora de Máquinas, Lda.

«Um espaço no seu escritório»



Escritório/Exposição/Vendas/Armazém — Quinta da Figueira, lote-A — loja 5
VENDA NOVA 2700 AMADORA

ALBERTINAS NA FINAL DA DUPLA LÉGUA

Albertina Dias e Albertina Machado, ambas apuradas para a final dos 10 mil metros dos Jogos de Seul, traçaram «metas» diferentes para a derradeira prova naquela distância.

Albertina Machado, que se classificou em 7.º lugar na primeira eliminatória, com 31.52,04 minutos, afirmou «que a prova dos 10 mil metros em Seul está a ter um grande nível e que vai ser muito difícil repetir (como é seu desejo) o 7.º lugar alcançado no campeonato do mundo em Roma».

O tempo de Albertina Machado ficou aquém das expectativas, acusando a corrida tática e lenta da sua série, com a vencedora a ser a norueguesa Ingrid Krinstiansen, com 31.44,69.

A sua colega **Albertina Dias** tem menos ambições na final dos 10 000 metros, tendo confessado «ter cumprido já um dos seus objectivos que era de melhorar a sua marca pessoal».

«A minha meta era bater o recorde pessoal e consegui-o nas eliminatórias. Estou radiante, embora cansada» — comentou Albertina Dias, que promete melhorar de novo a sua melhor marca pessoal.

A final realiza-se na 6.ª feira (dia 30) às 5,40 horas de Portugal.

Pinto: 13.º lugar na dupla légua

António Pinto classificou-se em 13.º lugar na final de 10 000 metros das Olimpíadas de Seul, ganha pelo marroquino Moulay Boutaib.

António Pinto, o único português presente na final, gastou 28.09,32 minutos, tempo supe-

rior em cerca de 44 segundos ao de Boutaib, creditado com 27.21,46 minutos.

O tempo de Boutaib constitui novo recorde olímpico, ficando a mais de sete segundos do recorde mundial do português Fernando Mamede.

No 2.º lugar classificou-se o italiano Salvatore Antibo (27.25,16) e na 3.ª posição terminou o queniano Kipkemboi Kimelli (27.36,42).

Cunha e Barroso eliminados nos 200 metros

Luís Barroso foi eliminado dos 200 metros ao terminar em quarto lugar na terceira das cinco séries dos quartos de final.

Luís Barroso, creditado com o tempo de 20,81 segundos, ficou a um centésimo de segundo das meias-finais, tal a diferença que o separou do alemão-federal Raif Lubke, apurado automaticamente.

A série de Luís Barroso, que na primeira eliminatória tinha alcançado 21,31 segundos, foi ganha pelo britânico Linford Christie, cronometrado em 20,59 segundos.

O segundo lugar foi para o canadiano Atlee Anthony Mahorn, com 20,59 segundos.

Na anterior eliminatória, **Luís Cunha** tinha sido eliminado ao classificar-se no 4.º posto da série com o tempo de 21,72.

Malta da Costa é 6.º nos saltos

O cavaleiro português **Malta da Costa** classificou-se entre os

primeiros, na fase de qualificação do concurso individual de saltos.

Malta da Costa figura em 6.º lugar na tabela oficial da prova, cujos melhores classificados foram: Ian Millar (Canadá), Robertus Ehrens (Holanda), Anne Kursinski (EUA), Joe Fargis (EUA), **Malta da Costa** (Portugal), Bourdy Hubert (França), Jean Claude Vangeenberghe (Bélgica), Greg Best (EUA), Lisa Carlsen (Canadá) e Dirk Hafemeister (RFA).

«Star» e prancha

Os velejadores portugueses **Patrício Barros** e **Henrique Anjos** classificaram-se em 17.º lugar na prova de «star» do programa olímpico de vela.

A vitória na prova de hoje foi para a dupla austríaca Hubert Raudaschl e Stephan Puxkandl, com 0,00 pontos de penalização.

A equipa portuguesa foi penalizada em 23 pontos.

Luís Calço classificou-se hoje em 23.º lugar na prova de prancha à vela da sexta regata do programa olímpico da modalidade, a decorrer em Pusan, 450 quilómetros a sul de Seul.

A vitória na prova foi para o neo-zelandês Bruce Kendall, com 0,00 pontos de penalização. **Luís Calço** somou 29 pontos.

José Garcia: repescado e desqualificado

José Garcia foi hoje desqualificado na segunda repescagem da prova de «Kayak-1», 500 metros, do torneio olímpico de canoagem, depois de ter sido 6.º e



Luís Barroso em acção nos 200 metros



Luís Cunha: mais uma travagem no caminho

último na segunda série da sua eliminatória.

Nas eliminatórias, José Garcia perdeu ritmo a partir dos 250 metros, acabando por terminar na última posição, o que não impediu de ser repescado para a fase seguinte da prova.

Na repescagem foi desqualificado, tendo o vencedor sido o austríaco Martin Hunter com o tempo de 1.45,10 minutos.

Hoje: 10 portugueses em actividade

Hoje, 10.º dia dos jogos,

competem dez portugueses com o estreante **António Pinto** a ser o único representante na final dos 10 000 metros.

O cavaleiro **Malta da Costa** tem a sua primeira prova de saltos e ontem fez a sua opção por um dos dois cavalos que fez deslocar a Seul, o Jalisco B.

José Garcia na canoagem deposita algumas esperanças em passar a fase de qualificação em K — 1500, enquanto em Pusan os velejadores cumprem a 6.ª e penúltima regata, continuando **Luís Calço** o seu desempenho na prancha à vela.

No atletismo um novo desafio é lançado a **António Pinto** — é o único português na final dos 10 000 metros, depois da desistência de Dionísio Castro e do afastamento de Ezequiel Canário.

Albertina Machado e **Albertina Dias**, irão lutar, por um lugar na final de 10 000 metros e também os velocistas **Luís Cunha** e **Luís Barroso** irão tentar salvar a honra do convento, nos 200 metros, após a modesta presença dos portugueses nos 100 metros.

«C.C.I. — COMPANHIA DE COMÉRCIO INTERNACIONAL, LIMITADA».

Certifico para efeitos de publicação, que por escritura de 2 de Setembro de 1988, exarada de fls. 46, V a fls. 48, V do livro 39-A, do 24.º Cartório Notarial de Lisboa, a cargo da Notária, Licenciada, Maria de Lurdes Pinto Damásio, foram feitos na sociedade comercial por quotas de responsabilidade limitada, com a denominação em epígrafe, e com sede na Avenida Padre Manuel da Nóbrega, n.º 11, 1.º Dt.º, em Lisboa, os seguintes actos:

O sócio, Jaime Júlio Henriques de Menezes e Vasconcelos, dividiu a sua quota de 390 000\$00, em duas novas quotas, uma de 365 500\$00 que reservou para si, e outra de 24 500\$00, que cedeu por igual preço a José Martins dos Santos;

O sócio, João Manuel Coutinho Viegas, dividiu a sua quota de 60 000\$00, em duas novas quotas, uma de 21 750\$00 que reservou para si, e outra de 38 250\$00 que cedeu por igual preço a José Martins dos Santos;

A sócia, Beatriz Marques de Menezes e Vasconcelos, cedeu por igual preço, a sua quota de 50 000\$00, a José Martins dos Santos.

Pela mesma escritura, o sócio cessionário, José Martins dos Santos, unifica numa só quota de 112 750\$00, as três quotas ora adquiridas; e: Foi alterado o pacto social, quanto ao seu artigo 3.º, o qual passou a ter a seguinte redacção: Terceiro — O capital social é de quinhentos mil escudos, está integralmente realizado, em dinheiro, e corresponde à soma das seguintes quotas: uma no valor de trezentos e sessenta e cinco mil e quinhentos escudos do sócio Jaime Júlio Henriques de Menezes e Vasconcelos; uma no valor de cento e doze mil setecentos e cinquenta escudos do sócio José Martins dos Santos, e uma no valor de vinte e um mil setecentos e cinquenta escudos do sócio João Manuel Coutinho Viegas.

Está conforme o original. Lisboa e 24.º Cartório Notarial, 2 de Setembro de 1988.

O 3.º Ajudante (Fernando Lopes de Carvalho)

«DL» 26/9/88

5.º JUÍZO CÍVEL DE LISBOA

ANÚNCIO

Processo n.º 10374/87 1.ª Secção AUTOS DE EXECUÇÃO ORDINÁRIA

Por este Tribunal, correm éditos de 30 dias, que começarão a contar-se da data da segunda e última publicação dos autos, citando os executados ANSECAL — TERRAPLANAGENS E CONSTRUÇÃO CIVIL, LDA., com sede na Av.º do Brasil, 184-1.ª, Lisboa, JOSÉ DA COSTA SEMEDO CALADO, residente na Cidade João Belo, lote 89-8.ª, Esq.º, Lisboa e JOÃO ANTÓNIO DE CARVALHO ROQUE DE PINHO, residente na Rua Luís de Camões, 149-1.ª, Dt.º, em Lisboa, para no prazo de 10 dias, findo o dos éditos, deduzirem oposição, pagarem ao exequente a quantia de 3 228 234\$70 (três milhões duzentos e vinte e oito mil e duzentos e quatro escudos e setenta centavos), acrescida dos juros à taxa legal, proveniente de uma letra de câmbio vencida em 25/9/83 no valor de 1 697 700\$00 (um milhão seiscentos noventa e sete mil e setecentos escudos), ou nomearem bens à penhora, sob pena de se considerar devolvido ao exequente o direito de nomeação de bens à penhora, nos autos de Execução Ordinária acima mencionados em que é Exequente UNIÃO DE BANCOS PORTUGUESES, SA, com sede no Porto e estabelecimento em Lisboa, na Rua da Prata, n.º 10.

Para constar se passou o presente e outros de igual teor que vão ser devidamente afixados.

Lisboa, 15 de Setembro de 1988.

O JUIZ DE DIREITO, (assinatura ilegível)

O ESCRIVÃO ADJUNTO, (assinatura ilegível)

«DL» 26/9/88 — 1.ª Pub.

13.º JUÍZO CÍVEL DA COMARCA DE LISBOA

ANÚNCIO

O Doutor Dário Pinto de Andrade Rainho, Juiz de Direito do 13.º Juízo Cível de Lisboa.

Faz saber que por este Juízo e 3.ª secção e nos autos de Execução Ordinária n.º 6881 em que é exequente União de Bancos Portugueses, SA, com sede no Porto na Praça D. João I, 80 e executados INSTRUMED — SOCIEDADE DE EQUIPAMENTOS MÉDICO-CIRÚRGICOS, LDA., com última sede conhecida na Rua D. Luís de Noronha, 31-A, 1000 Lisboa, IMOVEZ — SOCIEDADE IMOBILIÁRIA DO VEZ, LD., com última sede conhecida na Rua João da Silva, n.º 10-B, Esq.º, em Lisboa e JOSÉ CARTAXO FILIPE, com última residência conhecida na Rua João da Silva, n.º 10-B, em Lisboa, e actualmente em parte incerta, correm éditos de TRINTA DIAS, contados a partir da data da 2.ª e última publicação do anúncio, citando aqueles executados para no prazo de DEZ DIAS, findo o dos éditos, deduzir oposição à execução, pagar ao exequente a quantia de Esc. 26 090 507\$00, a que acrescerão os juros vencidos do capital titular pelas letras que se encontram juntas aos autos, até efectivo pagamento, ou no mesmo prazo nomearem bens à penhora, sob pena de, não o fazendo, esse direito se considerar devolvido ao exequente, tudo como melhor consta da petição inicial, cujo duplicado se encontra na Secretaria deste Tribunal à disposição dos citados.

Lisboa, 16 de Setembro de 1988

O Juiz de Direito, a) Dário Pinto de Andrade Rainho

A Escrivã-Adjunta, a) Maria Clementina Castanheira Costa

«DL» 26/9/88 — 1.ª Pub.

5.º JUÍZO CÍVEL DE LISBOA

ANÚNCIO

Processo n.º 8799 2.ª Secção Por este Tribunal, correm éditos de 30 dias, que começarão a contar-se da segunda e última publicação deste anúncio, nos autos de Execução Sumária, que o exequente União de Bancos Portugueses, EP, com sede no Porto e estabelecimento em Lisboa, na Rua da Prata, 10 e executados Vitor Manuel Monteiro Mendes Barros, com residência conhecida na Rua Maria 73, 1000 Lisboa e outros, notificando a co-herdeira DULCE RICARDINA MENDES DE BARROS, actualmente em parte incerta e com última residência conhecida na Rua Andrade Corvo, n.º 31 — 6.ª, C, 1000 Lisboa, de que fica penhorado e à ordem deste Tribunal do 5.º Juízo Cível de Lisboa — 2.ª Secção — Processo n.º 8799 o direito e acção à herança líquida e indivisa aberta por óbito de Francisco Monteiro de Barros, pai do executado acima mencionado, e de que pode fazer as declarações que entender quanto ao direito do mesmo executado e ao modo de o tornar efectivo — (art.º 862.º do Código Processo Civil).

Lisboa, 20 de Setembro de 1988

O JUIZ DE DIREITO (assinatura ilegível) O ESCRIVÃO ADJUNTO (assinatura ilegível)

«DL» 26/9/88 — 1.ª Pub.

13.º JUÍZO CÍVEL DA COMARCA DE LISBOA

— ANÚNCIO —

EXECUÇÃO ORDINÁRIA (Hipotecária) — PROC.º 1233 — 1.ª SECÇÃO EXEQUENTE: UNIÃO DE BANCOS PORTUGUESES, S.A.; EXECUTADO: GILBERTO OLIVEIRA QUATORZE, residente na Quinta da Piedade, Lote 1-A — 5.º Esq.º em PÓVOA DE SANTA IRIA; VALOR DA EXECUÇÃO: 824 643\$00;

Faz-se saber que, no dia 14 de Outubro de 1988, pelas 10 horas, à porta deste Tribunal, há-de ser posto em praça pela 1.ª vez, para arrematação ao maior lance oferecido, acima do valor indicado no processo, o seguinte bem: O andar para habitação própria sito na Amadora, na Praceta Pedro Ivo, n.º 14-1.º Dt.º Fracção L.

Lisboa, 20 de Setembro de 1988

O JUIZ DE DIREITO

a) Joaquim Dias

A ESCRIVÃ ADJUNTA

a) Ana Maria Reis Pinto Martins Machado

«DL» 26/9/88 — 1.ª Pub.

15.º JUÍZO CÍVEL DA COMARCA DE LISBOA ANÚNCIO

Por este Tribunal correm éditos de trinta dias, que começarão a contar-se da data da publicação segunda e última do respectivo anúncio.

Citando a executada PLURIGRAF — Sociedade Técnica de Fomento de Exportação, Ld., ausente em parte incerta.

Para no prazo de cinco dias, findo o dos éditos, deduzir oposição, pagar ao exequente ou nomear bens à penhora, sob pena de se considerar devolvido ao exequente o direito de nomeação de bens à penhora na presente execução sumária, na qual o exequente UNIÃO DE BANCOS PORTUGUESES, SA, move contra a executada, para garantia e pagamento da quantia de esc. 1 298 559\$00, acrescida de juros de mora vencidos e custas, tudo como melhor consta na petição inicial, que fica arquivada nesta secção à disposição da citanda.

Execução Sumária n.º 5123 - 2.ª secção EXEQUENTE — UNIÃO DE BANCOS PORTUGUESES, SA, com sede na Praça D. João I, n.º 80 — Porto. EXECUTADA — PLURIGRAF — Sociedade Técnica de Fomento de Exportação, Ld., com última sede conhecida na Rua da Venezuela, n.º 37 A/B, 1500 Lisboa.

Lisboa, 17 de Setembro de 1988

O JUIZ DE DIREITO,

a) Flávio do Casal

ESCRIVÃ ADJUNTA,

a) Ana Maria Lopes Ramos Alves

«DL» 26/9/88 — 1.ª Pub.

Oliveira & Leal, L.ª

CLASSE — BOM GOSTO — REQUINTE
MÓVEIS — ESTOFOS — DECORAÇÕES

MOBILIÁRIO EM NOGUEIRA E PINHO

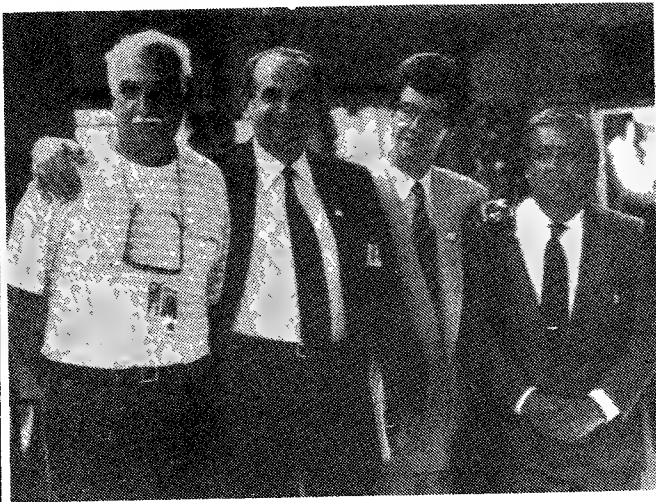
Rua da Rosa, 73 a 81 (sucursal) 158-160 A

Telef. 32 18 72

1200 LISBOA



NÃO tome banho sem ter feito a digestão



Tudo acabou em bem: Hildo Nejas (Confederação Brasileira de Futebol), o presidente benfiquista João Santos, o empresário Manuel «Mercury» Barbosa e o federativo César Grácio. Acabou o folhetim-Valdo.

Ac. Viseu, 0 - FC Porto, 0

ONDE ESTÁ O FOGO DO DRAGÃO?

Manuel Neto

Titubeante, tal e qual uma criança quando soletra as primeiras letras do alfabeto, o técnico portista não consegue libertar-se de uma certa tentação de comodismo e corre o risco de, a muito curto prazo, perder definitivamente o «comboio» em que julgava ter entrado a todo o vapor.

As exibições da turma azul-e-branca continuam a anos-luz daquelas que a catapultaram para o galarim do futebol europeu e mundial e, pelo andar da carruagem, não se vislumbra qualquer mudança a breve trecho, susceptível de acalmar as hostes e tranquilizar os mais altos responsáveis das Antas.

Após a saída de Artur Jorge, o FC Porto passou a viver sob o signo da improvisação. E se alguns (bons) resultados foram alcançados isso ficou a dever-se, essencialmente, ao querer e à rotina dos jogadores, mais do que à influência do jugoslavo Ivic. Daí a sua dispensa um tanto paradoxal, depois de ter conquistado tudo ou quase tudo que havia para conquistar. Mais importante do que os títulos eram, na circunstância, as mutações há muito ansiadas pela direcção portista, no sentido de uma renovação tendente a manter bem acesa a chama do «dragão».

Ivic recusou o afrontamento com a massa associativa portista e jamais foi capaz de assumir o papel de «carrasco» de algumas figuras carismáticas do plantel portista. Deixou, pura e simplesmente, a «batata quente» para o seu sucessor, mesmo depois de saber que isso iria custar-lhe a perda do seu posto de trabalho. Com a contratação de Quinito, pensou-se que iria finalmente começar a «revolução», no bom sentido, é claro. Mas não. Quinito — um dos apoderados do inesquecível José

Maria Pedroto — cedo se começou a manifestar favorável à manutenção no «onze» campeão nacional.

E se até há bem pouco tempo esses jogadores ainda eram capazes de dar um ar da sua graça, agora, assiste-se a um arrastar penoso, porque esses jogadores, cuja técnica deslumbrou meio mundo, não tem condição física à altura do desempenho que se lhes exige e, pior do que isso, criaram, por assim dizer, um «ghetto» onde é difícil de penetrar. As exibições — como aquela que se viu ontem no Fontelo — são um reflexo disso mesmo e, por muito que os actuais responsáveis técnicos esbracejem com o «fantasma» da perseguição (dos jornalistas, de quem havia de ser?), não adianta escamotear a realidade: esta equipa do FC Porto é uma mancha de retalhos, não tem características específicas e revela-se incapaz de, por si só, evitar a queda no abismo da vulgaridade.

Ao invés do que seria legítimo esperar-se, o FC Porto apresentou-se em Viseu como

um conjunto sem iniciativa, submisso e expectante. Aliada a este comportamento, uma manifestação incapacidade física, susceptível de possibilitar qualquer revirvolta, por mais insignificante que fosse. Daí a natural supremacia evidenciada pelos primodivisionários locais que, sob a batuta de Carlos Alinho, lograram para si os louros da jornada, através de uma demonstração cabal do querer que, por si só, justificou plenamente a divisão do bolo. Para tanto, os vicienses contaram com a fraqueza confrangedora do meio-campo portista, onde apenas André conseguiu disfarçar (mal) as carências do conjunto.

Em contraste com o seu antagonista, o Académico de Viseu realizou excelente exibição, rubricada, aqui e ali, por alguns lances de belo efeito, mormente pelo flanco direito, onde Rui e Amaral e, por vezes, também Nogueira, davam suor pela barba a Sousa e Inácio e, em última instância, a Zé Beto, que, ao contrário do habitual, teve de intervir frequentemente para garantir a inviolabilidade das suas redes. Em termos atacantes, os vicienses foram, de longe, superiores, já que conseguiram forçar jogadas com princípio, meio e (quase) fim, enquanto do lado oposto apenas Domingos ia tentando levar a água ao mo-

nho. Fernando Gomes foi um mero espectador e, da única vez que podia ter saído da sombra, acabou por confirmar o que dele vem dizendo a crítica neste dealbar de temporada: um peso morto, irreconhecível, um ex-goleador...

E se é certo que, em pelo menos um lance (protagonizado por Domingos), os portistas poderão queixar-se do juiz da partida — que fez vista grossa a um derrube claro do jovem portista, dentro da área de rigor —, não é menos verdade que o Académico de Viseu, pela forma como se bateu, como jogou e como em certos capítulos se superiorizou aos campeões nacionais, não merecia sair derrotado da contenda. Pouco adiantarão as desculpas que o professor João Mota (agora encarnando o papel de porta-voz da equipa técnica) vai tentando arranjar em cada domingo para justificar as más exibições. Uma equipa com a dimensão do FC Porto não pode estar à míngua de qualquer benefício arbitral e, muito menos, endossar as responsabilidades próprias para terceiros. Melhor fora que o preparador físico portista se esmerasse mais nas suas funções em vez de perder tempo com explicações que não convencem ninguém, muito menos quem, por dever de ofício, tem de criticar as exibições da equipa das Antas.

Arbitro: Alder Dante (Santarém).

Académico de Viseu: Paulo Renato; Rui, Leal, José Alinho e Kapa; Nogueira (Alexandre, 69), João Manuel, Amaral e Melo (Amadeu 85); Diallo e Quim.

FC Porto: Zé Beto; João Pinto, Kongolo, Dito e Inácio; Frasco, Jaime Magalhães, Sousa e André; Domingos e Gomes.

Acção disciplinar: amarelo para Rui (49), Sousa (50), Alexandre (72), Domingos (86) e Frasco (90).

Valdo e Ricardo podem jogar

com o Montpellier

Benfica venceu a batalha de Seul

Vinte horas depois de ter chegado a Seul, uma delegação benfiquista, chefiada por João Santos, colocou ponto final no «caso Valdo», mas o brasileiro, tal como o compatriota Ricardo, só pôde jogar pelo Benfica após os Jogos Olímpicos.

Em comunicado, divulgado ontem em Seul, a FIFA revela que a suspensão a Valdo vigora até dia 2 de Outubro, ao mesmo tempo que deliberou castigar Ricardo até essa data.

Considera a FIFA que o Benfica «não fez tudo o que estava ao seu alcance para libertar os jogadores» e em relação à Confederação Brasileira de Futebol acusa-a de «negligência no tratamento do assunto».

Desta forma, Valdo e Ricardo regressam aos relvados no dia 5, quando o Benfica receber o Montpellier, em jogo da segunda mão da Taça UEFA.

«Foi uma decisão diplomática», comentou um porta-voz da FIFA, enquanto João Santos considera que se fez justiça.

Valdo estava suspenso desde o dia 21 e se não fosse a viagem dos representantes do Benfica a Seul poderia ficar sem jogar oficialmente até ao mês de Dezembro, altura em que se reúne o Comité Executivo da FIFA.

Duas reuniões realizadas bastaram para pôr ponto final no caso e permitiram ao Benfica «limpar» a imagem que tinha junto do organismo que comanda o futebol mundial.

Nomes e números da jornada

Sporting, 4-V. Setúbal, 3

Árbitro: Fortunato Azevedo (Braga)

SPORTING — Rodriguez; João Luís I, Miguel, Morato e Fernando Mendes; Oceano, Silas (João Luís II, 76), Carlos Manuel e Litos; Cascavel (Maside, 65) e Forbs.

SETÚBAL — Meszáros; Crisanto, Edmundo, Quim e Flávio; Túbalo, Zezinho (Cadete, 35, Aparício, 45), Jorge Ferreira e Wando; Rozadas e Jordão.

Acção disciplinar: cartão amarelo a Miguel (58) e Túbalo (71).

Sequência do marcador: 1-0, Forbs, 8; 2-0, Morato, 25; 2-1, Jordão, 40; 2-2, Aparício, 46; 3-2, João Luís, 64; 3-3, Aparício, 70 e 4-3, Oceano, 79.

Boavista, 0-Nacional, 2

Árbitro: José Garcia (Setúbal).

Boavista: Alfredo; Queiró (Nelson 63), Frederico, Valério e Marcos António; Jorge Silva (Parente 45), Paulito, Isafas e Jorge Andrade; Casaca e Paulo Egídio.

Nacional: Gilmar; Edu, Leiz (Cristiano, 37), William e Toninho; Madeira, Heitor, Vieira e Paulo Sérgio; Edmilson (Menniy, 63) e Dino.

Acção disciplinar: amarelo para Leiz (28) e Paulo Egídio (90).

Golos: Vieira (4 m) e Dino (16).

Espinho, 4-Braga, 1

Árbitro: Manuel Nogueira (Porto).

Espinho: Silvino; Eliseu, Vieira, Costa e Nito; Rui Filipe, Luís Manuel (Aziz, 71), Pingo e Ivan; Zezé Gomes (Barriga, 63) e Vitorino.

Braga: Hélder (Luís Manuel, 45); Toni, Laureta, Vítor Duarte e Virgílio; Serrinha, Kiki (Santos, 35), João Mário e Valtinho; Vinicius e Tiano.

Golos: Pingo (2), Zezé Gomes, Vitorino e Tiano. Acção disciplinar: cartão amarelo a Valtinho (49).

Guimarães, 1 - Beira Mar, 0

Árbitro: João Simãozinho (Leiria).

Guimarães: Neno; Nando, Nenê, Germano e Basílio; Soeiro, Roldão (René, 77m), Carvalho e Chiquinho; N'Dinga e Décio António (Ebongue 60m).

Beira Mar: Miguel; Costeado, João Gouveia, Dinis e Coveiro; Redondo (Abel, 79m), Dreyfuss (Rodrigues, 60m), Paquito e Lain; Abdel e Simões.

Golo: Chiquinho (27m).

Acção disciplinar: cartão amarelo a Coveiro (63).

Marítimo, 1 - Benfica, 1

Árbitro: Fernando Alberto (Porto).

Marítimo: Everton; Rui Vieira, Nunes II, Oliveira e Carlos Duarte; Nunes I (Paulo Ricardo, 56), Artur Semedo, Vadinho e Esquerdinha; Jorge Silva (Camacho, 66) e José Luís.

Benfica: Silvino; Veloso, Garrido, Mozer e Fonseca; Elso, Abel (Lima, 76), Chalana e Hernâni (Vitor Paneira, 45); Ademir e Vata.

Golos: Vata (43m) e Paulo Ricardo (87).

Penafiel, 1 - Chaves, 0

Árbitro: Vítor Correia (Lisboa).

Penafiel: Cerqueira; Bio, Manuel Correia, Vasco e Artur; Rui Manuel, Elias, Zinho e Amâncio; Caetano (Tó Portela, 79m) e Djão (Paulo Henrique, 84m).

Chaves: Padrão; Cerqueira, Vicente, Jorginho e Rogério; Gilberto, Radi (César, 73m), Celso Maciel e Diamantino; David e Serra (Slavkov, 45m).

Golo: Djão (37m).

Acção disciplinar: cartão amarelo a Rogério (32m) e Celso Maciel (81m).

Portimonense, 3-Leixões, 0

Árbitro: Carlos Valente (Setúbal)

Portimonense: Figueiredo; José Carlos, Chico Zé, Aurélio e Nivaldo; Pires, Augusto, Skoda e Floris (José Pedro 79); Cadourin e Oliva (Vado 45).

Leixões: Jesus; Abílio, Barreto, João Gomes e Chico; Tozé I (José Augusto, 67), Ruben e Quim (José Augusto II, 45); Penteador, Quinito e Moreira de Sá.

Acção disciplinar: cartão amarelo para Ruben (34), Skoda (74), João Gomes (83) e José Carlos (87). Cartão vermelho para João Gomes (89).

Golos: Cadourin, Pires e Vado.

Farense, 2-Belenenses, 1

Árbitro: Rosa Santos (Beja).

Farense: Celso; Eugénio, Luísão, Marco e Brito; Ademar, Pitico, Vitinha e Danov; Formosinho e Fernando Cruz.

Belenenses: Jorge Martins; Galo, José António, Sobrinho e Carlos Ribeiro (Paulo Monteiro, 65 m); Jaime (Chiquinho, 83 m), Juanico, Teixeira e Adão; Chico Faria e Mladenov.

Disciplina: cartões amarelos para Pitico (65 m), Adão (87 m) e Formosinho (89 m).

Golos: Danov e Ademar pelo Farense e Ademar (p.b.) a favor do Belenenses.

E. Amadora, 0-Fafe, 0

Árbitro: José Pratas (Évora)

Estrela da Amadora: Melo; Marlon Alves, Duílio, Barney e Caetano; Rebelo, Bobó, Marlon Brandão e Pedro Xavier (Rosário aos 58 minutos); Basaúla (Coelho aos 46) e Paulo Jorge.

Fafe: Quim; Camilo, Grosso, Cláudio e Figueiredo; Sérgio (Flávio aos 78 minutos); Gomes, Rogério e Sotil; Padinha e Guedes (José Albano, 86 minutos).

Acção disciplinar: cartão amarelo para Quim.

HORA E TEMPO DE APLAUDIR A MADEIRA

A 6.ª ronda do campeonato nacional de futebol da divisão maior trouxe à peneira da consideração mais rápida o belo êxito madeirense em dupla frente: triunfo do Nacional fora de casa batendo o Boavista com inequívoca margem para aplauso (a própria «clientela» axadrezada não poupou uma grande ovação ao «team» de Paulo Autuori) e travagem benfiquista por obra e graça de um Marítimo que nunca desanimou, e mesmo baleado tentou (e conseguiu) equilibrar o «placard».

Vejam, entretanto, como ficou o painel de desfechos: Estrela da Amadora-Fafe, 0-0; Sporting-Setúbal, 4-3; Boavista-Nacional, 0-2; Penafiel-Chaves, 1-0; Espinho-Braga, 4-1; Guimarães-Beira-Mar, 1-0; Portimonense-Leixões, 3-0; Académico de Viseu-Porto, 0-0; Marítimo-Benfica, 1-1; Farense-Belenenses, 2-1.

A lista dos melhores marcadores aparece assim: com 6 golos: Vata (Benfica); 5 golos: Jordão (V. Setúbal); 4 golos: Chico Faria (Belenenses) e Aparício (Setúbal); 3 golos: Amâncio (Penafiel), Celso Maciel (Chaves), Mladenov (Belenenses), Oceano (Sporting) e Pingo (Espinho).

A seguir

A próxima ronda, com os jogos dos nossos «uefeiros» a terem lugar no sábado, apresenta-se deste modo: Estrela da Amadora-Sporting, FC Porto-Marítimo, Benfica-Farense, Fafe-Belenenses, Braga-Guimarães, Setúbal-Boavista, Nacional-Penafiel, Chaves-Espinho, Beira-Mar-Portimonense e Leixões-Viseu. Continuam em atraso os duelos do Fafe (três jogos) com os seus opositores nesse calendário (Marítimo, Nacional e Académico de Viseu).

Divisão 2

A 2.ª etapa do campeonato nacional da 2.ª divisão forneceu, na Zona Norte, os seguintes resultados: St.ª Maria-Vizela, 0-0; Amarante-Felgueiras, 2-2; Salgueiros-Aves, 0-1; Trofense-Rio Ave, 1-2; Freamunde-Paços Ferreira, 1-1; Varzim-Paredes, 1-1; Bragança-Joane, 0-2; Moreirense-Marco, 0-2 (interrompido aos 45 minutos); Tirsense-Gil Vicente, 1-1.

A partida Moreirense-Marco foi interrompida ao intervalo, quando se verificava o resultado de 0-2, porque o árbitro Mário Leal (de Leiria) alegou que não tinha condições de segurança para prosseguir o seu trabalho.

	J	V	E	D	G	P
AVES	2	2	-	-	6-1	4
Rio Ave	2	2	-	-	4-2	4
Gil Vicente	2	1	1	-	3-1	3
Joane	2	1	1	-	2-0	3
Felgueiras	2	1	1	-	4-3	3
Paredes	2	1	1	-	3-2	3
P. Ferreira	2	2	-	-	2-2	2
Varzim	2	2	-	-	1-1	2
Tirsense	2	2	-	-	1-1	2
Vizela	2	2	-	-	0-0	2
Trofense	2	2	-	-	1-2	3
Bragança	2	2	-	-	1-0	2
Freamunde	2	2	-	-	1-1	2
St.ª Maria	2	2	-	-	1-2	1
Amarante	2	2	-	-	1-3	7
Marco	1	-	-	-	0-0	1
Moreirense	1	-	-	-	0-2	0
Salgueiros	2	-	-	-	2-3	0

PRÓXIMA JORNADA: St.ª Maria-Amarante, Felgueiras-Salgueiros, Aves-Trofense, Rio Ave-Freamunde, P. Ferreira-Varzim, Paredes-Bragança, Joane-Moreirense, Marco-Tirsense e Vizela-Gil Vicente.

Louletano-Juv. Évora, Lus. Évora-Alverca, União-Torreense, Sacavenense-«O Elvas», Oriental-Montijo e Silves-U. Sant. Cacém.

Divisão 3

Resultados do Campeonato da 3.ª Divisão, Série A: Esposende - Neves, 1-0; Lanhenses - Valenciano, 1-2; Delães - Vinhais, 2-0; Vieira - Macedo de Cavaleiros, 2-1; Ponte da Barca - Valdevez, 1-1; Mirandês - Maria da Fonte, 0-0; Vila Pouca - Celoricense, 0-2; e Vianense - Prado, 2-0. Comandantes: Neves e Vieira, 4 pontos.

Próxima jornada: Esposende - Lanhenses, Valenciano - Delães, Vinhais - Vieira, Macedo de Cavaleiros - Ponte da Barca, Valdevez - Mirandês, Maria da Fonte - Vila Pouca, Celoricense - Valpaços, Famalicão - Vianense e Neves - Prado.

Série B: Lousada - Vila Real, 0-0; Maia - Ovarense, 2-1; Infesta - Vilanovense, 1-0; Lordeiro - Sandinense, 0-0; Leça - Paivense, 0-0; Valonguense - Torres de Moncorvo, 3-0; Oliveira do Douro - Pedrouços, 0-1; Régua - Ermesinde, 1-0 e Lixa - Lourosa, 4-1. Na frente: Maia, Valonguense e Infesta, 4.

Próxima jornada: Lousada - Maia, Ovarense - Infesta, Vilanovense - Lordeiro, Sandinenses - Leça, Paivense - Valonguense, Torres de Moncorvo - Oliveira do Douro, Pedrouços - Régua, Ermesinde - Lixa e Vila Real - Lourosa.

Série C: Valonguense - Viseu e Benfica, 2-0; Gouveia - Ol. Hospital, 0-1; Pessegueirense - Guarda, 0-0; Oliveirinha - Valecambrense, 2-0; Alba - Mortágua, 0-0; Oliveirense - Argus, 2-0; S. Romão - Anadia, 1-0; Ac. Paço - Seia, 0-2; U. Coimbra - Santacombadense, 1-1. Comandantes: Oliveira do Hospital e Oliveirense 4.

Próxima jornada: Valonguense - Gouveia, Ol. Hospital - Pessegueirense, Guarda - Oliveirinha, Valecambrense - Alba, Mortágua - Oliveirense, Argus - S. Romão, Anadia - Ac. Paço, Seia - U. Coimbra e V. Benfica - Santacombadense.

Série D: Benedittense - Castelo Vide, 1-1; Nazarenos - Bf. Castelo Branco, 1-1; Desp. Fátima - Mirandense, 1-0; Atouguense - Marrazes, 1-0; Ferrel - Mirense, 0-1; Bombarralense - Usseira, 4-1; 22 Junho - U. Tomar, 0-3; Alcanenense - Naval, 0-0; Sertanense - Alcobaça, 1-1. No topo estão Tomar e Fátima, 4 pontos.

Próxima jornada: Benedittense - Nazarenos, Bf. Castelo Branco - Desp. Fátima, Mirandense - Atouguense, Marrazes - Ferrel, Mirense - Bombarralense, Usseira - 22 Junho, U. Tomar - Alcanenense, Naval - Sertanense e C. Vide - Alcobaça.

Série E: Fanhões - Campomaiorense, 1-0; St. Clara - Sintrense, 0-0; Portosantense - Praiense, 2-0; Cartaxo - Vilafranquense, 0-5; Almeirim - U. Santarém, 0-0; Açores - Lisb. Olivais, 1-0; Arraiolense - Cacém, 0-0; Pero Pinheiro - F.

transilários AIR CARGO

Benfica, 0-0. Líder: Vilafranquense, 4. Próxima jornada: Fanhões - St. Clara, Sintrense - Portosantense, Praiense - Cartaxo, Vilafranquense - Almeirim, U. Santarém - Samora, Vialonga - Lusitânia, SL Olivais - Arraiolense, Cacém - Pero Pinheiro, Campomaiorense - Fut Benfca.

Série F: Vasco da Gama - Cova da Piedade, 3-1; Moura - Imortal, 0-1; Banheirense - Alvorense, 1-0; Montemor - Almansilense, 2-1; Amora - Seixal, 1-2; Quarteirense - Estrela V. Novas, 5-1; Sesimbra - Lusitano V. Real, 0-1; Pescadores - Ferreirense, 3-1; Palmense - Quimigal, 0-0. Comandantes: Lusitano VR e Seixal, 4.

Próxima jornada: Vasco da Gama - Moura, Imortal - Banheirense, Alvorense - Montemor, Almansilense - Amora, Seixal - Quarteirense, Est. V. Novas - Sesimbra, Lus. V. Real - Pescadores, Ferreirense - Palmense e Cova da Piedade - Quimigal.

Juniões

Desenrolou-se a 3.ª ronda do campeonato nacional de juniores, com os seguintes resultados na Zona Norte (série A): Mirandela - Guimarães, 1-5; Braga - Vianense, 1-0; Limianos - Fafe, 1-0; Gil Vicente - Merelinense, 0-1; Chaves - Famalicão, 2-1. Classificação: Guimarães e Chaves, 6 pontos; Vianense e Braga, 4; Merelinense, 3; Fafe e Limianos, 2; Famalicão; 1, Gil Vicente e Mirandela, 0. Série B: Vizela - Sanjoanense, 2-0; Boavista - Porto, 1-0; Salgueiros - Rio Ave, 1-3; Leixões - Régua, 3-0 e Varzim - Bombeiros de Almeida, 4-0. Classificação: Boavista e Varzim, 6; FC Porto, Rio Ave e Leixões, 4; Salgueiros, Régua e Vizela, 2, Sanjoanense e Bombeiros de Almeida, 0.

Zona Centro - Série C: Águeda - Anadia, 0-1; Guarda - Académico de Viseu, 2-3; Viseu e Benfica - Beira Mar, 1-2; Mangualde - União de Coimbra, 0-7; Covilhã - Marialvas, 3-1. Classificação: Beira Mar e Académico de Viseu, 6; União de Coimbra (menos um jogo) e Anadia, 4; Águeda, 3; Viseu e Benfica e Sporting da Covilhã, 2; Guardas, 1; Marialvas (menos um jogo) e Mangualde, 0.

Série D: Proença-a-Nova-Caldas, 1-2; Académica-União de Santarém, 2-1; União de Almeirim-União de Leiria, 1-0; Óbidos-Nazarenos, 1-2 e Marrazes-Lousanense, 2-0. Classificação: Académica e Marrazes, 6 pontos; União de Leiria, Almeirim e Nazarenos, 4; Santarém (menos um jogo) e Caldas, 2; Óbidos (menos um jogo), Lousanense e Proença-a-Nova, 0.

Zona Sul - Série E: Estrela Amadora-Atlético, 0-0; Campomaiorense-Barreirense, 1-3; Oriental-Estoril, 1-1; Olivais e Moscavide-Sporting, 1-4 e Benfica-Belenenses, 4-0. Tabela: Benfica e Sporting, 5; Olivais e Moscavide, Estrela da Amadora, Atlético, Oriental e Barreirense, 3; Belenenses e Estoril, 2; Campomaiorense, 1.

Série F: Setúbal-Juventude de Évora, 4-0; Portimonense-Beja, 5-0; Pescadores-Amora, 1-1; Lusitano Vila Real-Lusitano de Évora, 4-1 e Seixal-Farense (adiado). Pontuação: Setúbal e Portimonense, 5; Farense (me-

nos um jogo), Amora e Pescadores, 3; Lusitano de Évora, Juventude e Lusitano de Vila Real, 2; Seixal, 1 (menos um jogo); Beja, 0

Juvenis

Igualmente, teve lugar a 3.ª jornada do torneio nacional de juvenis (juniores B) que ficou assim para a história, na Zona Norte (Série A): Famalicão-Leixões, 0-3; Merelinense-Salgueiros, 1-2; Rio Ave-Varzim, 2-0; Monção-Paços de Ferreira, 3-0; Guimarães-Braga, 2-1 e Bragança-Mirandela, 3-2. Líder: Leixões, 6 pontos. Série B: Porto-Académico de Viseu, 9-0; União de Coimbra-Guarda, 4-0; Beira Mar-Ferreirense, 0-0; Estação-Régua, 6-1; Marialvas-Boavista, 1-3 e Lourosa-Espinho, 5-1. Comandante: F.C. Porto, 6 pontos.

Zona Sul (Série C): «O Elvas»-Moscavide, 0-1; Sporting-Torreense, 4-0; Benfica-Marrazes, 6-1; União de Tomar-Oriental, 0-0; Caldas-Académica, 0-1 e Unidos-Estrela de Amadora, 1-0. À frente: Sporting, 6 pontos. Série D: Belenenses-Pescadores, 1-1; Amora-Portimonense, 0-1; Estoril-Casa Pia, 2-1; Farense-Lusitano de Évora, 1-0; Atlético-Marítimo Olhanense, 1-2; Beja-Vitória de Setúbal, 0-4. Chefe: Setúbal, 6 pontos.

Lá fora

O Roda JC e o Ajax, adversários do Guimarães e do Sporting, na próxima ronda europeia, obtiveram resultados opostos na jornada de ontem do campeonato holandês de futebol.

O Roda JC venceu por 2-1 o Pec Zwolle e o Ajax perdeu por 1-2 no recinto do RKC Waalwijk.

transilários CAMIÃO



RENAULT

FERNANDO DE OLIVEIRA & FILHOS, L.D.A. Vendas: Rua Miguel Bombarda, 26 Sete Portais - Telha Assistência - Peças: Sete Portais - Telha 2830 BARREIRO

CLASSIFICAÇÃO

	CASA					FORA					TOTAIS					
	V	E	D	G	P	V	E	D	G	P	J	V	E	D	G	P
SPORTING	2	1	0	7-3	2	1	0	3-0	6	4	2	0	10-3	10		
Benfica	2	1	0	6-1	1	2	0	4-3	6	3	3	0	10-4	9		
FC Porto	2	1	0	3-1	1	2	0	2-1	6	3	3	0	5-2	9		
Belenenses	2	1	0	8-2	1	1	1	3-3	6	3	2	1	11-5	8		
Marítimo	2	1	0	5-3	0	2	0	2-2	5	2	3	0	7-5	7		
V. Setúbal	2	1	0	7-1	0	2	1	7-8	6	2	3	1	14-9	7		
Farense	3	0	0	4-1	0	1	2	1-3	6	3	1	2	5-4	7		
Boavista	1	1	1	4-4	1	1	1	2-1	6	2	2	2	6-5	6		
Penafiel	2	0	1	3-1	0	2	1	2-3	6	2	2	2	5-4	6		
Sp. Espinho	2	1	0	8-3	0	0	3	1-5	6	2	1	3	9-8	5		
Chaves	2	1	0	4-0	0	0	3	0-6	6	2	1	3	4-6	5		
Sp. Braga	0	3	0	0-0	1	0	2	4-7	6	1	3	2	4-7	5		
Beira Mar	2	0	1	2-2	0	1	2	0-3	6	2	1	3	2-5	5		
Nacional	1	1	1	4-5	1	1	1	1-4	5	1	2	2	7-9	4		
Guimarães	1	1	1	2-2	0	1	2	1-3	6	1	2	3	3-5	4		
Est. Amadora ..	1	1	1	4-4	0	1	2	1-5	6	1	2	3	6-9	4		
Leixões	1	1	1	3-4	0	1	2	2-7	6	1	2	3	5-11	4		
Fafe	1	0	0	1-0	0	1	1	0-4	3	1	1	1	1-4	3		
Ac. Viseu	0	3	0	1-1	0	0	2	0-5	5	0	2	2	1-6	3		
Portimonense ..	1	1	1	3-1	0	0	3	1-7	6	1	1	4	4-8	3		

ESTORIL: SAL, PIMENTA, SOL E ÁGUA

Neves de Sousa

Eram oito em ponto «da madrugada», como diria Mário Zambujal: aí se apresentou este escriba às portas do Autódromo do Estoril, como muito boa gente (longe da vedação de arame) pensando que eu ia acabar de varrer o chão. Aproveitando a entrada de «seguranças» e bombeiros, guarda republicanos e militares sem graduação, moçada simpática que não se importava de funcionar como dadora de sangue e ainda uma torrente de médicos, enfermeiros e executantes de artes correlativas (estava lá toda a legião da Cruz Vermelha) avancei para o «paddock» e pouco deu para esperar: começavam chegando lindas mulheres e outras que gostariam de não ter deixado o tempo correr.

Good Year, Campari, Pop 84, Magneti Marelli: um balúrdio por cada anúncio, mas os homens-cartaz custam fortunas e nem todos se prestam a negócio barato. Um canto bem definido com quatro letreiros: locais para o estacionamento dos carros particulares de mr. J.M. Bellestre, de mr. B. Ecclestone, do sr. César Torres, do sr. Nelson Piquet. O espaço para a viatura

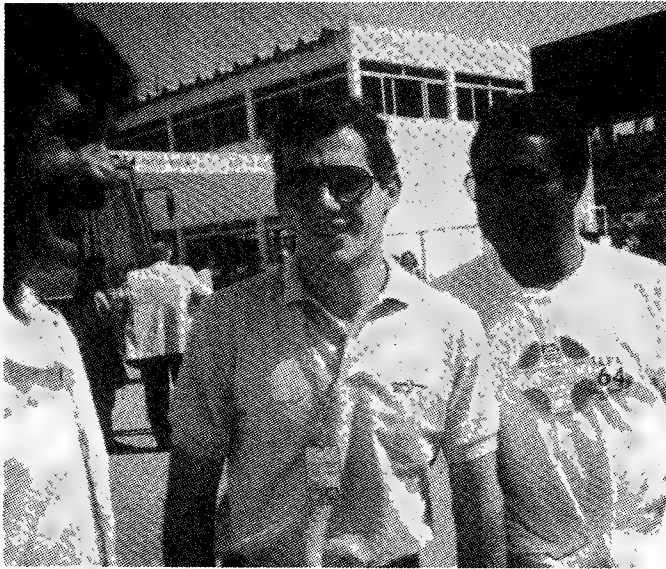
de «Nelsinho» ficaria todo o dia às moscas.

Diz-me António Jorge, director do Sintra-Estoril: «Temos o hotel cheio, com várias equipas: mas para o Autódromo, a maioria traz tudo de casa, até as flores para decorar os seus 'stands'. Em Portugal só compram frangos...»

Longines, Denim, Barclay, Iveco: eram 8 e 35, aí temos Nelson Piquet, todo aos pulinhos, com mala de mão e parceiro também afinando pelo mesmo tom. Vai para um carro da Camel: calças azuis, blusa amarela, chapéu celeste. «Como vai ser? Estou preparado para tudo. A minha guerra, este ano, está terminada.»

Os fiscais começam a distribuir-se pela pista: com muito garbo, levando a tarefa a excessos de rigor, trocando continências e palavras cabalísticas. Os motores começam a barafustar, César Torres entra na zona das «boxes»: «é pá, nem te digo nada. É cá uma responsabilidade...» Arranca: calças claras, camisa listada, logo mais teria de encadernar-se com casaco para atender os «vips» da confraria.

Shell, Bosch, Galp, Casino Estoril: de preto, com uma



Humberto Coelho, Senna e Eusébio: celebridades

amiga, entra Teresa Torres. Centenas de «walkie-talkies» começam a funcionar: uma chinfrineira em que se escutam as mais diversas ordens a muitos metros de distância. Até no bar: «whisky» a 500 escudos, «hamburguers» no pão por 225, um simples cafezito a 75 paus.

Quatro helicópteros estão às ordens. Um pequeno hospital de campanha foi montado. A equipa de telecomunicações-CTT alinha para a chamada: Mário Estorninho, José Augusto Mendes, Maria Judite Branco, Dulce Rosa, Maria Júlia Soeima, Joaquim Barbu do. João Leitão, Helena Teixeira, Horácio Vicente e uma retaguarda tão eficiente que logo surgiram colegas da Comunicação Social afirmando que estava encontrada a turma vencedora do dia.

Philips Car Stereo, Mabor, EMS, Olivetti: as «celebridades» vão aparecendo, todas garantindo que, pelo menos, o equipamento ninguém lhes tirava. Fatiotas vermelhas ou brancas: e Eusébio confundido por quem o tinha tornado imaculado, «eu devo ser o primeiro piloto negro da história do automobilismo». Duarte Cancellia de Abreu, apoia o patrão Francisco (Sogrape) Guedes. Chico Santos acabou de oferecer os últimos exemplares de um guia completo do nosso GP. Lá foram, vendem-se bilhetes para a «central» dos maiores por 60 contos. Um almoço para os grandes senhores fica por 13 contos. «Mas tem direito a lagosta e faisão.»

— Bem: e se eu não quiser fai-

são?

— Fica por 12 e 900...

Europcar, Allsport, Pirelli, Ici Tactel: larga «torcida» brasileira faz um barulho dos diabos, quer que o Senna dê um bigode à concorrência, bandeiras da «ordem e progresso» balançando em muitas mãos. O inglês ou o francês são mato em muitas bocas. Miranda Calha desembarca do carro e vai para o Alfa 164: vem de branco, são 9 e 50. «Desde que corra tudo bem e chegue ao fim já me considero feliz.» O filho tira-lhe o retrato, guerreiro para a posteridade.

Paulo Caetano vem com uma senhora e o apoderado. Raul Nascimento fala pelo cavaleiro: «é uma brincadeira, mas acho que ele vai fazer bom lugar». Centenas de mini-saias estão em desfile: muitas esculturas vivas e algumas outras que bem melhor fariam se tivessem ficado em vale de lençóis, varizes e celulite que, em prosas do Aurélio Márcio mais do João Alves da Costa, seriam convertidas em corpos de garças reais.

Benetton, TAG, Canon, Gevelot: «teen-agers» e balzaquianas desaguam em catadupa. O primeiro almoço dos artistas do circo tem de tudo: desde cenouras a conversas serenas, viaja entre melão e gelado e grandes copos de sumo de frutas. Todos os enormes camiões que transportaram a mercadoria que vai encadernar os heróis têm circuitos de TV. Os rádios fazem barulheira infernal. Os computadores atraem os olhares dos entendidos. Leite, pão torrado, rodelinhas de fiambre: marcha tudo.

As bancadas estão quase cheias: talvez a maior bilheteira de sempre. Eusébio sorri: «lá bonitos são os carros, mas eu não me vou ati-

rar à maluca. Quem quiser que ganhe. Com a bola é que lhes dava um grande avanço: e ganhava para todos...»

March, Leyton House, Loto, Acto Restore: ananases, uvas, peras, cervejas, águas, tudo foge para as barriguinhas, ninguém sabe onde vai travar a fronteira. Dadores de sangue (com identificação nos blusões) são mais que as mães: não ficou nenhum em casa, pois claro. Os enormes camiões das «escuderias» continuam com o ar condicionado, abrem-se em coberturas de plástico para resguardar do sol os seus patrícios.

Francisco Balsemão e Mercedes (Tita) são muito cumprimentados: há colegas que vêem neles os próximos patrões, nada de quebrar já o primeiro elo. Espumante entra nos frigoríficos, que o almoço está à porta. Com bolachas, salmão, frutos do mar mais caro. Tomás Taveira desabafa: «eu é que vou ganhar. Chego ao fim e obrigo-os a uma prova de desenhos...» Humberto Coelho e Eusébio fotografam-se com Ayrton Senna: «gostava de pontuar bem, mas tenho outras três oportunidades». E o brasileiro adianta: «Não quero falar de qualquer problema dentro da minha equipa. Neste momento, cada um faz o seu jogo...»

Avideso, Facon, BP, Elkron: os onze Alfa Romeos que esperavam os altos dignitários ondulam num vaivém. Adriano Cerqueira anda de cá para lá: «vai ser um osso. Assim, assim...» Humberto Coelho diz: «vamos lá a ver. O importante é não dar um tombo...» Ana Paula Reis está pegada a Domingos Piedade. O médico benfiquista Bernardo Vasconcelos passeia com dois filhos e um menino amigo: as crianças vestem de impecável vermelho. As mais estranhas máquinas fotográficas, as mais sofisticadas câmaras de filmar, vão dando sinal de existência. Rui Veloso desembarca no parque das celebridades: «cá por mim, só quero terminar a prova. Mas, o melhor será ganhar...». Ana Wilson (de lenço branco apanhando o fim do cabelo) explica porque não apareceu no treino da véspera. Basílio Horta está muito gordo: cuide dessa forma, caro doutor. Tem um perfil para vender ao público!

As vedetas da melhor companhia andam numa azáfama doída. Uns são pequenos de mais para o que a gente esperava, outros pareciam gigantes de peito ao sol. Eusébio devora uma péra. Carlos Plantier, a Eduarda e o Alberto Santos fazem larga

distribuição de fotos do Piquet e do Nakajima, aquele rapazito de ar desconfiado que não diz uma para a caixa mas é muito simpático na hora dos autógrafos.

Agrip, Daniel Hechter, Newlett Packard, BP: Nannini volta à «box» para dar um murro na mesa: «Porca miséria. Que vá?» Mansell está a ser massajado. Gugelmin mira e remira o carro 15. Capelli passeia de braço dado com uma louraça espampanante: e vaidosa, claro.

O zumbido imenso dos motores confunde quem está seguindo a prova da gente importante cá da área. O capitão Mário Angelo e o sargento Santos vêm saber de que lado está o vento: os «Asas de Portugal» não deixam nada à toa, a esquadilha fumaça vai fazer um vistício.

Martini, Arpo, Mercurio, Rial: o carro de Ferraz da Costa leva uma barbeadela na canhoto. Os pára-quedistas indagam se chegou a hora do seu brilhante. Rapagões de pelagem larga mostram as pernas emergindo de «bermudas» coloridas: cada qual faz o seu negócio.

Domingos Piedade ganhou, bateu Adriano Cerqueira, os outros ficaram também nos «conformes». Ana Paula Reis é a imagem da delícia. Rui Veloso confere tempos: «foi dois segundos melhor que nos treinos. Fiquei ou não em 10.º. Bom é que se isto tivesse umas quinze voltas. Também sou um corredor de fundo...»

Spal, Campari, Stievani, Viel & Cie: agrupa-se o coro dos famosos. Patrese vai beber uma cervejinha: milionário também pode alinhar com os pobretanas. Derek Warwick quer fazer um telefonema: para onde, mister? Boutsen vem do banho e penteia-se para mais fotografias. Andrea de Cesaris está desconfiado do carro: anda de engenheiro para mecânico, como impulsionado por uma mola. Prost conta a um colega italiano: «Em Monza? Os problemas foram com as válvulas. Agora, fizeram-se pequenas alterações após muitos testes. E estou cheio de fé...»

Berger lambe um gelado. Palmer lê um jornal, como se viajasse em outra galáxia. Streiff namorisa. Cheever afivela o rosto circunspeto. Na «box» de Senna empurram os intrusos à frente de pneus. A corrida vai começar. As últimas apostas estão feitas. Depois, na longa fita negra, um só dominador: para tristeza da multidão superior não venceu o seu rei. É sempre assim quando um pobre joga todos os tostões numa só carta.



**FIOS TRICOT
TENTAÇÃO
(ORG. ELEFANTE)**

**APRESENTAÇÃO DE
COLEÇÃO
DE OUTONO/INVERNO 88/89**

**FIOS NACIONAIS E
ESTRANGEIROS**

**RUA DO LORETO 41 — TEL. 322373
LISBOA (CAMÕES)**

C L E M E N T E MODAS «CASH AND CARRY»

Fabricantes de Pronto a Vestir:

O Verdadeiro Requite da Moda Feminina

(ACEITAM-SE AGENTES E VENDEDORES PARA TODO O PAÍS)

R. República da Bolívia, n.º 31-A • Benfca • 1500 BENFICA • Telef. 715 26 91

PROST ESTRAGOU A FESTA DE SENNA



Senna e Prost: lado-a-lado mas tão longe...

Augusto Vilela

Os milhares de entusiastas que ontem no Estoril se preparavam para festejar o primeiro título mundial de Ayrton Senna, na mesma pista onde ele tinha vencido o primeiro Grande Prémio da sua carreira viram a festa estragada. Alain Prost, que pela primeira vez desde o Grande Prémio de França encontrou o seu McLaren nas condições ideais, venceu com autoridade incontestada e adiou tudo para mais tarde, talvez para Espanha ou para a Austrália.

Frustrada a festa de Senna, o público encontrou outro motivo de vibração. Foi

a surpreendente prova do italiano Ivan Capelli, que se classificou na segunda posição e chegou a ameaçar seriamente a hegemonia de Alain Prost depois das coisas terem ficado definitivamente arrumadas para o brasileiro. Senna ainda conseguiu fazer uma volta à frente mas no final da recta da meta, apesar de o ter apertado, foi ultrapassado pelo piloto francês, numa manobra bastante perigosa que poderia ter gerado um acidente grave. Tudo isto depois de ter havido já uma partida marcada por uma carambola provocada pelo inglês Warwick, que falhou a partida, e

fez com que o Minardi do espanhol Perez Sala, o Lotus de Nakajima e o Rial de Andrea De Cesaris chocassem em cadeia. Antes, quase na hora da partida, De Cesaris, deixou ir abaixo o motor do carro no qual haviam sido substituídos todos os cabos eléctricos. Isto motivou um atraso de cinco minutos, obrigando a nova volta de reconhecimento. Ao todo, para ser dado início ao Grande Prémio de Portugal foram necessárias três voltas de reconhecimento e duas partidas. Estes incidentes e acidentes provocaram um atraso de 40 minutos, mas tudo acabou bem e a prova portuguesa foi um grande espectáculo, ajudado por excelentes condições climáticas - as melhores de sempre - e seguramente presenciado por um recorde de assistência.

Previam-se que no Estoril os carros equipados com motores atmosféricos se pudessem aproximar mais dos turbo e de facto assim veio a acontecer. O justificado receio da falta de gasolina obrigava a uma cuidada gestão da potência dos carros com motores aspirados. Prost fez a primeira parte da prova solicitando menor po-

tência ao motor, tarefa que foi algo facilitada pelos problemas com que se debateu o seu rival e companheiro de equipa Ayrton Senna. A braços com alegadas dificuldades de chassis, Senna depressa começou a atrasar-se, até perder o contacto com Alain Prost. E se lhe restavam ainda possibilidades de um lugar no pódio, elas desapareceram por completo quando teve de parar na «box» para mudar pneus, ainda que a operação tenha sido feita em pouco mais de sete segundos.

Apesar da excelente corrida de Prost, a grande figura da prova foi o italiano Ivan Capelli, que chegou mesmo a ultrapassar momentaneamente o piloto da McLaren.

«Senti o carro tão equilibrado e tão bem que tive a tentação de ultrapassar o Prost, mas depois dei conta que a temperatura da água tinha subido e tive medo de avariá-lo motor. Entre uma hipotética vitória e um segundo lugar, preferi aguen-

tar a posição que tinha», explicou no final o piloto italiano.

Capelli estava satisfeito com o resultado mas não deslumbrado, sublinhando aos jornalistas italianos que o entrevistaram que não se devia exaltar este resultado.

De qualquer modo Ivan Capelli chegou a preocupar Alain Prost. Se continuasse a forçar o andamento, ou o piloto francês era obrigado a aumentar o ritmo com risco de vir a ter problemas de combustível no final da corrida, como aconteceu a Michele Alboreto que cortou a meta a deslizar, ou então seria fatalmente ultrapassado.

O suíço Gerhard Berger, a quem pertenceram as voltas mais rápidas, foi o principal adversário de Capelli. Levou porém o seu entusiasmo longe demais e despitou-se quando estava já colado ao italiano, abandonando igualmente.

Por sua vez, Nigel Mansell, regressado à competição neste Grande Prémio de

Portugal, tentou igualmente bater-se por um lugar no pódio, mas despistou-se e teve também que abandonar.

Nelson Piquet teve problemas de embraiagem que lhe foram custando tempo de volta para volta, por ser obrigado a travar mais cedo. Acabaria também por desistir.

A prova foi aliás demolidora. Dos 26 carros que alinharam à partida somente se classificaram 12. Johansson fez apenas 4 voltas, Alliot 7, Cheever 10, De Cesaris 11, Nakajima 16, Dalmas 20, Martini 27, Patrese 29, Piquet 34, Berger 35, Nannini 48, Palmer 53, Mansell 54 e Gugelmin 59.

A vitória de Prost no Estoril adia a questão do título mas de modo algum retirava a Ayrton Senna a possibilidade de vir a ser campeão, pois enquanto Prost necessita de vencer os três Grandes Prémios que faltam disputar, Senna apenas necessita de garantir um primeiro e um quarto lugar.

CLASSIFICAÇÃO

Classificação final

1.º, Alain Prost (França), McLaren, 1.37.40,958 horas (média de 187,034km hora); 2.º, Ivan Capelli (Itália), March, 1.37.50,511; 3.º, Thierry Boutsen (Bélgica), Benetton, 1.38.25,567; 4.º, Derek Warwick (Inglaterra), Arrows, 1.38.48,377; 5.º, Michele Alboreto (Itália), Ferrari, 1.38.52,842; 6.º, Ayrton Senna (Brasil), McLaren, 1.38.59,227; 7.º, Alex Caffi

(Itália), Dallare, a uma volta; 8.º, Luís Perez-Sala (Espanha), Minardi, a duas voltas; 9.º, Philippe Streiff (França), AGS, a duas voltas; 10.º, René Arnoux (França), Ligier, a duas voltas; e 11.º, Gabrielle Tarquini (Itália), Coloni, a cinco voltas.

Como vai o «Mundial»

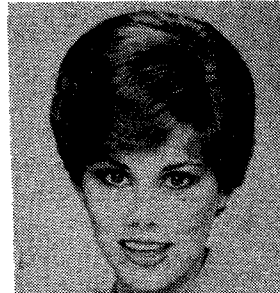
1.º, Alain Prost (França), 81 pontos; 2.º, Ayrton Senna (Brasil), 76; 3.º, Gerhard Berger (Áustria), 37; 4.º, Thierry

Boutsen (Bélgica), 25; 5.º, Michele Alboreto (Itália), 24; 6.º, Nelson Piquet (Brasil), 16; 7.º, Derek Warwick (Inglaterra), 15; 8.º, Ivan Capelli (Itália), 14; 9.º, Alessandro Nannini (Itália), 9; 10.º, Nigel Mansell (Inglaterra), 6; 11.º, Jonathan Palmer (Inglaterra), 5; 12.º, Mauricio Gugelmin (Brasil), 4; 13.º, Eddie Cheever (Estados Unidos), 3; 14.º, Andrea de Cesaris (Itália), 3; 15.º, Ricardo Patrese (Itália), 2; e 16.º, Satoru Nakajima (Japão) e Pierluigi Martini (Itália), 1.

CABELEIRAS DINABEL



Modelo "KATY"



Modelo "GENY"



Modelo "ELMA"

Para a beleza feminina a moda das cabeleiras é um meio fascinante de mudar a cor dos cabelos e ter sempre ao dispor um lindo penteado. Perucas e postiços para senhoras e Próteses Capilares para homens, em cabelo natural garantido.

Participação: A.D.S.E., Compª de Seguros e Caixas de Previdência.

Visite a exposição de penteados na

CASA DINABEL
R. Moraes Soares, 82-2º F
TELEFONE 83 44 34
1900 LISBOA



INDÚSTRIA DE PRODUTOS PARA SOLDADURA, LDA.

FABRICANTES DE ELECTRODOS E PORTA-ELECTRODOS
PARA SOLDADURA POR RESISTÊNCIA E BICOS P/SEMI-AUTOMÁTICA
LUGAR DA GAIA — PARQUE INDUSTRIAL DO ZAMBUJAL, 3 • TELEF. 903995 • 2700 ALFRAGIDE

DOMINGOS SEM PIEDADE COM OS AMADORES

Domingos Piedade, um véspera uma sessão de treinos em que todos se empenharam a fundo, a grelha de partida foi estabelecida por sorteio, colocando Pinto Balsemão na primeira linha.

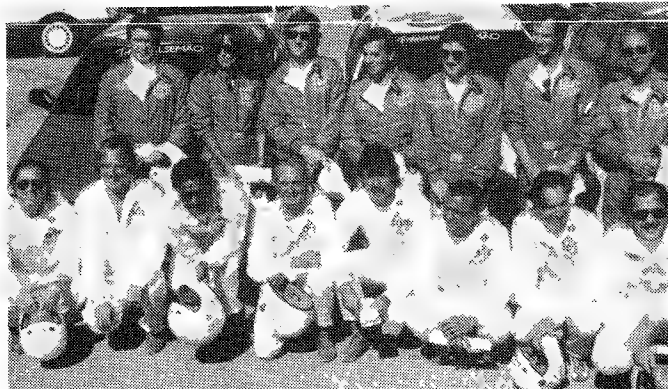
O ex-Primeiro Ministro e proprietário do Expresso não conseguiu aguentar essa posição mas fez uma excelente prova. Na última volta, quando já saboreava um convincente sexto lugar, desconcentrou-se, fez um pião e foi para maior exepriência das pistas a um lote de concorrentes constituído por figuras conhecidas da política, da música, do desporto, etc.

Apesar de ter havido na diferentes dos do Alfa Ro-

meo 164, entusiasmou-se e conseguiu um brilhante quinto lugar.

Mercedes Balsemão ficou na décima quinta posição, mas fez uma prova muito regular e conseguiu mesmo uma volta mais rápida que Eusébio, que se revelou bastante menos á vontade no asfalto do que na relva.

Ferraz da Costa o presidente da CIP, teve um ligeiro despiste e arranhou o Alfa Romeo nos «rails» de protecção. Mas o patronato, mesmo quando sofre um ou outro despiste, fica sempre em boa situação. Obteve um sexto lugar, muito perto de Manuel



Entre Basílio Horta e Adriano Cerqueira, de Tomás Taveira a Silva Reis: os convidados da Alfa 164 para a «corrida das celebridades».

Silva Reis e Paulo Caetano, que foram respectivamente quarto e quinto.

Francisco Guedes, o mais velho de todos os concorrentes, fez o papel de Ivan Capelli, classificando-se em terceiro lugar, a uns escassos 159 centésimos de segundo de Adriano Cerqueira.

Classificação final: 1. Domingos Piedade, 18.54,440; 2. Adriano Cerqueira, 18.57,815; 3. Francisco Guedes, 18.57,94; 4. Manuel Silva Reis, 19.07,625; 5. Paulo Caetano, 19.12,130; 6. Ferraz da Costa, 19.13,277; 7. Humberto Coelho, 19.31,850; 8. Carlos Monjardino, 19.35,958; 9. Miranda Calha, 19.39,892; 10. Francisco Pinto Balsemão, 19.41,437; 11. Rui Veloso, 19.41,777; 12. Tomás Taveira, 20.03,461; 13. Eusébio, 20.22,754; 14. Mercedes Balsemão, 21.01,168; 16. Ana Wilson, 20.19,331 (menos uma volta).

«SCR - SOCIEDADE DE COMÉRCIO E REPRESENTAÇÕES, LIMITADA»

Certifico para efeitos de publicação que por escritura de 2 de Setembro de 1988, exarada de fls. 58 a fls. 64 do livro 28-E, do 24.º Cartório Notarial de Lisboa, a cargo da Notária, Licenciada Maria de Lurdes Pinto Damásio, foram feitos na sociedade comercial por quotas de responsabilidade limitada, com a denominação em epígrafe e com sede na Avenida de Madrid, n.º 2-D, em Lisboa, os seguintes actos:

O sócio João Manuel Coutinho Viegas, dividiu a sua quota de 1 548 500\$00, em duas novas quotas, uma de 87 250\$00, que reservou para si, e outra de 1 461 250\$00, que cedeu por igual preço a Beatriz Marques de Menezes e Vasconcelos.

Foi aumentado o capital social de 2 000 000\$00 para 67 000 000 \$00, mediante o reforço da quantia de 65 000 000\$00, subscrito do seguinte modo:

O sócio Jaime Miguel Marques de Menezes e Vasconcelos subscreu 1 069 500\$00 por incorporação de reservas livres, e 846 250\$00 em dinheiro, elevando assim a sua quota de 1 78 250\$00 para 2 094 000\$00;

O sócio João Manuel Coutinho Viegas subscreu 523 500\$00 por incorporação de reservas livres, e 413 250\$00 em dinheiro, elevando assim a sua quota de 87 250\$00 para 1 024 000\$00;

A sócia Beatriz Marques de Menezes e Vasconcelos subscreu 8 767 500\$00 por incorporação de reservas livres, e 6 943 250\$00 em dinheiro, elevando assim a sua quota de 1 461 250\$00 para 17 172 000\$00;

A sócia Maria Júlia Marques de Menezes e Vasconcelos subscreu 1 069 500\$00 por incorporação de reservas livres, e 846 250\$00 em dinheiro, elevando assim a sua quota de 1 78 250\$00 para 2 094 000\$00; e,

O sócio José Martins dos Santos subscreu 570 000\$00 por incorporação de reservas livres, e 451 000\$00 em dinheiro, elevando assim a sua quota de 95 000\$00 para 1 116 000\$00; e, ainda,

Pela entrada para a sociedade da sócia Etablissement Molinvest, que subscreu uma quota de 43 500 000\$00.

Que, em consequência do aumento, foi alterado o artigo 3.º do pacto social, o qual passou a ter a seguinte redacção:

Terceiro - O capital social, integralmente realizado em dinheiro e nos demais valores constantes da escritura social, é de sessenta e sete milhões de escudos e corresponde à soma das seguintes quotas: uma no valor de dois milhões e noventa e quatro mil escudos do sócio Jaime Miguel Marques de Menezes e Vasconcelos;

uma no valor de quarenta e três milhões e quinhentos mil escudos da sócia Etablissement Molinvest; uma no valor de um milhão e vinte e quatro mil escudos do sócio João Manuel Coutinho Viegas; uma no valor de dois milhões e noventa e quatro mil escudos da sócia Maria Júlia Marques de Menezes e Vasconcelos; uma no valor de dezasseis milhões cento e setenta e dois mil escudos da sócia Beatriz Marques de Menezes e Vasconcelos; e uma no valor de um milhão cento e dezasseis mil escudos do sócio José Martins dos Santos.

Que as referidas importâncias em dinheiro, correspondentes aos aumentos, já deram entrada no cofre social.

Pela mesma escritura, a sociedade em questão foi transformada em sociedade anónima de responsabilidade limitada, passando a denominar-se «MOTEC - CR - COMÉRCIO E REPRESENTAÇÕES, SA», a qual passou a reger-se pelos artigos constantes da fotocópia anexa:

Primeiro - Um - A sociedade adopta a denominação de «MOTEC - CR - COMÉRCIO E REPRESENTAÇÕES, SA», tem a sua sede em Lisboa, na Avenida de Madrid, número dois-D e durará por tempo indeterminado a contar da data da sua constituição.

Dois - A sociedade pode, contudo, mediante deliberação do conselho de administração, deslocar a sua sede sempre que julgar conveniente dentro do mesmo concelho ou para concelho limítrofe e, bem assim, criar filiais, agências, delegações ou quaisquer outras formas de representação em qualquer parte do território português ou estrangeiro.

Segundo - O objecto social é o exercício do comércio geral, importações, exportações, representações e técnicas de construção.

Terceiro - Um - O capital social é de sessenta e sete milhões de escudos, representado por sessenta e sete mil acções no valor nominal de mil escudos cada uma e está integralmente subscrito e realizado.

Dois - As acções são nominativas ou ao portador e livremente convertíveis, podendo haver títulos de uma, cinco, dez e cinquenta acções.

Quarto - Um - O capital social poderá ser elevado por uma ou mais vezes até ao montante de cem milhões de escudos por simples deliberação do Conselho de Administração.

Dois - Por deliberação da assembleia geral poderão vir a ser emitidas acções preferenciais sem voto e acções preferenciais remíveis.

Quinto - A sociedade poderá, nos termos legais, emitir obrigações com as características e nas condições que forem aprovadas em assembleia geral.

Sexto - A sociedade, respeitando os limites legais, pode adquirir acções e obrigações próprias e efectuar sobre elas as operações que entender convenientes.

Sétimo - Um - A nenhum accionista é permitido transmitir as suas acções por actos intervivos, ou constituir-las em caução a favor de pessoas estranhas à sociedade, sem o prévio consentimento desta.

Dois - O conselho de administração deverá deliberar, no prazo máximo de quinze dias, contados a partir da data do recebimento da comunicação da venda, se a sociedade dá o consentimento à pretendida transacção.

Três - Em caso de recusa do consentimento, deverá o assunto ser submetido à apreciação da Assembleia Geral, que poderá adquirir as acções para a própria sociedade ou deliberar oferecê-las a quaisquer outros accionistas.

Quatro - No caso das acções serem penhoradas, arrestadas ou sujeitas a qualquer procedimento judicial, e, ainda, se as mesmas forem apresentadas à sociedade para averbamento, tendo sido alienadas com infracção do disposto no presente artigo, a sociedade poderá adquirir essas acções, devendo apenas pagar o preço correspondente ao seu valor nominal acrescido das reservas legais constituídas.

Oitavo - Um - O Conselho de Administração será composto por um número ímpar de membros entre um e sete, eleitos em assembleia geral por períodos de três anos, reelegíveis uma ou mais vezes, e dispensados de caução.

Dois - Na sua primeira reunião o Conselho de Administração escolherá o seu presidente.

Três - A todo o tempo poderá o Conselho de Administração delegar num ou mais administradores ou uma comissão executiva, formada por um número ímpar de administradores, a gestão corrente da sociedade.

Nono - O Conselho de Administração deverá reunir pelo menos duas vezes por ano, sendo as suas deliberações tomadas por maioria, cabendo ao presidente voto de qualidade em caso de empate.

Décimo - Um - Ao Conselho de Administração competem os mais amplos poderes de representação e administração dos negócios sociais, nos quais se incluem, nomeadamente, os de confessar, desistir ou transigir em qualquer acção.

Dois - Os membros do Conselho de Administração poderão ser ou não remunerados conforme decidir a Assembleia Geral, e a remuneração poderá consistir total ou parcialmente numa percentagem dos lucros do exercício.

Décimo primeiro - A sociedade obriga-se com a assinatura do Presidente do Conselho de Administração ou de dois outros administradores.

Décimo segundo - Os membros do Conselho Fiscal serão eleitos por períodos de três anos pela Assembleia Geral e reelegíveis por uma ou mais vezes.

Décimo terceiro - A Assembleia Geral é composta por todos os accionistas cujas acções, pelo menos dez dias antes da reunião, se encontrem averbadas ou registadas em seu nome ou depositadas nos cofres da sociedade ou de qualquer instituição de crédito.

Décimo quarto - A mesa da Assembleia Geral será composta por um presidente e um secretário, eleitos trienalmente em Assembleia Geral e reelegíveis por uma ou mais vezes.

Décimo quinto - Os lucros líquidos, depois de preenchida a reserva legal e pagas as remunerações dos membros do Conselho de Administração, serão destinadas a reservas livres, salvo deliberação em contrário dos accionistas.

Décimo sexto - No decurso de um exercício e obtida autorização do Conselho Fiscal, poderá o Conselho de Administração deliberar a distribuição antecipada dos lucros.

Décimo sétimo - As questões emergentes destes estatutos, a regular entre a sociedade e os accionistas, seus herdeiros ou representantes, serão resolvidas por um tribunal arbitral constituído por três membros, que se instalará na Comarca de Lisboa, e julgará sem recurso. Um dos árbitros será designado pela sociedade, o outro pelos accionistas em causa e o terceiro escolhido por esses dois.

Décimo oitavo - Um - Desde já são designados para o Conselho de Administração, para o triénio de mil novecentos oitenta e oito/noventa e um D. Beatriz Marques de Menezes e Vasconcelos (Presidente), Jaime Miguel Marques de Menezes e Vasconcelos e João Manuel Coutinho Viegas.

Dois - Desde já são designados para o Conselho Fiscal Dr. Luís Eduardo Ribeiro Kaizeler, Revisor Oficial de Contas (Presidente), Dr. João Carlos Vaz Serra de Moura, em representação da Etablissement Molinvest e José Martins dos Santos e como suplente o Revisor Oficial de Contas Dr. João Cabrito Lourenço.

Está conforme o original.

Lisboa e 24.º Cartório Notarial, 2 de Setembro de 1988.

O AJUDANTE

(Fernando Lopes de Carvalho)

«D.L.» - 26/9/88

Informação

COMERCIAL

CONCURSO

Até às 17 horas do dia 28 de Setembro de 1988, estes Caminhos de Ferro aceitam propostas para a instalação e exploração de duas carruagens para bar na estação de Sintra.

A importância mínima a oferecer pela sua instalação, subsequente exploração e utilização de uma dependência anexa, é de 500 000\$00 e os concorrentes devem depositar em qualquer estação da C. P. a quantia de 84 000\$00 e as respectivas propostas devem ser feitas com base no programa do concurso e condições contratuais que os interessados poderão consultar nos seguintes locais:

Direcção Comercial - Divisão Comercial
Av. da República, 66
1000 LISBOA
Telefone 73 16 33

Estação de Lisboa (Rossio)
Telefone 32 75 57

Estações de:

Queluz-Belas - Telef. 95 56 31

Barcarena

Cacém - Telef. 924 24 48

Rio de Mouro - Telef. 926 02 73

Mercês - Telef. 921 01 39

Algueirão - Telef. 921 43 98

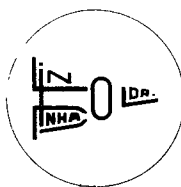
Portela de Sintra - Telef. 293 31 08

Sintra - Telef. 923 26 05

As propostas deverão ser feitas em carta fechada dirigida à Direcção Comercial - Divisão Comercial dos Caminhos de Ferro Portugueses, E. P., Apartado n.º 2733, 1118 LISBOA CODEX, acrescentando-se àquele endereço, no sobrescrito, o seguinte:

«Proposta para a instalação e subsequente exploração de duas carruagens para bar na estação de Sintra.»

Caminhos de Ferro Portugueses



LINO & PINHÃO, LDA.

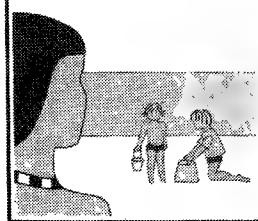
José Augusto Pinhão

GERENTE

• Fabrico de Máquinas e Equipamentos Especiais para a Indústria •

FÁBRICA

Parque Industrial do Zambujal, Oficina 10-A Telefone 90 05 27
Lugar de Gaia - ALFRAGIDE - 2700 AMADORA



VIGIE as crianças

BOA PRESENÇA DOS PORTUGUESES

A corrida da Fórmula GM/Lotus encerrou o programa do Grande Prémio de Portugal. Foi disputada numa altura em que uma boa parte do público já começava a abandonar o Autódromo para o difícil regresso a casa. E foi pena porque esta Fórmula contém todas as potencialidades para proporcionar bons espectáculos. Bem merecia ter sido colocada num lugar mais nobre do programa.

O alemão Frentzen, que já tinha obtido o melhor tempo nos treinos, não teve grandes dificuldades em superar Larsen e Kalff, os seus principais adversários.

Miguel Vilar e Pedro Carvalho, os dois portugueses que alinharam nesta prova, tiveram um comportamento que pode considerar-se pleno de mérito. Miguel Vilar foi o sexto, obtendo a melhor classificação de todas

as provas que disputou até agora.

Quanto a Pedro Carvalho excedeu tudo o que poderia esperar-se dele. Quando iniciou os treinos praticamente mal conhecia o carro. Fez o décimo sétimo tempo. Na corrida classificou-se em oitavo lugar, posição excelente para um simples estreante. Mas, mais que isso, mostrou que era capaz de andar entre os melhores, fazendo sempre uma prova segura.



Manuel Vilar: uma belíssima presença portuguesa

«CCI – COMPANHIA DE COMÉRCIO INTERNACIONAL, LIMITADA»

Certifico para efeitos de publicação, que por escritura de 2 de Setembro de 1988, exarada de fls. 64, V a fls. 68, do livro 28-E, do 24.º Cartório Notarial de Lisboa, a cargo da Notária, Licenciada, Maria de Lurdes Pinto Damásio, foram feitos na sociedade comercial por quotas de responsabilidade limitada, com a denominação em epígrafe e com sede na Avenida Padre Manuel da Nóbrega, n.º 11, 1.º Dt.º, em Lisboa, os seguintes actos:

O sócio, José Martins dos Santos, dividiu a sua quota de 112 750\$00, em três novas quotas, uma de 23 750\$00 que reservou para si, e duas de 44 500\$00 cada uma, cedendo uma Jaime Miguel Marques de Menezes e Vasconcelos, e a outra a Maria Júlia Marques de Menezes e Vasconcelos, ambas por iguais preços.

Foi aumentado o capital de 500 000\$00 para 11 500 000\$00, mediante o reforço da quantia de 11 000 000\$00, subscrito do seguinte modo:

O sócio Jaime Júlio Henriques de Menezes e Vasconcelos, eleva a sua quota de 365 500\$00 para 3 288 000\$00, sendo quanto à quantia de 1 827 500\$00 por incorporação de reservas livres, e 1 095 000\$00 em numerário;

O sócio, João Manuel Coutinho Viegas, eleva a sua quota de 21 750\$00 para 196 000\$00, sendo quanto à quantia de 108 750\$00 por incorporação de reservas livres, e 65 500\$00 em numerário;

O sócio, José Martins dos Santos, eleva a sua quota de 23 750\$00 para 214 000\$00, sendo quanto à quantia de 118 750\$00 por incorporação de reservas livres, e 71 500\$00 em numerário;

O sócio, Jaime Miguel Marques de Menezes e Vasconcelos, eleva a sua quota de 44 500\$00 para 401 000\$00, sendo quanto à quantia de 222 500\$00 por incorporação de reservas livres, e 134 000\$00 em numerário;

A sócia, Maria Júlia Marques de Menezes e Vasconcelos, eleva a sua quota de 44 500\$00 para 401 000\$00, sendo quanto à quantia de 222 500\$00 por incorporação de reservas livres, e 134 000\$00 em numerário; e,

Pela entrada para a sociedade, da sociedade Etablissement Molinvest, que subcreveu uma quota no valor de 7 000 000\$00.

Que, em consequência do referido aumento, foi alterado o artigo 3.º do pacto social, o qual passou a ter a seguinte redacção:

Terceiro – O capital social, integralmente realizado em dinheiro e nos demais valores constantes da escrita social, é de onze milhões e quinhentos mil escudos e corresponde à soma das seguintes quotas: uma no valor de três milhões e duzentos e oitenta e oito mil escudos do sócio Jaime Júlio Henriques de Menezes e Vasconcelos; uma no valor de cento e noventa e seis mil escudos do sócio João Manuel Coutinho Viegas; uma no valor de duzentos e catorze mil escudos do sócio José Martins dos Santos; uma no valor de quatrocentos e um mil escudos do sócio Jaime Miguel Marques de Menezes e Vasconcelos; uma no valor de quatrocentos e um mil escudos da sócia Maria Júlia Marques de Menezes e Vasconcelos; e uma no valor de sete milhões de escudos da sócia Etablissement Molinvest.

Que, as referidas importâncias em dinheiro, referente aos aumentos, já deram entrada no cofre social.

Pela mesma escritura, a sociedade em questão, foi transformada em sociedade anónima de responsabilidade limitada, passando a denominar-se «CCI – COMPANHIA DE COMÉRCIO INTERNACIONAL, SA», a qual passou a reger-se pelos estatutos constantes da fotocópia anexa:

ESTATUTOS

1.º

Um. A sociedade adopta a denominação de «CCI – Companhia de Comércio Internacional, SA», tem a sua sede em Lisboa na Av. Padre Manuel da Nóbrega, Onze-Primeiro-Direito e durará por tempo indeterminado a contar da data da sua constituição.

Dois. A sociedade pode, contudo, mediante deliberação do conselho de administração, deslocar a sua sede sempre que julgar conveniente dentro do mesmo concelho ou para concelhos limítrofes e, bem assim, criar filiais, agências, delegações ou quaisquer formas de representação em qualquer parte do território português ou estrangeiro.

2.º

O objecto social é o exercício do comércio geral, importações, exportações e representações.

3.º

Um. O capital social é de onze milhões e quinhentos mil escudos representado por onze mil e quinhentos acções no valor nominal de mil escudos cada uma e está integralmente subscrito e realizado.

Dois. As acções são nominativas ou ao portador e livremente convertíveis, podendo haver títulos de uma, cinco, dez e cinquenta acções.

4.º

Um. O capital social poderá ser elevado por uma ou mais vezes até ao montante de cem milhões de escudos por simples deliberação do conselho de administração.

Dois. Por deliberação da assembleia geral poderão vir a ser emitidas acções preferenciais sem voto e acções preferenciais remíveis.

5.º

A sociedade poderá, nos termos legais, emitir obrigações com as características e nas condições que forem aprovadas em assembleia geral.

6.º

A sociedade, respeitando os limites legais, pode adquirir acções e obrigações pró-

prias, e efectuar sobre elas as operações que entender convenientes.

7.º

Um. A nenhum accionista é permitido transmitir as suas acções por actos inter vivos, ou constituir-las em caução a favor de pessoas estranhas à sociedade, sem o prévio consentimento desta.

Dois. O conselho de administração deverá deliberar, no prazo máximo de quinze dias, contados a partir da data do recebimento da comunicação da venda, se a sociedade dá o consentimento à pretendida transacção.

Três. Em caso de recusa do consentimento, deverá o assunto ser submetido à apreciação da assembleia geral, que poderá adquirir as acções para a própria sociedade ou deliberar oferecê-las a quaisquer outros accionistas.

Quarto. No caso das acções serem penhoradas, arrestadas ou sujeitas a qualquer procedimento judicial, e, ainda, se as mesmas, forem apresentadas à sociedade para averbamento, tendo sido alienadas com infracção do disposto no presente artigo, a sociedade poderá adquirir essas acções, devendo apenas pagar o preço correspondente ao seu valor nominal acrescido das reservas legais constituídas.

8.º

Um. O conselho de administração será composto por um número ímpar de membros e entre um e sete, eleitos em assembleia geral por períodos de três anos, reelegíveis uma ou mais vezes, e dispensados de caução.

Dois. Na sua primeira reunião o conselho de administração escolherá o seu presidente.

Três. A todo o tempo poderá o conselho de administração delegar num ou mais administradores ou numa comissão executiva, formada por um número ímpar de administradores, a gestão corrente da sociedade.

9.º

O conselho de administração deverá reunir pelo menos duas vezes por ano, sendo as suas deliberações tomadas por maioria, cabendo ao presidente voto de qualidade em caso de empate.

10.º

Um. Ao conselho de administração competem os mais amplos poderes de representação e administração dos negócios sociais, nos quais se incluem, nomeadamente, os de confessar, desistir ou transigir em qualquer acção.

Dois. Os membros do conselho de administração poderão ser ou não remunerados, conforme decidir a assembleia geral, e a remuneração poderá consistir total ou parcialmente numa percentagem dos lucros do exercício.

11.º

A sociedade obriga-se com a assinatura do presidente do conselho de Administração ou de dois outros administradores.

12.º

As funções de conselho fiscal serão exercidas por um revisor oficial de contas e um suplente ou por uma sociedade de revisores oficiais de contas, eleitos por períodos de três anos pela assembleia geral e reelegíveis por uma ou mais vezes.

13.º

A assembleia geral é composta por todos os accionistas cujas acções, pelo menos dez dias antes da reunião se encontrem averbadas ou registadas em seu nome, ou depositadas nos cofres da sociedade ou de qualquer instituição de crédito.

14.º

A mesa da assembleia geral será composta por um presidente e um secretário, eleitos trienalmente em assembleia geral e reelegíveis por uma ou mais vezes.

15.º

Os lucros líquidos, depois de preenchida a reserva legal e pagas as remunerações dos membros do conselho de administração, serão destinados a reservas livres, salvo deliberação em contrário dos sócios.

16.º

No decurso de um exercício e obtida autorização do conselho fiscal, poderá o conselho de administração deliberar a distribuição antecipada dos lucros.

17.º

As questões emergentes destes estatutos, a regular entre a sociedade e os accionistas, seus herdeiros ou representantes, serão resolvidas por um tribunal arbitral constituído por três membros, que se instalará na Comarca de Lisboa e julgará sem recurso. Um dos árbitros será designado pela sociedade, o outro pelos accionistas em causa e o terceiro escolhido por esses dois.

18.º

Um. Desde já são designados para o conselho de administração, para o triénio de mil novecentos e oitenta e oito – mil novecentos e noventa e um os senhores Jaime Júlio Henriques de Menezes e Vasconcelos (presidente), Jaime Miguel Marques de Menezes e João Manuel Coutinho Viegas.

Dois. Desde já são designados para exercer as funções de conselho fiscal os revisores oficiais de contas, Dr. Luís Eduardo Kaiseler (efectivo) e Dr. João Cabrito Lourenço (suplente).

Está conforme o original.
Lisboa e 24.º Cartório Notarial, 2 de Setembro de 1988.

O 3.º Ajudante

Fernando Lopes de Carvalho

Informação COMERCIAL

CONCURSO

Até às 17 horas do dia 3 de Outubro de 1988, estes Caminhos de Ferro aceitam propostas para a adjudicação da exploração de um restaurante na estação de Caldas da Rainha.

A anuidade mínima a oferecer é de 800 000\$00 e os concorrentes deverão depositar, na estação da C. P., a quantia de 135 000\$00 e as propostas deverão ser feitas com base no programa do concurso e condições contratuais que os interessados poderão consultar nos seguintes locais:

Direcção Comercial – Divisão Comercial de Promoção e Apoio

**Av. da República, 66
1100 LISBOA
Telefone 73 16 33/76 08 19**

**Estação de Lisboa (Rossio)
Telef. 32 75 57**

Estações de:

Cacém – Telef. 924 24 48

Torres Vedras – Telef. 24 284

Caldas da Rainha – Telef. 236 93

As propostas deverão ser feitas em carta fechada dirigida à Direcção Comercial – Divisão Comercial de Promoção e Apoio dos Caminhos de Ferro Portugueses, E. P., Apartado n.º 2733, 1118 LISBOA CODEX, acrescentando-se àquele endereço, no sobrescrito, o seguinte:

«Proposta para a adjudicação da exploração de um restaurante na Estação de Caldas da Rainha.»

 **Caminhos de Ferro
Portugueses**



Andebol: em Alvalade manda o Sporting

Andebol

"Dragões" continuam invictos

Sporting e Francisco de Holanda alcançaram o Benfica no comando do campeonato nacional de andebol da primeira divisão, mercê das vitórias conseguidas nos encontros da 4.ª jornada.

O Sporting venceu o Benfica, em Alvalade, por 19-16 e o Francisco de Holanda venceu a Académica por 17-12.

A primeira derrota dos «encarnados» no campeonato obriga-os a repartir o comando, enquanto o FC Porto, que venceu no Restelo (30-20), passa a ser a única formação que ainda não cedeu pontos.

Os portistas, que têm um jogo em atraso, estão apenas a um ponto dos líderes.

O Vitória de Setúbal, que sabado perdera com o Clube TAP, em encontro caracterizado por uma arbitragem muito contestada da dupla José Fernandes/Fernando Humberto, voltou às vitórias, com um concludente 28-19 frente ao Salgueiros.

Também o ABC (Braga) derrotado sábado pelo Comércio e Indústria, regressou à conquista de pontos, com uma vitória frente ao Clube TAP, por 25-21.

Resultados

3.ª jornada:	
Belenenses-Sporting	26-24
Académica-Benfica	16-19
FC Porto-Caramão	25-13
Salgueiros-Holanda	18-27
Comércio Indústria-ABC	26-25
Clube TAP-Vitória Setúbal	15-14

4.ª jornada:	
Sporting-Benfica	19-16
Belenenses-FC Porto	20-30

F. Holanda-Académica	17-12
Caramão-C. Indústria	21-26

Setúbal-Salgueiros	28-19
ABC (Braga)-Clube TAP	25-21

Classificação

1.ºs Benfica, Sporting e F. Holanda, 10 pontos; 4.º FC Porto, 9 (menos um jogo); 5.ºs Belenenses, Setúbal, Clube TAP e C. Indústria, 8; 9.º ABC Braga, 7 (menos 1 jogo), 10.º Salgueiros, 6 e 11.ºs Caramão e Académica, 4.



São jugoslavos, joga voleibol e vieram para representar o Sporting

Ténis

CUNHA E SILVA: MAIS UM TÍTULO

João Cunha e Silva alcançou o seu 3.º título de campeão nacional de primeiras categorias ao bater na final do campeonato Pedro Cordeiro, em três «sets», por 6-0, 6-1 e 6-4.

Nesta final disputada no «court» central do Clube de Ténis do Porto, Cunha e Silva evidenciou uma notória superioridade e após um rápido triunfo no primeiro «set», em apenas 23 minutos, chegou aos 5-0 no segundo «set», altura em que Cordeiro alcançou o seu primeiro jogo.

No 3.º e último «set», Cordeiro quebrou logo de entrada o serviço de Cunha e Silva, mas este encarregou-se de virar de

imediatamente o resultado, para 3-1, vantagem que soube sempre conservar até ao oitavo jogo (5-3), altura em que Cordeiro reduziu para 4-5, mas não evitando que Cunha e Silva fechasse o encontro e alcançasse o 3.º título consecutivo, sempre em finais disputadas com Pedro Cordeiro.

Pelo triunfo Cunha e Silva recebeu um cheque de 400 mil escudos, enquanto Cordeiro embolsou a quantia de 200 mil escudos.

Após esta final, que demorou uma hora e 50 minutos, e num almoço promovido pela Federação Portuguesa de Ténis, foi homenageado o ex-campeão

José Roquette, 14 vezes titular nacional.

Resultados das finais deste Troféu Videotex / Campeonato Nacional de Primeiras Categorias: singulares homens: João Cunha e Silva - Pedro Cordeiro, 6-0, 6-1 e 6-4; singulares seniores: Patrícia Valadas - Tânia Couto, 2-6, 6-3 e 7-5; pares homens: Alberto Miguel / Pedro Cordeiro - Rui Sousa/Jorge Gonçalves, 4-6, 7-5, 6-4 e 6-0; pares mistos: Joana Pedroso/Paulo Machado - Tânia Couto/Emanuel Couto, 6-3, 2-6 e 6-4; pares seniores: Tânia Couto / Maria Rego - Joana Pedroso/Sofia Prazeres, 7-5 e 7-6 (7/4).

MODALIDADES

Basquetebol: 2.ª jornada

Resultados: Esgueira - Ginásio, 108-78; Estrelas - Belenenses, 105-109; Benfica - Imortal, 71-60; Ovarense - Beira-Mar, 100-76; e Futebol Clube do Porto - Sporting, 82-78.

Classificação: 1.ºs, Benfica, Ovarense, Futebol Clube do Porto e Esgueira, 4 pontos; 5.ºs, Sporting, Estrelas e Belenenses, 3; e 8.ºs, Imortal, Beira-Mar e Ginásio, 2.

Ciclismo: Rampa da Arrábida

José Xavier, do Louletano/Vale do Lobo, venceu o III Critério Rampa da Arrábida em Ciclismo, prova dividida em dois sectores, um em linha e outro em contra-relógio individual, ambos a subir.

Na primeira parte, 12,5 quilómetros em linha entre Setúbal e o Alto da Arrábida (Antenas), venceu Benjamim Carvalho, do Salgueiros/Comax, com 20,28 minutos, seguido de Jacinto Paulinho, do Louletano, com 20,29 e de Marco Chagas, da mesma equipa, com 20,36. O 4.º foi Manuel Abreu (Garcia-Joalheiro), seguido de José Xavier (Louletano), ambos com 20,40 minutos.

Na segunda parte, um contra-relógio individual entre o Portinho da Arrábida e o Convento da Arrábida, na distância de 7km, o primeiro foi Vítor Tere-sinho, do Salgueiros, com 17,07 minutos, seguido de José Xavier, 17,12, Manuel Abreu, 17,26, Marco Chagas, 17,28 e Venceslau Fernandes, do Sangalhos, 17,33.

Participaram nesta prova 24 ciclistas profissionais e 13 se-

niores, que percorreram o mesmo percurso.

O vencedor sénior foi Diamantino Marques, do Carnide, com 38,41 minutos, seguido do seu companheiro de equipa Rui Vitorino, com 39,42 e de José Pinto, do Sambrazense, com 39,47.

Vela: Rui Silva campeão nacional

Rui Silva, do Clube Desportivo de Paço de Arcos, conquistou o título de campeão nacional de «laser», ao vencer a 9.ª regata, após a homologação dos resultados de sábado.

As duas derradeiras regatas da competição não se realizaram devido às más condições climáticas, acabando a organização por homologar os resultados com base nas regatas anteriores.

Classificação final: 1.º, Rui Silva (Clube Desportivo de Paço de Arcos), 5,25 pontos; 2.º, Alfredo Santos (Sport Clube do Porto), 9,0; 3.º, Afonso Domingos (Clube Naval de Cascais), 24,0; 4.º, Rolando Olivier (RCN de Vigo), 29,0; e 5.º, Ricardo Batista (Clube Desportivo de Paço de Arcos), 30,0.

Grande Prémio de Alverca em Atletismo

Vai a Junta de Freguesia de Alverca do Ribatejo organizar no próximo dia 5 de Outubro (10 horas) o IX Grande Prémio de Alverca em Atletismo, para atletas populares e federados.

As inscrições devem ser enviadas para o seguinte endereço: Junta de Freguesia de Alverca do Ribatejo, Rua Dr. Miguel Bombarda, n.º 23 - Alverca.

Joaquim Gomes muda-se para 'Sicasal/Torreense'



Joaquim Gomes: afinal, trocou o Louletano/Vale do Lobo pela Sicasal/Torreense. Na turma algarvia continuam Marco Chagas e Cayn Theakston, passando a chefia técnica para Emídio Pinto que (como em devida altura noticiámos) substituiu Orlando Alexandre. A apresentação do bloco algarvio vai ter lugar a 7 de Outubro, em Vale do Lobo.



Motocross: título para Kalssas

Com a realização da prova da Moita terminou mais um campeonato nacional de motocross (sénior 500 cc) cuja classificação final ficou assim ordenada: 1.º Mário Kalssas, 215 pontos; 2.º António Oliveira, 212; 3.º António Tavares, 143; 4.º Vítor Calado, 82; 5.º Jorge R6, 72; 6.º César Peixe, 54; 7.º Adriano Lopes, 51; 8.º Jorge Cavaleiro, 45; 9.º Joaquim Rodrigues, 45; 10.º Carlos Alberto, 38.

Classificaram-se mais sete concorrentes.



GRUPOR

**CAMião
CARGA AÉREA
VAGÃO
CONTENTOR**

GRUPOR

transitários

AVEIRO
Edifício Laguna
Variante — Esgueira — Junqueira
3800 AVEIRO
Telef. 312043/5278
Telex 37615 — Telefax 312080

COVILHÃ
Centro Cívico, Bl. 3. 3.º, Esq. Frt.
6200 COVILHÃ
Telef. 22077/8
Telex 52733 — Fax 22124

FIGUEIRA DA FOZ
Edifício Central, Sala 3 — Araújo
3080 FIGUEIRA DA FOZ
Telef. 28640/1
Telex 53324

LISBOA
R. Proj. à Av. Afonso III, Lt. 2-1.º
1900 LISBOA
Telef. 823312/3 — 823361/2/3 —
839416 — 839475
Telex 14047/14835 — Fax 825210

PORTO
R. Mouzinho da Silveira, 154-2.º, 3.º, 4.º e 5.º
4000 PORTO
Telef. 313295/313217/314617
Telex 28179/26874 — Fax 324503

SETÚBAL
R. Ocidental do Mercado, 39 — b. 3.º
2900 SETÚBAL
Telef. 25061/2 — 23771
Telex 42309 — Fax 39089

ONDE QUER QUE TENHA UMA CARGA NÓS TRANSPORTAMOS

O Chefe do Governo continua ligeiramente melhor

O estado de saúde do Chefe do Governo melhorou ligeiramente. Concorrendo com o abaixamento da febre (de 38,3 para 37,3), notaram os médicos responsáveis que da parte do enfermo se haviam acentuado «as respostas motoras às solicitações verbais.» Entretanto, o prognóstico «continua ainda reservado.»

Às 10 e 10, em nova visita, um amigo de longa data do Presidente do Conselho: o prof. Bissaya Barreto, antigo catedrático da Faculdade de Medicina de Coimbra.

Mais vinte minutos, e foi a vez de aparecer um membro da equipa médica responsável, prof. Eduardo Coelho, que

cruzou o átrio sem prestar quaisquer declarações aos jornalistas.

Novos incidentes na capital do México

Forças da Polícia de Choque, disparando para o ar, carregaram sobre uma multidão de cerca de 20 mil estudantes, que se tinham reunido numa praça existente por detrás do edifício do Ministério dos Negócios Estrangeiros.

Forças militares continuam a ocupar a Universidade, cujos departamentos os estudantes pretendem retomar.

Segundo declararam estudantes, uma rapariga de 19

anos foi atingida no peito e levada pelos seus companheiros.

Jovens estrangeiros expulsos da União Académica

Uma americana e um inglês, expulsos da União Soviética por terem estado a distribuir panfletos numa praça de Moscovo, foram escortados esta manhã até ao aeroporto.

Quer a Embaixada norte-americana, quer a Embaixada inglesa, receberam comunicados denunciando os jovens pelo exercício «de actividades não permitidas.»

Ambas as Embaixadas protestaram junto das autoridades soviéticas.

EFEMÉRIDE S

1850 É limitada a liberdade de imprensa em França.

1907 A Nova Zelândia ascende à autonomia no seio da comunidade britânica.

1918 Os aliados lançam uma ofensiva que acaba por quebrar a linha alemã de Hindenburgo, no decurso da primeira guerra mundial.

1928 23 países assinam o Pacto da Sociedade das Nações, documento que considera a guerra ilegal e que aponta a resolução pacífica dos conflitos.

1937 Árabes assassinam o representante da Grã-Bretanha na Galileia.

1950 Forças das Nações Unidas recapturam Seul, capital da Coreia do Sul.

1962 Um grupo de oficiais derruba o presidente Iman Mohamed, do Iemene do Norte, proclamando a República Árabe do Iemene.

1968 Américo Tomás, presidente da República portuguesa, anuncia oficialmente a designação de Marcelo Caetano para o cargo de presidente do Conselho de Ministros.

1969 Uma Junta Militar derruba o Governo na Bolívia.

1970 O rei Hussein, da Jordânia, nomeia novo Governo para fazer dissipar críticas segundo as quais estaria a preparar-se para liquidar os guerrilheiros palestinos estacionados no seu país.

1976 Dirigentes de cinco nações africanas rejeitam o plano do primeiro-ministro rodesiano, Ian Smith, que visa o estabelecimento de um Governo de maioria negra na Rodésia.

1980 A Frente Polisário captura 15 pescadores do arrastão português «Danebe», que pescava em águas do Saara Ocidental.

1981 O ministro português dos estrangeiros, Gonçalves Pereira, conferência, em Washington, com George Bush, vice-presidente norte-americano.

1983 É inaugurada, em Lisboa, no largo de acesso ao Museu da Marinha, a réplica da pedra de Dighton, um histórico rochedo de 40 toneladas, encontrado nas margens do rio Taunton, na costa leste dos EUA, e que ostenta inscrições do navegador português Miguel Corte Real, datadas de 1511.

1984 Após dois anos de negociações, a Grã-Bretanha e a China assinam, em Pequim, um acordo, segundo o qual a colónia britânica de Hong Kong será devolvida à China em 1997.

1985 Morre, em Champaign, Illinois, o cientista norte-americano William C. Rose, 98 anos, que descobriu, em 1932, os amino-acidos, abrindo assim o campo ao desenvolvimento da ciência nutricional moderna.

EM PORTUGAL

	T. 6 h	Mín.	Max.	Às 13 h.
Bragança	11	11	0,0	Limpo
V. Castelo	10	10	0,0	Neblina
Vila Real	12	12	0,0	Limpo
Porto	11	11	0,0	Neblina
Coimbra	12	12	0,0	Limpo
C. Carveiro ..	14	14	0,0	Nevoeiro
C. Branco	17	16	0,0	Limpo
Portalegre	23	22	0,0	Limpo
Lisboa	16	16	0,0	Limpo
Évora	21	21	0,0	Limpo
Beja	20	19	0,0	Limpo
Faro	18	18	0,0	Limpo
Sagres	20	16	0,0	Limpo
P. Delgada	17	17	0,0	P. nub.
Horta	22	21	0,0	M. nub.
Funchal	20	20	0,0	M. nub.

Temp. máx. prevista para hoje: Lisboa 28, Porto 23, Faro 27, Ponta Delgada 25, Funchal 25.

Temperatura do ar em °C • Precipitação em mm

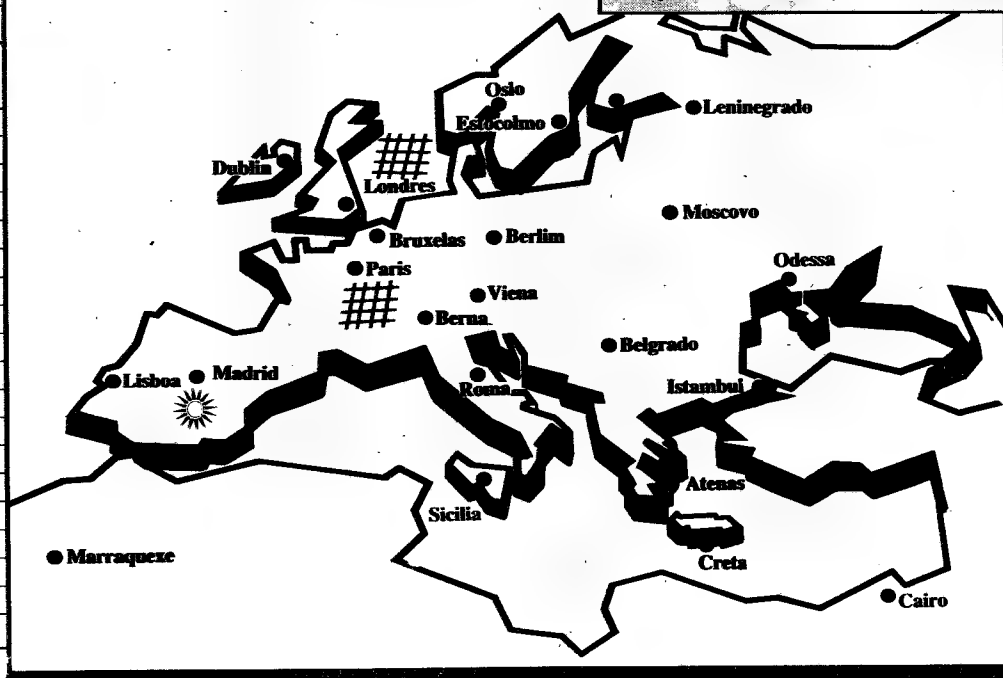
NA EUROPA

	T. 6 h	Mín.	Max.	Às 13 h.
Madrid	10	10	19	Limpo
Londres	16	16	16	M. nub.
Paris	12	11	11	Muito nub.
Bruxelas	14	14	14	Enchoerto
Amesterdão ..	16	15	15	Muito nub.
Genebra	8	7	7	Pouco nub.
Roma	15	14	14	Neblina
Oslo	10	6	6	Chuva
Copenhaga	13	13	13	Chuva
Estocolmo	9	9	9	Muito nub.
Berlim	15	12	12	Chuva
Viena	15	14	14	Muito nub.
Varsóvia	7	3	3	Neblina
Atenas	21	18	18	Limpo
Moscovo	10	9	9	Neblina

Temperatura do ar em °C • Precipitação em mm

NOMUNDO

	Mín.	Max.	Às 13 h.
Caracas	—	—	—
Janeburgo	12	29	Limpo
Los Angeles	17	23	Nublado
Montreal	11	18	Nublado
Nova Deli	24	31	Nublado
Nova Jacque	15	24	Nublado
R. de Janeiro ..	19	27	Limpo
S. Francisco	11	19	Nublado
São Paulo	—	—	—
Tóquio	18	21	Chuva



TEMPO

HOJE

No Continente:

Em todo o território: Céu pouco nebulado ou limpo. Vento fraco, soprando moderado de noroeste, durante a tarde, no litoral oeste a sul do cabo Carveiro. Neblina matinal na faixa costeira ocidental.

Estado do mar: Costa Ocidental: Mar encrespado ou de pequena vaga. Ondulação noroeste de dois metros. Costa Sul: Mar encrespado ou de pequena vaga. Ondulação sueste um metro.

Na Madeira:

Períodos de céu muito nublado. Vento fraco ou moderado de sueste. Aguaceiros. Estado do mar: Costa Norte: Mar de pequena vaga. Ondulação nordeste de dois metros. Costa Sul: Mar de pequena vaga. Ondulação inferior a um metro.

Funchal: Períodos de céu muito nublado. Vento fraco ou moderado de sueste. Aguaceiros. Nos Açores:

Grupos Ocidental e Central:

Períodos de céu muito nublado. Vento fraco ou moderado de Sul. Aguaceiros fracos. Grupo Oriental: Períodos de céu muito nublado. Vento fraco ou moderado de nordeste. Estado do mar: Mar de pequena vaga. Ondulação noroeste de dois metros.

AMANHÃ

Céu pouco nublado ou limpo. Vento fraco, soprando moderado de noroeste durante a tarde, no litoral oeste a sul do cabo Mondego. Neblina matinal no litoral a norte do cabo da Roca.

DEPOIS

Céu geralmente pouco nublado. Vento fraco, neblina matinal. Pequena descida de temperatura.

MARES

Hoje

Praia-Mar	Baixa-Mar
02.37 3,9 m	08.18 1,0 m
14.51 4,3 m	20.46 0,7 m

Amãnhã

03.21 4,2 m	09.01 0,7 m
15.36 4,5 m	21.27 0,5 m

• Informação do Instituto Nacional de Meteorologia e Geofísica.

Trovante enchem completamente o Campo Pequeno

PRAÇA DAS CANÇÕES

Marina Tavares Dias

Fotos de Francisco Franklin



O coroar de uma carreira no local mágico onde actuaram a primeira vez em 1981

Os Trovante tinham dito que haveria concerto mesmo que chovesse. Mas a noite de sábado estava calma e clara, com a luz da lua recortada nas janelas neo-árabes da Praça do Campo Pequeno. Lá dentro, sobre a areia onde os touros agonizam, as pacíficas cadeirinhas de ferro com o picotado a indicar a cedência: CML. São as mesmas cadeirinhas ancestrais das sessões de cinema no Jardim da Estrela, nos anos 40...

Sobre o palco e o sofisticado sistema de luzes e de som, a tribuna real, que hoje estará deserta e sem vista para o espectáculo. Os novos azulejos hispano-árabes revelam uma data: 18 de Agosto de 1892. Numa rua aqui mesmo ao pé, ainda está fresco o buraco em que a Caixa Geral de Depósitos transformou a fábrica que fez todos estes azulejos e todos os tijolos aveludados do Campo Pequeno; a Fábrica de Cerâmica Lusitânia, demolida em prol de mais um caixote de cimento e vidro.

Nas bancadas do Campo Pequeno há um sino de aldeia a bater as dez horas dentro de cada cabeça. Não passa ainda um segundo da hora marcada para o início do espectáculo e já os gritos de protesto pelo atraso são ensurdecedores. Quando as luzes se apagam e os torreões se destacam de encontro ao céu, ouve-se em «off» a publicidade do patrocinador do concerto, logo saudada por um eco de reclamações.

Os músicos são anunciados um por um. Ilumina-se o palco com os Trovante na pose da fotografia da capa de «Terra Firme», o último álbum. Parecem de cera. O vento não deixa assentar o fumo dos «efeitos especiais».

Quando as luzes se apagam sobre eles, os projectores incidem na plateia e tornam-se insuportáveis. Aliás, o sofisticado equipamento vai evidenciar algumas falhas ao longo da noite e a cristalina voz de Luís Represas estará um pouco empastelada, especialmente durante a primeira parte.

A música começa; o público não demora a suspender as palmas. Luís Represas canta «Sinais» iluminado por dois focos suspensos sobre o palco e mais

dois que atravessam a arena por cima das nossas cabeças. «Boa Noite!», diz, no fim. E ouve-se o eco desencontrado de sete mil

vozes (devem ser mais, venderem-se bilhetes para lá do que estava previsto).

As primeiras canções escolhidas são do último disco, mas também se celebra esta noite o trajecto de uma carreira (ou de sete), desde Agosto de 1976 até

ao ambicionado espectáculo para milhares. Os Trovante conhecem as potencialidades de um local mágico como o Campo Pequeno desde 1981, quando actuaram aqui pela primeira vez, integrados num espectáculo de aniversário do jornal «Se7e». Nesse ano de 81, tinham assinado contrato com a Valentim de Carvalho. O primeiro disco editado «trepou» as tabelas de vendas e valeu-lhes dois prémios.

Hoje, os Trovante recordam essa meteórica ascensão que também passou por aqui. Simbolicamente, o «press-release» que anunciava este espectáculo incluía um postal ilustrado com a vista aérea do Campo Pequeno. E em breve o grupo ataca também o repertório dessa época e as faixas de «Baile no Bosque».

É chegado um apogeu do espectáculo. «Quando eu morrer batam latas», Luís Represas canta Mário de Sá-Carneiro com o palco iluminado a lilás. Só o piano de Manuel Faria o acompanha, no compasso repetido pela percussão de José Martins. «A um morto nada se recusa e eu quero por força ir de burro». É um longo cortejo fúnebre que resulta melhor ainda do que no disco, um cortejo pungente e caricato, como as circunstâncias do poema, com o harpejar da viola de João Gil no fim, com entoação do fado.

Nas filas da plateia, cá para trás, muita gente sabe a canção de cor. Não resiste à tentação de perguntar ao lado: «De quem é este poema?». «É deles, não?», responde a fascinada espectadora de longos brinco e cabelo a sevilhana.

A seguir, o fado propriamente dito, ou o acompanhamento dele: O «Poço dos Negros» (do álbum «Cais das Colinas»). Há uma claque de Sintra ao alto de uma bancada, com um estandarte «Oi, Trovante!» obviamente

apologista do acordo ortográfico luso-brasileiro... Luís Represas, centro de palco e das atenções, não tem a pose ou a pele de uma «estrela» é João Gil quem vem em seu socorro no gesto mais exuberante da noite, um cumprimento solitário, uma mão onde sobressai o lenço vermelho que atou nesse punho.

O intervalo é longo (problemas com o som?) Misturados entre si, os oito rapazes que seguravam o estandarte revelam oito T — shirts verde-florescente com cada uma das letras de T - R - O - V - A - N - T - E. Fora da respectiva ordem, compõem palavras esquisitas. Represas e Gil levam algum tempo a afinar as violas antes de recomencem. O público bate palmas quando Represas diz que é «uma barraca». Voltam a acender-se os isqueiros para acompanhar «Um Caso Mais». Artur Costa, o saxofonista, tem uma claque de fãs especialmente entusiasmadas na zona das trincheiras. «Fofinho!», grita uma menina vestida de verde e aparentemente saída do Hollywood Bowl nos anos 60.

Depois de Mário de Sá-Carneiro, Florbela Espanca. Os Trovante regressam ao último disco com o tema «Perdidamente» e os focos de luz passeiam-se pelo público. Pousam nos torreões aveludados da praça, cruzam-se por trás da plateia e atravessam as três esferas de espelhos suspensas na galeria.

O som está mais definido na segunda parte. Entra o «swing» e os metais. Os Trovante música de baile? Um dia, durante as férias de Verão, quatro amigos (João Gil, Manuel Faria, Artur Costa e Luís Represas) resolveram ir cantar num bar algarvio e foi aí que tudo começou, em 1976...

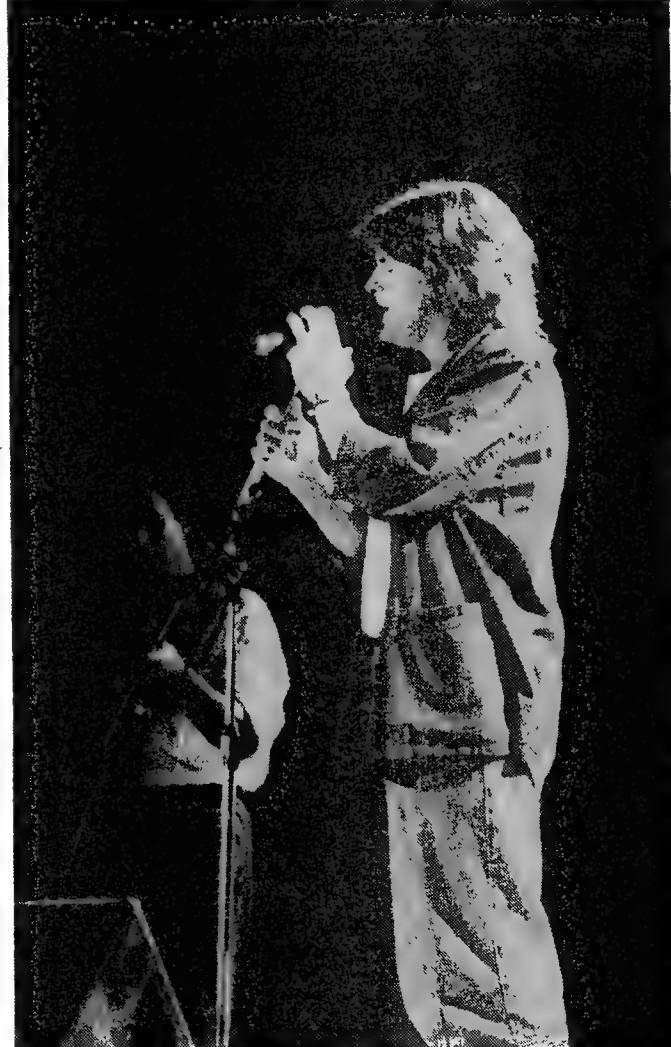
Após algumas tentativas falhadas, Luís Represas toca também viola. João Gil canta sozinho «Fiz-me à Cidade». No fi-

nal, pela primeira vez, Represas agradece. «Vamos voltar a sete anos atrás, ao Campo Pequeno», diz depois. «Balada das Sete Saias» era, nessa altura, o grande êxito.

Mas agora, a grande euforia vem com «Saudade», do «Cais das Colinas». É o público a cantar a plenos pulmões a mais bonita palavra em português. E pelos «greatest hits» adiante, a canção seguinte é «125 Azul», promoção e coroa de glória do último LP. Depois, em cadência militar, «Terra à Vista», uma quase apologia nacionalista, também aqui mais intensa do que no disco.

Quando deixam o palco, planeiam regresso, mas fazem-se esperar. É a voz de Luís Represas: «Queremos dedicar esta próxima a quem, há cerca de um mês, sofreu muito por Lisboa». A Lisboa dos Trovante, «Terra Firme» e «Cais das Colinas», agora amputada do próprio prédio onde eles devem ter assinado o contrato, e desse quarteirão quase inteiro. A «Lisboa» também do poema de Eugénio de Andrade que já estava no primeiro álbum do grupo para a Valentim de Carvalho-Chiado. Um acordeão toca, mas há um ruído persistente na instalação sonora.

Depois de «Molineria», com um magnífico solo de Artur Costa, voltam a sair e a plateia começa a debandar. Mas a geral não desarma, «les enfants du paradis» fazem um barulho ensurdecedor. Obviamente, não têm mais nada ensaiado, mas voltam mesmo assim. «Só mais uma», ouve-se distintamente num eco imenso, à boca do palco, todos os elementos do grupo batem palmas. Repetem «125 Azul»: «Ciao, beijinhos!», conclui Luís Represas. A lua deu a volta a meia arena e está no alto, mais real do que os projectores. Ficou-me a ideia de que, se quisessem, eles enchiam amanhã outra praça de oito mil lugares.



Luís Represas: os «encores» foram dedicados ao Chiado, agora amputado do próprio prédio onde os Trovante assinaram contrato em 1981

A história de um cinemazinho que vai morrer

"SPLENDOR": O NOVO FILME DE SCOLA

Daniele Heymann

Serviço exclusivo «Le Monde»/«DL»

Uma pequena sala que vai morrer é uma das personagens principais do último filme de Ettore Scola, com Marcello Mastroianni e Marina Vlady. Apesar disso, como o diz Frank Capra, «A vida é bela» e o cinema viverá.

É um cinemazinho de que se gosta. Com balcão e vestiário. E também, porque estamos em Itália, com um tecto que se abre logo que as noites começam a aquecer. É um cinemazinho escondido nas nossas memórias, seja qual for a idade que temos. Cinema da nossa terra, das recordações, do coração a bater, dos beijos roubados, das faltas à escola, dos esquimós fresquinhos.

Esse pequeno cinema existe. Foi construído no palco 8 da Cinecittà. É um cinema de cinema e é a personagem principal do filme que Ettore Scola está a terminar. Tem um nome magnífico e irrisório, «Splendor». E vai morrer. Foi vendido. Os trabalhos começam amanhã. Tornar-se-á um estúdio de televisão.

Mas trata-se de Scola e não de Fellini de Intervista. Em Fellini canta-se, apesar dos desastrosos dias de amanhã. Em Scola, apesar do desastre, os dias de amanhã ainda podem cantar. Jordan, o proprietário do «Splendor» (Marcello Mastroianni), Luigi o projeccionista que só viveu as suas guerras e os seus amores através dos filmes que projectava (Massimo Troisi), e a empregada da bilheteira, Chantal, ex-bailarina francesa ainda muito bela (Marina Vlady), talvez não sejam, por fim, desapossados.

Durante a última sessão, quando se projecta A vida é bela de Frank Capra, não se unirão todos os habitantes da cidade para que se produza, tal como no filme, um milagre?

O conto é belo e o cenário do conto, extraordinário. Foi criado pelo decorador Luciano Ricceri que há vinte e três anos trabalha com Scola e se tornou seu associado. Quando entramos no seu cinema quase esperamos que rasguem o nosso bilhete, de tão verdadeiro, com as suas cadeiras vermelhas de veludo macio, as suas colunatas de estuque

pálido e o seu tecto pintado onde uma beldade alegórica segura nas mãos gorduchas uma lanterna mágica...

«Vivi a história do 'Splendor', diz Ricceri. O meu pai era director do cinema de Penne, nos Abruzzos, onde nasci. Duzentos e vinte lugares. Parecia uma pequena fábrica, nós morávamos por cima da sala. Levava para lá a minha cadeira de criança. O programa mudava todos os dias e até duas vezes por dia.»

De princípio Scola e Ricceri estavam decididos a encontrar um cinema que correspondesse àquilo que pretendiam. Partiram pois à procura, com a lista de todas as salas italianas. «A nossa viagem foi bastante triste, diz Luciano Ricceri. Só encontrávamos, qualquer que fosse a região, salas massacradas, queimadas, destruídas, desaparecidas, fechadas, no mínimo, desfiguradas. Não havia nenhuma sobrevivente. Tínhamos de a construir.»

A fachada do «Splendor», essa é real. Mas falsa. Descobrimos-la em Arpino, a uns cem quilómetros de Roma.

Gostei da situação dessa modesta casa, orgulhosamente implantada no cimo de alguns degraus, como uma espécie de pequena Acrópole. Era uma igreja. Desconsagrada.»

Vai-se filmar. A sala do «Splendor» está deserta, os espectadores acabam de sair. O fumo dos cigarros desaparece no tecto, que se abre. Os homens das máquinas passam e há um cheiro de incenso. «Sempre a igreja», diz Scola...

E confirma: «Sim, o meu filme fala de coisas que fecham e não só as salas de cinema. Há essa impressão de que se podia perder o interesse e mesmo o gosto por certas coisas, o gosto de as olhar em conjunto, de rir ou de chorar, pouco importa, mas em comum com alguém. Ir ao cinema era um modo de dizer que o vizinho contava.»

Agora já não se precisa de vizinho. Pode-se ver um filme em casa, sozinho, com as luzes acesas. Ou nem estar lá. Põe-se uma 'cassete' e sai-se. Tudo o que se passa é entre as máquinas. O cinema sem nenhum espectador! É o fim...

Quais são as primeiras recordações cinematográficas de Ettore Scola? «Na minha terra, Trevico, perto de Nápoles, o cinema ambulante chegava duas vezes por ano, num camião. Instalava-se na praça. Eu tinha cinco anos e via Metropolis, de Fritz Lang. Não compreendia absolutamente nada. Mas lembro-me de uma grande emoção que me era dada pelo aparelho de projecção, pelo seu ronronar e a sua luz...»

A vocação de Scola nasce mais tarde, aos dez anos. Vivía então em Roma. Uma manhã, ao ir para a escola, vê a Piazza Vittorio invadida «como por uma ocupação militar». É Vittorio de Sica, «muito belo, muito elegante, muito actor», que filma o Ladrão de Bicicleta. Maravilhado, o pequeno Scola não vai nesse dia à escola.

Vamos seguir o destino do «Splendor» de 1936 até hoje. Scola sorri. «Vês? Faço e volto a fazer o mesmo filme... Cinquenta anos da vida de alguns homens e, em volta, a História



Scola e Mastroianni

que passa». Que se via em Itália em 1936? «Filmes fascistas. Entre eles Cipião o Africano de Carmine Gallone... Mostro-o, com o seu grande chapéu, a presidir à inauguração do 'Splendor'...»

Os filmes que Mastroianni programa para o ecrã do seu «Splendor» fazem todos parte da cinemateca ideal de Scola? Em grande parte, evidentemente. «Mas em todo o caso há uma predominância de comédias, de Charlot, de Totó, de Tati. E como o proprietário Mastroianni não tem obrigatoriedade de gostos muito comerciais, também programa os 'Morangos Selvagens' de Bergman ou Accatone de Pasolini...»

Mastroianni não filma. Mas está ali como todos os dias, sem saber muito bem se vai ao escritório ou a um encontro de amor. Aos dois, sem dúvida. Fica sozinho algum tempo, no camarim, como um termos de café e um cinzeiro a transbordar. Nasceu perto de Arpino onde foram filmados os exteriores de «Splendor». «Não fomos lá muitas vezes, não tínhamos carro. O meu pai era operário numa fábrica de munições. Deixei a região aos três anos, não há pois sentimentalismos. Mas uns tios, fragmentos da família, souberam que eu estava lá. Vieram, um pouco como se eu fosse o primo da América, e trouxeram presentes, pizzas, vinagre feito em casa.»

Marcello está um pouco febril, ao mesmo tempo alegre e melancólico. Lembra-se de nos ter visto no palco de a «Cidade das Mulheres». «O quê? Há quase dez anos? Mas em dez anos eu podia ter morrido!» O seu riso é amarelado.

Falar de Arpino trouxe-lhe, em todo o caso, um leve gosto do passado. Lembra-se dos seus dez anos, quando a mãe o mandava para a montanha com a organização fascista. «A fim de preparar o meu organismo para a mudança de ar fazia-me tomar um purgante de óleo de

ricino. Gostava muito de ir para a montanha. Mesmo que os jogos fossem raros, era domingo...»

Scola de novo, pela sétima vez. Fellini já seis vezes. Que têm de comum estes dois «grandes» tão diferentes, dos quais só ele é o alter ego? «Têm em comum o sentido do humor e o charme que gastam comigo quando me chamam. Quanto a mim, confio neles. Mas com uma condição, a de nunca me entregarem um argumento terminado. Quando pego num filme gosto de ser aproximativo, vago, preguiçoso. Mesmo um pouco ignorante. Gosto de me apresentar nu, o que é muito confortável para mim. Gosto de lhes dizer: 'Vistam-me como a minha mãe me vestia.' É o meu modo de ser receptivo, de não me apoiar na técnica.»

Depois de «Splendor», vou fazer um filme na Geórgia, outro na Sibéria com Nikita Mikhalkov. Outro ainda com Antonioni. É muito? Mas se trabalho tanto é porque não gosto de mais nada, nem da pintura, nem da jardinagem, nem da música, nem mesmo, tanto assim, da leitura... As casas? Ah, sim, no passado. Quando julgava que nunca teria dinheiro bastante para as possuir. Sim, também gosto da neve, ela emociona-me com um presente de infância. Como vê, fabrico recordações de velho...

No tempo da Dolce Vita fui a Hollywood (ele diz Hollywood). Tinha vinte e oito anos e era Verão. O que eu queria era ver as vedetas. Então levaram-me à vivenda florentina de Harold Lloyd. 'Mande transportar para aqui todos os bocados', disse-me o dono da casa. Depois levou-me ao seu imenso salão. No centro vejo um grande pinheiro de Natal todo enfeitado. E o velho senhor diz-me com a maior seriedade: 'Como não podia nascer aqui em Dezembro, fica plantado desde Agosto'. Em que cidade de solidão eu caíra...

Na montagem Splendor toma forma. Algumas imagens desfilam na Moviola. São de um preto-e-branco emocionante. Mastroianni volta da guerra, um camião deixa-o à entrada da cidade. Ele corre pela noite com a sua mochila. Chega ao pé do seu cinema. Sob os degraus sempre a correr. O pai está ali, sonolento. O «Splendor» não morreu. E ele também não...

Nem o cinema. Scola prova-o com uma saúde militante. Já prepara o seu próximo filme, um sonho antigo que atingiu a maturidade, a adaptação do Capitaine Fracasse de Theophile Gautier. «Como vês, continuo», diz ele.

Enquanto continuar, ele e outros, não haverá «última sessão». Enquanto uma vez mais o teatro do «Splendor» se abre para um céu sem estrelas, Scola diz para consigo: «Nós, os artistas, temos o dever de deixar esperança às pessoas.»

Vendido o Nimas

Culminando um processo iniciado em 1986 com o lançamento do primeiro concurso público para a venda da participação da RDP no capital da sociedade, o Cinema Ninas acaba de regressar ao sector privado.

Segundo uma fonte da Radiodifusão Portuguesa, as duas quotas (uma de 70 e outra de dez por cento) pertencentes a esta empresa pública, foram vendidas por 25 mil contos à detentora de 20 por cento do capital, Laura Martins Barros, que beneficiou do direito de preferência.

Candidataram-se também à compra das quotas do Nimas, Mário Ventura Henriques, Sonoro Filme, Edifilmes, José Fonseca e Costa, Vicente Marcial de Almeida e António Luís Gouveia, associado a Salvato Teles de Menezes.

A BARRACA

Apresenta no RITZ CLUB

Rua da Glória, 57
Reservas: Telf. 32 51 40

O BAILE

DE HELDER COSTA

a partir da ideia de J.C. Penchenat e do filme de Ettore Scola

HORÁRIO:
de terça a a dom. às 21.30
As segundas não há espectáculo

DEFENDA-SE DE LOTAÇÕES
ESGOTADAS. COMPRE BILHETES
COM ANTECEDÊNCIA

8.º MÊS

Com: Maria do Céu Guerra, Maria João Luís, Paula Sousa, Teresa Faria, António Cardoso, Luis Toim, Vítor Torres e Leonor A.acer, Margarida Barão, Marta Terezo, João Carneiro, José Oliveira, Miguel Rodrigues, Paulo Oom

Guião e encenação — Helder Costa

Por exigência do público regresso do grande êxito teatral da temporada antes da partida para o FESTIVAL DE CANNES

TRIBUNAL CÍVEL DA COMARCA DE LISBOA 5.º JUÍZO CÍVEL Anúncio

Por este Tribunal, na execução que João da Cruz Marcelino Marques, residente na R. Actriz Virgínia, 2-2.º Esq.º Ft-Lisboa, move a URBACO-URBANIZAÇÕES E CONSTRUÇÕES, LD.ª, com sede e escritório na Rua Braancamp, 52-4.º em Lisboa, nos autos de Execução de Sentença N.º 5025/A, da 1.ª Secção deste Juízo correu edição de vinte dias, contados da segunda e última publicação deste anúncio, citando os credores desconhecidos daquela execução para, no prazo de dez dias posterior aos dos editos, virem à execução deduzir os seus direitos.

Lisboa, 15 de Setembro de 1988

O Juiz de Direito,

Manuel Maria Duarte Soares

Pel'O Escrivão de Direito,

Maria Antónia Vinhas

«DL» 26/9/88 — 1.ª Pub.



Rodrigues da Silva

PORTUGAL é um País de insuspeitadas maravilhas. No sábado à tarde, em Sintra, perante os olhos atônitos dos jornalistas, e alguns convidados, uma dessas maravilhas brotou do fundo secreto da casa de um particular e revelou-se aquilo que ninguém poderia imaginar: uma das melhores colecções de brinquedos antigos de toda a Europa. Não tenhamos medo das comparações: as vinte mil espécies a partir de agora expostas ao público suportam o confronto com colecções similares existentes em Londres e em Paris e pelo menos em dois géneros superam-nas. Os dez mil soldadinhos de chumbo, com formas de feitura que datam desde o século XVIII, e o riquíssimo acervo de brinquedos de lata das décadas de 30 e 40 são com certeza dos maiores (e melhores) núcleos especializados de todo o mundo. O que ali está, no seu conjunto, é um espanto. Infelizmente, reunido e exposto em condições que estão muito longe de serem as melhores. O Museu de Brinquedos de Sintra, antontem inaugurado para expor esta fabulosa colecção, é, à partida, um espaço minúsculo e acanhado, que impossibilita em absoluto que cada peça possa ser contemplada de per si como merece. Não foi só a Câmara de Sintra que ao abrigar esta colecção em «meia dúzia» de metros quadrados não se deu conta da riqueza que tinha entre mãos. É Portugal inteiro que ainda não viu e por isso ignora que o fruto da paixão de um coleccionador o faz desde agora de algum modo possuidor de um mundo de preciosidades à espera, obviamente, de um espaço condigno e condicente. De qualquer modo e até que isso aconteça, diga-se em termos de alerta geral: Sintra tinha o que tinha e já se sabe; agora tem mais, esta colecção. Quem lá for e não a vir, incorre em pecado mortal de alheamento e desatenção.

Pergunto-lhe quem é e ele responde-me: «Um coleccionador.» Insisto, quero saber o que faz, no fundo perceber como foi possível reunir tudo isto e ele, um pouco surpreendido, revela-se: «Sou engenheiro, sou pai, avô.» Sorrio e tenho a inconveniência que só a profissão desculpa. Ele compreende, diz que se chama João Arbués Moreira, 51 anos, colecciona brinquedos desde os 19.

Três décadas de recolha, paciência e paixão transfiguram-lhe a casa. Vai daí, ele teve uma ideia: contactou a Câmara de Sintra. Troca por troca: um espaço e eis a colecção.

A Câmara ganhou um museu, ele ganhou o prazer de poder mostrar o que lhe levou uma vida inteira a reunir.

Há coleccionadores de brinquedos antigos que nisso se tornam por não terem podido brincar na altura própria com os objectos que povoam a infância de magia. Este, não: brincou. Ele e o irmão, por isso um dos nú-

cleos da colecção é formado pelos brinquedos que ambos tinham na infância. Depois, houve trocas, heranças, compras, o prazer da procura, da pesquisa, a atenta e simultaneamente inquietada paciência de quem aguarda a vez de possuir a peça que falta, a mais apetecida.

Brincavam os dois irmãos e não estragavam («não, entretínhamo-nos») e o que foi sendo adquirido depois tem o mesmo aspecto impecável das peças de uso próprio, cuja vida desperta um mundo de recordações pessoais.

O núcleo principal, já se disse, é o dos soldadinhos de chumbo: dez mil, mais de metade completamente esgotados, desde elefantes das guerras púnicas a regimentos inteiros da Segunda Guerra Mundial, batalhões da Legião Portuguesa, exércitos das guerras napoleónicas, Hitlers, Mussolinis e Montgomerys e mesmo todo um conjunto que ilustra o atentado a el-rei D. Carlos, com infantas e

Inaugurado o Museu do Brinquedo, em Sintra: uma das melhores colecções da

EVOCAÇÃO DAS INFÂNCIAS PERDIDAS

Buiças.

Brinquedos de lata das décadas de 30 e 40 são centenas e poucas peças originais ali faltam. De fabrico português julgo escassear apenas o telefone, mas sobra tudo o que foi feito de barcos, aviões, carros, carroças, veículos militares.

De fabrico estrangeiro, excepcional o número de brinquedos de proveniência alemã e francesa, alguns casos desde o século dezanove, como um triciclo espectacular.

A peça mais antiga é uma bo-

neca tão remota que vem do tempo em que Portugal descobria Índias e Brasis: o século XVI. Dos séculos seguintes há outras (o núcleo de bonecas deve ser o terceiro em importância da colecção, logo seguido dos pianos e carros japoneses de fabrico industrial das décadas de sessenta e setenta).

A colecção ignora tudo o que é plástico, electrónico, sofisticado, abundam os brinquedos simples, criativos, rareiam os de luxo ou aqueles cuja vida depende de um complexo meca-

nismo, cuja avaria os transforma em monte de sucata, sem vida póstuma.

Se todas as colecções obedecem a uma ordem desordenada, esta denuncia a idade do seu coleccionador, a do homem que foi criança nos anos 40, no tempo em que o brinquedo era ainda fruto mais de uma natureza do que duma química, possuía mais uma forma do que dependia de uma mecânica, permitia a invenção, dispensava circuitos programados, extravasava-se de si mesmo como trampolim de

uma aventura, alibi de uma história.

A colecção tem um valor incalculável, alguns dos brinquedos de lata dos anos 40 de fabrico português, por exemplo, custam hoje alguns contos de réis e só este núcleo do museu deve reunir centenas. Os dez mil soldadinhos de chumbo, façamos as contas a 500\$00 a peça, valerão só eles cinco mil contos. Tudo o resto nem dá para imaginar. Uma riqueza.

Assusta que o Museu não pareça ter grandes condições de segurança, não se vejam por ali extintores de incêndios, tudo se situa num rés-dochão separado da rua por uma porta mais ou menos vulgar.

Espanta que tenha sido inaugurado sem um catálogo, um cartaz, um postal que seja que lhe sirva de ex-libris, material de propaganda, divulgação.

O pior, porém, é que as peças por vezes se amontoam em vitrinas, vêem-se mas é impossível contemplá-las, olhá-las isoladamente, apreciá-las, em suma.

O Museu precisava de cinco ou seis vezes mais espaço, não se imagina que, assim, cumpra a sua função, muito menos outra que o coleccionador lhe atribui: a de reunir peças de quem delas não se quiser desfazer, mas não se importe de emprestar para mostra e exposição.

E o que está à vista não é tudo, há muito mais em armários fechados, é previsível que, a partir de agora, o museu receba doações, com as receitas das entradas possa comprar mais peças, completar núcleos, adquirir uma dinâmica.

Sabe-se já que não será estático, João Arbués Moreira está interessado em promover exposições itinerantes, semear o gosto pelo coleccionismo, chamar a atenção de quantos talvez possuam ignoradas raridades, quem sabe, por vezes, o que tem em sótãos, caves, esconso, velhas dispensas.

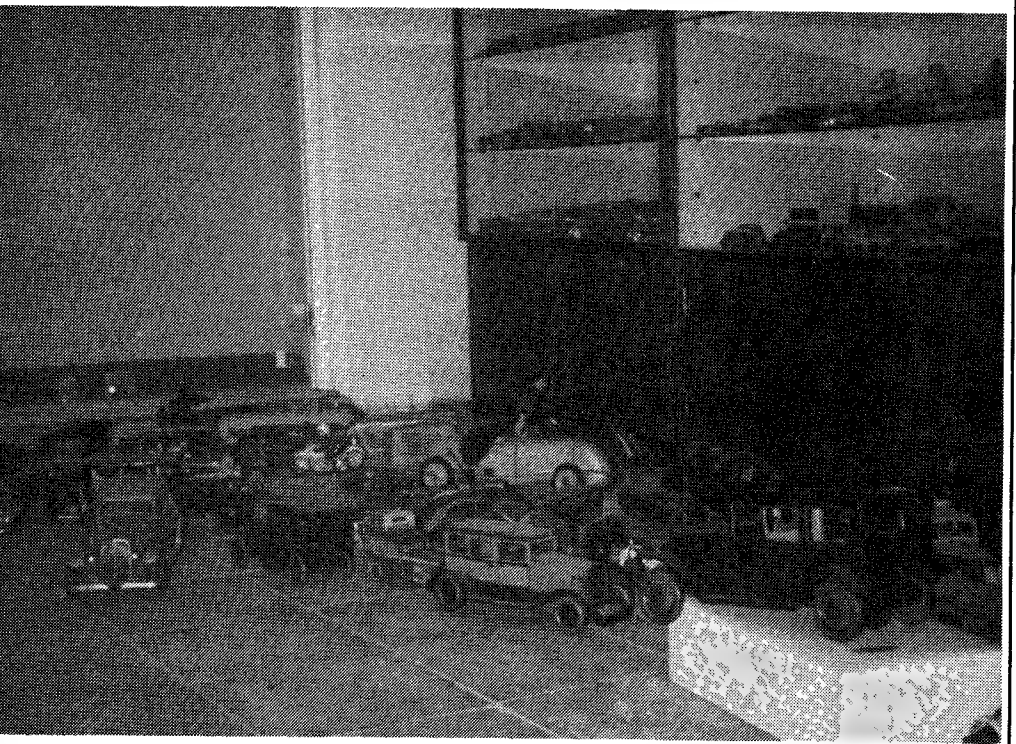
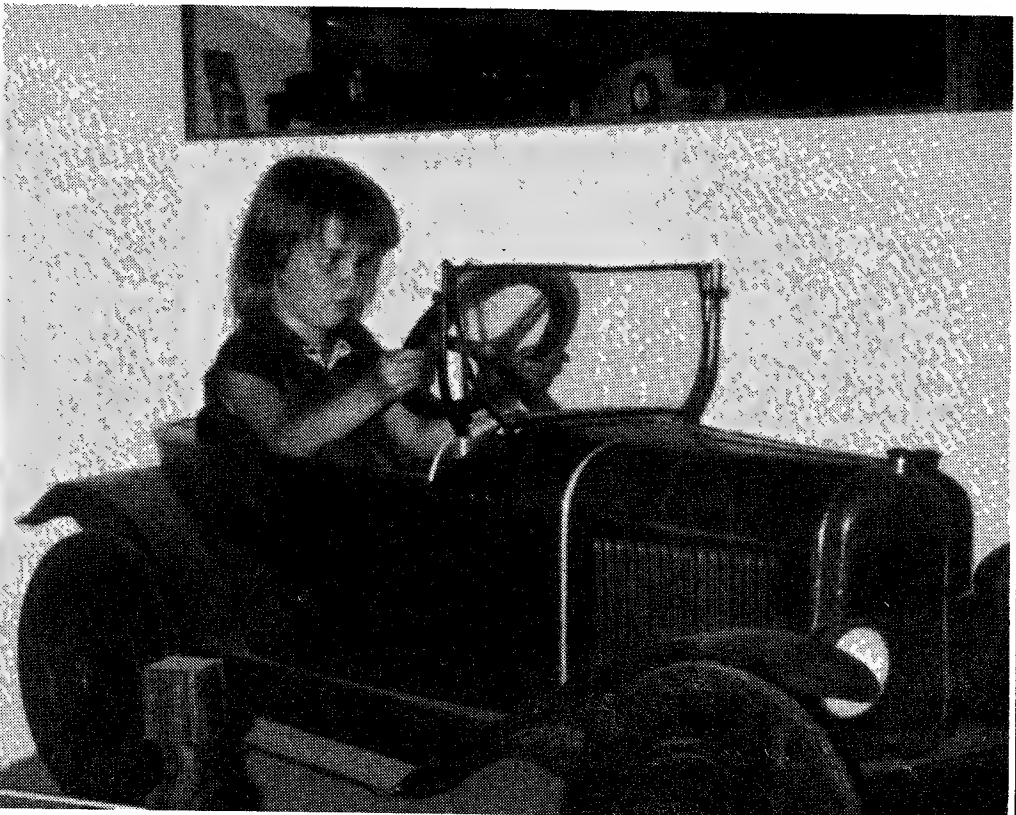
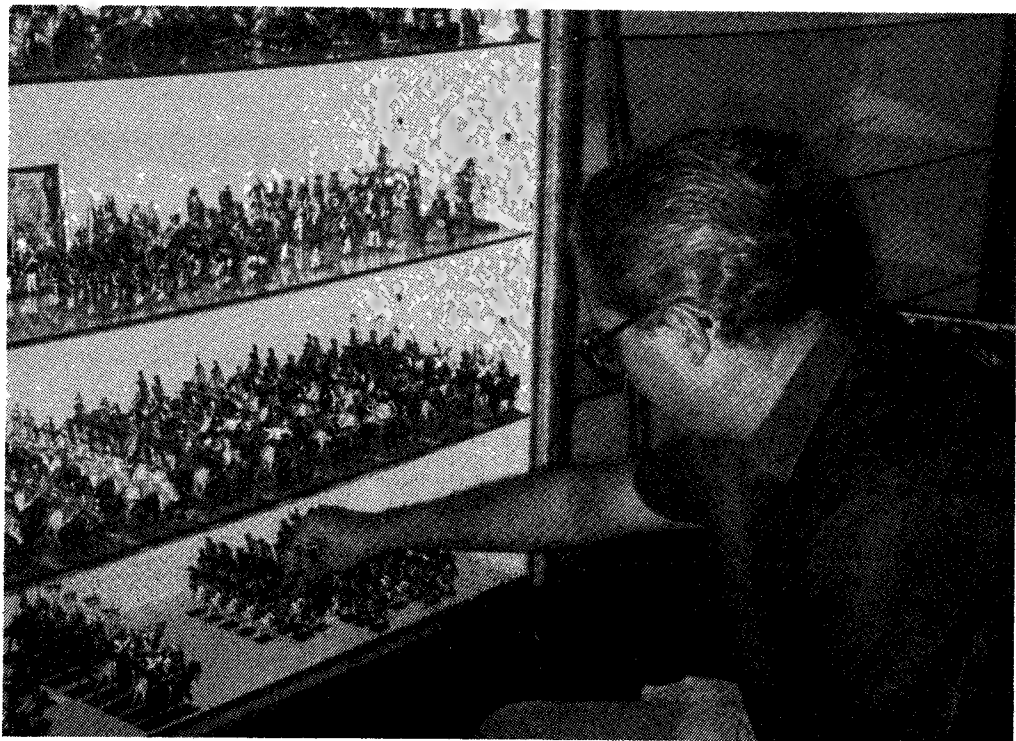
A entrada do Museu, um automóvel de pedais é um fascínio. Tem marca de fabrico, data de origem: Citroen, 1925. É uma história: a quem comprava um automóvel a sério, a fábrica oferecia este de brincar. O automóvel a valer foi-se quem sabe em que curva da estrada, ficou o brinquedo dos grandes ralis no corredor, circuitos à volta de um quarto. Foi-se o testemunho de uma época, eis-nos a evocação. Se todos os museus embalsamam o tempo, o de brinquedos recupera a infância mesmo que se não teve. Sintra, que ganhou a auréola de romântica, devolve-nos agora o romantismo de todas as infâncias perdidas...

Museu do Brinquedo de Sintra, Largo Latino Coelho, 9 (junto ao Turismo). De terça a domingo, das 10 às 12 e 30, das 14 às 18. Entrada: 200\$00, descontos para jovens.

As fotos que ilustram este texto reportam-se à fase de montagem do Museu, anterior à inauguração.



Europa



Vitória para um filme britânico

ENCERRA COM INCIDENTES
O FESTIVAL DE S. SEBASTIAN

A XXXVI edição do Festival Internacional de Cinema de San Sebastian terminou sábado com a entrega dos prémios e a projecção do filme «Frenético» de Roman Polanski, numa sessão marcada por violentos incidentes. Os incidentes registaram-se à chegada ao Teatro Victoria Eugenia do presidente do governo autónomo, José Antonio Ardanza, que presidiu à sessão de encerramento do festival.

Ardanza foi recebido com palavras de ordem a favor da organização separatista basca ETA, por manifestantes que se encontravam entre os curiosos que aguardavam a chegada dos artistas.

Os manifestantes, que protestavam pela morte em confrontos com a Polícia, 24 horas antes, de um alegado separatista, envolveram-se em diversos incidentes com as forças de segurança.

A Polícia decidiu fechar as portas do teatro e o presidente do governo autónomo teve que entrar por uma porta de serviço.

A «Concha de Ouro» foi atribuída ao filme «On The Black Mill», do britânico Andrew Grieve, que recebeu o prémio das mãos de Roman Polanski entre protestos e aplausos.

Para Gonzalo Suarez foi a «Concha de Prata» pelo seu trabalho em «Remando Al Vento».

O prémio especial do júri foi para o filme «Kroti Film o Milosci», do polaco Krzysztof Kieslowski.

Festivais artísticos:

Organizadores querem associação

Onze organizadores de diversos festivais artísticos do País, reunidos em Coimbra, admitiram a possibilidade de criarem uma estrutura associativa que sirva de «força de pressão» junto das instituições.

Em declarações à Imprensa, depois de uma reunião promovida pela Bienal Universitária de Coimbra (BUC), os representantes dos festivais de música, teatro, cinema e outros, referiram que a futura associação pretende ser «um grupo de pressão e uma força de expressão junto do poder».

O movimento, que pretende ampliar-se a outras «organizações culturais periódicas», vai reunir-se a 4 de Fevereiro de 1989, no Porto, durante o Festival de Cinema Fantasporto, para discutir a «forma legal» a adoptar pela estrutura organiza-

tiva dos festivais portugueses.

Os responsáveis pela organização de festivais criticaram a Secretaria de Estado da Cultura a quem acusaram de ter «reduzido as subvenções destinadas aos festivais artísticos».

Abordando as experiências comuns perante a Lei do Mecenate, sustentaram que «é vantajosa sobretudo para o próprio Estado», porque «só funciona supletivamente, se as empresas já esgotaram as verbas destinadas à publicidade».

As mesmas fontes frisaram que a lei, além de não abranger determinadas empresas do sector financeiro, prevê «a dedução nos impostos em cerca de 70 por cento, enquanto a publicidade beneficia as firmas em 100 por cento».

Na sua opinião, existe uma «insuficiência e manifesta insen-

sibilidade das autarquias à promoção cultural».

O director da BUC, Augusto Barros, referiu que «a autarquia conimbricense não tem acompanhado a Bienal Universitária, porque confia demasiado na universidade».

A Bienal Universitária de Coimbra, organização de âmbito internacional, a decorrer desde dia 17 e até 27 de Novembro, engloba diversas áreas artísticas, desde a música às artes plásticas, embora privilegie o teatro, nas vertentes, universitário autónomo, das escolas superiores, e o profissional.

A Bienal de Cerveira, o Cinema de Espinho, a Bienal de Sintra, os encontros de Fotografia de Coimbra, o Fantasporto e o FITEI, também do Porto, foram alguns dos certames presentes.

Portugueses no Festival da Babilónia

Uma delegação portuguesa, que integra o secretário-geral adjunto do Instituto Luso-Árabe para a Cooperação (ILAC), Coelho Alves, partiu ontem para o Iraque a fim de participar no Festival Internacional da Babilónia.

Da delegação portuguesa a este festival, que começa

hoje e termina no dia 2 de Outubro, faz também parte a actriz Guida Maria.

Convidado igualmente pelo governo iraquiano para assistir ao festival, parte para Bagdad no dia 25 o secretário de Estado adjunto do ministro da Educação, José Troni, que até o-

cupar funções governativas foi o presidente do conselho fiscal do ILAC.

Trata-se da visita da quarta delegação portuguesa ao Iraque este ano e após a criação da Associação de Amizade Portugal-Iraque, fundada em Dezembro passado, presidida pelo antigo ministro Ângelo Correia.

Em Outubro

Molière em Almada
encenado por Castronuovo

«As Velhacarias de Scapin», um clássico de Molière, estreiam-se no Teatro Municipal de Almada em 7 de Outubro, numa encenação do argentino Lulio Castronuovo, com cenários de Vasco Eloy.

Luzia Paramés, José Meireles e Vítor Gonçalves vão ser alguns dos intérpretes da peça

— disse à agência Lusa fonte da Companhia de Teatro de Almada/Grupo de Campolide.

Enquanto isto, nos dias 30 de Setembro e 1 de Outubro aquela companhia apresenta no Palácio da Vila, em Sintra, «Afonso VI», de Fonseca Lobo, peça estreada em 1987 e distinguida com prémios da

crítica para o melhor original português e para o actor revelação (António Olaio).

Tais representações integram-se nos «Dias do Centro Histórico» da vila de Sintra e nelas participam, entre outros, Alfredo Sobreira, Ana Nave, António Assunção, Bibi Gomes e Fernando Jorge.

Alfas Triplex

— T. 806496

Alfa 1

CROCODILO DUNDEE II
(maiores 6 anos)
14.00, 16.30, 19.00, 21.45 e 00.15 h

Alfa 2

NICO - À MARGEM DA LEI
(maiores 16 anos)
14.15, 16.45, 19.15, 21.45 e 00.15 h

Alfa 3

A ÚLTIMA TENTACÃO DE CRISTO
15.15, 18.15, 21.30 e 00.30 h

Alfa 4

RAMBO III
(maiores 16 anos)
14.15, 16.45, 19.15, 21.45 e 00.15 h

Alfa Club

ÁFRICA NEGRA
(maiores 12 anos)
14.00, 16.30, 19.00, 21.30 e 24.00 h

Amoreiras

Amoreiras 1

FRENÉTICO
(maiores 16 anos)
14.00, 16.30, 19.00, 21.30 e 24.00 h

Amoreiras 2

HOLLYWOOD 1929
(maiores 12 anos)
13.30, 15.30, 17.30, 19.30, 21.30 e 24.00 h

Amoreiras 3

O MILAGRE DA RUA 8
(maiores 6 anos)
14.15, 16.45, 19.15, 21.45 e 00.15 h

Amoreiras 4

GENTE DE DUBLIN
(maiores 12 anos)
14.00, 16.30, 19.00, 21.30 e 00.15 h

Amoreiras 5

PESADELO EM ELM STREET 3
(maiores 18 anos)
13.45, 15.45, 17.45, 19.45, 21.45 e 00.15 h

Amoreiras 6

...VAMOS A ISTO RAPAZES!
(maiores 12 anos)
13.30, 15.30, 17.30, 19.30, 21.45 e 24.00 h

Amoreiras 7

RAMBO III
(maiores 16 anos)
13.45, 15.45, 17.45, 19.45, 21.45 e 00.15 h

Amoreiras 8

O PRÍNCIPE DAS TREVAS
(maiores 16 anos)
13.45, 15.45, 17.45, 19.45, 21.45 e 00.15 h

Amoreiras 9

CROCODILO DUNDEE II
(maiores 6 anos)
14.00, 16.30, 19.00, 21.30 e 24.00 h

Amoreiras 10

TALHADO NO CÉU
(maiores 12 anos)
13.30, 15.30, 17.30, 19.30, 21.30 e 00.15 h

Pub.



FRENÉTICO — O que começou por ser um fim-de-semana normal, acabou numa jornada de terror e emoção! Em exibição TIVOLI - AMOREIRAS 1 - NIMAS - QUARTETO - PORTO - COIMBRA - BRAGA - CASCAIS

Apolo 70

A ÚLTIMA TENTACÃO DE CRISTO
(maiores 12 anos)
15.15, 18.15 e 21.30 h

Ávila

HOLLYWOOD 1929
(maiores 12 anos)
15.00, 17.00, 19.00, 21.45 e 23.45 h

Berna

CROCODILO DUNDEE II
(maiores 6 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Capitolio

AGÊNCIA SEXUAL
(interdito men. 18 anos)
15.15, 17.30, 19.00, 21.30 e 23.00 h

Castil

NICO - À MARGEM DA LEI
(maiores 16 anos)
15.30, 18.30 e 21.30 h

Cinebolso

DESEJO INCONTROLÁVEL
(maiores 18 anos)
Pornográfico
12.30, 14.30, 16.45, 19.00, 21.30 e 23.30 h

Cine Camões

COMANDOS DO SINAI
(Int. 13 anos)
14.15, 16.30 e 21.30 h

Cine 222

ALIANÇA QUEBRADA
(maiores 12 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h
GANSOS SELVAGENS II
(maiores 18 anos)
24.00 h

Cinematheca Portuguesa

SHOCK CORREDOR/1963
18.30
A VIDA DE O'HAREE/1952
21.30 h

Cine Portela

— T. 9434773

Estúdio Anusha

A CASA SUSPEITA
(maiores 12 anos)
16.00 e 21.45 h

Estúdio Sheza

AS FREIRAS DE ST. ARCANJO
(int. men. 18 anos)
15.30 e 21.30 h

City Cine

O IMPÉRIO DO SOL
(maiores 12 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Condes

LOS ANGELES A FERRO E FOGO
(maiores 16 anos)
14.00, 16.45, 19.00 e 21.30 h

Eden

...VAMOS A ISTO RAPAZES
(maiores 12 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Estúdio

SETEMBRO
(maiores 12 anos)
14.30, 16.45, 18.45, 21.30 e 23.45 h

ATRACÇÃO FATAL
(maiores 16 anos)
14.30, 16.45, 19.00 e 21.30 h

Estúdio ACS

GRITA LIBERDADE
(maiores 12 anos)
15.30, 18.30 e 21.30 h

Fonte Nova

DINHEIRO DO CÉU
(maiores 12 anos)
14.30, 16.45, 19.00 e 21.30 h

Sala 1

Sala 2

TALHADO NO CÉU
(maiores 12 anos)
14.45, 17.00, 19.15 e 21.45 h

Sala 3

PESADELO EM ELM STREET 3
(maiores 18 anos)
14.15, 16.30, 18.45 e 21.15 h

Forum Picoas

Ciclo de Cinema A FILHA DO MINEIRO
(n/acons. men. 13 anos)
19.00 e 22.00 h

Gemini

O ÚLTIMO IMPERADOR
(maiores 12 anos)
15.00, 18.00 e 21.30 h

Hollywood

COLORS - LOS ANGELES A FERRO E FOGO
(maiores 16 anos)
14.15, 16.30, 19.00, 21.30 e 24.00 h

Sala 1

SETEMBRO
(maiores 12 anos)
14.30, 16.45, 18.45, 21.30 e 23.45 h

Sala 2

...VAMOS A ISTO RAPAZES
(maiores 12 anos)
15.30, 18.30 e 21.30 h

Las Vegas

LOS ANGELES A FERRO E FOGO
(maiores 16 anos)
15.15, 18.30 e 21.30 h

Sala 1

SETEMBRO
(maiores 12 anos)
15.30, 18.45 e 21.45 h

Sala 2

Londres

— T. 801313

SETEMBRO
(maiores 12 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Mundial

— T. 538743

Sala 1

A ÚLTIMA TENTACÃO DE CRISTO
15.15, 18.15 e 21.30 h

Sala 2

O CORREIO (SEMANA DO CINEMA SOVIÉTICO)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Sala 3

A FAMÍLIA
(maiores 12 anos)
14.15, 16.45, 19.45 e 21.45 h

Nimas

— T. 574362

FRENÉTICO
(maiores 12 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Odeon

— T. 326283

ASSASSINOS SILENCIOSOS
(maiores 16 anos)
14.30, 16.45, 19.00 e 21.30 h

Olimpia

— T. 325309

SEXO NA ILHA FATAL
Pornográfico
A partir das 14 horas
Sessões contínuas
(Int. men. 18 anos)

Pathe

— T. 821933

A BONECA MECÂNICA
(maiores 12 anos)
15.00, 17.00, 19.00 e 21.00 h

Politeama

— T. 326305

RAMBO III
(maiores 16 anos)
14.15, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Quarteto

— T. 771378

Sala 1

JÚLIA E JÚLIA
(maiores 12 anos)
15.00, 17.00, 19.00 e 21.30 h
O MEU TIO DA AMÉRICA
(int. 13 anos)
23.30 h

Sala 2

FRENÉTICO
(maiores 12 anos)
14.30, 16.45, 19.00 e 21.30 h
NOVA IORQUE 1997
(int. 13 anos)
23.45 h

Sala 3

Estreia: AO SOL DE SATANÁS
(maiores 12 anos)
15.00, 17.00, 19.00 e 21.30 h
CAVALGADA HERÓICA
(maiores 12 anos)
23.30 h

Sala 4

OLHOS NEGROS
(maiores 12 anos)
14.30, 16.45, 19.00 e 21.30 h
A MOSCA
(maiores 16 anos)
23.45 h

Roma

— T. 889192

...VAMOS A ISTO RAPAZES
(maiores 12 anos)
15.30, 18.30 e 21.30 h

S. Jorge

— T. 579144

Sala 1

A ÚLTIMA TENTACÃO DE CRISTO
14.30, 17.45 e 21.00 h

Sala 2

CROCODILO DUNDEE II
(maiores 6 anos)
14.30, 16.30, 19.10 e 21.45 h

Sala 3

TALHADO NO CÉU
(maiores 12 anos)
14.15, 16.45, 19.00 e 21.30 h

7.ª Arte

— T. 730715

NICO - À MARGEM DA LEI
(maiores 12 anos)
15.00, 17.00, 19.00, 21.30 e 23.45 h

Star

— T. 804210

CROCODILO DUNDEE II
(maiores 6 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Terminal

— T. 371573

HOLLYWOOD - 1929
(maiores 12 anos)
13.00, 15.00, 17.00, 19.00, 21.30 e 23.45 h

Tivoli

— T. 570595

FRENÉTICO
(maiores 16 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Turim

INFERNO EM SAIGÃO
(maiores 16 anos)
15.00, 17.30 e 21.30 h

Xenon

O ASSALTO À 13.ª ESQUADRA
(maiores 16 anos)
14.15, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Linha de Sintra

AMADORA — Babilónia — «Nico - À Margem da Lei», às 14.00, 16.30, 19.00, 21.30 e 23.45 h (maiores 16 anos).
ALGUEIRÃO — Cine Teatro Chaby — «As Profissões do Sonho», às 21.30 h.
CACÉM — Cinestúdio Flores — «Adeus África», às 15.00 e 21.30 h (maiores 16 anos).
MEM MARTINS — Estúdio Dois Eme — «O Milagre da Rua 8», às 21.30 h (maiores 6 anos).

Linha de Cascais

ESTORIL — Casino Estoril — De quinta a sábado, às 21.30 h. Domingo, 17.30 h «Obrigado pelo Amor de Você», encenação de Gracindo Júnior.
ALGÉS — Cinema 2000 — «Homem de Acção», às 15.30 e 21.30 h (maiores 16 anos).

OEIRAS — Alto da Barra — Sala 1 — «Príncipe das Trevas», às 15.15, 18.15 e 21.30 h (maiores 16 anos). Sala 2 — «África Negra», às 15.30 e 21.45 h (maiores 12 anos).

NOVA OEIRAS — Cine Palmeiras — Sala 1 — «Gente de Dublin», às 15.15 e 21.30 h (maiores 12 anos). Sala 2 — «Los Angeles a Ferro e Fogo», às 15.30 e 21.45 h (maiores 16 anos).

CARCAVELOS — Atlântida Cine — «Frenético», às 15.30 e 21.30 h (maiores 12 anos). **CASCAIS** — Miramar — Sala 1 — «Crocodilo Dundee II», às 15.15, 18.45, 21.30 e 24.00 h (maiores 12 anos). Sala 2 — «Frenético», às 18.00 e 21.30 h (maiores 12 anos).

Outra Banda

ALMADA — Cine-Estúdio de Almada — «Antes Morto que Vivo», às 15.30, 18.15 e 21.30 h, (maiores 6 anos). **ALMADA** — Academia — «Crocodilo Dundee II», às 15.30 e 21.30 h, (maiores 12 anos).

ALMADA — Incrível Almadense — «O Fuzileiro Implacável», às 21.30 h (maiores 16 anos).

COVA DA PIEDADE — Clube Piedense — «Cedo de mais para morrer», às 21.30 h (maiores 6 anos).

COSTA DE CAPARICA — Oceano — Sala 1 — «Estranhos na Mesma Cidade», às 15.45 e 21.30 h (maiores 12 anos). Sala 2 — «Os Guerrilheiros na Sombra», às 15.00 e 21.15 h (maiores 12 anos).

BARREIRO — Cinestúdio Barreirense — «Action Jackson - Homem de Acção», às 15.00 e 21.15 h (maiores 12 anos).

AGUADELAS DE XICO PEREIRA

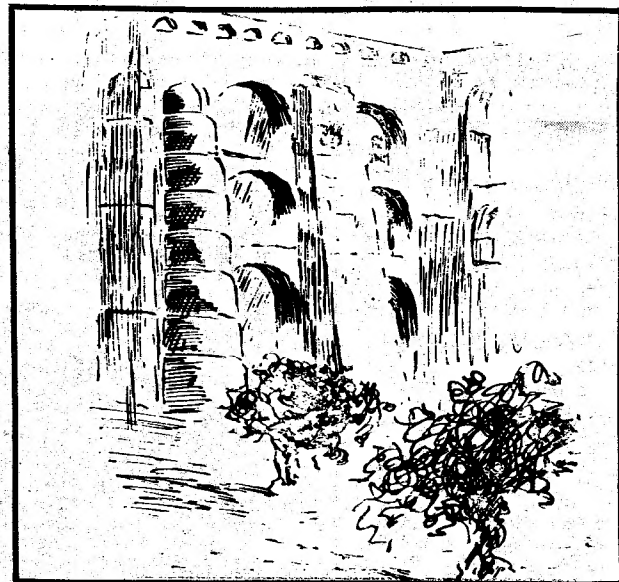
No Hotel D. Luís, em Elvas, encontra-se patente até ao dia 9 de Outubro, uma exposição de aguarelas da autoria de Xico Pereira.

Sobre o autor: subsidiado pela Fundação Gulbenkian em 1965; trabalha em aguarela com Bertha Borges e dr. João Tavares, várias vezes; ilustra diversos trabalhos, principalmente em jornais, e trabalha em publicidade, de-

senho comercial e caricatura. Está representado em variadíssimas colecções particulares tanto no estrangeiro como em Portugal, incluindo museus entre os quais o Museu Provincial de Belas Artes de Badajoz. Efectuou várias exposições individuais e colectivas no país e em Espanha. Obteve o prémio especial de conjunto (aguarela e óleo) no 1º Salão de Pintura Alenteja-

na, em Elvas (1968).

Azinhel Abelho escreve sobre Xico Pereira: «No contacto com a aspereza dos seus lugares, aprendeu a amar e cantar nas cores de cinza as oliveiras seculares dos termos de Elvas... nos verdes sombrios dos mategais com troncos retorcidos como se fossem fantasmas... na fulgência irisada das vilas cheias de cal e luar.»



EXPOSIÇÕES

MUSEU NACIONAL DO TRAJE: até 30 de Setembro, as exposições «O Traje na Dança - Figurinos» de Emilia Nadal, «Travessia Sobre a Época» de Fernando Pessoa, «Traje de Ópera» - Guarda Roupas de Tomás Alcaide e «Processo de Tecelagem e Estampagem Manual».

MUSEU NACIONAL DE ARTE ANTIGA: até Março do próximo ano, a exposição temporária «Imagens do Tempo» - escultura portuguesa do século XIII ao XVIII.

GULBENKIAN (Centro de Arte Moderna): até dia 25 de Setembro, pintura da italiana Titina Maselli, constituída pela apresentação de 24 obras, abrangendo o período de 1947 a 1988.

SINTRA: (Comemorações dos «Das do Centro Histórico»): no Hotel Central, «Roteiro Queirosiano de Sintra»; no Palácio Nacional, exposição arqueológica e de retrospectiva da área do Palácio Nacional de Sintra; na Sociedade União Sintrense, a exposição de Artes Plásticas «Expo-Jovem».

ALMADANARTE (Av. 25 de Abril, 53-B em Almada): com o apoio da Câmara Municipal, a exposição de fotografias de Paulo Sérgio sobre os temas «Vestígios da Arquitectura do Sul».

CINECLUBE 1896 (Centro Comercial «O Pescador» - Costa de Caparica): até 6 de Outubro, uma exposição de serigrafias de Ernani Oliveira, João Cutileiro, Luís Filipe de Abreu, Maluda, Mário Silva, Paulo Ossião, Real Bordalo, Rogério de Freitas, Silva Palmeira e Zé Penicheiro.

CENTRO DE ARTE DE S. JOÃO DA MADEIRA: até 2 de Outubro, a mostra «Actividade 88», com trabalhos de desenho, pintura, fotografia, escultura, tapeçaria e serigrafia dos alunos dos cursos de Formação Artística.

DITEC-ESPAÇO ARTE (Av. da Igreja, 46-A): até 10

de Outubro, de segunda a sexta das 14,30 às 19,30, uma exposição de aguarelas, gouaches e óleos com obras de Figueiredo Sobral, Mário Silva, Rogério de Freitas, Silva Palmeira e Soares Branco.

GALERIA DE ARTE ARCADEA (Parque do Estoril): até 23 de Outubro, «Pôr debaixo do Céu», uma exposição colectiva de Escultura ao Ar Livre.

GALERIA CONVÉS (Praia de Quaias, Figueira da Foz): exposição de pintura «na f» de Albino José Moreira, Augusto Pinheiro, Fernando Costa, Fernanda Costa, Fernanda Azevedo e Maria José Cabral Faria.

LAGOS (Mercado de Escravos): até 8 de Outubro, pintura de Cristina Basto, Cláudio Ferreira e Maria João.

SNBA-Galeria de Arte Moderna (R. Barata Salgueiro, 37): desenhos de João Cruz Rosa.

AMADORA (Parque Delfim Guimarães): até 2 de Outubro, a 4ª Feira de Arte, antiguidades e coleccionismo. Patente nos dias úteis das 18 às 23 e aos sábados e domingos das 15 às 23. Acesso livre.

GALERIA DE ARTE DO CASINO ESTORIL: até 5 de Outubro, todos os dias das 15 às 24, a exposição de Fotografia de Nuno Calvet «Igrejas de Portugal».

GALERIA NOVO SÉCULO (R. do Século, 23-A): até 8 de Outubro, a exposição «Aridez Oxidada» - pintura de Conceição Pedro. De terça a sábado das 14 às 20.

CLAUSTROS DOS JERÓNIMOS: exposição de escultura até 30 de Setembro.

SOURE: até 2 de Outubro, a 2ª Bienal de Arquitectura.

ELVAS (Câmara Municipal): 10º Salão Nacional de Fotografia.

ELVAS (Hotel D. Luís): até 9 de Outubro, aguarelas de Xico Pereira.

CASINO DA PÓVOA DE VARSIM: até 16 de Outubro, todos os dias das 15 às 24,

Desenhos de José Rodrigues e Pintura de Julien Chaves.

BARCELOS (Galeria Pop Cave): até 29 de Setembro, exposição retrospectiva de caricaturas de Gonçalves Torres. São vinte trabalhos, a maior parte datados de 1931 a 1955, visando muitas personalidades já desaparecidas.

BARREIRO: um conjunto de exposições com o título «Argonarte 88», que decorrerão na Biblioteca Municipal, antiga biblioteca do Barreiro, Livraria Du Bocage, Cine-Clube do Barreiro, Caixa Geral de Depósitos e Grupo Desportivo dos Ferroviários. Apoiam ainda esta iniciativa da Cooperativa Argonarte, a Câmara Municipal do Barreiro, a Junta de Freguesia do Barreiro, a delegação de Setúbal do FAJ e a Fundação Gulbenkian.

LIVRARIA ACADEMICA (Porto): uma exposição bibliográfica com cerca de um milhão de publicações relacionadas com os Descobrimentos.

CASA DO INFANTE (Porto): até 30 de Outubro, uma exposição organizada pelos serviços culturais da Câmara Municipal do Porto subordinada ao tema «A Rota do Cabo/Descobrimentos e Colonização Africana». Serão expostos documentos de arquivo, códices manuscritos, plantas, gravuras, moedas e medalhas.

FUNDAÇÃO GULBENKIAN: até dia 28 de Setembro, o Rocal Clube de Silves apresenta o 14º Salão Internacional de Arte Fotográfica, que contou com a participação de 1738 fotógrafos de 51 países, com 6378 e que passou a ser o maior salão de fotografia do mundo entre os 100 que se realizam no âmbito da «Fédération Internationale de L'Art Photographique» e da Photographic Society of America.

ESCALA ANTÓNIO ARROIO: (R. Coronel

Ferreira do Amaral): «Experiências Plásticas», colectiva de professores e alunos, sinalizando um ano de atelier livre (dias úteis, até 30 de Outubro).

GALERIA VIRAGEM (Av. Marechal Carmona, 6-B-Cascais): até 29 de Setembro, todos os dias das 15 às 23, escultura e cerâmica de Maria Luz Fava e Teresa Frazão.

GALERIA EMI-VALENTIM DE CARVALHO (R. da Cruz dos Poiais, 111): esculturas recentes de Alberto Carneiro.

INSTITUTO FRANCO-PORTUGUÊS (Av. Luís Bivar, 91): até 1 de Outubro, a exposição de Arquitectura «Valde e Pistre» - Projectos e realizações.

ALLIANCE FRANÇAISE (R. Braamcamp, 13-19): até 13 de Outubro, fotografias de Carlos Medeiros, nos dias úteis das 10 às 19,30.

AMADORA (Galeria Municipal e Recreios Desportivos): até 30 de Novembro, a I Bienal de Gravura à qual concorrem 153 obras de 67 artistas de todo o país.

GULBENKIAN (Galeria das Exposições Temporárias): até 13 de Novembro, das 10 às 17, excepto às quartas-feiras e sábados que encerra da parte da manhã e de tarde está aberta até às 19 horas, exposição do escultor Reuben Nakian, arménio naturalizado norte-americano.

GALERIA ALGARVE (Páteo da Aldeia, Areias de S. João-Albufeira): Pintura de Maria Velez.

MUSEU REGIONAL DE SINTRA (Galeria de Exposições Temporárias): até 29 de Setembro, Pintura naturalista de Salvação Barreto. De segunda a sexta das 9,30 às 12 e das 14 às 18, sábados e domingos das 14 às 18.

ALVERCA (salão da Junta de Freguesia): exposição de pintura de Ana Paula Ribeiro e Helena Clara Rufino.

«O OUTRO LADO DO ESPELHO» (R. Alfredo

Costa, 14-Sintra): até 12 de Outubro, a exposição de pintura de Marina denominada «Limites do Campo Visual». Todos os dias das 10 às 13 e das 15 às 20.

MERIDIEN LISBOA (R. Castilho): até 16 de Outubro, a exposição «35 anos de Pintura de Michael Barrett», todos os dias das 9 às 23,30.

GALERIA D'ARTE DE VILAMOURA: até 9 de Outubro, de terça a domingo das 18 às 24, uma exposição de ourivesaria moderna com trabalhos de Alexandra Serpa Pimentel, Manuel Júlio, Maria José Oliveira, Paula Crespo e Teresa Seabra.

GALERIA DIFERENÇA: até 30 de Setembro, a exposição de escultura e pintura organizada por Cristina Azevedo e denominada «Transfigurações».

GALERIA HOLLY: até 30 de Setembro, a exposição colectiva de originais e serigrafias de vários artistas, entre os quais Augusto Barros, João Cutileiro, João Hogan, Mário Cesariny de Vasconcelos, Manuel Cargaleiro, Vieira da Silva, Arpad Szenes e Sónia Delaunay.

GALERIA QUADRAM: até 30 de Setembro, exposição colectiva de escultura de Pedro Campos e Catarina Valeiras.

GALERIA ALTAMIRA (R. Filipe Folque, 48-A): até 11 de Outubro, pintura de Dora Iva Rita, patente de segunda a sábado das 10 às 19.

SNBA (R. Barata Salgueiro, 36): uma exposição de homenagem a José de Sousa (1897-1987) denominada «Algumas Obras de José de Sousa».

BARRANCOS (Praça do Município): um Encontro/Exposição que reúne trabalhos das Oficinas Artesanais de Carpintaria, Cestaria e tecelagem que a Câmara Municipal de Barrancos tem vindo a incentivar, peças encontradas na escavação arqueológica no Castelo de Noudar e desenhos

e fotografias sobre a vila.

CASA DE BOCAGE (Setúbal): exposição de trabalhos escultóricos de Pedro Carlos dos Reis, autor do monumento a Bocage situado na Praça com o nome do poeta, na cidade de Setúbal.

GALERIA ALMADARTE (Shopping Center Marimar-Costa de Caparica): até 6 de Outubro, Pintura de Maria José Camões.

PALÁCIO DOS CORUCHEUS: até 29 de Setembro, de segunda a sexta das 14,30 às 17,30 e aos sábados das 17 às 20, uma exposição de pintura (óleo e pastel) da autoria de Ana Aragão.

CAMPO MAIOR (Sala do Castelo): Pintura de Man com o título «Memórias da Natureza». Exposição organizada pela Associação de Artes Plásticas de campo Maio: com o apoio da Câmara Municipal.

ERICEIRA (Galeria Cartola): até 30 de Setembro, uma colectiva de Pintura.

GALERIA RESTAURAÇÃO (Av. Guerra Junqueiro, 18-C): até 30 de Setembro, exposição de pintura de Adão Rodrigues e Laurinda Silvério.

CINEMA

MUNDIAL (Sala 2): Semana do Cinema Soviético às 14, 16,30, 19 e 21,30 com o filme «O Correo», de Karen Chakhnazarov.

CINEMATECA: às 18,30 «Shock Corridor»/1963, de Samuel Fuller; às 21,30 «A Vida de O'Hara»/1952, de Kenji Mizoguchi.

MÚSICA

TEATRO S. CARLOS (sala principal): às 21,30 «Música Antiqua Köln», Reinhard Goebel. Obras de J. Jenkins, H. Purcell, C. Haecquart, G. Torelli, G. Finger, J. Schmeter e J. Pachelbel.

TEATRO ACADEMIA ALMADENSE (Almada): às 21,30, «Quinzena da Música» com Dialecto «Doces do Sul».



MÉDICO
DE
URGÊNCIA
76 61 71
76 61 78
76 61 79

Farmácias

Lisboa — PERMANENTE
— **ALVALADE:** Lúbia, Av. da Igreja, 4-B-C (T. 637318); **ARCO DO CEGO - ESTE-FÂNIA:** Délio, R. dos Açores, 32-34 (T. 572388); **AVENIDAS NOVAS - JOÃO CRISTÓSTOMO:** Cosmos, Av. João Cristóstomo, 44-C (T. 520592); **ZONA J DE CHELAS:** Serejo, Av. João Paulo II, 531, loja B (T. 852611); **BENFICA - BAIRRO DE SANTA CRUZ:** Lavinha, R. Eng. Paulo de Barros, 28-A (T. 708242); **CAIS DO SODRE:** Africana, R. Bernardino Costa, 43-455 (T. 369120); **CALVÁRIO:** Monge, R. dos Lusíadas, 30-32 (T. 636704); **EN-CARNAÇÃO:** Zira, P. das Casa Novas, 5-A (T. 311216); **GALINHEIRAS - CHARNECA - LUMIA:** São Bartolomeu, Vila Paulo Jorge, 1 (T. 790969); **LAPA:** Paiva da Costa, R. da Lapa, 105-107 (T. 664414); **RATO:** Cunha, R. da Escola Politécnica, 18 (T. 325455); **BRANDOA - AMADORA:** Tavares de Matos, R. Irene Lisboa, lote 108 (T. 993220); **CARNAXIDE:** Central de Carnaxide, Av. de Portugal, 16-B (T. 2184913); **ODIVELAS:** Monserrate, R. Guilherme Gomes Fernandes, 31-A (T. 9811139); **PONTINHA:** Pimentel, Az. dos Besouros, lote R-8 (T. 991328).

REFORÇO — AREIRO: Garanti, Av. Padre Manuel da Nóbrega, 5-A-B (T. 887300); **BELEM:** Bom Sucesso, R. Bartolomeu Dias, 63-A (T. 611454); **CAMPO DE OURIQUE:** Linada, R. Ferreira Borges, 30 (T. 660955); **CAMPOLIDE - BAIRRO DA LIBERDADE:** Salutar, R. B, 75-A-B, Bairro da Liberdade (T. 683694); **GRACA:** Morão, L. da Graça, 63 (T. 860700); **JARDIM DOS ANJOS:** Confiança, Av. Almirante Jardim, 46-A (T. 821653); **JARDIM ZOOLOGICO:** Alegria, E. de Benfca, 180-A-B (T. 780511); **PAMPULHA - JANELAS VERDES:** Lealdade, R. do Olival, 226-228 (T. 663441); **PRAÇA DA ALEGRIA:** Brites Moita, P. da Alegria, 33-34; **PICHELEIRA:** Marluz, C. da Picheleira, 140-B-C e R. Prof. Mira Fernandes, MAF (T. 880703); **QUINTA DA LUZ - CARNIDE:** Fíndor, R. Adelaide Cabete, 10-E (T. 7145271); **SALDANHA:** Dalva, Av. Duque de Avila, 125 (T. 545225); **XABREGAS:** Salter, R. de Xabregas, 63-65 (T. 381185); **BURACA - AMADORA:** Gaspar Pote, R. das Gaíças, lote 16, Bairro Zambujal (T. 902221); **OLIVIA BASTO:** Nova, R. dos Açores, 11-A (T. 9810305); **PRIOR VELHO:** Matos, T. das Pioras (T. 2519939).

Outra Banda — ALMA-DA: Magalhães, R. Capitão Leitão, 8-B (T. 2750242). Permanente; **COVA DA PIEDADE:** Cerqueira, L. 5 de Outubro, 18 (T. 2750254). Permanente; **MONTE DE CAPARICA:** Guerreiro, lote 31-I-J, Moimão (T. 2950727). Até às 19 horas; **COSTA DE CAPARICA:** Carlos, Av. do Mar, 34-A (T. 2401060). Até às 19 horas; **LARANJEIRO:** Baptista Marques, R. da Boa-Vontade, 17-C (T. 2298572). Até às 22 horas; **SESIMBRA:** Lopes, R. Cândido dos Reis, 21 (T. 2233028). Até às 19 horas; **LAZARDO:** Parreira, R. D. Silva Cristino, 15-A (T. 2042016). Até às 19 horas; **BARREIRO:** Diogo Roque, Av. Miguel Bombarda, 299 (T. 2070602). Permanente; **BALXA DA BANHEIRA:** Cardoso, Av. da Liberdade, 59 (T. 2041044). Até às 19 horas; **CORROIOS:** Lino, R. Alexandre Herculanio (T. 2530256). Até às 19 horas; **AMORA:** Nova Amorense, E. Nacional 10, bloco A, loja A, Paivas (T. 2216824). Até às 22 horas; **ARRENTELA:** Ana Branco, Quinta da Murtinheira

(T. 2215590). Até às 22 horas; **MONTIJO:** Borges da Cruz, R. de Angola, 19, Afonsoeiro (T. 2301853). Até às 22 horas; **ALHOS VEDROS:** Portugal, Av. da Bela Rosa, 8 (T. 2040250). Até às 19 horas; **MOITA:** Parque, Av. Dr. Egas Moniz, 24 (T. 2392294). Até às 19 horas; **ALCOCHÊTE:** Nunes, L. Coronel Ramos da Costa, 10 (T. 2340127). Até às 19 horas; **SETUBAL:** Alice, P. do Quebedo, 6 (T. 23743). Permanente; **SÁLIA:** P. do Bocage, 96 (T. 22384). Permanente; **NOVA:** R. General Gomes Freire (T. 22052). Até às 22 horas.

Linha de Cascais — ALGES: Combatentes, Av. dos Combatentes da Grande Guerra, 166 (T. 4104953). Permanente; **LINDA-A-VELHA:** Pinto, R. Antero de Quental, 9 (T. 4190610). Permanente; **TIRRES:** Guimarães, L. Duarte, lote A, r/c (T. 2441616). Até às 22 horas; **ALCABIDE:** CHE: Carvalho, B. Padre P. Correia, 4 (T. 2690363). Até às 22 horas; **PORTO SALVO:** Ferreira Bastos, R. D. Firmino Rebelo (T. 2421015). Até às 22 horas; **MALVEIRA DA SERRA:** Luz, E. Nacional (T. 2850635). Até às 22 horas; **PAÇO DE ARCOS:** Pargana, Av. Eng. Bonneville Franco (T. 2435147). Até às 22 horas; **OEIRAS:** Central, R. Conde Ferreira, 29 (T. 2430058). Permanente; **CARCÁVELOS:** Vilar, Av. Maria da Conceição, lote B (T. 2470777). Permanente; **SÃO DOMINGOS DE RANA:** Godinho da Silveira, R. Afonso de Albuquerque, lote B, loja 2 (T. 2470361). Até às 22 horas; **PAREDE:** Mendes Junqueiro, R. de Luanda, lote 5 (T. 2477838). Permanente; **SÃO PEDRO DO ESTORIL:** São Pedro, R. 9 de Abril (T. 2683052). Até às 22 horas; **SASSOZEIROS:** Amaral Semblano, Quinta das Encostas (T. 2461312). Até às 22 horas; **BIRRE:** Imani, lote 7-B, Hera (T. 2852121); **MADORNA:** Madeira, R. A (T. 2476326). Até às 22 horas; **AMOREIRA:** Abrantes, Vivenda Maria Carlos Anjos (T. 2682313). Até às 22 horas; **MONTE ESTORIL:** Lopes, R. Hangar, 3 (T. 260008). Até às 22 horas; **CASCAIS:** Cordeiro, Av. dos Combatentes da Grande Guerra, 40 (T. 280170). Permanente.

Linha de Sintra — AMADORA: Central, Av. Cardoso Lopes, 25-A (T. 4932210). Permanente; **Melo:** P. D. João I, 9-B (T. 4932210). Até às 22 horas; **DAMAIA:** Damaia, P. Alexandre de Gusmão, 9-A (T. 970523). Até às 22 horas; **QUELUZ:** Pinto Leal, R. Ferreira de Castro, 61, Massamá (T. 4378402). Permanente; **Albergaria:** Queluz de Baixo. Até às 22 horas; **CAMARATE:** Fátima, Fetais (T. 2570696). Até às 19 horas; **CACÉM:** Central, R. Elias Garcia, 55 (T. 9240034). Permanente; **ALGUEIRÃO:** Vitor Manuel, E. de Algueirão, 123 (T. 9217814). Permanente; **MERCES:** Claro Russo, R. Abade Faria, 2-A (T. 9215275). Até às 22 horas; **RINCHOA:** Dumas Brousse, C. da Rinchoa, 2 (T. 9260404). Até às 22 horas; **SINTRA:** Misericórdia, Pendoa, 17 (T. 9231070). Permanente; **COLARES:** Abreja (T. 9290088); **SÃO PEDRO SINTRA:** Valentim (T. 9230456). Permanente.

Outras Farmácias — MOSCAVIDE: Império, R. 1.º de Maio, 48-A (T. 2518918). Permanente; **SACAVEM:** Soares, R. José L. Morais, 15-A (T. 2518025). Até às 22 horas; **LOURES:** Sálvia, Av. da República, 29 (T. 9831240). Permanente.

TEATROS

Teatro Espaço

Rua da Fé, 46-A (à Rua das Pretas)

De 1 a 11 de Setembro, às 15.15 e 18.30. Dias 2, 8 e 9 de Setembro também às 11.30.

«O Gigante Verde» de Manuel Grangeio Crespo, enc. Águeda Sena. Intérp. António Fontinha, Ana Gaspar, Josias Insensé, João Luís Simões, Cristina Paixão, Manuela Pedroso, Gelson Schimanski e João Senna.

Seti bal — Teatro de Bolso

R. Aníbal Álvares da Silva, 29 — Tel. 260 78

6.ª, sábado e domingo, às 21.30

«O PRIMEIRO», de Israel Horowitz. Pelo TAS. Encenação: Carlos César. Intérpretes: Nuno Mello, João Manuel, Maria Simões, Asdrúbal Teles e Carlos Rodrigues.

Porto — Tearto

R. do Heroísmo, 86 — Tel. 57 32 65

De 3.ª a 6.ª, às 21.30; sábado, às 17.00 e 21.30

«INTERLÚDIOS CÓMICOS». Encenação: António Capelo. Cenários e figurinos: Fátima Castro. Intérpretes: Luís Correia, Alfredo Correia e Fernando Saraiva.

Comuna

P. de Espanha — Tel. 726 08 18

Sala 1

De 3.ª a sábado, às 21.45; domingo, às 17.00

«MARIA! NÃO ME MATES QUE SOU TUA MÃE!». Narrativa de Camilo Castelo Branco. De Fernando Gomes. Interpretado por Isabel Ribas, Adriano Luz, Miguel Martins, Rui Paulo, Fernando Luís, Elsa Galvão e Eduardo Firmo. Cenografia de Eurico Coelho. Guarda-roupa de Lucília Telmo.

Sala Principal

De 3.ª a sábado, às 21.30; domingo, às 17.00

«ÉDIPO-REI», de Sófocles. Encenação: João Mota. Intérpretes: Almeno Gonçalves, Alfredo Brissos, Carlos Paulo, Cucha Carvalho, João Mota, Jorge Guerreiro, Paulo Ferreira e Victor Soares.

Teatro Aberto

P. de Espanha — Tel. 77 09 69

De 4.ª a sábado, às 21.30; domingos, às 16.00

«A NAVE ADORMECIDA», de Fernando Da Costa. Pelo Novo Grupo. Encenação: Castro Guedes. Cenários: Fernando Filipe. Figurinos: Moura Pinheiro. Música: Eduardo Pais Mamede. Intérpretes: Irene Cruz, Mário Jacques, Francisco Pestana, Melim Teixeira, Jorge Gonçalves, João Baião, Teresa Sobral, Paula Fonseca, Joaquim Monchique, etc.

Casino Estoril

Tel. 268 45 21/46/96

De 5.ª a sábado, às 21.30; domingos, às 17.30

«OBRIGADO PELO AMOR DE VOCÊS». Peça de Edgar Neville. Intérpretes: Cláudio Cavalcanti, Maria Lúcia Frota e Gracindo Júnior.

Ritz Club

R. da Glória, 57 — Tel. 32 51 40

De 3.ª a domingo, às 21.30; domingos e feriados, às 16.00

«OFF BROADWAY MADE IN BRASIL». Comédia musical para um só actor. Interpretação: Luís Nêio.

Teatro ABC

Parque Mayer — Tel. 36 67 45

De 3.ª a sábado, às 20.00 e às 22.45; sábado, domingo e feriados, às 16.00; domingo, às 21.30

«OLHA A BOLSA Ó ZÉ». Intérpretes: Rita Ribeiro, Camacho Costa, Carlos César, Glória Cristal, Paulo César, João Rodrigo, «Os Duques» e Cristina Ribeiro.

Teatro do Bairro Alto

R. Tenente Raul Cascais, 1-A — Tel. 66 15 15

De terça a sábado, às 21.30; domingos, às 16.00

«AUTO DA FEIRA», de Gil Vicente. Pelo Teatro da Cornucópia. Fixação de texto: prof. Luís Lindley Cintra. Dramaturgia e encenação: Luís Miguel Cintra. Apoio dramaturgício: João Nuno Alçada. Cenários: Cristina Reis. Música: Paulo Brandão.

Variedades

Parque Mayer — Tel. 32 60 37

De 3.ª a domingo, às 20.30 e 22.45; domingo e feriados, matinée às 16.00

12 anos

«A PROVA DOS NOVOS», de Henrique Santana, Francisco Nicholson, Augusto Fraga e Nuno Nazaré Fernandes. Música de João Vasconcelos, Fernando C. Martins, Nuno Nazaré Fernandes e Fernando Ribeiro. Intérpretes: Marina Mota, Carlos Cunha, Vera Mónica, Carlos Ivo, Lena Coelho, Fernando Mendes, José Raposo, Maria João Abreu e outros.

Teatro Maria Matos

Av. Frei Miguel Contreiras, 52 — Tel. 89 70 17

De 3.ª a 5.ª, às 21.30; 6.ª e sábado, às 20.00 e 23.00; domingo, matinée, às 16.00 e noite, às 21.30

«ENFIM SÓS», de Mário Zambujal, Carlos Cruz e José Duarte. Música: Zé da Ponte e Guilherme Inês, José Niza, Rui Veloso, Carlos Tê, João Gil, Luís Represas e Senhor Lopes dos Afonsinhos do Condado. Direcção de orquestra: Jorge Costa Pinto. Cenografia: Moniz Ribeiro. Figurinos: Helena Reis. Coreografia: Michel/Sally O'Neill.

Teatro Maizum

R. dos Poiais de S. Bento, 75-B — Tel. 60 81 66

5.ª, 6.ª e sábado, às 21.30; domingo, às 16.00

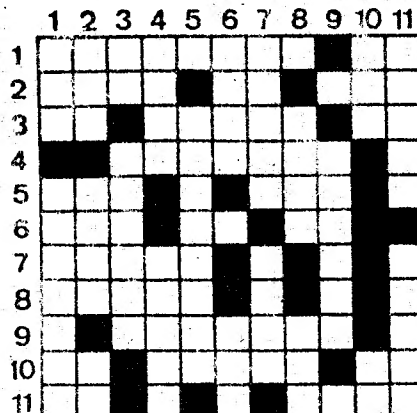
«LISBOA MONUMENTAL», de Fialho de Almeida. Encenação: Silvina Pereira. Dramaturgia: Manuel João Gomes. Cenografia: Henrique Nunes. Intérpretes: Alfredo de Brito, Fernando Candeias, Filipe Petronilho, Isabel Fernandes, José Lopes e Silvina Pereira. Repõe dia 22. Até 16 de Outubro.

PALAVRAS CRUZADAS

COM PROVÉRBIO PROBLEMA N.º 17452

HORIZONTAIS:

- Vício de jogar. Meritíssimo.
- Gostar muito de. Apelido. Rio de Portugal.
- O mesmo que uma (ant. e pop). Fruta seca, especialmente uvas. Rado (s.q).
- Premiais (fig). Artigo definido.
- Cidade da Ucrânia. Apologia.
- Estime. Prefixo de negação. Samário (s.q).
- Deslocação de ar.
- Mais cedo.
- Racha.
- Interjeição familiar americana que significa tudo vai bem! Salto de calçado. Quarto.
- Freguesia do concelho de Ponte de Lima. Federation International de Football Association (sigla).



VERTICAIS:

- Rio do Estado do Amazonas. Habitantes da Baviera.
- Dependência do oceano Índico, no Sudoeste da Ásia. Assim seja! Quiloampere (abrev).
- Gálio (s.q). Convencido.
- Lançar o arpeú. Fronte.
- Falcatura.
- Pronome demonstrativo. Feitor.
- Referente ao nariz. Resta.
- Artigo definido. Escudeiros. Cidade da República Federal da Alemanha.
- Cidade da URSS.
- Serra do Brasil. Pequena ilha francesa do Mediterrâneo.
- Médico francês que recebeu o Prémio Nobel da Fisiologia e Medicina em 1965. Água que cai da atmosfera.

RESOLVEU...

Resolveu completamente este problema? Procure, agora em segundo passatempo, o provérbio nele inscrito.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA

N.º 17451

HORIZONTAIS:

- Cantar. Cama.
- Alais. Gamem.
- Olá. An. Ao.
- Rs. Reitor.
- Tristes.
- Cr. Assim.
- Chias. Oro.
- Copo. Alisar.
- Ratona.
- Casota. ONDE.
- Mm. Saloio.

VERTICAIS:

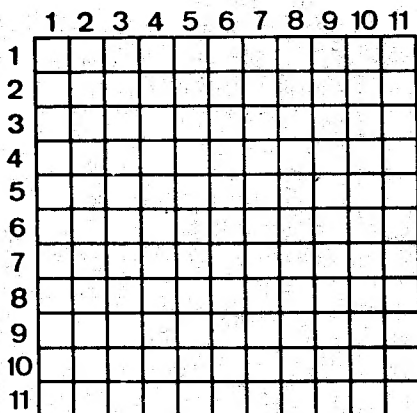
- Carro. CC. Cm.
- Al. CHORAM.
- NÃO. Tripas.
- Til. Aotos.
- Asarias. Ota.
- Es. Anal.
- Gaita. Lá.
- CANTES. Oi!
- Am. Ossos. No.
- Mear. Ira.
- Amo. Amornes.

PROVÉRPIO: Onde choram não cantes.

HORIZONTAIS:

- Freguesia de Sabrosa.
- Freguesia do concelho de Arouca. Tecido de lã grosseiro.
- Idem. Ofereças. Paixão.
- Vê. Cento e um em romano. Ilha do rio Uruguai que forma fronteira entre o Rio Grande do Sul e a Argentina.
- Folgação. Freguesia do concelho de Oliveira de Azeméis.
- Apelido. O mais. Preposição e artigo.
- Domesticada. Pedra preciosa transparente de cor vermelha.
- Inventai. Rádio (s.q).
- O Diabo. Campeão. Nome dado a vários reis lendários da Dinamarca.
- Reunimos em maço. Medida japonesa igual a dois decilitros.
- Nome de mulher. Porto do Benim.

NOVA MODALIDADE PROBLEMA N.º 16 265



VERTICAIS:

- Freguesia do concelho de Arcos de Valdevez.
- Pacato. Título dos chefes de alguns cantões da Suíça.
- Pátria de Abraão. Restringir.
- Aguardante de cereais, que se consome principalmente na URSS. Revolve.
- Diz-se do porco chegado a idade de engorda.
- Prendiam com elos.
- Hafnio (s.q). Guarneceu de asas.
- Espécie de arraia da Amazônia. Nota musical.
- Disfarçou.
- Ressoa. Cidade de Portugal.
- Rio de Itália, a Leste de Gaeta.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA

N.º 16 264

HORIZONTAIS:

- Carmona. Caf.
- Avio. Aporta.
- Ta! Revisar.
- Arad. Ato. AC.
- Lote. Lá. Aço.
- Ar. Hió. Ar.
- Rosa. Dá.
- Ele. Og.
- Art. Sapos.
- la. Tré. Sim.
- Corroeras.

VERTICAIS:

- Catalunha.
- Avaro. Rio.
- Ri. Atapetar.
- Morder.
- Resto.
- Navalho. Are.
- Apitais. Per.
- Oso. Oaio.
- Crá. SSS.
- Atracado.
- la. Coragem.

Rádio

Antena Um

17.00: Pequeno jornal e sete mares; 19.00: Informação e música; 20.00: No estúdio e no estúdio; 20.15: Musical; 20.30: O som dos negócios; 21.00: O som dos negócios; 21.30: Imaginário. Noticiários de hora a hora.

Rede Nacional-FM2 Estéreo

17.00: Terra viva, planeta azul; 17.30: Trecho de óperas; 18.40: Fantasia, em fá menor, para dois pianos, op. 103, de Schubert; 19.00: Integrais; 19.36: Música sinfônica; 20.40: Alicia de Larrocha interpreta Federico Mompou; 21.00: Duas horas, com George Gershwin; 23.00: Carole Farley canta Ricardo Strauss; 24.00: Concerto nocturno; 02.00: Música na madrugada em disco compacto. Noticiários de hora a hora.

RÁDIO COMERCIAL

Onda Média
(283, 290 e 397m)

14.00: Musical; 17.00: Média alta; 20.00: Peça que a gente passa; 22.00: Portugal e a CEE; 22.15: Religiosos; 22.30: Tempo e resultados; 23.00: 24.ª hora; 01.00: As noites da Comercial; 03.00: Serviço nocturno. Noticiários de hora a hora.

RC-FM-Estéreo (97,4 MHz)

15.00: Casa da música; 16.00: Rock em stock; 18.00: Círculo em FM; 19.00: Espaço Lubritex; 20.00: Espaço Infor-gal; 21.00: O sabor da música; 22.00: As mil e uma noites; 23.00: Em órbita; 00.00: Hora Akai; 01.00: Som da frente; 03.00: Serviço nocturno. Noticiários de hora a hora.

RÁDIO RENASCENÇA

Canal 1-Rede Nacional de OM e FM

15.00: Banda da amizade; 18.00: Bola branca; 18.30: Transmissão do terço; 19.00: Fim-de-tarde; 20.00: Boa no-va; 20.30: Conversa de ami-gos; 21.00: Sequência; 22.30: Bola branca; 23.30: Suplemen-to especial da BBC; 23.55: Me-ditando.

RFM-Canal 2-Rede Nacional

de FM Estéreo
10.00: Cem mais; 19.00: Atlântida; 20.00: Serra de es-trelas; 22.00: Oceano Pacífico.

Voz do Alentejo

15.00: Boa tarde, Alentejo; 18.00: Bola branca; 18.30: Transmissão do terço; 19.00: Alentejo em notícia; 19.20: Grande bazar.

Voz do Alto Tâmega

15.00: Da veiga à serra; 18.00: Bola branca; 18.30: Transmissão do terço; 19.00: Fontes termais.

Voz de Lisboa

15.00: A Rádio da cidade; 18.00: Bola branca; 18.30: Triângulo; 20.00: Diálogo; 20.30: Transmissão do terço; 21.00: Música no espaço.

Voz do Minho

16.00: Linha do Minho; 18.00: Bola branca; 19.00: Jor-nal da região; 19.30: Largo do Coreto.

RTP

16.00 - Brinca Brincando

«Defensores da Terra» e «Tao-Tao» e «Os Melhores Amigos do Mundo»

17.00 - Ponto por Ponto

18.00 - Jogos Olímpicos / 88

19.30 - Telejornal

20.00 - Bolsa Dia a Dia

20.07 - O Tempo

20.15 - O Quarto dos Fundos

3º Episódio: Helmut Staalmaier encontra-se em Inglaterra para comprar programas de televisão para uma estação da Alemanha Federal. Hughes decide, então, que Nesbitt tem de lhe conseguir vender alguns dos programas da Melga TV...

20.55 - Gente de Sucesso

«Henrique Neto»

21.25 - Fantasia Sobre o Gelo

Espectáculo gravado ao vivo, em Londres. Numa pista gelada, dançam, brincam e desfilam acrobatas e dançarinos de grande classe, desde um bailarino medalhado nos Jogos Olímpicos até à conhecida Peggy Fleming.

22.20 - Jogos Olímpicos / 88

Transmite em diferido, neste bloco, provas de atletismo, e um resumo das provas de outras modalidades.

16.55 - Helena

59º Episódio

17.35 - Um Amigo Especial

14º Episódio

18.00 - Histórias Amargas

Episódios da vida do detective David Toma, na sua luta contra os traficantes de droga. Toma foi o homem cujos episódios rocambolescos deram origem às séries de televisão «Toma» e «Baretta». Realização: Anson Williams

19.00 - Totally Live

19.30 - Jogos Olímpicos / 88

Transmissão em diferido das provas das modalidades de judo (65kg) e halterofilia (100kg).

22.00 - Jornal das Nove

22.30 - Montra de Livros



No 1º canal às 20.15, o 3º episódio da série «O Quarto dos Fundos»

AMANHÃ

RTP-1

08.02 - Notícias
08.05 - Jogos Olímpicos/88
10.00 - Às Dez
12.20 - Selva de Pedra
13.00 - Jornal da Tarde
13.30 - Dallas
14.15 - Jogos Olímpicos - 16 Dias de Glória
14.45 - Concerto ao Vivo no Village Vanguard
15.40 - Brinca Brincando
16.30 - Ponto por Ponto
17.30 - Jogos Olímpicos / 88
19.00 - Telejornal
19.20 - Bolsa Dia a Dia
19.25 - O Tempo
19.28 - Boletim Agrário do Ministério da Agricultura
19.30 - Fantastic 7
22.15 - Jogos Olímpicos / 88

RTP-2

14.31 - Filhos e Filhas
14.55 - Dois Dedos de Conversa
16.25 - Trinta Minutos Com...
16.55 - Helena
17.35 - Histórias Fantásticas de Ray Bradbury
18.00 - Music Box Especial
19.30 - Totally Live
19.30 - Jogos Olímpicos / 88
22.00 - Jornal das Nove
22.30 - Montra de Livros
22.35 - CinemaDois

O «Diário de Lisboa» não se responsabiliza por alterações que a RTP introduza nesta programação e sobre as quais o jornal não seja informado em tempo devido.



ESPECIAL FÉRIAS/88 no HOTEL DO PARQUE

VIANA DO CASTELO



O Hotel do Parque em Viana do Castelo elaborou para si um programa especial "Férias 88" oferecendo-lhe a possibilidade de gozar as suas melhores férias de sempre no coração do Alto Minho e no sossegado ambiente das suas 4 Estrelas, Piscinas, Bares, etc.

Preços p/pessoa em quarto duplo c/peq. almoço

OUTUBRO NOVEMBRO E DEZEMBRO

Programa 1: 11 700\$00 - 6 noites/7 dias c/entrada DOMINGO e saída SÁBADO.

Programa 2: 14 700\$00 - 7 noites/8 dias. Entrada a qualquer dia. SETEMBRO

13 500\$00 - Programa 1

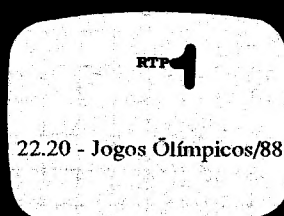
16 800\$00 - Programa 2

• Peq. Suplemento p/ocupação single.

Peça-nos programa detalhado "ESPECIAL FÉRIAS 88", por escrito para CP 4900 ou telef. (058)24151/5, Telex 32511 HOPARC P ou no seu AGENTE DE VIAGENS.



GRUNDIG seleccionou para si...



GRUNDIG PORTUGUESA

comércio de artigos electrónicos, Lda.

Rua Bento Jesus Caraça, 17

Cruz Quebrada — 1495 LISBOA

Telef. 419 75 70



Helena



Ciganos de Benfica recusam Olivais

Casas sim, tendas não

Os ciganos de Benfica não se querem, afinal, mudar para os Olivais. «Casas, sim, tendas não» é, agora, o seu «slogan». Chegaram a admitir transferir-se para lá, com a promessa de serem realojados, dentro de dois meses, em casas camarárias. «Mas, se durante dez anos ninguém nos ligou nada, como é que agora nos vão dar uma casa?», perguntou esta manhã Miguel Caldeira Pereira, falando ao «DL» em nome dos outros.

São mais de quarenta famílias, num total de duzentas pessoas (três quartos dos quais crianças), as que a Câmara Municipal quer mudar para Olivais de modo a que a futura estação do «Metro» do Colégio Militar tenha outro aspecto. Tudo parecia bem encaminhado até sábado, mas eis que, de súbito, tudo se alterou. «Temos muitas crianças em idade escolar que seriam prejudicadas com a mudança», acrescentou Miguel Pereira. «Casa sim, tendas não» é, agora, a palavra de ordem das 43 famílias de «filhos do vento» que há dez anos ali se encontram, vindas das Travessa do Açougue, na outra banda de Benfica. Cinco representantes seus encontravam-se esta manhã reunidos com o comandante da Polícia Municipal, com o qual há dias haviam «negociado» uma eventual mudança para os Olivais.

A meio desta manhã, apresentaram-se no local dez carrinhas da Polícia, com cinco camiões, para darem início à transferência para os Olivais. Rebate falso, porque os ciganos se recusaram a sair. «Não deixaremos Benfica enquanto não nos derem casa. Se não resolverem o problema em 10 anos, como é que o vão agora resolver em dois meses?», questionou Miguel Pereira.



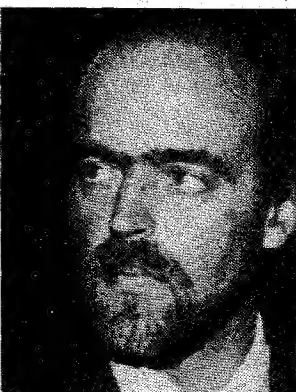
D/E/C/A/R/A/S/



FERNANDO CAPUCHO, ministro para os Assuntos Parlamentares, escolheu uma reunião, sábado, da comissão política distrital do PSD para revelar que o Governo vai criar um fundo de cinco milhões de contos para a reconstrução do Chiado. A decisão governamental terá sido aplaudida pelos participantes. A verba não é a fundo perdido, mas tem condições especiais de crédito.

ANTÓNIO PINTO LEITE, que na qualidade de presidente da distrital social-democrata presidiu ao encontro, situou os seus objectivos como sendo de «habilitar os militantes do PSD, que têm responsabilidades de decisão, a tomar as decisões correctas. Entre estes contam os vereadores sociais-democratas que levantaram polémica com um comunicado em que puseram em destaque a questão da caducidade dos contratos de arrendamento dos prédios destruídos. Terão mudado de posição, depois da reunião de sábado?

TERESA PATRÍCIO GOUVEIA, secretária de Estado da Cultura, esteve igualmente presente e aproveitou para apoiar a



nomeação do arquitecto Siza Vieira para coordenar toda a acção de reconstrução do Chiado. Este apoio surgiu depois de, a semana passada, terem surgido notícias sobre «choques» entre Siza Vieira, Krus Abecasis e a Associação dos Arquitectos.

VAN HOFF RIBEIRO, assessor de Abecasis, cuja



demissão de director do gabinete da área sinistrada do Chiado havia igualmente sido anunciada a semana passada, foi à reunião dizer que «não compreendia» essas notícias. E não confirmou, nem desmentiu, a demissão. Van Hoff Ribeiro disse «não ter nada para esconder» e acrescentou não ter «ambições políticas».

ÚLTIMA HORA

Um soldado recruta do Regimento de Artilharia de Leiria morreu hoje num acidente de viação, perto de Pombal. A vítima, presumivelmente do concelho de Vale de Cambra, aguarda identificação na casa mortuária do Hospital de Coimbra. Outro soldado recruta do mesmo regimento, Manuel da Silva Sousa, de Oliveira de Azeite, é uma das cinco pessoas feridas no acidente que envolveu um veículo ligeiro conduzido pela vítima mortal e um veículo pesado.

«O Semanário» A maturidade aos cinco anos

Nascido em época difícil para a economia e a imprensa portuguesa, «O Semanário» soube aceitar as dificuldades de «levantar vôo contra o vento» (palavras de José Miguel Júdice, esta manhã) e, ao festejar agora os seus cinco anos de vida, apresenta-se armado, ao nível empresarial e no plano jornalístico, com o armamento necessário para enfrentar CEE, Mercados Unicos, capitais estrangeiros e quejandos.

Num cordial e «europeu» primeiro-almoço de trabalho, a Administração e a Direcção do grupo «O Semanário» apresentaram na manhã de hoje aos outros jornais o que já fizeram e o que vão fazer. No ambiente convincente das novas instalações de que dispõem, na Avenida 24 de Julho, José Miguel Júdice, presidente do Conselho de Administração da empresa falou dos três grandes sectores em que se dividem as comemorações do aniversário.

A parte festiva mostra-se eclética. Vai da já previsível corrida de toiros até à criação do Prémio Nacional de Escultura, não descurando (obviamente) a parte social - um torneio de ténis só para presidentes de conselhos de administração. E, para evidenciar o seu interesse pela Cultura, que se consome cada vez mais, haverá também uma ópera, com grandes nomes.

Mas é na política empresarial que «O Semanário» mais prova ter atingido a maturidade aos cinco anos de idade. No topo da pirâmide, a empresa «holding», a Edipress. Depois, sucessivamente: a «Semanário SA», que tratará exclusivamente da publicação do mesmo nome e cujo capital será aberto aos que nela trabalham; a Edimoda, que detém a «Máxima» e está vocacionada para o mercado de revistas; a Edimarc, a que competirá fazer a exploração, discreta, das marcas de que o grupo dispõe e são os títulos jornalísticos que a empresa popularizou e as Edições Semanário, a que se associou, mas não maioritariamente, A Verbo e que se propõe ganhar posições não só na zona das edições de alta qualidade como no sector dos chamados livros bolso.

A.M.A.

Auto Monumental do Aviro

Audi

VW

CONCESSIONÁRIOS

AUTOMÓVEIS — PEÇAS — SERVIÇOS — OFICINA

Av. Padre Manuel da Nobrega, 8 • Telef. 894185/6/7/8

1000 LISBOA

Telex 63403 AMACAR • Telefax 804775